

3 1761 06974560 2





7.10 0

À ESQUINA DO CHIADO

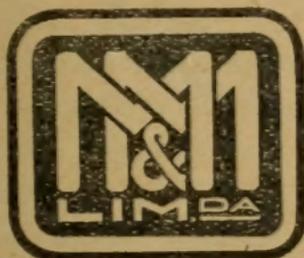
TYP. DA EMPR. LITTER. E TYPOGRAPHICA
⊗ (Officinas movidas a electricidade) ⊗
178, R. ELIAS GARCIA, 184 - PORTO - 1913

EDUARDO DE NORONHA

À ESQUINA DO CHIADO

(CONTINUAÇÃO DAS "MEMORIAS DE UM GALLEGO")

NOTAS E OBSERVAÇÕES DE UM SERVO
QUE DURANTE QUARENTA ANNOS SERVIU NA INTIMIDADE DE
POLITICOS, BANQUEIROS, TITULARES E MULHERES
DE TODAS AS QUALIDADES



1913

MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores

11, Largo dos Loyos, 14

PORTO

PQ
9261
N7E8



Promessa cumprida

Bem recebidas, muito bem recebidas até, as Memorias de um Gallego, compromettera-me a sujeitar ao juizo do publico a parte restante do manuscripto de Bento Alonzo Roiz. Confesso, sem que isto vá ferir as idéas livres dos livres pensadores, inimigos da confissão, que hesitei por bastantes mezes antes de metter mãos á obra. A decifração dos intrincados hieroglyphos do observador cidadão de Porriños, symbolicos gatafunhos que qualquer franga a esgaravatar a terra talvez indignadamente repudiasse, punham-me o mesmo calafrio na alma que quando se me depara o negro laço, semelhante a um fumo pendurado ao pescôço, da La Vallière de um carbonario. Não que eu nutra o minimo sentimento por estes pacificos e ordeiros revolucionarios. Pelo contrario, sempre me hei de lembrar dos relevantes serviços policiaes por elles prestados nos dias indecisos de 4, 5 de outubro de 1910 e subsequentes. Mas é

que me recordo do terrível chuço, constituído pela folha de uma faca de mesa cheia de bôccas, encabada n'um tosco pedaço de madeira, com que um destemido, sòzinho, na avenida Antonio Augusto de Aguiar, se dispunha heroicamente a tomar o passo a uma unidade de artilharia vinda do norte a toda a pressa, e em tal attitude que as baterias voltaram para traz a galope.

Outro motivo de ponderação existia para augmentar o meu enleio. O carvoeiro da escada, que me fôra precioso auxilio na leitura da primeira parte do manuscripto de Bento Alonzo, com a grève dos mineiros em Inglaterra, tal quantidade de agua e breu deitara no carvão de coke, no de sôbro e no de cepa que enriqueceu n'uma quinzena e se ausentara para parte incerta. Que fazer com a falta de tão indispensavel collaborador? Lembrei-me de recorrer a um paleógrapho e, nessa conformidade, dirigia-me à Torre

do Tombo para ali pedir informações ácerca d'esse importante assumpto, quando na rua de S. Bento esbarrei com um senador, meu velho amigo, a examinar um letreiro e a gesticular tão animadamente que, dir-se-hia um hospede do manicomio, fugido ao caritativo tratamento ali ministrado.

— Que pavor o assaltou? — pergunto eu um tanto afflicto, dirigindo-me ao inclito collega portuguez de Aufidio, Cassio Hemina, Fabio Picor, etc.

— Você conhece o meu instinctivo odio aos reis e rainhas? . . . — redargue-me o meu senatorial amigo.

Imaginei, na verdade, que o depositario actual das altas funcções do Senado romano endoidecêra, e que principiara, como as creanças no conhecido jogo infantil!, a declamar: «Rei, rainha foi ao mar buscar sardinha. . .» Não o contrariei, é claro, antes esbocei um signal de assentimento.

— Não estranha você decerto o atavico rancor que dedico aos santos, santas, anjos, serafins... — prosegue o illustre continuador da obra de Papirio.

— Basta! — atalho eu — a toda a côrte do cêo...

Não havia que duvidar, ao pobre rapaz tão activo, tão trabalhador, tão serviçal, tão amigo dos seus, alguma coisa lhe dera volta ao miolo.

— Não o surprehende a você, com certeza, o meu hereditario odio aos padres, monges, anachoretas, nonas, freiras, abbades, priores, curas, noviços, regrantes...

— Todo o mundo fradesco, todo o clero — interrompo eu cada vez mais condoído do desarranjo mental do consciencioso imitador de Suetonio.

— Exactamente — assentiu o inimigo innato de quanta gente usa corôa lavrada pelo cinzel de um ourives ou aberta pela navalha de

um barbeiro — exactamente. Ora embirrando eu com tudo isto, porque é que ainda existe rua de S. Bento, porque é que o Senado funciona em S. Bento, porque é que no Porto ainda existe a estação de S. Bento e o logar de S. Bento das Peras e tantos e tantos S. Bentos e outros santos e santas, que é uma verdadeira obsessão? Nada, isto é feito de proposito para me arreliar. Pois eu lhes conto. Venha cá commigo.

E, pegando-me do braço, arrastou-me consigo. Fui, é obvio, para não o irritar. Torna-se perigoso não condescender quando os acommettem aquelles ataques. O meu infeliz amigo penetrou no Senado como um projectil de aço fura a dura blindagem de um couraçado. Olhou em redor de si relanceando os bustos dos antigos próceres. Ia para enfiar o «palhinhas» no toutiço de um estadista careca, mas deteve-se, e monologou:

— Não. Já uma vez dei essa prova da

minha consideração ao duque da Terceira. Não, nunca entrou aqui cabeça que valha a minha. Não tiro o chapêo. Em Londres ninguém se descobre na Camara dos Lords... dos Lords?!... mas eu não quero ser Lord, detesto os Lords...

E, cautelosamente, como um collegial que receia que os condiscipulos lhe judiem com o chapêo, metteu-o dentro da carteira.

No entrementes eu tivera tempo de chegar à galeria e de tomar ali assento, debruçando-me ancioso, de ouvido à escuta, para o que se ia passar.

— Senhor presidente, peço a palavra — solicita o desassombrado continuador das tradições de Saturnino.

Após dez minutos de um substancioso discurso sobre as leis do vacuo applicadas à politica, proferido por um erudito e fluente membro do Senado, cujo nome occultamos para não offender a sua modestia, e que ter-

minou pelo antigo aphorismo latino de *physis*: «*Natura abhorret a vacuo*», foi dada a palavra ao meu particular amigo.

— Senhor presidente — começou elle. — Eu não quero nem reis, nem rainhas, nem frades, nem freiras, nem em carne, nem em osso, nem em pedra, nem em gesso, nem em lona, eu queria...

N'um aparte, em voz baixa, um satyrico litterato, de monòculo, barba grisalha à Guise, exclama:

— Queriamos de palha... para os comer.

Protestei indignado:

— Não se trata assim um historiador.

— Aquelle que pela segunda vez matou:

...aquella misera e mesquinha,
que depois de ser morta foi rainha.

— retorquiu implacavel o ironico commentador.

— Senhor presidente — repetiu o meu que-

rido amigo — Eu posso, como Catão, clamar: «É preciso destruir o clero»; devo, como Mario, declarar: «Olham para mim como uma espada que se enferruja na paz»; no meu epitaphio, como no de Sylla, pode escrever-se: «Ninguém fez mais bem aos seus amigos, nem mais mal aos seus inimigos»; e, ainda para concluir as citações historicas, que não profiro em latim para não melindrar os sentimentos patrioticos dos membros d'esta casa...

— E dos de fora, como se attribue ao tal famoso deputado — atalha um gracioso de mau gosto, da galeria.

— ...Não me permite a modestia, senhor presidente — prosegue o meu amigo — que aqui em pleno Senado, sem recear que me vá à mão nenhum Cicero, eu affirme como Cati-lina: «O povo romano é um corpo robusto, mas sem cabeça; serei eu essa cabeça.» Só o farei se exigirem de mim tão cruel sacri-

ficio; se tal acontecer terei um dia direito, embora haja um Antonio que me nivele no fim com o assassinado de Gaeta, a assegurar: «Eu juro que salvei a republica...»

Não consegui ouvir mais nada. Levantou-se um borborinho medonho. Houve tiro-teio de ápartes. Sobre a sala..., não sobre as caras dos que lá estavam, desabou uma tempestade de murros. Os oradores embrulharam-se uns com os outros. O presidente, não achando à mão uma toga para se envolver n'ella, agarrou na campainha e agitou-a como um sachristão, quando antigamente Nosso Pae andava pela rua, os continuos barafustavam e pegavam nos luctadores como forcados na praça do Campo Pequeno um «caraça» ou um «bocalvo» e os porteiros despejavam as galerias com a gentileza e amabilidade da antiga cavallaria da Guarda municipal, quando berrava do alto do selim e debaixo do capacete:

— Olá, camaradinha, veja se me quer pisar o cavallo!

Encaminhei-me para casa apprehensivo e contristadissimo.

— Que teria sido feito d'elle?!

Subi a escada, o guarda-portão voltou-me a cara e não me ligou nenhuma importancia, não obstante haver-lhe pago integralmente n'essa manhã a gratificação respectiva com mais uns cobres à mistura, murmurando:

— Ora, é o escrevinhador das duzias do quarto andar!...

No meu escriptorio, em cima da minha secretária, alvejava uma carta, e no sobrescripto, como uma labareda, ardia uma estampilha com o perfil de Affonso XIII. Sacudiu-me logo o corpo um sobresalto. Chicoteiem-me com o labêo de piegas, mas é assim. Não posso encarar uma missiva enviada de Hespanha sem que no corpo me entre uma terçan. Depois soceguei um pouco. Reconheci

os gatafunhos do meu presado collaborador Bento Alonzo Roiz.

Mas lê-la?!...

De subito lembrei-me do «Presidente do Conselho», não do primeiro ministro do paiz, mas de um moço de fretes, que fãira por defronte da Casa Havaneza, na Ilha dos Gallegos, e a quem os thalassas, ainda no tempo da monarchia, assim tinham alcunhado.

Procurei-o sem demora. Que homem tão intelligente! Que bem posta alcunha!

Apenas lhe disse ao que ia e lhe mostrei a mensagem, logo exclamou:

— Olha a letra do meu amigo Bento, conheço-a à legua. Não é capaz de a perceber, não é verdade? Verà como eu lh'a leio n'um rufo.

Não auctorizo ninguem a duvidar da sua palavra. Não chegou a dispender tres horas a decifrar e a ler o que abaixo segue, e a que eu, por attenção ao leitor, darei, não

digo uma forma correcta, mas diligenciarei tornar mais legivel:

Patrão

*Se você, que é agora o tratamento de que ahi se querem servir, copiado cá do nosso usted, se fingiu um homem de palavra mandando-me um volume das *Memorias de um gallego*, mostra não ter nenhuma com respeito á continuação. Até se parece com aquelles que pregam cão ao Tavares, á pastelaria Marques, ao camaroteiro do antigo theatro D. Amelia e a outros, como tenho lido nos jornaes. E, a proposito de bestunto, tambem me parece que me enganei comsigo, e que essa cabeça anda como a contagem das horas lá na terra, pois quando se chega á antiga meia-noite, já se não sabe se são vinte e quatro se não são nenhuma.*

Porque é que ainda não publicou o resto do que eu lhe remetti? E' a parte mais interessante. Ali é que vae o bom e o bonito com a gente da alta e da baixa; com essas seresmas que usam vestidos semelhantes a uma tripa enfiada . . . enfiada . . . n'um

pau; com esses palradores que promettem ao povo mundos e fundos nos comicios e nunca lhes dão nada; com esses patriotas de barriga, eguaes á gi-boia, muito activos e espertos quando estoiram de fome, e quietos e somnolentos quando o ventre impa de comida; com artistas que pintam mais no mo-delô que na tela e com modelos com mais malicia que plastica; com alguns conscienciosos padeiros, cheios de escrupulos, muito tementes a Deus, inca-pazes de faltar a uma missa, mas que no fabrico do pão só empregam kaolina; com duas duzias de mercieiros que, entusiastas pela arte, tingem as linguças de anilina, misturam gesso e areia no assucar, temperam o vinho com caparosa e addi-cionam infinitesimas particulas de chumbo aos pes-os logo que voltam da aferição, etc., etc. . .

Não me alongo mais. Para panno de amostra já chega.

N'essa parte das minhas memorias encontra o senhor uma mina... não digo de oiro, mas de... nickel, pois ouvi aqui dizer, na minha terra, a um conspirador, que o cobre agora passara a ser ni-ckel, pelo menos na moeda. Olhe que o mundo sem-pre tem andado muito para deante.

Permitta tambem que lhe faça alguns reparos.

O patrão queixa-se na tal *Explicação necessaria* que não percebe as minhas garatujas. Devo, porém, declarar-lhe que me succedeu exactamente a mesma coisa com algumas palavras empregadas por si. Aquillo não deve estar no dictionario antigo, são invenções da tal orthographia moderna com a qual ninguem se entende. Quanto mais quiz simplificar, mais atrapalhou. Escreva de modo que toda a gente comprehenda, deixe-se de lérias.

Agora para terminar, um conselho. Combine com o seu editor a maneira de evitar o emprestimo dos livros. Eu cá sempre fui de opinião que não se deve emprestar nada. Pelo menos o que vale dinheiro. Lá que certos maridos emprestem as mulheres, vá. Não é coisa que se estrague. Agora um livro?!... A frigideira dos seus miolos... Reponte, ponha os pés à parede, que eu o ajudo com os quatro de que posso dispôr, isto é, com as mãos também, por cada — não junte as palavras, faça favor — freguez que lhe compra um livro, lêem-no dez gratis e por cada um a quem você offerece um exemplar folheiam-n'ó e criticam-n'ó cem, acabando o centesimo por vendê-lo a um alfarrabista. Sempre foi mania de uma parte dos portuguezes lerem e irem ao theatro de *borla*. E' por essas e outras que

vocês e os empresarios andam sempre á dependura. Guerra sem mercê aos borlistas.

Aos outros, não. A esses, aos compradores, aos amigos de quem trabalha com a pinha, é trazê-los nas palminhas da mão. São uns beneméritos. Sem esses nunca se venderia papel a péso . . . barato.

Olhe, toda a gente, mesmo a mais avessa á conjugação do verbo pagar, arranja sempre dez tostões para ir ver uma peça de que gosta; porque não consegue você que cada espectador compre um livro qualquer, seu ou d'outro, uma vez por anno?

Já se poderia escrever em Portugal.

E com isto não o enfado mais, a não ser recomendar-lhe a prompta publicação da segunda parte das minhas memorias.

Porriños, 6 de maio de 1912.

Um creado que já o serviu.

Bento Alonzo Roiz.

Aqui venho, leitor amigo, com o presente auxilio do «Presidente do Conselho», satisfazer os desejos do conspicio filho da Galliza.

Lisboa, 12 de maio de 1912.

Eduardo de Noronha.

I

No dentista

Consultorio modelo — Valor de um janota — Quem é o teu inimigo? — Por causa de um anagramma — Furor descabido — Chocalho domestico — Elogio mal comprehendido — Dialogo feminino — Má lingua do Bento — Apparição olympica — Escolha sultanesca — Desagrado das repudiadas — No sanctuario — Tagarellice interesseira — O sentido de apalpar — Pedido inoportuno — Bofetada sonora — Troco ironico — Subito amor — O castigo da Providencia — Modelos vivos de um annuncio popular — Uma cilada — Explicação provocadora.

O consultorio do Dr. Odlaumor Orielaznip, situado no Chiado, gosava da fama e do pro-
veito de ser um dos mais luxuosos e concorridos de Lisboa. Precedêra-o um intenso renome de inexcedivel habilidade e de requintadissimo galanteio. Apregoava-se, no abocanhamento das linguas maldizentes, que tão lisonjeira e profícu remuneração a adquirira mediante algumas noticias insertas na primeira pagina de varios jornaes, á razão de dez tostões a linha. Chamaram-lhe ali amigo, portento, maravilha, raridade, o primeiro dentista entre os maiores den-

tistas do mundo. Como não encabeçara a noticia o signal de *pago*, a administração esticara-lhe o preço. Valera, porém, a pena o sacrificio. O consultorio regorgitava de madamismo. Pois se elle incarnava, não só a sciencia dentaria no seu mais alto primor, mas ainda pelo consumado esmero do fato, pelo evidente bom gosto das gravatas, pelo excentrico feitio dos chapéos, pela poetica delicadeza das flores da lapella, pela cômima das iuvas, pela forma apurada dos sapatos de laço e pelo finissimo tecido das meias, consubstanciava a sublime perfeição do homem! Não havia n'elle nada para desprezar. Fôra a seu respeito que Fialho de Almeida, o mordaz e inolvidavel crítico, quando alguém lh'o apontava e realçava a natural belleza e a artificial compostura, arrancara do imo do seu espirito satyrico, o commentario :

— Ai ! menino, olha que deve ser muito caro !

A pelle das mãos, quotidianamente tratadas por um manicuro, assetinava-se em maciezas perturbadoras. No refulgir das pupillas garças conglobava-se um diluvio de promessas mysteriosas e languidas. As damas hystericas bebiam sôfregas, como uma taça de ambrosia em fogo, que mais lhes incendesse os íntimos desejos, o seu olhar de velludo caricioso. A romaria continuava-se desde as dez até o anoitecer, n'um vae-vem ininterrupto, com a impaciencia e o aneio estampado no rosto das que subiam, com a sau-

dade e a pena a macerar o semblante das que se retiravam, cogitando que simulado padecimento de bôcca allegariam em casa ao ingenuo marido ou ao crédulo pae para voltar no dia seguinte.

O consultorio medrava como pés de alface em horta bem regada. A prosperidade do dentario operador roía de inveja os collegas. Acoimavam-n'ô de pechas vilans, attribuiam-lhe baldas deprimentes, enchiam de reticencias as ponderações a seu respeito, envolviam-n'ô n'uma atmospheria de calunnia pacientemente creada, n'uma teia de aviltante suspeição urdida com pertinacia. Um d'elles, assignante a fasciculos, da *Historia de Roma*, de Victor Duruy, e que acabava de ler o período do triumvirato, referindo-se á pessoa detestada e deixando os ouvin-tes boquiabertos, exclamou :

— Podemos e devemos exprobar a conducta d'esse homem execravel evocando a apóstrophe de Catão de Utica contra Julio Cesar :

« És o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos ! »

O auditorio destendeu de tal modo a maxilla inferior, n'uma homenagem de admiração ao seu erudito confrade, que se não fossem profissionaes com difficuldade as mandíbulas tornariam a entrar nos eixos.

— E depois que raio de nome estrangeiro elle arranjou, para simular que não tem os quatro

costados tão portuguezes como qualquer de nós! — observou apopletico e terra a terra um dos que nunca folheara historia nenhuma.

— O nome só engana os incautos — sublinhou com um sorriso alvar de sagacidade pedante o erudito, — arranjou um anagramma...

— Um quê? — perguntou o das letras gordas, abrindo desmesuradamente os olhos, como se ouvisse pronunciar uma hórrida blasphemia.

— Que diabo é um anagramma? — inquiriu outro da escola antiga, que em tempos arrancara dentes a tiro de pistola.

O dado a leituras e até a poesias ensoberbeceu a phisionomia com o ar superior de um academico de merito e explicou desdenhosamente:

— Anagramma é uma palavra formada com as letras d'outra palavra.

O dentista que operara na sua mocidade ao ar livre dentro de uma carruagem, pregou um grande murro em cima da mesa fronteira e com voz de estentor, declarou:

— Palavra de honra que não percebo.

Dois collegas do lado, segredaram um para o outro:

— E' mais tapado que o calafeto de um navio e mais selvagem que um botocudo.

— Meu caro amigo — retorquiu com voz melíflua e expressão de envenenada supremacia o illustre cultor da prothese dentaria — dê-se ao

incommodo de ler o seu nome de trás para deante.

— De trás para deante?! — bradou suffocado em cólera o de encéphalo rudimentar — Você está a mangar commigo. Olhe que se engana no numero da porta. De trás para deante?! Você julga que por ter duas ou tres estantes com os livros muito bem encadernados, mas que nunca abriu, ha de fazer pouco de mim! De trás para deante?! Lembre-se que para lhe arrancar dois dentes não preciso de boticão. Basta-me isto.

E mostrava ao confrade, lívido de susto, o punho fechado, grosso e negro como um malho.

— Ora queira vêr — convidou o interlocutor desfazendo-se em considerações — leia assim.

E, pegando n'um lapis, começou a traçar a palavra collocando da esquerda para a direita as letras escriptas em sentido contrario.

— Ah! tem graça! — expandiu-se o enfurecido — Que burro eu sou!

Todos os collegas baixaram a cabeça n'um instinctivo gesto affirmativo. O alvo da muda homenagem relanceou os circumstantes com desconfiança, mas logo encolheu os hombros, monologando por entre dentes:

— Elles ainda são mais burros que eu!

Occorria esta conversação, convém explicar, em casa de um dos mais irreconciliaveis inimigos do Dr. Odlaumor Orielaznip. Reunira elle ahi, n'um jantar íntimo, esse cenaculo, e sabo-

reavam a sobremesa condimentada com a maledicencia nascida da prosperidade do collega, adubada e regada com vinhos generosos e licores adocicados.

O Dr. Orielaznip, que sabia com quem lidava, arranjava intelligencias na praça — intelligencias, é como quem diz, untara as mãos ao gallego que servia o amphitrião por intermedio de Bento Alonzo, e este no dia do jantar introduzira-se na cozinha em alegre convivio com o patricio e, através da frincha de uma porta, ouvira tudo quanto se tornava necessario relatar ao patrão.

Concedâmos agora a palavra ao memorioso cidadão de Betanzos quando, com o subido criterio de um chocalho domestico, fazia o relatório do que ouvira ao seu casquilho amo. No final, quando o elucidara ampliando evangelicamente a diatribe, epilogou:

— Lá o abbade da minha freguezia, o pae dos meus irmãos mais novos, aconselhava-me sempre: «Fala dos ausentes como se te estivessem ouvindo.» Ora elles que falavam mal do patrão era para que o senhor soubesse o que diziam. Logo, vindo contar-lh'ó, apenas satisfaço o seu desejo.

O Dr. Orielaznip ergueu no templo do seu peito uma ara á logica do gallego, e foi com um certo misto de respeito e de admiração que se lhe dirigiu nos seguintes termos:

—Bento, encerras no teu peito o embrião de um estadista...

O moço, muito intrigado, levou immediatamente a mão ao farto arcabouço, apalpou-o, meneou a cabeça e sacudindo-a negativamente, com o movimento de orelhas tão peculiar aos da raça asinina, redarguiu:

—No meu peito não ha cá nada da empação de um fadista... O patrão não me insulte se quer que eu o trate com respeito...

—Estadista, parvo, ...es...ta...dis...ta!

—Parvo, pode chamar-me, vá lá!... Agora essa coisa deve ser muito feia, assim uma especie de cavallo do Estado, um brutinho que não serve para nada, senão para comer e levar boa vida. Repito, não quero que o patrão me chame semelhante nome.

E o Bento, conforme elle proprio relata nas suas memorias, encaminhou-se lá para dentro, para o que o dentista pomposamente chamava laboratorio e que não passava de uma cozinha escura, a preparar os dentes de hippopótamo, de pasta de porcelana e os fornecidos por certos empregados dos hospitaes, auxiliares das autopsias, alguns tão bons, tão naturaes, que até pareciam de gente.

Acompanhemos agora as observações do mestre Bento que, cansado da sua faina no laboratorio e ainda a remoer as palavras do Dr. Orielaznip, se entreteve a espreitar com a mais

escrupulosa consciencia possivel a sala e o gabinete do operador, nunca vazio de uma paciente.

— Por aqui, minha cara D. Ermelinda? Não imagina como me sinto envergonhada de não lhe ter ainda pago a visita, mas se soubesse da minha vida...

— Bem sei — pensou de si para si a interlocutora — não tens mãos a medir com os amantes, d'algunha parte te ha de vir com que comprares tão espaventoso luxo! — e logo accrescentou alto — O meu pesar tem sido de não a ver, por que lá do resto nunca me preendi com cerimoniaes, sabe bem quanto eu sou sua amiga, D. Sophia.

— Padece então dos dentes? — pergunta D. Sophia estampando no rosto uma expressão de affectada solicitude.

— Oh! muito — respondeu a D. Ermelinda franzindo a enorme bocca n'uma contracção piegas — desde creança, e na verdade todos me dizem que os tenho tão bonitos... que não os desejava cariados nem perdidos.

— Oh, realmente são lindissimos — concordou D. Sophia com um imperceptivel sorrisinho de mofa, e monologou interiormente: — Não querem vêr a tola, pois não chama bonitos áquellas dentolas que nem os colmilhos de um cavallo!

— Asseguram-me que este Dr. Orielaznip é

um especialista, que tem uma queda pronunciada para tratar dos achaques dentarios das senhoras — explicou D. Ermelinda com a sua voz cantante e pondo os olhos em alvo.

O Bento, que escutava com a maior attenção, monologou :

— Ás gatas só lhes dóe os dentes em janeiro, a estas dóe-lhes todo o anno e veem cá ao patrão para que as cure. É por isso que lhes acham a tal queda, que tão bem lhes sabe e que tanto gabam.

As duas damas continuam no dialogo, todo doçura na apparencia, todo peçonha lá por dentro.

— Ó D. Ermelinda, quem será aquella delambida que está assentada ali áquelle canto, com os olhos pregados no tapete com um ar de virgem pudibunda que só aspira a deixar de o ser ? — inquiriu D. Sophia.

— Exagera talvez, tem cara de boa rapariga, e parece-me afflicta. O seu aspecto denota padecimento — esclareceu D. Ermelinda.

— Naturalmente o mesmo que cá nos traz — explodiu D. Sophia n'um desabafo de maledicente confissão.

D. Ermelinda volveu para a sua *amiga* um olhar acerado como a tesoura de um alfaiate, e seria possivel um subito rompimento de hostilidades se a porta do gabinete do Dr. Orielaznip se não abrisse de par em par e elle não

se ostentasse com toda a sua radiante e olympica belleza.

— Que lindo, que apetitoso elle está hoje! — murmurou D. Sophia baixinho n'uma expansão irrefreavel.

— Ai! quando chegará a minha vez! — suspirou D. Ermelinda n'um frémito em que todos os seus nervos vibraram.

O Dr. Orielaznip relanceou a vista pelas clientes que se agitavam nervosas nos sofás e cadeiras, como se os seus assentos se ligassem a baterias electricas, e ainda pelas que se debruçavam na janella, ostentando-se ali á guisa de manequins n'um mostruario. Ninguem exaggeraria comparando-o a um sultão no harem, escolhendo com o olhar a odalisca ante a qual deixa calir o tradicional lenço vermelho, symbolo da sua varonil eleição, quando proferiu as seguintes palavras, com entôno de quem acaba de comer meio kilo de trouxas de ovos:

— A qual de V. Ex.^{as} pertence agora os meus serviços?

As circumstantes, que contemplavam com ciumento despeito a dama sahida do gabinete do operador, muito dengue, com olheiras, quasi arrastando-se e a quem mal chegavam as forças para torcer o véo do chapéo por baixo da barba, imitando n'esse gesto o movimento dos homens, que possuem pêra, a torcê-la, ergueram-se todas á uma.

—Todas... de uma vez... não é possível — objectou o Dr. Orielaznip com um sorriso de ineffavel amôr proprio satisfeito e com uma voz que se lhe coava dos labios como de um favo se destilam gotas de mel.

A unica senhora que não se levantara fôra a joven que merecêra o epitheto de delambida a D. Sofia. A essa exactamente se dirigiu o Dr. Orielaznip com accento melifluo e requebrado.

—Se não me engano, V. Ex.^a é a primeira vez que aqui vem e tem aspecto de quem soffre bastante... de mais a mais a ordem da inscripção favorece-a. Digne-se V. Ex.^a entrar...

E o dentista afastou-se para facultar passagem á cliente, muito córada andando a custo por causa do enleio, e que, alvo de todas as invejosas curiosidades ali em fermento, se estas pudessem usurpar a acção mortífera dos projecteis, tombaria fulminada.

-- Olá, o patrão hoje lambe-se com um pêcego fresco e da melhor novidade do anno. O que as outras não murmurarão...

Este commentario, como o leitor por certo adivinhou, fazia-o Bento examinando os rostos franzidos e contrariados da clientela do seu empirico amo.

— Que desplante, D. Sophia?! — exclamou D. Ermelinda — Entrar só para o gabinete de um rapaz novo, que embora medico não deixa de ser homem como os outros! Eu cá trago sempre

uma pessoa de familia ou no seu impedimento uma das minhas creadas.

— Elle não é medico, não passa de dentista e quando muito cirurgião, se não usurpa esse qualificativo — retorquiu D. Sophia, aproveitando o ensejo para desabafar o seu despeito e procurando debalde a pessoa que a costumava acompanhar, segundo a sua affirmativa, a interlocutora.

— Hoje fui obrigada a vir sósinha, tudo me correu mal, mas quando chegar a minha vez, peço á D. Sophia para ir commigo. Não que eu não me possa guardar muito bem a mim propria, graças a Deus! mas desejo evitar sempre as picadas das linguas viperinas — declarou D. Ermelinda.

— Com todo o gosto, minha senhora — replicou D. Sophia, com um modo que desmentia a significação das palavras — mas affigura-se-me escusado. Eu entro e demoro-me lá sem me importar se dou pasto ás calumnias e aos aleives. A minha reputação está acima de toda a suspeita.

A D. Ermelinda vibrou um tal olhar á sua dilecta amiga, que não é mais acerada a ponta de uma navalha quando se crava raivosa nas tripas de uma rival preferida. Ambas se calaram. Se soltam um som, desencadeava-se um pugilato.

Entremos agora no gabinete do Dr. Orielaz-

nip. O luxo prodigalizara os seus requintes por todos os objectos. Havia duas cadeiras, das chamadas americanas, usadas nas grandes capitaes pelos barbeiros, e em Lisboa pelos dentistas. É uma poltrona articulada que, em o paciente se recostando n'ella, se inclina para trás bruscamente e fica em posição, cômmoda ou incômmoda, conforme o sentir de quem a utiliza, para o operador escanhoar o freguês, ou examinar e arrancar um queixal, incisivo ou canino ao cliente. Em redor, em mostruarios e por cima das mesas, ostentavam-se dentaduras feitas de gutta-percha, de oiro, de variadissimos ingredientes, parafusos e ganchos para fixar os dentes, placas de diversas especies, estojos, bacias, e uma infinidade de instrumentos de aço, que constituíam um arsenal capaz de intimidar a creatura mais impávida e que explica com exuberancia o motivo porque cessa de nos doer os dentes quando subimos a escada de um consultorio onde se cultiva a prothese dentaria.

— Minha senhora, assente-se á vontade — convidava o Dr. Orielaznip, não sem segundo sentido, como mais para deante o leitor observará; — de que se queixa, que lhe dóe? Verá V. Ex.^a como aqui ha remedio para tudo e eu a allivio de todo o soffrimento que possa affligí-la, ainda o mais pungente.

E o Dr. Orielaznip, com uma volubilidade pedante, impellia a attribulada senhora para a

cadeira. A enferma, joven ainda, com esse ar pudico natural que nenhum artificio consegue arremedar, bonita, com visiveis signaes de padecimento verdadeiro, não ligando nenhum sentido ás palavras do dentista, encostou-se docilmente á cadeira e n'ella tomou assento, mas tão ao de leve, que o effeito esperado pelo lúbrico operador falhou completamente.

— Minha senhora — proseguiu o Dr. Orielaznip, pronunciando os vocábulos como automaticamente e não se podendo emancipar d'atavismo dos seus predecessores quando arengavam á turba da boléa de uma sege e a sua voz troava por cima do estampido da pistola, — minha senhora, percorri toda a Europa, frequentando os primeiros estabelecimentos scientificos da especialidade a que me dediquei só para bem servir o publico, porque eu felizmente não preciso ganhar dinheiro para viver com abastança, trabalho principalmente para tratar da belleza, do physico, da educação physica das senhoras.

O Dr. Orielaznip abriu a bôcca da paciente e examinou-lha, não sem com a ponta dos dedos se certificar do dulcissimo mimo da cutis, e continuou :

— A resolução d'este problema preoccupa, hoje, todos os homens de sciencia, que estudam a serio os mais levantados e complexos assumptos da biologia e sociologia... — e mudando de

tom adduziu — Ah! cá está, são dois dentes cariados.

O corpo da desditosa senhora estremeceu ao sentir o frio contacto de um ferro recurvado que lhe percorria as gengivas. O Dr. Orielaznip sempre perscrutando a bocca da doente, agora com o auxilio de um pequeno espelho de optimo crystal, proseguia:

— A Grecia e a velha Roma conseguiram apurar, no apogeu da sua grandeza e civilização, raças idealmente bellas, e actualmente os povos que mais lidam para alcançar um logar proeminente no grande certamen do progresso — o allemão e o inglez — estudam e realizam com afan medidas todas tendentes a tornar os seus filhos e filhas fortes e formosos... — interrompeu-se e com outro accento expoz — Aqui só ha dois caminhos a seguir: ou extrahir os dentes ou chumbá-los.

— E o que me aconselha o senhor doutor? — inquiriu a joven com dolencia, como n'um sôpro.

O Dr. Orielaznip tornou a passear as pontas dos dedos pela penugem suavissima da oval carinha da cliente, sentindo um calafrio de sensualidade pela espinha acima, e retorquiui:

— O mais radical é a extracção dos dentes. Com uma anesthesia particular, segredo meu, não sentirá nenhuma dôr, minha formosissima senhora. No entanto, se prefere chumbá-los, não

•

seguirá peor caminho, quando mais não seja senão para não desfear esse rosto, tão lindo, que mais lindo não o possue um serafim.

E novo passeio dos dedos do operador dentario pela macia face de cecem da pequena, que n'um sobresalto instinctivo de pudor recuou a cabeça, bem traçada e gentil, e murmurou:

— Prefiro então chumbá-los.

O Dr. Orielaznip aprestou-se para proceder á obturação dos dois dentes e sempre roçando-se muito pela atribulada rapariga, com a êmphase habitual, proseguiu:

— É, sem duvida nenhuma, em Inglaterra onde mais se olha e se trabalha para dar á mulher uma educação physica que a torne san e formosa. No imperio britannico e suas colonias, o *lawn-tennis*, jogo ao ar livre, que dilata os pulmões, desenvolve os musculos e promove a destreza, é praticado por todas as mulheres, desde a soberaná até a sua mais humilde subdita, e em todas as latitudes. O *golf*, o *cricket*, a equitação, a esgrima, a gymnastica racional, não a que consiste em fazer *habilidades*, mas a que é aconselhada pelos bons hygienistas, occupa um logar preponderante na sociedade do Reino Unido, tanto nos estabelecimentos publicos subsidiados pelo governo, como nos particulares.

Ao cabo d' esta *tirada* concluiu-se a operação. A pena da doente mitigara-se bastante. Ergueu-se da cadeira e realizou as necessarias

abluções. Fixou no Dr. Orielaznip um olhar grato, e ciciou:

— Muito obrigada, doutor, sinto-me muito melhor. Quanto lhe devo?

O dentista, n'um movimento que pensava ser o *dernier cri* do bom tom, arremessou toda a aba direita da sobrecasaca para trás, mettu a destra pela cava do collete, encarou a juvenil senhora com um relancear de pupillas de conquistador irresistivel, e declarou:

— Já tive a honra de prevenir V. Ex.^a que, se me entrego de corpo e alma a tratar da bôcca das senhoras, obedeço apenas ao meu amor pela esthetica, ao desejo de concorrer para o aperfeiçoamento da plastica feminina e não porque queira ou precise ganhar a vida...

A joven fitou-o deixando transparecer na phisionomia signal bem visivel de quem não comprehendia a razão de tal discurso, ao mesmo tempo que reprimia um bocejo de tédio.

— Dava o pequeno serviço que prestei a V. Ex.^a por bem saldado se se dignasse conceder-me...

— Conceder-lhe o quê?...

— ...Que lhe beijasse a ponta dos dedos.

E o Dr. Orielaznip, seguro do dominio sempre exercido no bello sexo, approximou os seus labios encandescidos de uma volupia doentia dos labios humidos da sua attonita cliente, e preparava-se para lhe imprimir um lascivo beijo,

quando ella instinctivamente, como uma mola que se distende, ergue a mão e assenta com os afilados e roseos dedos uma das mais sonoras bofetadas com que mão feminina tem castigado a ousadia inoportuna de um macho.

— A tal madama, se anda apaixonada pelo patrão como as outras, mostra-lhe o seu amôr á maneira das gatas... ás unhas — monologou o Bento sorrindo-se malicioso por trás de um reposteiro d'onde observava toda a scena, e adduziu: — Que valente *lamparina!*...

A joven, em seguida ao bofetão, denunciando um sangue-frio que contrastava com a anterior timidez, procurou a carteira no seu *indispensavel*, tirou d'ella uma nota de cinco mil reis, depô-la dentro de uma bandeja e com um ar de supremo desdem, como quem dá uma gorgeta a um creado de botequim, declarou:

— O trôco que sobrar do seu trabalho é para *cold cream*,... para refrescar a cara.

E sahiu de cabeça alta enquanto o dr. Orielaznip esfregava a face, não podendo, não querendo, convencer-se da realidade do facto. Cinco minutos, depois, voltando a si, encolheu os hombros, e murmurou:

— Esta sim, esta é que eu vou amar a valer. Resiste-me e bate-me... que mulher!

O Bento, que ouvira a ultima observação, raciocina:

— Está como as meninas de *aventail de ma-*

deira. Quanto mais lhes batem, mais apêgo mostram a quem as abarrota de *estampilhas!*

Entretanto, mal humorado, não se sentindo com valor de arrostar com os olhares de tantas consulentes, cujos olhos perspicazes podiam descobrir-lhe na bochecha os vestígios do tabefe recebido, mandou prevenir á sala que facultava o gabinete a nova cliente. Ascendeu-lhe á cabeça uma onda de furor quando se lhe deparou entre a porta uma respeitavel matrona de cincoenta annos, de barba a pender-lhe em sanefas pelo volumoso seio, tão lasso como dois enormes sacos de café, mal sustidos pelo espartilho, a rivalizar na rotundidade com o bojo de uma pipa, acompanhada por uma creada, assim uma especie de sua *antípoda* em ausencia de tecido adiposo. Nunca a popular allegoria do *antes e depois* do chocolate Mathias Lopez obtivera mais completa consagração.

— Oh! que dois engendros! — exclamou o Bento ao contemplar a ama e a patrôa — São uma boia e um remo.

— Que quererão de mim estes mostrengos? — resmoneou o dr. Orielaznip correspondendo com uma mesura sêcca aos profundos e exagerados *salamaleques* das duas tão oppostas creaturas. — Espera ahi que já as arranjo.

E, n'um gesto de brusca impaciencia, obrigou a assentar cada uma d'ellas na sua differente poltrona, imprimindo-lhe ao mesmo tempo um

forte impulso para as obrigar a descrever o máximo da rotação. As duas infelizes, que não conheciam o mecanismo das cadeiras e que consideravam uma amabilidade do dentista o inesperado movimento, obedeceram ao ímpeto, reclinaram-se e deixaram-se cair para trás. Nos primeiros instantes tudo foi bem, mas quando suppunham que cahiam, levantaram as pernas n'uma agitação indescriptivel e soltaram n'um afflictivo e retumbante grito:

— Ai! Jesus!

Da bôcca escancarada do Bento explodiu uma clamorosa gargalhada. O espectáculo que se lhe offerecia explicava-a, justificava-a, e resmungou:

— Que quatro pernas! Duas não se aproveitam nem para vaquetas de tambor, e as outras duas são como troncos de arvores que fariam derreter em suor o serrador mais possante!

Na verdade, a meio do crespô dos folhos de muitas saias diversamente coloridas e, salvas as devidas proporções, as quatro pernas das duas damas assemelhavam-se a ridiculos pistillos agitando-se a meio de uma corolla extravagante de qualquer d'essas exquisitas flores em que os sertões dos tropicos são ferteis. O espectáculo exhibia-se tão supinamente caricato que apesar da sua funda arrelia o dr. Orielaznip imitou o Bento no riso estridente.

Fora, na sala, ao retumbarem os afflictivos

berros, a assistencia ali reunida entreolhou-se muito intrigada. A curiosidade arvorou-se em parlamentar e pactuou momentaneo armisticio entre D. Sophia e D. Ermelinda. A primeira commentou, dirigindo-se á segunda:

— O Dr. Orielaznip não podia arrancar dentes a duas pessoas distinctas ao mesmo tempo.

D. Ermelinda, com um sorriso escarninho e malicioso a refegar-lhe os labios, retorquiu:

— Nem a edade, nem a *donzellige*, mesmo que qualquer d'ellas ainda a tivesse, lhe arrancava, na sua mais violenta extracção, brado tão angustioso.

— Ah, não, não! — replicou D. Sophia. — Como a minha amiga muito bem se lembra, o queixume n'essa altura, se vem, é sempre abafado. O allivio da desobstrucção sobreleva a quasi insignificante dôr.

Ao serem proferidas estas palavras, o dentista, com o mesmo ar olympico de ha pouco, escancarou as duas batentes da entrada do seu gabinete e patenteou aos olhos ávidos da sua clientela, mordida pela mais buliçosa tarantula da mexeriquice, o imprevisto espectaculo das duas grotescas creaturas a espernear na sua ultra-comica situação. Os frouxos de riso desencadearam-se n'um chuveiro de gritinhos impertinentes e malévolamente ironicos.

— Minhas senhoras — discursou o Dr. Orielaznip com a sua voz meliflua e effeminada, —

devia-lhes esta explicação. Como estas duas clientes tinham gritado de modo a fazer suppôr factos diversos ao occorrido, quiz aniquilar de prompto qualquer hypothese temeraria.

A D. Sophia, que revirara as pupillas á apparição do dentista, respondeu acto contínuo:

— Ai! o senhor Dr. Orielaznip tem os seus creditos firmados, está acima de qualquer suspeita d'esse genero.

A D. Ermelinda outra vez desesperada com a amiga ao descobrir-lhe o éxtase do olhar, rosanou:

— Principalmente com dois estafermos semelhantes. Talvez imagine que se guarda só para ella... *refinadissima* deslavada!...

II

Chefe de partido

Luminar da sciencia — Génese de um politico — Frequentadores do « Martinho » — Um orador de café — Discurso ôcco — Uma mesa celebre — Conflictos sem consequencias — Dois bravos — Uma aposta perdida — Argumento que colhe — Amizade eterna — Em busca de partidarios — Despertador da memoria — O vinho e o luto — Um homem superior — Meditação profunda — Opinião sobre a diplomacia — Raciocinio exacto — Offerta desinteressada — Casamento urgente — Barba eterna — Trabalho de cabeça.

Um acaso da vida ligara o Dr. Orielaznip ao Dr. Epaminondas Monteiro. Este, laureado da universidade de Coimbra, na faculdade de medicina, recebêra o capêllo com grande pompa. Servira-lhe de padrinho na cerimonia academica o então presidente do conselho de ministros. A politica portugueza aguardava-o como uma radiosa esperanza, que breve se converteria na mais estupenda realidade. Os partidos acenavam-lhe com a mão, no movimento dubio peculiar ás facções, e que tanto podem significar desejo de attrahir, como vontade de afastar.

Tentara concorrer a uma das cáthedras da academia coimbran. A pretensão motivara um claustro pleno, de tal modo o desejo surprehendêra os lentes. Estes tinham-lhe concedido com benevolencia a borla. Mas ninguem pudera affirmar, ao certo, que sentimento determinára a opposição unânime da douta corporação em o receber por collega. Murmuravam uns que á decisão não andava alheia a justiça, segredavam outros que, com mais aquelle luminar, a faculdade estoirava de sciencia.

Procreado pelo soba de uma aldeia beiran, herdara em feudo a influencia politica do seu progenitor. Ninguem sabia ao certo em que se baseava semelhante influencia. Só praticava a caridade quando se lhe tornava proveitosa, apontavam-lhe o egoismo como sendo mais ávido que a pulga de um tísico, a sovinice da bolsa só abrandava quando a vaidade entrava em jogo, por mais que pretendesse corrigir-se nunca conseguiu pronunciar tres palavras sem gaguejar, nem curar uma terçan sem auxilio d'outro collega, nem lancetar um tumor sem a presença do veterinario da localidade.

Como dispunha de vinte e sete votos na sua terra resolvêra vir para Lisboa e fundar um partido independente. Com menos do que isso mandara o rei chamar para organizar gabinete muitos outros. A sua principal preocupação era extinguir a universidade de Coimbra, que o re-

pudiera do seu seio. Quedara-se uma vez um tanto desconcertado quando um antigo condiscipulo lhe contara a seguinte anecdota:

Um governador civil, a quem o poder executivo demittira do seu cargo, sem elle o solicitar, apresenta-se ao respectivo ministro, e furioso, impugna:

— Que tem V. Ex.^a que me censurar?

— A sua ausencia de opiniões.

— A minha ausencia de opiniões? — responde o ex-governador civil — Pois V. Ex.^a não sabe que eu tenho figurado em todos os partidos politicos?

— Exactamente por saber isso, dá-se aqui o caso contrario do adagio latino, o que o prejudica é a abundancia..., abundancia que redundava em falta.

Esta logica da «abundancia que redundava em falta» afigurava-se-lhe indubitavel symptoma de patente defficiencia mental.

Na capital principiara a frequentar o *Martinho*. A começo assentava-se a uma mesa, solitario, tristonho, aborrecido, quasi misanthropo. Sentia invadi-lo a aversão pelos que dispunham de amigos com quem conversavam. Abancava perto de um grupo dos mais ruidosos do estabelecimento, qual d'elles mais tagarella e gritador.

Um de face congestionada, luneta a faiscar, tardío na phrase, recalçando o côco pelas abas,

cavalgava no celebre régulo de Gaza, Gungunhana, e, a proposito do negro potentado e das colonias, injectava phenomenaes massadas, que os outros ouviam a miude com o ar compungido de quem se resigna a ganhar o céu; iniciavam-lhe o nome e o appellido as lettras E. N. Outro, mestre de obras improvisado, descrevia novas formas de tabique, ideava cartas amorosas aos namorados illustrados, expunha orçamentos economicos e fazia mudar de côr os circumstantes quando esplanava a reforma da sua repartição: era o P. Outro, abastado industrial, lamentava-se de apenas possuir vinte predios; tinha o socialismo por Evangelho na officina, para uso alheio; commentava Kropotkine, e preleccionava sobre latim; o alphabeto emprestava-lhe para iniciaes as lettras E. S. Outro ainda, aspirante a conselheiro, queixava-se da *escassez das posses*, caçava com o pincel, pois era caçador e pintor amador, e pintava com a espingarda; tinha por idolo um celebre medico e por norte um ex-ministro; dava pelo apôdos de L. A. Outro ainda, um artilheiro dos mais considerados da sua arma, B. A., sempre a trabalhar no manual de artilharia de costa, provocava as discussões, calava-se quando a batalha attingia o periodo agudo e servia de *tira teimas* scientifico. Aquell'outro, E. B., que fazia pé de alferes a quantas damas se lhe deparavam, córando como um pagem, encolhia os hombros

em contracções nervosas e dava pela alcunha do *corisquinho electrico*. Ainda outro, tambem artilheiro, J. G., espirito mordaz, não perdoando sarcasmos aos frequentadores seus conhecidos enganados pelas mulheres, comparavam-n'ò, por essa causa, a um creador de gado que conhecia pelos nomes todos os *bois* da praça.

— Todos te admiram. Talentoso discipulo de Demósthènes, rival de Cícero, émulo de Mirabeau, continuas aqui no *Martinho* as gloriosas tradições de José Estevam. Retumbante e magnifico na oração, desencadeias iradas apostrophes no ageitar da luneta.

Estas palavras, proferidas n'um tom de ironia inoffensiva e amavel, dirigiam-se a um dos mais conhecidos e estimados frequentadores da casa, temido pelos seus pulmões, querido pela extrema obsequiosidade de que era dotado, assentado entre dois espelhos a contemplar o gesto leonino que acompanhava o seu verbo fluente quando discursava á turba. Contra os seus habitos não respondeu logo ao motejador salamaleque.

O mesmo benigno trocista proseguiu :

— De palavra suave e meiga, ora nos acaricias com fidalgos protestos de estima, ora nos deslumbra o clarão produzido pelo archote resplendente das tuas idéas colossaes, fúlgida chispa que accende um pharol gigantesco, á luz do qual, no finito da nossa intelligencia se

antevê no vulto immenso do teu genio intangível.

O de olhos coruscantes relanceou-o com um abanar de cabeça significativamente ameaçador.

O pernostico continuou impenitentemente:

— Sentimos por ti mais alguma coisa do que entusiasmo: uma profunda devoção pelo manancial caudaloso da tua illustração sem limites, idolatria arreigada pela perfeição absoluta do teu talento sem equal. Ao ouvir-te enrolámo-nos na curva helicoidal do respeito, quebramo-nos no angulo genuflexivo da veneração.

— Meu amigo — redarguiu o da luneta formidável, quasi tão formidável como a do celebre marquez de Pombal, — é o espirito do Bonga que fala pela sua bôcca. D'isso não tem você culpa nem eu. É um phenomeno do espiritismo pouco estudado, o de um preto se metter no cerebro de um branco. Entenda-se com o L. do Governo Civil.

E lá se foi para a porta, meio serio, meio a rir, a responder com outra *boutade* a quem o interpellava.

N'outra meza, perto da do Dr. Epaminondas Monteiro, agrupavam-se algumas individualidades salientes na litteratura, no theatro e na pintura. Um, A. R., conversava com toda a pausa, proferindo cada palavra como se fôra arrancada a sacca-rolhas, então bohemio cheio de boas sahidas, indolente quando lhe aprazia e pintor

de merecimento quando queria pintar. Outro, A. F. S., rosto vivo, olhar profundo e intelligente, modelo de Santo Antonio, amando a arte pela arte, tendo já uma corôa na ribalta tanto mais vicejante quanto não precisa d'ella para viver com abastança. Outro ainda, F. A., crítico e escriptor de raça, lembrando-se ainda das miadelas satyricas dos *Gatos* com que deliciou Lisboa antes de trocar as lides da imprensa pelos cuidados da lavoura. Mais outro ainda, M. M., dramaturgo de primeira agua, que trocou o escalpello pela penna. As gargalhadas ali estrugiam n'uma serie ininterrupta.

O Dr. Epaminondas Monteiro olhava em redor de si em busca de uma phisionomia, senão amiga, pelo menos conhecida, e não encontrava nenhuma. Sentia-se no meio de tanta gente como se parasse a descansar n'um ermo. De subito ouve uma voz em clave de flauta, irritadissima, exclamar:

— Que desastrado! Forte alimária!

E, com funda surpresa sua, deante de si, como se personificasse a canonica ameaça da Besta da Apocalypse, viu erguer-se o busto formidavel de um homem, por cima d'esse homem uma bengala e de dentro de uma encadernação máscula uma dicção cantante de mulher ou o tom significativo dos mancebos preparados para eunucos.

— Desastrado porquê? Que fiz eu para que

me chamasse alimária? — perguntou o medico, futuro chefe de partido, accusando uma certa tremura no pronunciar das palavras, pois a sua qualidade dominante aconselhava-o a não trilhar a senda das valentias.

— Está ahí de perna estendida como o villão em casa de seu sogro, e de tal modo que tropecei n'ella e se não me seguro a este senhor, espalhava-me a todo o comprimento — respondeu o outro com a arrogancia peculiar aos poltrões quando encontram outro mais forte n'essa fraqueza.

O sujeito, que servira de providencial amparo ao enfurecido interlocutor do Dr. Epaminondas, encarava mal humorado os dois, o da causa e o do effeito, e aguardava com manifesto desejo de intervir com azedume na occasional pendencia.

— Oh! senhor, foi sem querer; peço desculpa... — disse o facultativo coimbrão.

— Peço desculpa... peço desculpa... — repetiu o do tropeção subindo em altanaria á medida que o outro descia em pundonor — isso não são termos de estar n'um café, no meio de gente civilizada, isso é de selvagem... Vocemecê deve ter vindo do sertão.

O tratamento depreciativo e o apôdo de selvagem bateram em cheio na vaidade do Dr. Epaminondas e abriram-lhe profunda brecha no amôr-proprio. Ao mesmo tempo o riso escarni-

nho dos circumstantes, que começavam a juntar-se em redor, outorgou-lhe um vislumbre de brio, e redarguiu :

— Cumpri o meu dever pedindo-lhe desculpa da falta involuntaria que commetti. Se se dá por satisfeito muito que bem, se não se dá por satisfeito tanto peor para si.

— Senhor !

— Senhor !

E os dois levantaram-se ao mesmo tempo, n'esse movimento tão vulgar dos gôzos pondo-se de pé, equilibrando-se um com o outro, arreganhando os dentes n'um raivoso franzir de beiços, mas afastando propositadamente os respectivos focinhos.

— Tenha juizo !

— Tenha prudencia !

Recommendaram unisonamente ambos os contendores com receio de que o adversario tivesse mais alma que elle proprio.

— Quessss !... Quessss ! — instigou um dos presentes.

— Não os açules, homem — recommendou sarcasticamente o que evitara a queda de um dos antagonistas, — olha que vae haver aqui muito sangue.

O Dr. Epaminondas sentiu como a ponta de uma espada a cravar-se-lhe no peito quando o seu contrario puxou da carteira, tirou lá de dentro um bilhete de visita e lh'o apresentou. Elle leu :

— Dr. Orielaznip, cirurgião dentista.

O medico remexeu nas algibeiras, mas não n'aquella onde usualmente trazia os cartões e, fingindo ter-se esquecido, muito assomado, declarou, sublinhando o gallicismo:

— Não trago aqui o meu *adresse*, mas os meus amigos o procurarão em sua casa.

— A qualidade de offendido é minha, não abduco d'ella — retorquiu muito lívido ao pensamento de um duello em perspectiva o nosso conhecido dentista.

— As nossas testemunhas o discutirão — replicou o Dr. Epaminondas que, reconhecendo ser a brandura do contrario muito mais molle que a sua, se espojava n'ella á vontade com o ar magnifico de um fanfarrão emérito.

— Se querem, nós servimos de padrinhos? — propôz um gracioso.

— Não queremos duellos que se amollentam e se desfazem em aguas de bacalhau — contrariou outro; — o melhor é dirimirem isto já, aqui, ao murro.

Os dois protagonistas do acontecimento empallideceram. Pois seriam capazes de os obrigar ali a agatanharem-se?

— Nós não somos moços de fretes para jogar á pancada no meio da rua — protestou com pronuncia mal segura o Dr. Orielaznip.

— Aqui não é rua, estamos no *Martinho* — obtemperou alguém.

— Ainda é peor que a rua — insinuou um da numerosa assistencia.

— A minha educação não me permite uma scena de pugilato — argumentou o Dr. Epaminondas — ambos temos... temos...

— Medo — completa descarovelmente e sem exaggêro um freguez mais atrevido.

Os dois sahiram por entre alas, impávidos na apparencia, mas corridos de susto e de vergonha no íntimo.

— Vão soccar-se lá fora — lembrou um, preparando-se para os seguir.

— Uma aposta que não.

— Uma aposta que sim.

— Quanto?

— Cinco tostões.

Os dois vão-lhe no encalço. Não se cansaram muito. A meio do Rocio o Dr. Epaminondas e o Dr. Orielaznip chegam á fala. Accentua-se primeiro uma certa hesitação, depois conversam em voz baixa.

— E' agora — exclama esfregando as mãos muito contente o que apostara pelo desenlace violento.

— Pois, sim, espera lá por essa — commentou o parceiro com modos triumphantes — passa para cá os cinco tostões.

Com verdade ninguem podia affirmar ao certo o que occorrêra entre os dois cultores da sciencia medica e da prothese dentaria, mas o

que se tornou visível, a Deus e aos homens, é que ambos apertaram effusivamente as mãos e começaram a passear como os dois melhores amigos do mundo, pautando as passadas pelo ondeado do calcetamento da praça e conversando animadamente.

O que perdêra a aposta, furioso, voltou para o café a communicar o successo aos amigos.

— Vens de orelha murcha, tiveste que te esportular com a *carinha*, acho bem feito. Apanha a lição e que te colha — zombou um.

— Que diriam um ao outro?

— Não levaram largo espaço a convencer-se.

— Acreditaram logo nas suas respectivas boas intenções.

— Facilmente se acredita aquillo que se deseja.

— Foi o dentista que persuadiu o outro.

— Ora persuadido estava elle.

— Sempre me ha de lembrar o caso do dentista de Extremoz, absolutamente verdadeiro.

— Para aqui tudo em pratos limpos...

— Em Extremoz davam cabo dos dentes do proximo, pae e filho, duas illustres sumidades no genero. Uma vez um desventurado entregou-se nas mãos do filho. O artista mette-lhe o boticão á queixada e com inexcedivel pericia arranca-lhe dois dentes em vez de um, o doente e outro são. Não se atrapalha com o percalço e, com a êmphase usual, vira-se para o paciente e diz-lhe:

«Lamento não se encontrar aqui um medico habil em operações para admirar a perfeição d'esta.» O pobre diabo não concorda em absoluto com tamanha destreza, que o desapossa de um queixal em excellente estado, e recalcitra: «Pois sim, mas a mim só me doía um dente e o senhor arrancou-me dois.» O dentista, sem se desconcertar, tapa com a mão a bocca ensanguentada do padecente, e recommenda-lhe: «Schiu! Cale-se, homem, olhe que se meu pae o ouve obriga-o a pagar os dois.» O infeliz não mais tugiou nem mugiu.

— Chama-se a isso por cima da queda coice — observou um dos ouvintes no meio do riso geral.

O episodio do *Martinho* cimentara profunda amizade entre os intrépidos contendores. Compennetraram-se que tinham nascido um para o outro. Dois dias depois do sensacional acontecimento, como sóe escrever-se agora, o Dr. Orielaznip convidava para um jantar o seu presado amigo o Dr. Epaminondas. A' sobremesa lançaram-se as bases do futuro partido. O Bento, que servira á mesa, na occasião dos *toasts*, quando o champagne produzira os costumados effeitos, metteu tambem a sua colherada no assumpto, na algarviada de portuguez e gallego, com que exprimia as suas idéas, nem sempre destituidas de senso commum, phenomeno desconhecido dos seus sapientissimos amos:

— Os patrões vão fundar uma especie de associação de politicos, ou que demo de coisa é essa... Mas para que presta isso ?

— Para governar o paiz... para o salvar..., que está a dois passos da sua perda — esclareceu o dentista.

— O patrão conhece aquelle dictado que reza assim : « *Gobierna-te tú bien, y tu gobernarás á los demás* » ?

— Não conheço esse, mas conheço outro semelhante.

— Ora o patrão, que nunca se soube governar a si, não pode governar os outros.

— Silencio, não sejas nescio. O que se torna preciso é que tu nos arranjes partidarios, homens que espalhem as nossas idéas, que façam propaganda das nossas doutrinas, que sejam outros *eus*, um desdobramento de nós proprios. Sabes d'algue[m] n'essas circumstancias ?

E o Dr. Epaminondas para ajudar a memoria do Bento encheu-lhe até a cima, com vinho do Porto, um enorme copo de agua, n'um movimento tanto mais espontaneo e generoso quanto a generosidade não custava nada á sua bolsa.

— Não será muito ? ! — obtemperou o Bento.

E logo despejou de um trago o enorme copo. Os olhos humedeceram-se-lhe e illuminaram-se-lhe de subito. A phisionomia algumas vezes ensombrada desanuviou-se-lhe de subito. Deu um estalo com a lingua, affirmou n'um aceno de

cabeça o interior prazer sensual que o vinho lhe causava, limpou os beiços com as costas da mão, e murmurou :

— Baia ! Topo por ahi com muita gente, mas assim capaz de uma façanha d'essas só se fôr o barbeiro que nos escamava lá na casa de malta e que está agora estabelecido . . .

— Ora, um barbeiro ! — exclamou desapontado o dentista.

O Bento redarguiu immediatamente com a fala um tanto entaramelada :

— Olhe que tem uma cabeça que nem a de uma vitella, d'essas que estão por ahi penduradas ás portas dos talhos e um palavriado que dá engulhos a quaesquer d'esses *doitores* que deixaram uma argola em Coimbra.

A esta indirecta allusão, o Dr. Epaminondas esboçou uma careta e ia para protestar, quando o Bento continuou :

— Lá na reunião da classe d'elles, dos barbeiros, ninguem lhe põe o pé adeante e é um homem cheio de delicadezas. Uma vez a mulher de um sujeito, a casa de quem fôra fazer a barba, offerece-lhe um copo de vinho branco. O *mestre-esfola* responde quasi offendido : « Muito obrigado, não bebo. » A dama queda-se muito admirada e pergunta : « Pois quê ! Não bebe vinho ? ! » O barbeiro, muito compungido, aponta para o fato e para a gravata, e redargue : « Pois não vê, minha senhora, que só posso beber vi-

nho tinto... , estou de luto.» Olhe que muita gente da côrte talvez não soubesse responder assim.

O argumento, e principalmente a evocação da côrte, calou fundo no animo dos dois comensaes. Entreolharam-se e commentaram unisonamente :

— Deve ser um homem superior, ... convém attrahi-lo ao nosso gremio — raciocinou alto o Dr. Orielaznip.

— Lá superior aos outros é. Mais alto e mais esgalgado não existe ninguem. Traz sempre a cabeça nos primeiros andares dos predios. N'uma loja em que elle trabalhou, no *Arte Nova*, no Largo de Canhões, foi necessario levantar o tecto para não incommodar a visinhança que morava em cima, e collocar uma ventoinha electrica para lhe arejar a caixa das idéas, que eram tantas e de tanto lume que ameaçavam rebentar como um petardo — descreveu o Bento cada vez mais palavroso devido ao copazio de vinho do Porto.

Os dois fundadores do novo partido destinado a regenerar e fazer progredir o paiz entreolharam-se, consultaram-se com a vista, por um novo methodo de telepathia com communicacão directa e sem tino de qualidade nenhuma, e ambos cahiram em meditação profunda, o que levou o Bento a alinhar o seguinte raciocinio :

— Está claro que *elle* não *atrepa* só por mim

acima. *Chumbaram-lhe* e agora dá-lhes o somno. É dos livros... e dos antigos.

O Dr. Epaminondas foi o primeiro a acordar do lethargo e no tom mystico de um fakir inspirado, murmurou:

— Quanto mais se medita, mais se pode affirmar que não se sabe absolutamente nada de novo.

O Bento ficou um pouco atrapalhado com a sahida, que não esperava, e resmoneou por entre dentes:

— Espera que o *gajo* não estava tão *encar-spanado* como eu suppunha. O que elle diz é verdade, mas não me cheira que sahisse da cachimonia d'elle.

— Bento! — clamou o Dr. Orielaznip — tu não serias capaz de nos trazeres aqui esse famoso barbeiro?

— Lá ser capaz, sou, sim, senhor, até ás costas, porque, se elle tem o comprimento do pampilho de um campino, não tem mais carne que uma canna da India. Se o patrão quer, abalo agora mesmo em cata d'elle — propoz o moço.

— Pois sim. Trata-o com carinho, porta-te como um diplomata — recommendou o dentista.

— O patrão — recalcitou o creado com mal contido abespinhamento, — quando lhe dá a *zoína* sempre chama cada nome á gente...

— Pateta, em vez de me agradecer, zangas-te — retorquiu o Dr. Orielaznip.

— Talvez tivesse lido ou lhe contassem a celebre phrase de Alphons Karr — obtemperou o Dr. Epaminondas para deslumbrar com a sua erudição o conviva.

— Que phrase? — inquiriu estomagado o dentista.

— O celebre auctor das *Guêpes* parece que não sympatisava com os diplomatas. Escreveu um dia que a diplomacia seria a mais dispensavel das sciencias senão existisse a heraldica — explicou o medico muito ancho.

O Bento não quizera ouvir a explicação, que suppunha, e não sem motivo, que mais lhe embulharia o entendimento e largou a correr em direcção ao *Arte Nova*, pois com certeza ali encontraria alguém que lhe ensinasse onde poderia achar o Messias barbeiral. Pelo caminho adeante monologava:

— Com tempo e com paciencia, a folha da madeira converte-se em seda, que é como quem diz: Com saliva e modos...

E não concluiu o popular adagio, porque esbarrou com um seu patricio a quem não via ha muitos annos, e que, para demonstrar a expansiva alegria que sentia, lhe despediu tão valente palmada nas costas, que o pobre nativo de Porriños parou como se o acomettesse um subito ataque de paralyisia e faltou-lhe a respiração

como se engulisse uma moeda de dez tostões. Quando o amortecimento do choque lhe permittiu falar, soltou um *Han!* egual ao do arrancar da padiola atestada de mobilia, e bradou:

— Má raios te partam! És muito mais bruto que toda a tua familia — e depois de uma pausa, motivada talvez por uns vislumbres de resentimento e de apalpar a parte dolorida das costas, adduziu: — Como passaste?

Trocaram impressões, perguntaram pela gente da terra, e o Ramon, pois assim se chamava o amigo de Bento, acabou por declarar:

— Vou casar-me.

— Tu! E com quem?

— Naturalmente com uma mulher.

— Isso não é razão, alveitar! A minha irman é casada com um homem.

— Não te faças mais tanso do que és. Caso-me com a filha do patrão.

— Com o Barnabé da tenda?

— Não é com elle que me caso, patêgo, é com a filha.

— Bem se vê que só estás habituado a lidar com gente de pé descalço e não com pessoas finas como eu. Conservas-te, estúpido, como eras d'antes. Mas o Barnabé *avesava* o seu vintem.

— *Avesava e avesava.*

— Como arranjaste esse par de botas?

— A rapariga namorava um sargento. Creio que se descuidou, que o militar de tantas trêtas

se serviu, tantas promessas lhe fez... sim, que a pequena não...

— Não se pôde aguentar de pé... escorregou...

— E cahiu... Percebes, não é verdade?

— Percebo.

— O caso principiou a dar de si; a arrecadação da *marrela* mais parecia um tambor... emfim foi obrigada a confessar tudo ao pae.

— Diabo!

— O pae então chamou-me e disse-me estas palavras: «Ramon, tu gostas da minha filha?» Não percebi muito bem a principio o sentido da sua *chelra*, e elle accrescentou: «Que tal te parece a rapariga?» Eu respondi: «Parece-me uma pêra de *lambe-lhe-os-dedos*.» Elle então pergunta-me: «E se eu t'a dêsse para tua mulher?»

— A proposta era para matutar, Ramon.

-- Ah! Bento! vi o ceu aberto! Tinha assim uma especie de nó na garganta, mas dei uma patada no chão, que por tal signal apanhou o joanete do meu futuro sôgro, arranquei a fala do buxo e voltei: «Baia, quero, sim, senhor!» O patrão mastigou um pedaço em sêcco, e desafogou: «Mas olha que a pequena já não está como... devia estar...»

— E tu?...

— Respondi-lhe muito depressa: «Oh! pa-

trão, não faz mal... mesmo que estivesse... era a mesma coisa...

— Respondeste muito bem... não faz mal... mesmo que estivesse... era a mesma coisa... E quando é o casamento?

— N'este domingo já... A cachopa não pode esperar... o filho está á porta... e não pode nascer sem eu ser pãe d'elle... Espero-te lá, hem?!

— Lá iremos, eu e a minha Joaquina, que foi passar uma temporada á terra, mas que estará de volta breve.

E os dois amigos separaram-se depois de apertar as mãos calosas e a escorrer suor, com tão significativa effusão que se entre as duas se encontrasse a pedra mais dura ficaria reduzida a pó.

O Bento quiz resarcir o tempo perdido e estugou o passo em direcção do Largo de Camões. Ahi, lembrando-se dos dias idos, e como o Figaro que esperava que lhe dêsse informações ácêrca do seu collega messianico escanhoava um freguez, deteve-se um bocado a gosar do espectáculo que uma loja de barbeiro — perdão! — um *salon à coiff'er*, proporciona sempre a quem se dispõe a contemplá-lo com bom humor.

Um dos officiaes demorava-se extraordinariamente a barbear um desventurado. Os minutos voavam. O cliente torcia-se na cadeira vendo que perdia o comboio. Para cúmulo da infelici-

dade a lingua do artista era muito mais desembaraçada do que a navalha. Não havia modo de o remetter ao silencio. Por fim, quando o official exgotara todos os meios de obrigar o infeliz a conversar, tentou um ataque á sua vaidade, e disse-lhe :

— O seu cabello começa a tornar-se grisalho.

— Pois meu caro amigo — redargue-lhe o suppliciado, — com a pressa com que o senhor trabalha, quando acabar, está branco de todo.

O Bento, que ainda conservava algumas espinhas de quando fôra creado de um d'aquelles *Salons* riu-se a bom rir.

N'outra cadeira assenta-se um novo freguez e indica que lhe cortem o cabello. Feita a recommendação recosta-se e entrega-se a um somno profundissimo. Terminada a operação o cabelleireiro, furioso de despeito, acorda o freguez, toma um ar de importancia, e declara-lhe :

— Comprehendo que V. Ex.^a esteja muito cansado... A mim succede-me a mesma coisa ao chegar á noite.

— Sim, porquê ?

— V. Ex.^a que é escriptor e jornalista sabe isso muito bem ; não ha nada que canse mais que é o trabalho de cabeça.

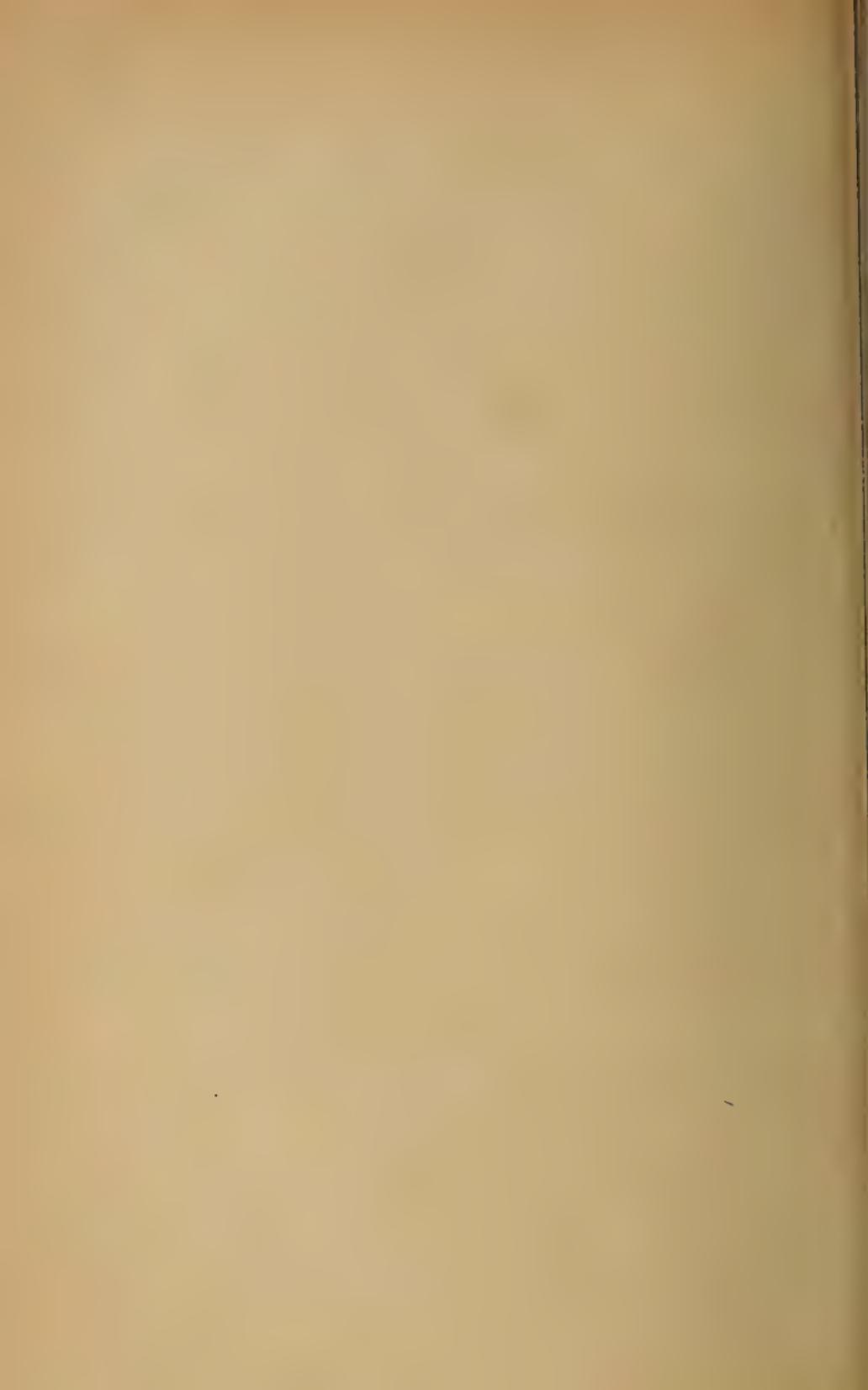
O cliente, concordou ou não, pagou e sahiu.

O Bento ouviu o commentario, reflectiu durante um segundo, e monologou.

— Espera!... Trabalho de cabeça?... Mas

elle só trabalha com as cabeças dos outros... porque com a d'elle... Este diabo é tão intrujão que tambem merece filiar-se no novo partido creado pelo patrão... Vou convidá-lo.

E o Bento preparou-se para a catechese.



III

Assembléa capilar

Propaganda efficaz — Reunião magna — Trecho commovente — Ornamentação singela — « Proto-barbeirato » — Intervenção divina — A barba na Historia — Um imperador gallo — De como a Gallia é a terra dos gallos — A Egreja e as barbas — Modas capilares — Nomes illustres — Um documento celebre — Medida salvadora — Arte e sciencia — Nova direcção geral.

— Baia ! Vocemecê já pensou na salvação da sua terra ? — perguntou abruptamente o Bento ao artista que muito trabalhava com a cabeça... dos outros.

— Na salvação da minha terra ?! — retorquiui o interpellado muito surprehendido — Que vem a ser isso ?

— Lá bem ao certo não sei... nem me importa. Mas o meu patrão quer salvar a terra...

— Qual terra ?

— Safa que vocemecê é muito curioso ! Não me incumbiram de metter o bedelho n'isso. Do que me encarregaram é de chamar gente para fazer esse frete ou coisa que o valha. Com o

resto não tenho nada. Quando se torna necessario arranjar moços para uma mudança vou em busca d'elles. Agora procuro gente para salvar o paiz. Não sei quanto lhe pagam, mas o melhor é ajustar primeiro. Já se sabe com o que cada um póde contar. Cumprido este meu dever, diga-me uma coisa?

— Você está maluco — replica-lhe o artista com azedume; — abriu a bocca á enxurrada e os disparates correm como n'uma levada...

— Eu não levo nada... — redargue enxofrado o Bento — Trate-me bem se quer que lhe pague na mesma moeda. Se me offende...

— Eu não o offendi, homem! — acudiu o barbeiro a neutralizar um gesto ameaçador do gallego — Mas o que é que quer?

— Isso agora são outros termos — affirmou o Bento abrandando o tom. — Quero que faça favor de me dizer onde posso topar com o *xôr* Antonio Salve, que foi empregado d'esta casa e que depois se estabeleceu.

— Móra muito longe, mas ha de cá vir esta noite. Reune-se aqui na loja uma assembléa — explicou o barbeiro.

— Uma quê?... — inquiriu o Bento.

— Juntam-se aqui uma porção de officiaes de barbeiro para discutir uma proposta, que vae ser presente ao Parlamento para melhorar a nossa classe — esplanou o artista.

— Mas vocemecês não são socios de um

clubio ou coisa que o valha... obtemperou o Bento.

— Sômos, mas não nos quizeram emprestar a sala. O nosso patrão foi melhor pessoa. Depois de posta a freguezia na rua, fechamos a porta e discutimos á vontade — esclareceu o official.

— Ai! que pateta! — exclamou com ar compungido o Bento — Pois elle não se lembra que ha menos damno em resvalar com os pés que com a lingua,— e mudando de entonação indagou: Eu não poderia esperar até que o *xôr* Antonio Salve chegasse?

— Póde, sim, senhor — condescendeu o Figaro — não nos *estrova* nada.

Na realidade, perto das onze horas, quando sahiu o ultimo freguez, por tal signal muito mal servido, com metade da barba por fazer e com o bigode queimado pelo ferro de frizar, os empregados fecharam a porta e dispuzeram tudo para a assembléa parcial que breve se ia effectuar. Enfileiraram as cadeiras, collocaram no topo a mesa para a presidencia e secretarios, e breve se encheu o estabelecimento de conspícuos vogaes.

Um d'elles, que cultivava a litteratura no intervallo das escanhoadelas, chama um amigo íntimo de parte, tira da algibeira um papel escripto d'ambos os lados, e convida-o:

— Queres ouvir este final de um dos capitulos do meu romance?

— Lê lá — responde-lhe resignado o collega.

O mestre escama litterato lê, lê por ali fóra e termina: « A condessa agarrou na taça e bebeu-a até o fundo. Depois deixou-se cahir n'uma poltrona, exhalou um suspiro e deixou de existir para toda a vida. »

— Homem, isso até faz chorar as pedras — applaudiu o companheiro dando-lhe um enterrecido abraço com os olhos humidos de commoção.

N'essa época, o dono do estabelecimento em questão não se poupára a despezas para o transformar n'um dos mais luxuosos da capital. Desejou imprimir um cunho novo áquelle templo da arte de mais aformosear o sexo másculo, já de si tão formoso, visto como se denominava *Arte Nova*. Como os bronzes abundavam a enquadrar os espelhos, mandou-os pintar a fingir madeira; os jaspes, pórfiros, os marmores de todas as especies passaram a imitar vulgares estuques; os artezões e florões do tecto, obra dos mais afamados esculptores, pareciam triviaes copias de baratos gessos escolares; os historicos mosaicos do pavimento, transportados do fantasioso Oriente confundiam-se com um pouco limpo e carcomido sobrado.

O aspecto d'essas preciosas pedras arrancára a um freguez philosopho o seguinte profundo pensamento:

— O marmore nem por ser melhor polido é

mais nem menos duro; assim succede com os cortezãos.

Soliloquio que esteve para lhe valer um tabefe de um devotado palaciano presente, que só abandonou o rei D. Manuel ao primeiro tiro da manhan de 4 de outubro de 1910.

Não faltava nenhum dos convidados á magna reunião. Eleito para presidente o snr. Antonio Salve, este escolheu para secretarios dois dos mais abalizados membros da classe, ali tão numerosa e distinctamente representada.

O illustre presidente começou:

— Ex.^{mos} collegas e meus senhores: Se ha uma classe que tenha prestado inestimaveis serviços á Humanidade e a quem a Humanidade pagasse e pague com a mais negra ingratidão, é a nossa. Torna-se necessario que ella se encha do penitente designio de redimir, dentro do possivel, o feio peccado da sua falta de reconhecimento.

— Apoiado! Apoiado! — estrugiu a assembléa.

— Precisamos levantar o nivel da nossa classe, fundar em Portugal uma instituição superior á do *Proto-barbeirato* em Hespanha — continuou o presidente.

O auditorio n'um rumor surdo *cochichou*, imprimindo ao Oceano de cabeças penteadas, perfumadas, empomadadas, lustrosas, crespas, nédias, luzidias um movimento de pendulo:

— Que é o *Proto-barbeirato*?

— Vejo, não com espanto, que a assembléa desconhece o que é o *Proto-barbeirato*. Nem todos podem dispôr da vastidão dos meus conhecimentos. Vou explicar-lhes em que consiste. São umas corporações existentes nas principaes terras do visinho reino, encarregadas de examinar barbeiros e sangradores e passar-lhes os respectivos diplomas. Ai! Como os hespanhoses são previdentes.

— Queremos tambem para nós! Queremos tambem para nós! — clamaram todos ao mesmo tempo.

— Deus, porque eu acredito em Deus — gritou o presidente batendo dois fortes punhados no mirrado arcabouço, — pensando sem duvida, na futura prosperidade da associação dos artistas capilares, dotou a raça humana de barbas e cabello. Foi a raça branca a mais contemplada n'essa distribuição do Creador; na amarella a barba é rara e grossa; nas negras tambem não é abundante, e o Espirito das Trevas, a acreditar na lenda, encarapinhou-a por pirraça. Exceptuam-se d'esta regra os melanesios, que se aproximam n'esse ponto dos europeus.

— Isto não é um homem a falar, parece uma caixa de musica a tocar — raciocinou o Bento com a maxilla inferior quasi distendida, á força de abrir a bôcca.

— Agora se o intelligente e douto auditorio

m'ò permite, lerei um preambulo historico antes de entrar directamente no assumpto.

— Leia! Leia essa tal coisa do somnambulo, ou o que foi que disse. Leia! — concordaram alguns mais broncos ou mais entusiastas.

O snr. Antonio Salve estendeu adeante de si um caderno salpicado de garatujas e esbarrando e tartamudeando de tres em tres palavras, soletrou :

— «Em todas as velhas nações do Oriente tornou-se uso andar de barba comprida. Para os chaldeus, assyrios, paizes hebraicos e antigos sabios da India a barba crescida representava como um symbolo da sabedoria. Hoje os sabios escanhôam-se com todo o rigor, apresentando alguns o rosto tão glabro que até parece que mudaram de sexo. Uma parte dos philosophos gregos, a ajuizar pelas imagens que chegaram até nós, tambem suppunham que quanto mais barba mais sciencia. Que estulto engano!

— Não é engano, não senhor. Quem usa a barba toda, ou faz a barba á machina, não sabe nada, de coisa nenhuma, ha de ser, é, por força, bruto — berraram os mais intransigentes.

— «Foi Alexandre — proseguiu o conferente — com o seu incomparavel genio, um dos primeiros que comprehendeu a necessidade da existencia dos artistas capilares. N'essa conformidade ordenou aos seus soldados que cortassem a barba. Todo o receio do principe macedonio

é que os inimigos poupassem o trabalho aos barbeiros, arrancando-lh'as. Os artistas capilares gosaram de grande prosperidade na Grecia até o reinado de Justiniano, que a Historia não regista como boa pessoa, época em que a barba comprida tornou a ser moda e que durou até a tomada de Constantinopla, em 1453. Os persas gostavam do bigode, mas rapavam o queixo.

— E' um homem de intelligencia superior — commentou um dos ouvintes com inflexão petulante.

— Poucos lhe porão o pé adeante — conceituou o visinho mais terra a terra, mas com accento não menos affectado.

O Bento que ouvira estes apartes, monologou:

— Bem dizia o abbade da minha freguezia, pae de meus irmãos: « Os homens de intelligencia superior conhecem-se principalmente pela facilidade com que acreditam nas asneiras que lhes impingem. »

O *xôr* Antonio Salve novamente soletrou:

— « Se Varrão toi um historiador consciencioso, as primeiras barbas entre os romanos foram feitas no anno de 369, quando se fundou Roma. Os primeiros barbeiros partiram da Sicilia para a patria de Romulo em 454. Eram escravos e exerciam a sua profissão na via publica. A primeira vez que um mancebo romano se entregava nas mãos de um artista capilar, era dia de gaudio. Tamanha consideração

dedicava o imperador Agrippa á illustre classe dos barbeiros que concedeu ao povo o barbear-se de graça durante um anno. O que não reza a chronica é se elle pagou as barbas do seu bolsinho...

— Fôra com o *gallo!* Fôra com o *gallo!*¹ Então não querem lá ver o *borlista!*

A assembléa toda se convulsionou n'um paroxismo de furôr quando soube que existira alguém capaz de attentar contra os seus legitimos interesses. Só adquiriu tranquillidade á custa de muitos e prolongados esforços para permittir que o presidente dêsse continuação á sua erudita leitura :

— « Typochronos, dono do unico *salon à coiffer* de Roma, ficou celebre nos annaes da familia imperial Antonina. Os turcos mostraram-se sempre remissos á escanhoadela; consideram ainda hoje a perda da barba como um signal de escravidão e servilismo. O terrivel czar Pedro, o *Grande*, esteve por um triz para perder o throno por ter querido obrigar os russos, seus vassallos, a sujeitarem-se aos perigos da navalha...

— Aos perigos?!... Veja lá como fala... As nossas navalhas nunca são perigosas. São sempre desinfectadas. Esse é que se pôde conside-

¹ Em calão de barbeiro *gallo* é o freguez que não dá gorgeta a quem o serve.

rar um rei liberal... obrigar os vassallos a fazerem a barba... Assim mesmo é que é... Viva esse tal rei ou *achar*, ou como lhe chamam — bradou um dos ouvintes levantando-se e gesticulando como um possosso.

— Ordem! Ordem! — protestaram alguns. Deixem ouvir o resto.

— «Na Gallia houve o demonio por causa das barbas...

— Pois está de vêr! A Gallia é a terra dos *gallos*. Foi ahi que se habituaram a não dar gorgeta aos barbeiros e de lá passaram para cá. Essa terra não devia existir — interrompeu um circumstante esturrado.

— «A principio, até Clodoveu, os francos só usaram bigode — proseguiu o leitor. — Depois voltaram ao regimen das barbaças. O vencedor de Tolbiac expediu uma embaixada ao rei Alarico para lhe solicitar que fosse cofiar-lhe a barba em demonstração de alliança. O malcreado do rei dos wisigodos em vez de aceder agarrou nas barbas dos embaixadores e puxou por ellas como se puxa pela corda de um sino para tocar a rebate. D'este insólito attentado originou-se uma guerra em que muito se distinguiram alguns artistas capilares...

— Pois pudera, os nossos collegas de então não acudirem! Se arrancassem todos os pêllos das barbas o que havia de ser d'elles — tornou a interromper outro incorrigivel.

— Assim nunca concluo — declarou o conferente.

— Também me parece, para mal de todos nós — epilogou o Bento.

— Conclua, conclua — exigiu a maioria da assembléa.

— « No seculo VI — disse o senhor Antonio Salve — em França e n'outras côrtes foi posto em moda a barba em bico e as suissas. Durou isto até o seculo VIII, que os palacianos voltaram á primitiva. Carlos Magno, que sabia o que era estar de bem com a valiosa corporação dos artistas capilares, supprimiu a barba e deixou dois compridos bigodes, uso que desapareceu no seculo X.

— Sempre tem havido cada maduro! — exclamou o Bento.

— « A Egreja — proseguiu o leitor — também se tem pronunciado ora a favôr ora contra os barbeiros. O papa Leão III, eleito em 795, foi o primeiro que se submetteu á escanhoodela...

— Santo papa! — explodiu um interesseiro.

— « O clero do Occidente navegou no mesmo rumo. Phocio zangou-se com a innovação e separou-se do seu seio. Seguiu-se uma série de mutações. O pontifice João II, no século X, optou pela barba; Gregorio VIII barbeou-se no século immediato. Até o século XVI os diversos concilios ora condemnavam as barbas ora as consentiam. Em 1527, após a pilhagem de Roma pelos

hespanhoes, Clemente VII não tornou a pôr a navalha na cara, em signal de luto...

— Forte urso! — clamaram de diversos lados.

— Os ecclesiasticos dispunham-se a imitá-lo, mas Francisco I, amicissimo do seu barbeiro, obteve do pontifice um breve que condemnava a pagar um tributo quem não se deixasse barbear. Porfim, no decorrer do seculo XVII, época aurea dos artistas capilares, clero, nobreza e povo, tudo rapava os queixos.

— E em Portugal? Não se fala de Portugal? — bradou um patriota.

— «Entre nós, se as chronicas não pregam péttas, o primeiro portuguez que se barbeou foi o rei D. Fernando...

— Por isso o cognominaram o *Formoso* — observou alguém lido em Historia

— «Emfim, recapitulando — orou o presidente, — a barba como todas as coisas d'esta vida, tem passado por alternativas. No seculo XII só os camponezes e os romeiros a deixavam crescer. Em França, Philippe de Valois não queria pèllos na cara. Mais tarde Francisco I queimou o mento e para esconder a cicatriz deixou crescer a barba. Henrique III adorava o bigode e mosca; Henrique IV sympatizava com a barba apartada ao meio. Carlos I de Inglaterra aboliu a barba. Luiz XIII, de França, favoreceu o queixo rapado com excepção de uma *pera*, a que cha-

mavam *real*, e o bigode ouriçado. Luiz XIV só admittia a mosca...

— Que trapalhada! — monologou o Bento — para que se estará elle a cansar e a cansar-nos a nós?...

— «No reinado de Luiz XV os velhos tentaram polvilhar a barba; não pegou; o rosto continuou a andar liso como as nadeugas de um menino. No tempo de Luiz XVI e da Republica a navalha campeou soberana. Só o imperio permittiu o bigode aos militares, no que o imitou a Restauração concedendo por especial favor aos porta-machados, o emprego da barba.

— Viva a republica! — berrou um de idéas democraticas.

— Ó diabo! — recommendou outro do lado — não offendas a monarchia, olha que tambem lhe devemos favores.

— «Até ha pouco — proseguiu o snr. Antonio Salve, — existiam classes onde predominava a cara rapada. Como por exemplo na marinha ingleza, magistrados e notarios em França, e os actores, padres, cocheiros e creados em quasi todos os paizes. Recordam-se da revolução que o *kaiser* determinou nos bigodes?

O conferente calou-se, deitou agua num copo, n'esse gesto pedagogico e por vezes pedante dos oradores, e logo discursou ainda mais morosamente que até ahí:

— Seria injusto concluir este exordio sem ci-

tar alguns dos nossos collegas barbeiros que legaram o seu nome á posteridade.

— Oh! com a fortuna! vociferou um letrado do auditorio — *posterioridade*, deve ser a idade do posterior. Que demonio terá que vêr isso com o assumpto?

— «Um dos de mais nomeada — continuou o conferente — foi Dominico de Giovanni, alcunhado o *Burchiello*. Nasceu em Florença em 1403 e finou-se em Roma, em 1448. Posto na rua por ter exigido o descanso dominical, levou uma vida desregrada e miseravel. Os seus sonetos burlescos, as suas jovialidades pinturescas, productos espontaneos da musa popular e que se tornaram o typo em Italia do genero chamado *burchiellesco*, fruiram longa voga.

— E dos nossos, não cita nenhum? — esganiçou-se um dos ouvintes, como se se espremesse n'uma violenta contracção.

— «Honramo-nos com Domingos dos Reis Quita, que nasceu em Lisboa e morreu com quarenta e dois annos, depois de escanhoar tantos freguezes como de escrever poesias — explicou o presidente. — Almeida Garrett qualificou-o de nosso primeiro bucolico. De dia alindava os peraltas, á noite acotovelava-se na Arcadia Ulysipolense com Garção, Antonio Diniz e com o fidalgo desembargador Esteves Negrão. Foi um bom cheio de talento e de infortunio. Deixou odes, clogios, sonetos, e quatro tragedias de me-

recimento, *Ignez de Castro*, *Astarto*, *Megara* e *Hermione* e um drama pastoril, *Lycoris*, a sua obra prima. Morreu pobre, sem admiradores nem freguezes. Valeu-lhe nos ultimos dias da sua atribulada existencia D. Thereza de Aboim...

— Ha de se lhe construir um monumento — protestou um cultor das musas; — levantou-se um a Camões, ha de levantar-se outro a elle.

— «Modernamente — proseguiu o orador — houve o poeta Antonio Viegas, collaborador do *Pimpão* com o pseudonymo de «Anton Vigas». A geração actual não o leu, mas os que contam meio seculo, neja que seja eu — sublinhou o conferente, — lembram-se com certeza das suas espirosas gazetilhas, feitas entre um côrte de cabello á escovinha e uma frizadella de bigode. Poderia falar até a consumação dos seculos sobre os illustres ornamentos da nossa classe desde os tempos mais remotos até hoje, nacionaes e estrangeiros, taes como Jacques Boé, o *Jasmim*, hospede do rei Luiz Philippe, auctor de apre-goados poemas, e milhares de outros. E não evidencio aqui, com receio de offender a sua modestia, o Dr. P..., crítico da escola de Saint Beuve, entusiasta da profissão de Thalma, partidario de rígidos principios e rival dos velhos cidadãos espartanos.»

— Este diabo não ata nem desata — resmungou o Bento principiando a impacientar-se; —

o patrão e o seu amigo devem a esta hora estar furiosos.

— Meus senhores e collegas, — declarou o presidente, d'esta vez falando e não lendo, mas sempre tartamudeando — venho submeter á vossa apreciação a seguinte circular que a Associação dos lojistas de barbeiro tenciona enviar á Associação dos officiaes do mesmo officio, e que é do theor seguinte:

— Socego! Ordem! Deixem ouvir! — recomendavam os mais serenos aos mais tagarelas.

O presidente leu:

— « Illustre cidadão presidente da Associação da classe dos officiaes de barbeiro lisbonenses. — Deseja a Associação da classe dos lojistas, barbeiros e cabelleireiros de Lisboa, preparar um futuro de illustração para a nossa classe e acabar com a drenagem constante de individuos da provincia que não são aprendizes, — quanto mais officiaes! — e que se prestam por preços e condições deprimentes para todos nós, e ainda acabar com estranhos á classe que se estabelecem, e tambem exercer o officio ou industria de barbeiro; ¹ por isso a nossa commissão de melhoramentos propoz e foi approvedo

¹ N'este documento não augmentamos nem tiramos uma virgula. Assim foi publicado no *Diario de Noticias* de 3 de abril de 1912.

pedir ao Estado, o ser creada uma escola ou cadeira junto á Escola de enfermeiros dos hospitaes civis afim de habilitar os futuros barbeiros, principalmente nas cidades principaes de Lisboa e Porto. Ainda muito particularmente terminar com o lemma de ignorantes, no que respeita a serem os barbeiros os propagadores de moestias contagiosas adquiridas no momento da operação do cóрте do cabello e barba.

— Apoiado! Apoiado! Nós não propagamos nada — gritou alguém.

— Propagamos, sim, senhor — reagiu outro, — propagamos a luz, a instrucção, os boatos...

E o Bento accrescentou de si para si, baixinho:

— A má lingua e algum *arroz com pernas...*, que fica com os cabellos cortados nas toalhas.

— «Depende do estudo das nossas associações — proseguiu o sr. Antonio Salve — procurando resolver este estado de coisas e terminando com a causa que o motiva. Esta associação de classe no empenho de attender no todo este «desideratum» convida a vossa commissão de melhoramentos a dar o seu parecer. Aguardamos a vossa resposta e d'ella dependerá o vosso futuro e o nosso. A contar da presente data, limitamos um praso de vinte dias para o vosso conceituado estudo, para nós podermos no proximo periodo parlamentar tratar do exposto. Junto vão as

propostas approvadas; por ellas vereis qual a sua importancia e razão de se resolver o mais depressa possível.

— Os grandes palradores, como eu ouvi prégar uma vez n'um sermão — raciocinou o Bento — são como os copos vazios, fazem sempre muito mais barulho que os que estão cheios. Este diabo não tem senão *palanfrorio*; ha de dar um politico de *estalo*.

— « As bases do projecto a que se refere este officio são as seguintes — explanou o presidente: 1.º Que sejam creadas, a expensas do Estado, escolas de praticantes a barbeiro nas cidades de Lisboa e Porto, ou onde as possa haver. 2.º Que estas escolas sejam simplesmente como as de enfermeiros; que habilitem os nossos profissionaes com conhecimentos de hygiene e prophylaxia ou o que julgue conveniente para o bom desempenho da industria d'esta classe.

— Muito bem! Muito bem! — clamou o auditorio.

— O que eu não sei — segredou um ingenuo para o visinho — é o que significa a tal *filaxia* ou *filauca*, ou que diabo elle citou.

— Tambem eu não — respondeu o interpellado, — mas finge a gente que percebe como todos os outros estão fingindo.

O snr. Antonio Salve continuou:

— «3.º Que só tenha ingresso n'estas escolas os que pelo menos tiverem os exames de ins-

trucção primaria, ou outros que aconselhem os professores destinados a esta especialidade de ensino. 4.º Que assim preparados e terminado o seu exame, possam separados ou conjuntamente habilitar-se no officio de barbeiro «sua aprendizagem». 5.º Terminando o alumno o seu pequeno curso e apresentando o seu diploma da escola de praticantes a barbeiro, seja submettido a um exame da profissão que propõe exercer nas associações de classe dos lojistas ou officiaes de Lisboa ou Porto ou onde os houver. § unico. O exame de que trata o art. 5.º dá ao alumno o grau de diplomado pelas associações de classe.

— Que deve ser pelo menos egual ao de bacharel da universidade de Coimbra — exigiu com a maior modestia um interessado.

— Está de vêr — assentiu o presidente, e logo proseguiu :

— «6.º Que aos barbeiros diplomados lhes seja facultado nas terras onde não *hajam* medicos, ou em caso urgente poder exercer ou prestar soccorros a enfermos pela mesma fôrma que é facultada aos enfermeiros dos officiaes civis.

— E que as boticas aviem as nossas receitas — reclamou outro batendo um forte punhado na cadeira em frente.

— «7.º Aos lojistas da cidade de Lisboa e Porto não lhes será permittido terem ao seu serviço officiaes sem diploma. § unico. As associa-

ções, quer de officiaes ou lojistas, não podem passar diplomas sem que o alumno apresente o diploma passado nas escolas de praticantes a barbeiro.

— E nós? Tambem temos que fazer exame?
— *repontou* um.

— Não — retorquiu outro com a maior seriedade, — quando não seria tal a inundação de *rapozas* que a Camara Municipal teria que pagar a quem as matasse, como succedia antigamente com os lobos.

— «8.º Os que actualmente — socegou o snr. Antonio Salve — tiverem mais de cinco annos de exercicio n'esta industria e residencia nas capitães (cidades de Lisboa e Porto), as associações de classe passarão...

— E' um passaro muito grande — interrompeu pouco delicadamente um garoto.

— «...diploma — continuou o do projecto de lei, lançando um olhar terrivel sobre o interruptor — simplesmente de livre exercicio de industria. § unico. Aos não profissionaes não lhes é permittido esta industria, salvo se o seu estabelecimento fôr dirigido por official diplomado.

— Está claro. Não queremos ter por patrão ahí qualquer alphabeto — observou alguem.

— «9.º As associações de classe — discursou o illustre orador, — de accordo com o Estado (Lisboa e Porto) constituirão quatro brigadas de enfermeiros devidamente diplomados, que pres-

tarão serviços nos hospitaes civis, em casos de epidemia. § unico. Os serviços prestados pelas brigadas de enfermeiros auxiliares podem ser gratuitos ou remunerados.

— Nós queremos lá isso?! — berrou um ouvinte com muito amor á pelle — Nem pagando quanto mais de *borla*. Nada, nós cá somos para aformosear a Humanidade e não para lhe tratar das doenças. Lá para barbas, cabellos, dentes e sangrias cá estamos,... para o resto não contem commigo.

— Ora, adeus! Põe-se aquillo ali para enfeitar. E' como o ultimo arrebique n'um penteado — explicou outro mais moderado.

O snr. Antonio Salve leu de um fôlego o final:

— «10.º A todos os barbeiros que as suas associações de classe passem diploma de livre exercicio de industria lhes seja facultada a frequencia na escola de praticantes a barbeiro. § unico. O diploma que trata d'este artigo é preceituado pelo artigo 8.º 11.º Cumpre á associação de classe o fazer cumprir esta lei e a sua complementar divulgação e aperfeiçoamento. § unico. A sua approvação pelo Estado é de immediata execução, e a data de que trata o artigo 8.º é de contagem dos annos anteriores áquelle em que fôr approvado este projecto. Lisboa, 2 de abril de 19... O socio n.º 27:547, Antonio Salve.»

— Proponho um additamento — suggeriu um dos ouvintes.

— Qual? — perguntou o presidente.

— Que seja creado o logar de director geral de instrucção capillar com o ordenado annual de seis contos de reis — retorquiu o proponente.

— Approvado, approvado! — respondeu de voz em grita a assembléa n'uma balburdia estupenda.

O Bento aproximou-se do snr. Antonio Salve, fez-lhe o convite para ir a casa do dentista e explicou-lhe o motivo para quê. O futuro director geral da instrucção capillar accedeu immediatamente.

— Isto é que vae ser um partido de mão cheia fundado por um medico de má morte, um dentista de boa vida e um barbeiro de olho aberto!

IV

Na modista

Em busca de damas — Velho conhecimento — O amor é cego — Pelo buraco da fechadura — Modista condescendente — Ciúme — Conversa íntima — O perigo de um duetto de amor — Solução engenhosa — Um retrato fiel — Pergunta indiscreta — Esquecimento orgulhoso — Castigo de um pateta.

— Muito obrigado, meu caro Bento, pelo interesse que tens tomado na criação e organização do partido *carneirista* — agradecia o Dr. Orielaznip ao seu creado, quasi abraçando-o no meio do seu effusivo contentamento.

— Mas porque é que o tal partido se chama *camarista* ou lá o que é? — perguntou o gallego.

— *Carneirista, carneirista* é que é. Os seus fundadores determinaram qualificá-lo assim porque todos os seus filiados seguirão os chefes como os carneiros o pastor — explicou o prosélyto da sciencia odontalgica.

— Já lá o apregoava o meu patricio Arolas: « As palavras do homem indicam o talento que

tem e a cultura da sua alma, mas só as acções demonstram o seu nascimento, » — recitou o Bento como quem repete um recado muito recomendado.

— Vamos ao que importa — continuou o Dr. Orielaznip — o partido *carneirista* navega de vento em pôpa; para que elle adquira todas as condições de viabilidade só lhe falta uma coisa...

— Que coisa? *Massa*?! — inquiriu o Bento.

— Não, pateta, mulheres — redarguiu o dentista.

— O' patrão, chama *coisa* ás mulheres, agora que ellas trabalham para arranjar mais alguma coisa do que a coisa... Se o sabem, fica com eternas inimigas...

— Isto é só em conversa comtigo — apressou-se a informar o da prothese dentaria. — Tu, que nos trouxeste um dos esteios mais fortes e prestimosos do partido, o snr. Antonio Salve, podias auxiliar-nos ainda mais, conseguindo que algumas se tornassem nossas correligionarias, agora que ha tantas feministas.

— Onde hei de ir buscá-las? — interrogou o Bento.

— Não és casado? — inquiriu o dentista.

— E' como se o fosse — redarguiu o gallego, — a minha Joaquina vale mais para mim que se o padre nos prendesse com a estola. É verdade, e já chegou da terra...

— Onde está?

— A servir em casa de uma modista.

— Magnifico; não podia estar melhor collocada.

O Dr. Orielaznip puxou o creado para si e com a voz de sereia que era um dos seus predicados, o que tornou o Bento desconfiado durante alguns segundos, para logo socegar, principia-ram a conversar largamente.

— Pois vae fazer-se-lhe todas as diligencias — assegurou o moço ao cabo de meia hora de íntimo colloquio.

E encaminhou-se apressadamente para o Largo da Trindade, para um dos predios apa-çados dos muitos que ali existem. Residia en-tão ahi uma das modistas mais em voga em Lisboa. Subiu a escada com a presteza de quem a conhecia a pollegadas e bateu com a maior confiança á porta da cozinha. Abriram-lh'a, não sem primeiro examinar o visitante através das grades da cancella e ouviu-se a seguir a voz repenicadamente cantante de uma alfacinha, ex- clamar :

— Olha, é o meu Bento!

O gallego entrou e recebeu um abraço muito apertado que a custo lhe deixou proferir a se- guinte pergunta :

— Então como vae essa *áquella*?

— Importas-te muito commigo?! Desde o meu dia de passeio que não voltaste cá. Póde a gente morrer e ser enterrado que ninguem dá por tal.

Quando o creado do dentista começava a desculpar-se entrou a creada de fóra e á queimadura, diz-lhe :

— Chegou muito a horas, senhor Bento. Faz-me um favor, empresta-me seis tostões?

— Seis, não — respondeu o gallego com o maior desplante, — empresto-lhe metade e assim perdemos três cada um.

Todos se riram e o Bento lá se foi esportulando com o dinheiro, contando já que algum lucro havia de tirar da *encostadela*.

— É uma afflicção! — pretextou a moçoila.

— É uma afflicção, é — repetiu o Bento, em tom ironico; — vocemecê é levadinha da breca, faz-me lembrar a partida que se conta de uma igual a si.

— Que partida é? Conte lá — solicitou a visada sem se dar por offendida.

— Uma creada de um hotel fazia andar a cabeça á roda a todos os hospedes — principiou o gallego.

— Que doida! — commentaram as duas servas.

— Um d'elles, mais atrevido ou mais pratico, chamou-a ao quarto. Era ainda no tempo das libras. Poz uma n'um olho á laia de monóculo e convidou-a a fechar a porta á chave. Então a ladina encarou-a com ar bréjeiro e insinuou-lhe: «O senhor nunca ouviu dizer que o amor é cego dos dois olhos?» O hospede percebeu sem

difficuldade a allusão, puxou d'outra libra e fechou com ella o olho destapado.

— Que descarada! E depois? — inquiriu a do emprestimo.

— Depois?!... Não sei mais nada. Não gosto de me intrometter na vida alheia.

— Queres um *petisquinho*? — perguntou a Joaquina com accento enternecido para o consorte — Está ali no armario um bife do puxadouro para o lanche da patrôa, mas come-lo tu e eu participo-lhe que foi o *Tareco*, o gato, que o comeu. Mal empregado n'aquella delambida. Antes em ti. Olha que t'ó faço mais tenro que uma trouxa de ovos.

— Não, não quero. Almocei ha pouco *meia desfeita*, que não se compara a nenhum manjar do mundo — recusou o Bento. — O que eu queria...

— *Pranta* para ahi com o que queres, que nós, as duas, tudo te faremos, que não somos de exquisitices — declarou a Joaquina com os olhos humidos de carinhosas promessas.

O Bento attrahiu as duas creadas a si e com a maior semceremonia assentou cada uma em seu joelho e segredou, segredou, durante mais de vinte minutos. Quando acabou o que tinha a dizer, commentou:

— E se a patrôa entrasse agora e surprehendesse as duas aqui, n'esta posição?

— Ora muito peor temos nós visto e nunca

nos queixamos — obtemperou a Joaquina. — *Pra-tinhos*, que se dessemos com a lingua nos dentes bastantes gulosos apeterceriam, e que pro-variam que em casa de algumas modistas se fazem outras obras sem ser vestidos nem chapéos.

— Então que mais fazem? — interrogou o Bento com a esperança de descobrir qualquer novo meio para ajudar o patrão na sua catechese politica.

— Scenas que não te podemos contar agora assim, aqui defronte uma da outra — explicou Joaquina — Quando estivermos sósinhos, nós os dois, eu t'as esmiiçarei.

— Ora! — exclamou o Bento, conhecendo instinctivamente a psychologia e a physiologia da tagarellice feminina — tambem vocês para exaggerar tudo não se ensaiam nada, em lhes dando para malsinarem as outras mulheres vae tudo razo, nem um terramoto lhes ganha.

— Ah! Sim! Nós exaggeramos? Vem cá!

E a senhora Joaquina pegou n'um braço do Bento, arrastou-o á fina força para um quarto completamente ás escuras e empurrou-o para junto de uma porta.

— Para onde me levas, mulher? — perguntou baixinho o gallego.

— Espreita ahi por esse buraco da fechadura, abre bem os olhos e escancara os ouvidos o mais que possas. Depois nos dirás se exaggeramos,

se malsinamos as outras, se somos algum terramoto — murmurava a senhora Joaquina, ás golfadas.

Exercia tal pressão na cabeça do moço, para que a vista ficasse á altura conveniente de observar o occorrido no outro quarto, que ao gallego lhe parecia que em cima do cachaço, sem *chinguço*, pesava uma padiola com um prédio em cima.

— Xáe-te, demo! — resmoneou, furtando-se ao duro aperto.

O Bento olhou. Na sua frente, luxuosamente mobilado, deparou-se-lhe um dos gabinetes das provas, o preferido pela modista. Conduzia para ali as freguezas e amigas mais íntimas. As paredes forradas de altos espelhos reflectiam os divans, os sofás, as cadeiras esguias e elegantes, as mesas delicadas, emfim dir-se-hia mais um ninho de amor, que um homem de gosto requintado mandasse preparar para a amante estremecida, que um toucador para provar saias, corpetes e outros artigos de vestuario feminino.

— Baia! que isto é de arromba! — exclamou em surdina o Bento — O consultorio do meu patrão é uma pocilga á vista d'esta mansão de fadas. Quantas mulheres bonitas se hão de ter mirado n'estes espelhos!... e quantas feias!...

N'este momento a modista, M.^{me} Flatterie, ajustava uma linda « blouse » ao busto da sua cliente. Esvelta, de curvas artisticamente conju-

gadas, com o seio túmido, de pelle leitosa e carminada ao de leve, rescendendo um aroma capitoso, o Bento, não obstante o rude prosaismo da sua índole de carrejão, começava a sentir esvaímentos de cabeça e uma ineffável sensação de gôso.

— A cachopa é bôa como uma tigela de migas! Muito melhor que a francesa que não tem senão a pelle em cima do osso. Que conversarão ellas? Falam tão baixo! — murmurou o gallego applicando o ouvido.

— Ainda não veio? — inquiriu a fregueza.

— Ainda não — retorquiu a modista. — Logo que venha previnem-me.

Apenas pronunciara estas palavras alguém, discretamente, batera com os nós dos dedos n'uma das portas do toucador.

— Entre.

Um ladino e buliçoso rosto de costureira assomou por metade na porta entreaberta e, com um sorrisinho travesso, participou:

— Já chegou a empregada com a caixa dos bordados.

— Elle! — balbuciou a cliente.

— Mandé entrar pelo corredor — ordenou a dona da casa.

O rosto ladino e buliçoso sumiu-se, essa porta cerrou-se para, sem demora, se abrir outra quasi defronte. O reposteiro oscilou um pouco e quando o Bento suppunha que por ali entraria

uma das muitas empregadas da casa, desenhou-se, emmoldurado pelo tecido, como nos retratos a óleo de corpo inteiro, o perfil de um janota, de phisionomia inexpressiva e baça como o vidro de um restaurante nas noites humidas de inverno, de bigode arqueado á guisa de unhas de anzol e ademanes preciosos, copia em ridicula miniatura dos gestos peraltas d'outra época.

— Que felicidade a minha! — titubeou o recémchegado com a preocupação bem patente de rebuscar a frase — Parece-me que entro no paraíso!

— Com a Eva vestida á ultima moda de Paris — retorquiu a proprietaria do estabelecimento, que aproveitou o ensejo para valorizar os seus meritos.

— Porque se demorou tanto! — censurou a fregueza estendendo a mão á masculina visita.

— Ah! se soubesse!... Já lhe conto tudo!... — desculpou-se o Adonis que, como o seu similar de Biblos, repartia a existencia entre diferentes Venus e diversas Proserpinas — mas não seja ciumenta. Lembre-se que a mulher ou o homem ciumento se occupam constantemente em descobrir um segredo cuja descoberta destroe a sua ventura.

Madame Flatterie puxara o pé atrás, inclinara-se n'uma mesura palaciana e desaparecera mais que circumspectamente.

— Ha muitas qualidades de ciume — retor-

quiu a dama com uma certa ironia, — o mais raro é o do coração.

— E o teu, meu querido anjo, de que especie é? — inquiriu o recém-vindo obrigando docemente a joven a assentar-se n'um divan e impedindo que acolchetasse a blusa, cuja prova a sua inesperada apparição impedira de acabar.

— Sabes que ha occasiões em que o amor dos ciumentos se parece ao odio? — replicou a dama effusivamente, e permittindo, sem nenhuma especie de protesto, que o peralvilho lhe cobrisse as mãos de beijos.

— O ciumento é uma creança com mãos cruéis — observou o Roméo de sobrecasaca, continuando a beijar a sua Julieta, mas agora nos labios.

— O ciume é tão necessario ao amor como a mostarda ao fastio — ciciou a dama com langor, reclinando-se nervosa sobre o espaldar.

— O ciume — obtemperou o janota entrecortando um pouco as palavras — é a mais subida exaltação do egoismo. O ciumento não ama; avassala, subjuga; é tyranno e verdugo.

— Pois sê o meu verdugo — convidou a rendida senhora n'um suspiro e abrindo os braços.

E principiaram a falar tão baixinho, n'um murmurio tão suave e brando, que não é mais suave e brando o deslizar de um arroyo pela areia molle, a ponto do Bento commentar:

— Agora não ouço nada do que dizem, nem vejo nada do que fazem. Também para conversarem em coisas que a gente lê nos livros, como essa tal *aquella* dos ciumes, não vale a pena escutar. Como não vale a pena ter ciumes... Para quê?! O contrario é que dá lucro...

Decorreram dez minutos sem que o Bento tornasse a perceber mais nenhum som articulado. Ia desistir da vigia quando a conversa entre os dois pombinhos continuou:

— Como é bom amar e ser amada!... — balbuciou a dama, e depois em tom ainda mais do-lente perguntou: — juras amar-me sempre?

— Alguma lhe prepara ella... — monologou o gallego.

— Sempre — retorquiu com accento desfallecido o interpellado, — estou prompto a todos os sacrificios possiveis por tua causa, a todos, até o da própria vida.

— Não, não, — accentuou a joven com inflexão de progressiva denguiçe — a tua vida pertence-me; não quero que a arrisques seja pelo que fôr. Sem ella o que havia de ser de mim?!...

— Pede-me, pede-me tudo sem rebuço. Queria provar-te até que auge sobe o meu affecto, a minha loucura, o meu delirio — declarou o apaixonado.

O Bento ouviu o som ciciantemente arrastado de mais beijos, e em seguida ella com uma ligeira tremura na voz, proseguiu:

— Sabes que meu marido atravessa uma grave crise.

— Crise de quê, meu doce bem? — replicou o galanteador na fala do qual se divisava mal contida anciedade.

— Ora de que ha de ser?... De dinheiro... Sempre esse prosaico dinheiro! — explicou a desinteressada amante.

— Conta commigo. Podes contar commigo. Estou sempre ás tuas ordens. Tenho o maior prazer em prestar qualquer serviço a teu marido. Devo-lhe até essa compensação. Podes crê-lo. E precisa de muito?

Estas phrases eram proferidas atabalhoadamente, como para se aturdir, como para occultar a angustia que lhe apertava a garganta.

— Muito, muito, não! Por agora, para o salvar d'este aperto, bastam seiscentos mil reis — esplanou a joven com a mais calma naturalidade.

— Seiscentos mil reis! — rugiu n'um grito vindo directamente da alma o atrapalhadissimo D. Juan, e logo gaguejou fazendo das fraquezas forças, n'uma bravata mal declamada: — Seiscentos mil reis! E' uma bagatela, uma ninharia, uma insignificancia...

— Muito obrigada pelas tuas palavras. Não esperava menos de ti. És rico, segundo me tens dito. Pouca differença te pode fazer essa insignificancia como lhe chamaste ha pouco — agradeceu a dama com inexoravel serenidade.

— Como é que eu te poderei entregar essa quantia? Teu marido, que desconfia um pouco das nossas relações, com certeza não m'a pedirá emprestada, e tu não tens maneira plausível de apparecer em casa com tal somma. Ninguem acreditará n'um empréstimo tão quantioso feito por qualquer das tuas amigas — objectou o Lovelace agarrando-se a este argumento como um gato a uma posta de peixe que lhe pretendem arrancar da bôcca.

— Pensei no caso e creio que encontrei uma solução — expoz a juvenil mulher perdendo o inflexo meigo de amante para adquirir a entoação sêcca de um agente de negocios.

— Qual é essa solução? — interrogou o infeliz com uma real agonia.

— Eu relato em casa, naturalmente, que comprei um vigesimo da loteria, mas não digo o numero — esmiuçou a dama. — Esperamos que ande a roda, tu informas-te onde sahiu a sorte grande, corres ao cambista, compras um vigesimo premiado pelos seiscentos mil reis e mais alguns tostões, entréga-mo-lo, eu levo-o para casa e será meu marido quem o irá rebater. Assim nunca desconfiará da verdade.

O desditoso, ao ouvir esta satânica lembrança, sentiu no estomago a mesma impressão que um forçado novato recebe quando pela primeira vez apanha a marrada de um touro no baixo ventre.

Paralysou-se-lhe a lingua durante alguns segundos.

— O que as saias não inventam, não inventa o diabo! — resmoneou o Bento fungando n'uma gargalhada mal reprimida. — Já o tramou. O gajo tem que *prantar* para ali os seiscentos mil reis. Custou-lhe cara a entrevista. Nada, eu hei de saber quem é esta espertalhona. O patrão precisa d'ella lá para o partido. Enfia tudo pelo buraco de uma agulha. Vou á rua para a conhecer quando ella sahir.

E o Bento, não querendo ouvir mais nada, quasi sem se despedir da sua Joaquina e da companheira, galgou a escada a quatro e quatro e postou-se á esquina á espera da dama do vigesimo. N'este momento estacou em frente do mostruario da modista um homem de idade e uma rapariga nova, typo de alumna do lyceu ou do conservatorio. Evidentemente pae e filha. Entre os dois troca-se o seguinte dialogo:

— Ouve, querido papá, bem podias comprar-me esse casaco tão bonito que ahi está no figurino — solícita a cachopa muito affectuosa.

— Sempre a pensares em bagatelas! — re-dargue o velho com ar severo — Era melhor que te preocupasses com coisas mais altas!

— Mais altas, papá?! — replica com alvoroçada alegria. — Então compra-me um chapéo.

— Apanha lá esse pião á unha — raciocinou o Bento, mas não pôde ouvir a resposta do pae,

porque n'esse momento surgia no limiar da porta da modista a senhora que elle aguardava.

Um rapido esboço da dama.

De altura talvez mais que regular, o seu busto forte e bem lançado, accusava uma tal ou qual avantajada desproporção com a parte inferior do corpo. O seio, sem se altear em saliencias exageradas, desenhava uma curva graciosa. As feições denunciavam logo no primeiro relance origem differente da latina. Não primavam por correctas, mas conservavam entre si uma certa harmonia de lasciva petulancia. Attrahiam como uma promessa de peccado prestes a realizar-se. No olhar, garço, de uma typica mobilidade de inconstancia, mas astuto e intelligente, reflectiam-se, a seu pesar, os sentimentos mais adversos, as ambições e os desejos mais oppositos e extravagantes. A defficiencia physica que o seu corpo apresentava, correspondia identica imperfeição na sua entidade moral. Lia-se-lhe sem custo no semblante uma bôa parte da constituição do seu character — um misto de força e de fraqueza; a aspiração constante para um ideal nobre sempre contrariado pelo nenhum escrupulo dos meios em o attingir; uma ambição mal orientada que a obrigava a naufragar á entrada do porto; um agrupamento de qualidades que a podia tornar feliz e digna, mas que o cyclone dos defeitos dispersava convertendo-a n'uma creatura desequilibrada e hysterica.

— Não é nada mau peixe! — monologou o Bento aprestando-se para lhe ir no encalço.

A dama encaminhou-se para o Chiado e entrou na livraria Garcia, então a mais luxuosa de Lisbôa, o que lhe valera de um chronista o apôdo de *Templo do livro*. Entrou, cumprimentou o dono do estabelecimento, e inquiriu com um leve resaibo estrangeiro na pronuncia:

— Então?

— Por ora nada.

— Sempre bonita. O tempo não quer nada comsigo.

— O tempo, como escreve o philosopho, é um espelho em que os novos se veem por traz e os velhos por deante.

— Não vale pensar nem no tempo nem na eternidade.

— Pensar na eternidade é o mais facil, mas é tambem o que mais custa.

— Ora diga-me lá ao certo! — pergunta muito impertinentemente o livreiro — a mim que não sou pretendente, que idade tem V. Ex.^a?

— Conto trinta e dois annos — responde com ingenuidade a interrogada.

— Bem, mas agora diga-me V. Ex.^a os que não conta.

A dama riu-se com um sorriso amarello e o interlocutor receberia trôco condigno se n'esse instante não se apeasse do seu magnifico automovel, com uma corôa de marqueza pintada nas

duas portinholas, uma senhora de porte aristocrático.

— Quem é? — perguntou a dama do vigesimo ao livreiro,

— Conheço pouco — respondeu Garcia, — sei apenas que é uma titular arruinada que se casou com um negociante muito rico.

A titular entrou, seguida do laçao, e principiou a escolher varios livros francezes e inglezes dos expostos nas estantes e em cima das mesas. Informou-se do seu custo, pagou-os e em seguida disse para o dono da casa:

— Rogo o favor de m'os mandar a minha casa.

— V. Ex.^a concede-me a subida honra de me dar a conhecer o seu nome.

— A marquezia de... a marquezia de... — e virando-se para o creado, ordenou-lhe em tom desdenhoso: — João, diga a este senhor o nome de seu amo e onde móra.

— Forte tola! — criticou a dama da pronuncia estrangeira, e sahio.

O Bento continuou a fazer policia por sua conta e risco. Seguiu-a. A breve trecho percebeu que um janota fazia o mesmo. Era um galanteador ocioso. Entre muitos madrigaes que este lhe desfechou, insistiu em exaggerados elogios em gabar-lhe as fivelas de metal branco dos seus sapatos. A perseguida não respondeu. Fechada a porta do seu domicilio sobre as imper-

tinencias do *conquistador*, elle e o Bento ficaram á espera, para se certificar bem do numero da moradia e do andar em que morava a deusa. Quando ambos menos o esperavam, a porta tornou a abrir-se. Apareceu uma creada. Dirigiu-se afoutamente para o peralvilho das *conquistas*, e disse-lhe:

—A senhora, como V. Ex.^a lhe gabou tanto as fivelas dos sapatos, pegou n'uma thesoura, cortou-as, embrulhou-as n'este papel e mandalh'as de presente... e com ellas os seus cumprimentos.

A creada voltou para casa a rir-se como uma perdida. O janota ficou atarantado. Olhava para o embrulho e para a porta que se lhe fechara na cara sem atinar com expediente adequado para se sahir airoso da situação ridicula. Por fim retirou-se cabisbaixo, murmurando:

— Nunca me succedeu coisa assim!...

— É de estrella e beta e pé calçado — monologou o Bento, lembrando-se desse proverbio hippologico de quando o salvara de morte certa um veterinario, e, em seguida, adduziu: — Dá sota e az ao mais pintado; d'estas é que nos servem. Vou já participar o caso ao patrão.

E dirigiu-se para o consultorio do sabio odontalgico.

V

Uma mulher... prática

Debaixo dos pés se levantam os trabalhos — Mutilação incomprehensível — Os sedimentos de um rosto — A tineta das «conquistas» — Armadilha — Proverbio do Talifud — Os russos e a lua — Lição de honestidade — A memoria das mulheres — Divisão dos livros — A celebridade — Interrogatorio interesseiro — A primeira ousadia — Aproximando-se — Uma mulher topa-a-tudo — Conselhos opportunos — Batalha de vaidades — Sciencia e pedantismo — Pagamento da vida — Estatistica curiosa — O dispendio da existencia.

Elucidemos desde já o leitor do resultado das pesquisas effectuadas mais tarde pelo Bento acêrca da appetitosa desconhecida, da ladina inventora do vigesimo da sorte grande; da espi-rituosa zombeteira da partida das fivelas.

Vamos ainda encontrar o nosso conhecido Abel de Mendonça, secretario da redacção do *Vespertino*. Traduzira elle e publicara em folhetins n'esse jornal um romance hungaro intitulado *Felix culpa!* de Francisco Cspreghy, escriptor notavel d'aquella nacionalidade. Obtivera esse romance ruidoso exito de livraria em toda a

Europa e America. Um dia recebeu Abel de Mendonça um bilhete do livreiro Garcia, do Chiado, pedindo-lhe para lhe ir falar. Tratava-se, affirmava o bilhete, de um assumpto de interesse seu. Esqueceu-se por algum tempo d'esse convite, mas uma tarde dirigiu-se á luxuosa livraria a informar-se do caso.

— Não conhece a Freda Kociusko, casada com o Godinho Martins? — perguntou o livreiro Garcia destacando muito as syllabas de cada palavra, imprimindo-lhe uma entonação de ridicula dolencia e meneando-se como um éphebo do baixo imperio romano.

— Não, não conheço — respondeu-lhe com naturalidade Abel de Mendonça; — é a primeira vez até que ouço citar esses nomes.

— O marido — continuou Garcia — pertence á familia dos Godinhos Martins, donos da quinta de «Sambenito», lá para os lados da Povia. Relacionaram-se em Berlim, elle e ella, e ahí casaram. Ella pretende ser hungara, parente do conde Kociusko e provir d'essa alta linhagem. Parece-me *telhuda*, mas não é *má* de todo. Atire-se... Se não resistir... Diz que traduziu um romance do mesmo Cspreghy do *Felix culpa!* chamado..., se bem me recordo, a *Innundação*. Ella que lhe mande o que tiver feito ao *Vespertino*... Está dito?...

— Pois que mande — assentiu Abel de Mendonça sem nenhuma especie de interesse.

E não tornou a pensar em semelhante coisa.

Uma tarde recebeu um manuscripto volumoso. Eram os primeiros capitulos da *Innundação*, traduzidos com excellente calligraphia britannica, mas na linguagem portugueza mais arrevezada de quanta tem soffrido tormentos por parte de estrangeiros. Annunciou-se o romance com os mais flammejantes adjectivos e principiou a sua publicação no folhetim do *Vespertino*, depois de Abel de Mendonça, com a paciencia inexcedivel de um marido conscio da traição da mulher, proceder á traducção d'aquella traducção e redigí-la em termos de apparecer em publico.

— Meu caro amigo, acho que o *Vespertino* está a roubar descaradamente os seus leitores — desfecha um dia á queima-roupa, á porta da Havaneza, o professor Cavalcanti Pessanha, maníaco pelo estudo das linguas, sobre Abel de Mendonça.

— Em quê, illustre senhor? — inquiriu surprehendido o jornalista.

— Ando a aperfeiçoar-me no hungaro — explicou o erudito philólogo — e mandei vir, escripto na lingua original, o romance de Cspreghy, a *Innundação*. Sigo attento a traducção nos folhetins e vi com mágoa que logo no principio, no prólogo, cortaram mais de dois terços do texto com grave prejuizo do sentido.

Abel de Mendonça quedou-se contristado du-

rante alguns segundos e em seguida, respondeu:

— Não sei hungaro, mas aprendê-lo-hei. Entreguei-me á fé dos padrinhos. A traductora é hungara, se não traduziu o romance na íntegra deve-o talvez ao seu nervoso. Obrigado pelo aviso. Providenciarei para que o lôgro não se repita.

— Não é vulgar o facto — conceituou Cavalcanti Pessanha, com um sorriso malicioso; — as mulheres não gostam nunca de mutilações... de especie nenhuma.

Abel de Mendonça, furioso, resolveu escrever immediatamente a Freda, pedindo-lhe para vir á redacção ou indicar-lhe onde a poderia procurar. Tencionava censurar-lhe com energia e aspereza o pouco escrupulo do seu trabalho litterario.

— Quem assim é deshonesto em litteratura, não deve ser muito honesto n'outros pontos — monologou.

E de subito lembrou-se das informações e dos conselhos do livreiro Garcia. Os seus pensamentos tomaram outro rumo, esboçou-se-lhe vagamente no cerebro a possibilidade de uma *conquista*.

Acudia-lhe teimosa á memoria a seguinte anedota que lhe tinham contado:

— Não te parece que tua mulher se pinta demasiado?!

— Se me parece?! Bezunta-se de tal modo que ha seis annos que somos casados ainda não consegui ver-lhe a cara.

Na verdade Freda appuzera taes camadas de cremes e pomadas no rosto, que um geólogo encontraria sérias difficuldades em estudar a constituição d'aquelle sedimento, que nem aguas diluvianas seriam capazes de levar na enxurrada.

Abel de Mendonça expediu o sêcco bilhete postal n'um sabbado. Na segunda-feira immediata apresentava-se Freda na redacção do *Vespertino*. O seu apparecimento levantou um murmurio de curiosidade entre os jornalistas.

— *E' muito bem boa!* — segredou um.

— Mais carne para o talho — acudiu outro.

— Com algum osso para os contrapêsos — apimentou um terceiro.

Abel de Mendonça ergueu-se da sua carteira, cumprimentou-a com polidez, convidou-a para entrar na sala de visitas, offereceu-lhe uma cadeira e, enquanto conversava, observava-a minuciosamente com o seu olhar investigador de myope desconfiado.

— Estou muito zangado com V. Ex.^a — disse-lhe.

E censurou-lhe, com menos aspereza do que a premeditada, o córte dado no texto do romance. Freda tomou um aspecto de victima ante o carrasco e desculpou-se como pôde.

— Prometto — declarou ella no seu portuguez incorrecto, — que nunca mais cortarei nem uma virgula.

— As virgulas póde cortar — retorquiu-lhe banalmente o secretário para responder alguma coisa.

— Ah! a vida é um inferno! — exclamou Freda em tom plangente.

— Pois acredita no inferno?! — observou Abel de Mendonça — é melhor não falar n'elle. Se dissermos bem, apodam-nos de reaccionarios, se despejarmos sobre a instancia de Satanaz uma torrente de injurias esconjuram-nos por nos termos vendido aos anti-clericalistas. Não é facil achar uma solução que a todos agrade ácêrca dos dominios de Plutão.

Essa primeira entrevista ficou por ahi. O jornalista, porém, á cautela, mandou vir de Londres a traducção ingleza da *Innundação*, e de Milão, da Livraria Baldini, Castoldi & Comp.^a, essa mesma traducção em italiano, feita por Irma Rios. Logo que esses livros lhe chegaram ás mãos, regulou-se muito mais por esses dois trabalhos que pela obra de Freda, omissa, incompleta e não reproduzindo sequer a verdade do original. A ponto de, passados alguns dias, prescindir completamente d'ella e seguir apenas a dos dois traductores, inglez e italiano.

— E lembrar-se a gente — murmurava de quando em quando — que Matoma escreveu que:

« a mulher é uma terra que o homem póde semear a seu capricho ».

Mas se Abel de Mendonça prescindira da colaboração de Freda no folhetim, não eliminara da sua mente o projecto de a galantear, projecto que de hora para hora mais avolumava.

— Desejo apresentá-la ao conselheiro Negrelos, director do *Vespertino* — declarara o secretário a Freda na segunda visita que esta fizera á redacção.

— Com todo o gosto — respondeu Freda deixando transparecer na phisionomia o mais vivo prazer.

A apresentação effectuou-se. O conselheiro Negrelos acolheu-a delicadamente, mas não com aquelles requintes de amabilidade e de palavras captivantes tão características n'elle, especialmente nas suas relações com damas, e sobretudo novas. Freda ficou um tanto desapontada com o acolhimento. Preferia, com certeza, a côrte do director á do secretario.

Abel de Mendonça monologava uma vez por outra a celebre maxima.

— O trato do mundo conduz á desconfiança ; a desconfiança á suspeita ; a suspeita á dissimulação, á malicia ; e a malicia a tudo.

As visitas amiudaram-se. A idéa da *conquista* assentara definitivamente arraiaes no cerebro de Abel Mendonça. A publicação do romance continuava, não só em folhetins mas

ainda em livro. O jornalista contratara com uma casa editora o apparecimento da *Inundação* em quatro volumes de duzentas e vinte paginas, a razão de cincoenta mil reis cada volume. O precedente exito do *Felix Culpa!* justificava de sobejo a condescendencia da livraria.

— Preciso muito de ganhar dinheiro para custear a educação de meus filhos — declarou ella a Abel de Mendonça n'uma das visitas.

— Deixe estar, minha senhora, que apenas sahir o primeiro volume da *Inundação* receberá os vinte e cinco mil reis da sua parte — prometeu cavalheiresca e lórpamente o secretario, embora se lembrasse que Freda não traduzira para elle mais que vinte paginas.

— Faço annos a 15 de abril, sabe? — elucidou a esperta hungara, após uma curta conversa sobre diversas frivolidades.

— A' manhan, então? — precisou o jornalista, cahindo com uma ingenuidade de collegial na armadilha preparada — Pois amanhan, se me der licença, irei levar o dinheiro a sua casa.

— Da melhor vontade... mas não se incomode — retorquiou Freda com o mais candido e tentador dos sorrisos.

O primeiro volume da *Inundação* sahira: na verdade, mas Abel de Mendonça não recebera ainda o pagamento do seu trabalho. Esta contrariedade não o embaraçou. Passou um *vale* de quinze mil reis á administração do *Vespertino*

e os dez mil reis restantes completou-os com dinheiro trazido de casa. Aperaltou-se, e, á uma hora da tarde, largando por mão o serviço do jornal, metteu-se n'um desses carros a que o povo na sua linguagem pinturesca chama do *Chora*, dirigiu-se para o largo da Graça, local onde morava Freda.

Sempre com a imaginação em actividade, pensando, é claro, na outra metade do genero humano, moía-lhe a memoria quantos proverbios conhecia ácerca d'elle, e entre esses aquelle do Talmud, que reza assim :

— No começo da creação espalharam-se pelo mundo dez medidas de palavras ; as mulheres receberam nove e a decima dividiu-se pelo resto.

Era intensa a curiosidade experimentada pelo jornalista por penetrar na vivenda da sua mysteriosa colaboradora. Quem era aquella mulher ? Qual o seu character ? Tudo quanto occorrera até ali se apresentava com um aspecto tão singular que não se tornava facil formular qualquer juizo com base segura. Pertencia á hoste numerosa das aventureiras, mais ou menos habéis, com a audacia do impudor, de mascara de virtude afivelada, ou, educada na escola do infortunio e do trabalho arredaria certos préconceitos sociaes para tambem experimentar as suas forças no incruento *struggle for life* da existencia moderna ! Prejudicava esta ultima hypothese alguns dos factos atrás expostos.

— Ora, adeus ! — monologava o jornalista — Também os russos dizem : « A lua brilha, mas não dá calor, come o pão de Deus e não o paga ».

Abel de Mendonça bateu á porta com o coração um tanto sobresaltado. Abriu-lha uma creada nova, de feições incaracteristicas, typo commum, inclassificado e inclassificavel, das serviçaes *alfacinhas*, aclimadas em Lisboa, como uma cultura de bacillos no laboratorio de um naturalista.

— Emfim — raciocinava sempre Abel de Mendonça, — a honestidade não é para todos nem todos são para a honestidade.

E recordou-se do caso do cobrador. Um sujeito apresenta-se a solicitar um logar de cobrador n'um banco.

— E' honrado ? — pergunta-lhe um dos directores.

— Mais do que eu, ninguém.

— Ora vamos a ver ; se o senhor encontrasse na rua uma carteira com cincoenta contos, que fazia ?

— Não fazia nada. Passeava e vivia das minhas rendas.

Entrou. Deparou-se-lhe um rez-do-chão, mobilado com relativo confôrto. Alguns vasos com plantas ornamentaes no vestibulo ; duas bicycletas, uma para homem e outra para senhora encostadas á parede. A saleta enfeitava-se com um mobiliario desprezencioso mas que denotava

apuro e asseio. Por cima de um ramalhudo sofá de reps alcandorava-se um burguez espelho de moldura de crystal. Uma estante com livros, varios retratos sobre a mesa, arrumada a um canto, duas poltronas e diversas cadeiras de palha, um tapete modesto, completavam os adornos do aposento.

Contemplou os retratos e murmurou de si para si :

— A memoria das mulheres é muito mais perigosa que o seu talento.

Freda não se demorou. Apresentou-se com um ar de singela dignidade, que afugentou por instantes os projectos de galanteio de Abel de Mendonça.

— Bom dia, minha cara senhora, não me esperava já, talvez — disse-lhe o jornalista.

— Esperava, tinha a certeza de que viria — retorquiou-lhe a dona da casa com um tom entre ironico e vencedor, que de novo fizeram redemoinhar no cerebro de Abel de Mendonça pensamentos lascivos.

— Trago-lhe não só a sua parte da traducção — e o jornalista sublinhou pouco generosa, mas velhacamente, estas ultimas palavras — mas ainda dois bilhetes da redacção para o espectáculo d'esta noite no Coliseu, para V. Ex.^a e seu marido.

— *Merci* — agradeceu Freda em francez, estendendo com o seu modo peculiar os dois la-

bios, muito vermelhos á força de pasta de carmim, fingindo desprezar as notas, que pôsou no regaço, e pegando nos papelinhos brancos dos bilhetes de theatro.

— Irá? — perguntou-lhe Abel de Mendonça.

— Irei — respondeu Freda com o mesmo sorriso problematico de ha pouco.

— E' este o seu primeiro livro? — perguntou-lhe com gentileza Abel de Mendonça.

— É, infelizmente. Como eu desejaria, como o senhor, ter escripto muitos livros — redarguiu Freda meio adúladora, meio epigrammatica.

— Para quê, minha senhora? — replicou-lhe no mesmo tom o interlocutor — Já houve alguém que dividiu os livros da seguinte maneira: Em livros que se compram e não se lêem; em livros que se lêem e não se compram; e, finalmente, em livros que não se compram nem se lêem; só se escrevem.

— Os livros levam sempre quem os escreve á celebridade — observou Freda accentuando o epigramma.

Abel de Mendonça retorquiu com seriedade:

— A celebridade não consiste em que qual-quer conheça tal ou tal nome, exige principalmente que esse nome se torne illustre.

A conversa tomou outro rumo. Depois de preparado o terreno com uma certa habilidade, Abel inquiriu:

— O marido de V. Ex.^a ganha pouco?

— Cem mil reis por mez — informou Freda com tão desdenhosa entoação como se dissera vinte.

O jornalista occultou o melhor que pôde a sua perturbação. Se o marido ganhava aquella quantia, muito mais que os seus dois ordenados juntos, e não lhe chegava, essa mulher devia ser um sorvedouro de dinheiro, uma d'essas harpiás creadas pela mythologia grega para atemorizar os helenos dissipadores. Pelos olhos perpassou-lhe a rapida e desoladora visão do que o futuro lhe reservava.

— Então até ámanhan, sim?!

— Até ámanhan.

E o secretario da redacção do *Vespertino* despediu-se com muito menos entusiasmo do que o que lhe alegrara a alma quando ali entrara, resmoneando:

— Por valente que seja um homem, sempre gosta de se vêr fora de perigo.

A' noite foi ao Coliseu. Encontrou ahi Freda com o marido. A hungara procedeu ás apresentações de uso. Declinou as qualidades do jornalista e do esposo, pois os dois ainda não se conheciam.

— E' certo que o senhor Mendonça tem muitos filhos? — perguntou-lhe ella abruptamente no intervallo de um dos actos.

— Nenhum, minha senhora, — respondeu Abel córando como uma noviça e mentindo como um

diplomata, e em seguida accrescentou: — quem lh'o disse?

— O Garcia livreiro, ... e que só ganhava trinta mil reis — adduziu ella após uma curta pausa.

— No *Vespertino*, sim, minha senhora — confirmou Abel enleado, custando-lhe a confessar ante aquella megalómana a exiguidade dos seus vencimentos, e logo ajuntou, com receio de descer a um plano muito inferior: — mas recebo mais por outro lado.

O marido assistia a este dialogo mantendo-se n'uma discreta mudêz e patenteando no olhar baço e irresoluto a mexeriquice servil de uma creatura sempre dominada e de acção passiva.

— Que raio de mulher será esta?! — monologava o jornalista torturando o cerebro com raciocinios de progressivo dislate quando sahio do Coliseu — Nada, é preciso atacá-la em forma, para vêr como se defende.

No dia seguinte Freda foi á redacção do *Vespertino*, como de costume. Abel de Mendonça esperava-o saltitando de uma para outra janella com impaciencia. Quando a hungara entrou, os empregados da administração, o chefe da typografia, o contínuo, todo esse pequeno cosmo de um jornal segredou e murmurou os commentarios mais picarescos. Um dos *piquetes* ou serventes trouxera já as flores com que o secretario saudou a sua vinda.

— Que lindo braço ! — balbuciou Abel, depois de trocados os cumprimentos do estylo.

E, arregaçando-lhe um pouco a manga da blusa de seda, beijou-lhe demoradamente a mão. Não reagiu. O pudor não se encabritou em upas de ferocidade.

— Não voltou á livraria do Garcia? — perguntou Abel.

— Não voltei. Não engraço com elle — declarou Freda. — Uma vez teve o desafôro de me insinuar... que uma mulher bonita arranja sempre um protector.

— Que lhe respondeu? Era quasi uma proposta!...

— Que se eu ambicionasse um protector não me tinha casado, e accrescentei que, segundo o que corria... o seu fraco não eram as mulheres.

— Uma resposta... em cheio — approvou Abel, encantado com o rumo que a conversa levava.

E, pegando n'um numero do *Le Rire*, jornal parisiense do *demi-monde*, mostrou-lhe os desenhos de uma pagina, e commentou:

— Nem de proposito, parece uma allusão directa ao Garcia livreiro. Olhe, intitula-se: « O sonho de um eunuco ».

Ambos soltaram uma gargalhada.

Abel de Mendonça orientou a conversação para um trilho escabroso, conversação que ella continuou com a maior naturalidade.

— São horas, retiro-me — declarou Freda decorrida meia hora, estendendo a mão n'um movimento garrido e incendendo a phisionomia com um sorriso provocador.

— Só um instante mais — solicitou nervoso o jornalista, tornando a arregaçar-lhe a manga da blusa e osculando-lhe d'esta vez, não a mão, mas o braço, n'um longo e expressivo beijo.

— *Good bye* — saudou Freda em inglez, não se dando por entendida.

— É minha, não ha que vêr! — bradou Abel de Mendonça n'uma explosão de vaidade satisfeita, quando se encontrou só.

Foi isto quanto o Bento soube e ainda mais algumas coisas como para deante se verá. Quando o gallego participou o resultado das suas investigações ao Dr. Orielaznip, conversavam com elle o Dr. Epaminondas e o snr. Antonio Salve, o orador da assembléa capilar.

— É uma mulher topa-a-tudo. Convem-nos, não ha que vêr. A maneira como ella enrolou o jornalista e o parvo do vigesimo demonstra a sua altissima competencia. Vou procurar entabolar relações com ella sem perda de tempo — declarou o dentista.

— Olhe, patrão — recommendou o Bento — desconfie d'ella, que tem muito mais lábia que o senhor. Em ella começando: «Oh! Já tive cavallos e carruagens, mas meu marido, que foi sempre um ingenuo, metteu-se em especulações mal:

succedidas e as ultimas duas mil libras que possuia arderam como lenha n'um malfadado negocio da republica do Uruguay», não lhe largue uma de X.

— Descansa, homem!

— Ella ha de dizer: «Conhecer-se uma certa abastança e vê-la desapparecer em poucas semanas por causa da estupidez de alguém, é muito triste!» Lembre-se, patrão, — repisou o gallego — que é muito mais triste ella vir a convencer-se que o senhor é ainda mais estúpido que o marido.

— Vae para o diabo! Por quem me tomas tu?! — exclamou indignado o Dr. Orielaznip.

E o dentista sahi apressadamente.

— Engazupa-te, engazupa-te! Se não te pões ao alto com ella é um ar que te dá! — resmoneou o Bento.

— A vida é isto — observou o snr. Antonio Salve com o seu ar philosophico.

— Não fale na vida — acudiu com pedante superioridade o Dr. Epaminondas. — A vida e a morte tem posto a cabeça em agua a muitos philosophos da antiguidade e a grandé numero dos modernos.

— Todos cavalgam em theorias que presumem melhores que as do proximo — conceituou o da escanhoadela.

— Mas todas são defficientes porque não explicam nada do que se deseja conhecer. E, desde

o eterno e irresoluto problema de saber qual existiu primeiro, se o ovo se a gallinha, até os phenomenos mais insignificantes da geração, tudo é illusorio, duvidoso, hypothetico, vacillante, como um devoto de Bacho depois de repetidas libações.

— É porque o senhor sabe pouco, meu caro collega — retorquiu o douto barbeiro com desdenhosa familiaridade.

— Sei pouco?! — bradou o Dr. Epaminondas furioso com o que suppunha deprimente confraternidade — Sei pouco?! Ora esta?! Então ouça: Os biologistas agrupam essas theorias em quatro categorias: 1.^a, a dos *animistas* que explicam a vida «por um principio metaphysico»; 2.^a, a dos *evolucionistas*, *espermatistas* ou *ovistas*, que sustentam que a vida «é um simples desenvolvimento de germens oppostos uns aos outros desde a apparição das especies», de tal modo que o primeiro individuo da cada especie contém todos os germens que essa especie tem produzido e produzirá até o fim do mundo; 3.^a, a dos *micromeristas*, na opinião dos quaes «a vida resulta da propriedade de particulas especiaes, elementos iniciaes da materia»; 4.^a e finalmente a dos *organicistas* para quem, «a vida, a forma do corpo, as propriedades e os caracteres das suas diversas partes resultam do jogo recíproco, da luta de todos os elementos: cellulas, fibras,

tecidos e órgão que reagem uns sobre os outros ».

O Dr. Epaminondas ficou radiante por dar esta estopante lição ao seu interlocutor.

— Se o collega — obtempera o illustre barbeiro, com receio de ser collocado em tal grau de inferioridade que a sua classe se considerasse amesquinhada — desenvolve essas theorias, perde a minha estima e considero-o o mais completo maçador do universo

— Deus me livre de incorrer em tão nefando crime! — defendeu-se o Esculapio.

— Os sabios não se entendem em tão momentoso assumpto — argumentou o Figaro — pretendendo tomar outra vez a deanteira.

— É verdade — assentiu o medico e, percebendo os intuitos do correligionario, logo ajuntou: — Uns querem que a vida ou apparecesse espontaneamente na terra á custa dos corpos brutos do meio ambiente, ou que fosse trazida por germens organizados vindos do espaço; outros defendem a origem cosmica da vida; outros ainda, como Preyer, insistem que a vida existia já na época em que a terra estava como um carvão em brasa, mas os seres vivos de então, ou *pyrozoarios*, uma especie de salamandras, eram muito differentes dos que existem actualmente.

— Uma trapalhada que deixa a mioleira da gente, muito mais frita, do que quando comemos miolos de vacca com ovos, e que sem-

pre concorreu para que a vida fosse mais cara — objectou o snr. Antonio Salve.

— A vida sempre foi paga — retorquiu o Dr. Epaminondas, e elucidou: — Pagou-se o direito de *vida* ao rei, aos senhorios das terras ou aos seus mordomos e feitores, segundo o estipulado nos aforamentos e contratos que com os respectivos colenos se faziam.

— E como se pagava a tal *vida*?

— Em generos já cosinhados, como caldo, leite, filhós, carne, etc., mas algumas vezes pagava-se em dinheiro ou em generos não cosinhados. Olhe no mosteiro de Grijó a *vida* do rei era um alqueire de milho, outro de trigo, outro de cevada e duas gallinhas; n'outros eram seis soldos; n'outros pão cozido, etc. Em algumas partes a *vida* pagava-se tres vezes por anno...

— Quer dizer, a vida foi sempre cara — atalhou o barbeiro.

— Cara e pouca — retorquiu o Dr. Epaminondas com zombaria. — Ora ouça o resultado de uma estatistica elaborada com o maximo es-crúpulo. N'uma vida de setenta annos passa-se a dormir *vinte e tres annos e quatro mezes*, o que reduz logo a existencia dos privilegiados que chegam a essa idade a *quarenta e seis annos e oito mezes*. Não ha maneira de se viver, a valer, *cincoenta annos*. Trabalha-se *dezenove annos e oito mezes*. Levam alguns meninos bonitos a divertir-se *dez annos e dois mezes*,

mas aqui n'este divertimento o desalmado e ironico sabio mette *trescentos e vinte e tres dias* que nós passamos entregues ao barbeiro, absolutamente á mercê das torturas que lhe apraz infligir-nos.

— Torturas?! Veja lá como fala, collega,— exclamou abespinhado o Figaro — nem metade das que os senhores fazem soffrer aos seus infelizes doentes.

— A comer e a beber gastamos *seis annos e dez mezes* — continuou o facultativo, sem se importar com a furia do interlocutor. — A viajar, em jornadas, em deslocamentos, os inglezes principalmente, seis annos: a vestir e a despir, dois annos.

— E enfermos? — inquiriu enxofrado o operador capilar.

— Apenas uns *seis annos*, mas torna-se necessario que a saude não seja das peores — re-darguiu com desprezadora indifferença o Dr. Epaminondas.

— E ainda tem bocca para falar dos que exercem a nobilissima arte de barbear e pentear?!... — protestou o snr. Antonio Salve encolerisadissimo.

E, pegando no chapéo, pousado em cima de uma das mesas, pô-lo com solemnidade na cabeça, tal qual como Napoleão Bonaparte na primeira entrevista de campo Formio, e encaminhou-se como uma bicha de rabião para a porta.

VI

Monstro inclassificavel

Um anno totalmente perdido — Desavença — Agua na fervura — Na terra dos tortos — Paternidade incontestavel — Duas bernardices — Meio de evitar desastres — Divisibilidade difficil — O prólogo de um drama — Commentarios altruistas — Resolução acertada — Lucro sem conseira — O Francisquinho — Uma quarta parte — Taboleta curiosa — Um maxibombo — «Preguiça gigante» — Um monstro desconhecido — Orgulho nacional — Fabrica de suicidios baratos — Novos Jonas — Ascensão aniquiladora — Encontro tragico — Contracto não cumprido.

— Venha cá, homem, não se zangue — bradou o Esculapio, segurando por um braço o seu assomadiço interlocutor — ouça o resto da estatistica. Reparte-se por muitas outras minudencias que eu me abstenho de citar, mas a sua illustração com facilidade, dentro d'estas linhas geraes, preencherá essas lacunas.

— Vá para o diabo! — berrou o da sciencia capillar, pretendendo esquivar-se ás garras do seu contendor.

— Dá vontade de chorar alludir a essa estatistica. E ha ainda quem faça mau sangue a si

e aos outros, querendo mal ao proximo, mettendo-lhe uma bala no corpo ou uma navalha nas tripas, afóra mil outras maneiras de destruir a Humanidade! — conceituou o facultativo.

— Como a de commetter a imprudencia de chamar um medico para a cabeceira quando se está doente — desfechou o snr. Antonio Salve com os olhos a dardejarem chammas.

— É desolador! — repisou o medico não se dando por achado. — Especialmente a idéa de que durante tresentos e vinte e três dias estamos á mercê de um barbeiro, é coisa com que de forma nenhuma me posso conformar! Quantos golpes na cara e na reputação dos nossos amigos e inimigos durante este período, quantas pêtas pregadas, quantos bilhetes de theatro pedidos e quantos de beneficio impingidos, que enxurrada de solicitações, de tesouradas no phisico e no moral durante essa longa meia hora, que por fim se multiplica e produz perto de um anno n'uma existencia de quarenta e seis!

— Ó collega refira-se lá ao seu barbeiro, se tem alguma *escandula* d'ellè, mas não meça todos pela mesma craveira, — reclamou n'um crescendo de ira o regenerador e propugnador da nobre arte de ataviar a cabeça.

— É claro que eu no caso sujeito só me refiro ao meu barbeiro, uma *avis rara* no genero, a quem não esquecerei nas minhas Memorias, niem no meu testamento. Principalmente por ser

um modelo de gratidão... felina — concordou o chefe do partido *carneirista*.

— Não conte mais commigo para os seus projectos — declarou peremptoriamente o snr. Antonio Salve.

— Porquê, meu caro amigo? — perguntou o Dr. Epaminondas um tanto atrapalhado.

— O collega offendeu-me gravemente, a mim e á classe — redarguiu o messias da *capilaridade* — e crêr que um inimigo debil não pode prejudicar-nos, é julgar que uma chispa não pode produzir um incendio.

Este bote apanhou em cheio o cacique politico, mas não se quiz dar por vencido, e, não lhe convindo tão pouco alienar aquella escora do partido, respondeu :

— Não tornarei a ter motivo para dizer mal dos barbeiros.

— Penitencia-se?! — inquiriu o sr. Antonio Salve entre alegre e arrogante.

— Não me penitencio — replicou o medico com tom agridoce — mas não me torno a entregar nas suas mãos, vou comprar uma machina de barbear, uma *gilette*, qualquer outra, a que fôr mais aperfeiçoada.

As hostilidades romper-se-hiam de novo entre os dois fervorosos correligionarios, se o Bento, que assistia mudo e neutral á contenda, não lançasse um jacto de agua fria na incandescencia d'aquelles vulcânicos cerebros, dizendo :

— « Cuando pases por el país de los tuertos, cierra un ojo ». Vocemecês estão para ahí a descompôr-se e ainda não pensaram que nenhum partido se pode constituir sem fundar um jornal.

— Tens razão, Bento; tens razão — concordaram os dois antagonistas de ha pouco, — mas como havemos de arranjar isso ?

— Eu conheço um jornalista de grande fama, o Candido Formosinho. Vamos procurá-lo. Elle os informará do que seja preciso fazer para esse effeito.

Encaminharam-se os tres para a redacção do *Vespertino*, em busca do dulcissimo redactor do *Carnet Mondain*, Candido Formosinho, que os leitores já conhecem do anterior livro *Memorias de um Gallego*. Discutia n'esse momento com outro seu collega, um poeta nephelibata, que argumentava, sacudindo a intonsa cabelleira e pondo os olhos em alvo :

— Não se aprecia o poeta pelo muito que escreveu. Vale mais uma poesia na memoria dos homens que uma duzia de volumes na estante.

— O' filho, mas olha que isso não é teu — atalhou o Formosinho — já li isso algures, n'um album, n'um pensamento sobre a poesia.

O poeta enfureceu-se com o remoque e retorquiu com azedume :

— Sabes lá o que é poesia ? A poesia para ti é andar a comer jantares pelas casas ricas e a

beijocares as mãos das damas... quando te ficas por essa altura...

— Olha isso é que é teu, sem duvida nenhuma; não se lhe pode negar a paternidade, não tem poesia e roça pelo chulo — desabafou Formosinho magoado, voltando a assentar-se na sua secretária.

N'outro canto um redactor do *sport* fala de equitação como Marialva ou Boucher; cita qualidades e defeitos ás cycletas Clément ou Raleigh; commenta as regatas de Cowes e de Nice, a primasia dos *yachts* britannicos sobre os *slippers* da União, da guiga sobre a balieira; trata de pendencias de honra, de esgrima, das subtilidades do florete, dos golpes de espada, das cutiladas do sabre, de *guardas* e de *fintas*, de pistolas de combate, do código do duello, do jogo de pau, de escolas e de assaltos, de mestres de armas; enaltece os exercicios gymnasticos, o desenvolvimento muscular, os equilibrios e os saltos.

— Olha, meu amigo — recalcitra de novo o poeta, dirigindo-se a Formosinho, como se temesse que não desabafando rebentasse — sempre rediges uma secção em que não ha segredo descoberto por coscovilhice ou desvendado pela propria pessoa, que ostensivamente o deseja occultar, que não appareça a toda a luz nas columnas do tal *Carnet mondain*.

— Seja como tu quizeres, mas a mim nin-

guem me attribue aquella celebre tolice do catecismo.

— Qual tolice? — perguntaram os collegas todos á uma.

— Não é nada, não é nada! — negou Formosinho manifestando na expressão evidente desejo de que insistissem.

— Ponha para ahi já tudo quanto sabe ou será considerado um vil calumniador, e vale mais ser assassino que calumniador; o assassino só mata uma vez, o calumniador, mil — bradou um dos presentes com fingido ar tragico.

Então Formosinho narrou a seguinte anecdotá, que imputou ao poeta nephelibata, quando este se confessara, antes da cerimonia do casamento.

O padre perguntara-lhe :

— Qual é o primeiro sacramento ?

— O baptismo.

— E o segundo ?

— Não me lembra.

— Lembra com certeza. O que é que se ministra á creança depois de baptisada.

— Ah! já sei, a vaccina.

— Bravo! Bravo! Muito bem respondido! — louvaram todos em còro com implacavel ironia.

— Meus amigos — objectou o poeta nephelibata — acreditem ou não acreditem, como quiserem, estão no seu direito. Mas o que eu vou

narrar garanto que é absolutamente verdadeiro e succedido aqui com o nosso amigo Formosinho.

— Que foi? Que foi? — inquiriram todos.

— O Formosinho é amigo do chefe da estação da Avenida. Uma vez conversando com elle fala-se em descarrilamentos, choques, desastres. Então elle pergunta: «Em caso de choque, qual é a carruagem mais perigosa?» O chefe responde-lhe naturalmente: «A ultima.» O Formosinho pensa um bocado e em seguida exclama: «Homem, que toleima! Pois então porque a põem?»

As gargalhadas retumbaram. O Formosinho preparava-se para se zangar a valer quando entraram na sala da redacção o Dr. Epaminondas, o snr. Antonio Salve e o Bento. A apparição das tres individualidades determinou uma certa calma na efervescencia que começava a agitar o corpo de redacção.

— Olha o Bento! Olha o Bento! — gritaram os que o conheciam.

— O' Bento, conta lá aquella partida do typo que te queria impingir os dois tostões falsos — exigiu um dos redactores.

— Ora deixe-se d'isso, snr. Alfredo Marinho — desculpou-se o gallego.

— Qual deixa, nem meio deixa, venha para aqui a partida — clamaram os demais.

— Ora — principiou o Bento — quando eu es-

tava no *Martinho* um sугeito depois de tomar café deu-me uma moeda de dois tostões.

— Até ahí vae muito bem — opinou um dos circumstantes.

— Ai! senhor Alfredo Marinho — gemeu o moço, — a moeda era peor que Judas. Devolvi-a immediatamente ao freguez, e disse-lhe: «E' falsa, senhor».

— Ficou embatocado, o homem? — inquiriu um dos jornalistas.

— Qual embatocado?! — redarguiu o Bento — Arranjou uma cara de espanto, e perguntou: «O quê, os dois?»

— Ainda por cima se poz a mangar comtigo.

— Ainda. Como se os dois tostões não estivessem pegados n'uma só moeda.

O Bento apresentou o Dr. Epaminondas e o sr. Antonio Salve ao redactor Candido Formosinho, declarou que os seus affazeres eram muitos, despediu-se e sahiu. Tomou em seguida pela antiga rua dos Martyres abaixo, hoje rua Serpa Pinto, de declive bastante áspero, em direcção do largo do Corpo Santo. A' esquina da rua Victor Cordon encontrou dois patricios seus e começaram a conversar, para matar saudades da terra. Quando mais entretidos se encontravam na cavaqueira, desenha-se no alto da rua um cyclista. A multiplicação da machina accelera-se, a velocidade augmenta, a pessoa que a monta não a pode travar. O bicyclo cruza como

um raio por entre os transeuntes que se desviam com prudencia. Os três gallegos á esquina riem-se como perdidos ao vêr a atrapalhação do homem, a impotencia dos seus esforços, a probabilidade que tem de se despedaçar de encontro ao muro e ás grades que barram o fundo da inclinada arteria.

— Olha a cara do gajo! Isso é que elle vae dar um tombo! — exclama um.

— O menos que lhe acontece é quebrar uma perna! — commenta outro, esfregando as mãos nos joelhos cheio de contentamento.

— Baia, que é bem feito! Assim, emquanto andar com o nariz esmurrado não se mette em cavallarias altas... — observou o Bento.

Não teve, porém, tempo de completar essa phrase. Outra lhe sahiu n'um rugido guttural da garganta contrahida.

— Má raios partam o demo! — berraram unisonamente os três patricios derrubados com violencia por um choque tremendo e inesperado.

Que succedêra?

O cyclista medira o perigo que corria. Não podendo segurar a machina e convencendo-se que iria esborrachar-se lá em baixo no muro e nas grades, não perdeu o sangue-frio, manobrou com o guiador e, calculando que cair em cima dos gallegos era muito mais macio que fazer com o corpo qualquer mozza de importan-

cia na alvenaria, não hesitou, cresceu sobre elles e atirou-os de pernas ao ar.¹

Felizmente não se magoou na queda. O colxão proporcionado pelos musculos resistentes dos filhos da Galliza, á guisa de bem temperadas molas, amortecêra o embate.

— Ai! Ai! — gemia um dos moços apalpando as costellas.

— O' da guarda! O' da guarda! — gritava outro apertando os quadris derreados.

— Soccorro! Soccorro! Que nos amorfanharam! — esvrumava o Bento, dando um pontapé n'uma pedra para se certificar que não soffrêra nenhuma lesão de maior.

— Calem-se! — recommendou com energia o cyclista, examinando se o vehiculo padecêra alguma avaria. Depois puxou da bolsa, deu um tostão a cada uma das victimas, e argumentou: — Isso não é nada. Se eu não venho de encontro a vocês estampava-me no muro, arruinava-o, escangalhava a machina e tinha que pagar os concertos de uma e outra coisa. Assim não aconteceu nada d'isso e vocês ganharam esse dinheiro sem trabalho nenhum.

— Lá isso é verdade — concordou um dos

¹ Absolutamente veridico. Succedeu o caso com um diplomata, A. B., hoje chefe de repartição no Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

gallegos, fazendo uma carêta provocada pela dôr da contusão que uma das rodas lhe causára, — lá isso é verdade, não nos custou nada a ganhar este dinheiro.

O cyclista afastou-se, o Bento apartou-se dos seus compatriotas e seguiu monologando entre satisfeito e dolorido :

— Por este tostão não esperava eu... e de mais a mais ganho sem canseira nenhuma!

Pelo caminho topou com o Francisquinho, um typo de rua muito original e conhecidissimo então em Lisboa e de que pouca gente se lembra hoje. Esse desventurado, que dispunha de regular instrucção e coadjuvara durante muitos annos no seu serviço o corretor do numero da classe das mercadorias, Antonio de Oliveira Guimarães, entortava um olho. Sêcco de carnes, de phisionomia aberta, angulosa, escavada, de cabello e bigode negro e altura regular, tornara-se alvo das vaias e doestos da gaiatada.

— Olha o Francisquinho! Olha o Francisquinho! O' Francisquinho dá cá... — tripudiavam os garotos, puxando-lhe pela sobrecasaca e applicando-lhe gebadas ao chapéo alto, que nunca abandonava.

— Fóra d'aqui, canalha! A culpa não é sua, é dos paes que lhes não dão educação e da policia que os deixa andar á sôlta! — protestava o Francisquinho com a sua voz de timbre de flauta e esganiçadissima.

O Bento encostou-se á parede para deixar passar a turba dos garotos e demorou-se ali um instante a philosophar sobre as coisas da vida, e automaticamente repetiu o que ouvira não se lembrava onde:

— A vida é o ultimo habito que perdemos, por ser o primeiro que adquirimos.

N'este momento passa por elle um homem excessivamente alto, casado com uma mulher muito baixa. Em sentido contrario caminha outro sugeito. Querem desviar-se um do outro, dansam a conhecida valsa a dois tempos d'essa emergencias e reconhecem-se:

— Olá, tu por aqui?

— É verdade, vim da provincia a Lisboa tratar de uns negocios.

— Ha muito tempo que nos não víamos.

— Aproveito a occasião para te apresentar a minha cara metade.

— A tua metade?! — objecta o amigo ao provinciano, medindo-o de cima a baixo e comparando-o com a mulher — A tua metade, não; queres dizer a tua quarta parte.

O Bento que ouvira a observação, murmurou:

— Elle sempre ha gente que repara em tudo, até no tamanho das mulheres.

O Bento desempenhou-se cabalmente de varios recados. Anotecera. Ceou n'uma taberna sua conhecida, quasi defronte da Casa da Moeda, por cima da qual existia uma hospedaria

mal afamada, um hotel para pernoitar, que, nas bochechas da policia, ostentava a seguinte curiosa taboleta:

NÃO PASSES SEM ENTRAR AQUI
COME, BEBE E DEPOIS... CAMINHA ¹

Ou porque estivesse fraco, ou porque amiu-dasse as libações, ou por qualquer outra razão, sahio d'ali com a cabeça muito pesada e assentou-se n'um degrau de uma porta. Esperava ahi refazer as forças, para se dirigir para casa. Arrancou-o ao seu devaneio o gesto brusco de um policia, que em tom imperioso lhe ordenou:

— Toca a levantar!

— Estou cansado — replicou-lhe o gallego — não posso subir a calçada da Bicca.

— Se está cansado metta-se no elevador.

— No elevador?! — repetiu o Bento com a bôcca muito sarrabulhenta.

Nunca se lembrara até ahi d'esse facil, comodo, barato e inoffensivo meio de transporte. Nunca até o vira. Levantou-se, e dirigiu-se para lá com as pernas um tanto vacilantes. Não foi sem uma certa commoção que penetrou n'aquelle templo do progresso.

— Mas isto é um paraíso — balbuciou o moço.

¹ Rigorosamente verdadeiro.

Eram dez menos um quarto. O vento, enfiando pela íngreme encosta da Bicca, assoprava o gaz e quasi deixava a calçada e os predios que a orlavam ás escuras. O traço negro e direito das calhas imprimia uma tarja de luto a meio da escadaria alva, irregular e gasta; lembrava um bilhete de visita, muito esguio, com um risco negro por baixo do nome, a dar os pezames aos moradores do sitio. Por baixo dos degraus de madeira, servindo de *marquise*, sentia-se um ruido surdo, pouco uniforme, um resfolegar de cavallo com pulmoeira; em cima, n'um recanto, havia um banco de pau, uma porta e um quadro negro.

Ao lado do Bento conversavam dois sugeitos, evidentemente dois naturalistas, dizia um:

— Já leu nos jornaes inglezes a descoberta de um «giant sloth», *preguiça gigante*, animal enorme que se suppunha extincto.

— Não, não li — respondeu o companheiro.

— Organizou-se em Londres uma commissão para ir á Patagonia apanhar o tal bicho — informou o primeiro.

— Portugal, n'esse ponto — redarguiu o segundo sorrindo, — encontra-se em manifesto estado de inferioridade, não possui nem a *preguiça gigante*, nem coisa de tomo que se lhe assemelhe no vulto desageitado e na mandria proverbial...

De repente surge lá em cima, a meio da la-

deira, um olho enorme, descommunal, vermelho, enraivecido. Logo após, um corpo sem forma classificavel, um monstro pavoroso, uma d'estas configurações que escapara á fantasia incandescida de Dante, ao buril macabro de Dürer, ao lapis poderoso de Gustave Doré, o producto de uma diabrura de Belzebuth retocada pela sogra em dias de ataque de nervos, a invenção de um usurario para prender ali dentro todos os devedores que lhe pregassem *cão*.

— Que demo de bisarma é aquella! — exclama o Bento terrificado.

Vem, desce lentamente, aproxima-se com cautela. Cada vez avoluma mais. Rasteja e range por todas as juntas. Toca n'uma campainha para annunciar a chegada. Repete o badalar para que os meninos não se assustem e as mulheres em estado melindroso não soffram algum desastre. Chega cá abaixo oscila durante segundos, hesita se deve beijar o kiosque que fica ao fundo e esmigalhá-lo com o seu contacto brusco e possante, mas vendo que o proprietario desertara com os cigarros bréjeiros e a limonada de cavallinho, arrepende-se do intento e mantem-se quedo. O Bento fica assombrado com a singular apparição.

— O bom nome da patria está salvo! — brada de subito um dos dois naturalistas, dando uma palmada na testa e soltando uma exclamação de triumpho.

— Que lhe succedeu, meu amigo? — pergunta entre afflicto e desconfiado o companheiro, esbugalhando muito os olhos.

— Está ali a *preguiça gigante* — redargue o interrogado — não em carne e osso, como a da Patagonia, mas de madeira e ferro e a mexer-se como se estivesse viva.

— Brinca, collega?

— Não brinco, falo serio. A supremacia pende toda para o nosso lado. A *preguiça gigante* do extremo sul da America é um animal, que, se não laboro em erro, só se alimenta com os fructos silvestres pendurados da arvore que Linneu levou muito tempo a classificar. A nossa é mais exigente, sustenta-se de bronzeas moedas, de prata cunhada com effigies régias, de escudos com emblemas democraticos, de papel impresso na Allemanha e valorizado no Banco de Portugal, e quando topa a geito alguma creança refastela-se, como Herodes, com o sangue rubro de tantos innocentes.

— O collega está a *chuchar* commigo — observou o segundo naturalista com um ar... , que não depunha muito a favor da sua esperteza profissional.

— E não é esta a unica vantagem do extraordinario bicho — proseguiu o primeiro naturalista — Inspirado por sentimentos altruistas, presta-se do melhor grado a transportar pessoas valorosas, a quem os riscos não atemorizam;

suicidas, que não teem revólver nem cabeças de phosphoros, hoje materia rara, graças á parcimonia da respectiva companhia, para darem cabo da vida; e inconscientes que não medem todo o alcance do perigo em que se mettem.

O Bento, seguindo o exemplo dos dois cavaqueadores, entrou para as fauces abertas do desconforme colosso, tal como Jonas se encafuava no ventre da biblica baleia. Uma vez lá dentro, descortinou um pouco tardiamente um cordel a separar a parte que estava pintada de fresco de outra mais sêcca que os pincaros de uma montanha alpina. O descuido custou-lhe um par de calças. Mais cautelosos, enxergou dois cornacas do estupendo pachyderme, que liam tranquillamente uma folha da noite e que sorriam com zombaria da impaciencia dos que queriam experimentar, sem as delongas de um quarto de hora, o extravagante meio de conducção.

— Baia, que se me escapo d'esta não me metto n'outra! — resmoneou o gallego.

Saciada a avareza da *preguiça gigante* com alguns cobres e dado um signal de campainha, ei-la a caminho. Oh! extranha sensação! O ventre do bicharoco arfa, grunhe e parece desconjuntar-se como os discursos de certos deputados. Ali tudo foge ás leis da harmonia, tudo é cambado, oscilante, tortuoso, tudo parece tombar ameaçando as nossas cabeças e costellas. O Bento sentia uma tortura indizivel de oppressão

e um desejo vehemente de se pôr ao fresco. Mas qual? O colosso tinha-o preso nos seus tentaculos denegridos.

— Valha-me Sant'Iago da Compostella! — pranteou-se o gallego, evocando com a maior devoção o seu patrono de maior virtude — Nunca me vi n'uma atrapalhação semelhante!... E ainda por cima paguei um vintem!...

O deformado animal lá vae subindo devagar. Umaz vezes cambaleia como se tivesse bebido *ginginha* á farta, outras caminha hirto como se fôsse embalsamado. Vae de encontro a um moço de fretes e parte-lhe a padiola; esbarra com uma mulher, que tomava fresco á porta, e deixa-a tartamuda; implica com uma mudança que vinha pelo caminho e põe os trastes em cacos; embirra com a Associação Freitas Gazul e esborôa-lhe a parede; passa junto de uma carvoaria e faz-lhe as bolas em cisco; distrae-se na contemplação dos telhados da Caixa Geral dos Depósitos e mette um gato, que andava em correias amorosas, debaixo de si, não lhe dando tempo sequer a miar pela derradeira vez.

— Bem dizia o abbade, pae de meus irmãos, quando prégava: «O suicidio é uma victima que encontra o seu verdugo e o mata».

A dois terços da ladeira a *preguiça gigante* defronta-se com outra, que desce. Estaca durante um minuto a pensar se ha de desviar-se ou crescer para cima da companheira. A respi-

ração do Bento suspende-se n'uma angustia terrível. Por fim, n'um arranco de generosidade, chega-se para um lado, e os dois mostrengos deslizam um pelo outro, soltando roncos cavernosos. Um pouco acima intromette-se com uma louceira e parte-lhe duas bilhas, ferra de cangalhas com a bandeja de um pobre que pede esmola, e vendo uma creança que brinca descuidada a meio da rua, investe com ella e vae para a esmagar, quando o braço salvador da mãe lhe acode e subtrahе a victima á sua furia assassina. A *preguiça* desespera-se por lhe terem furtado a prêsa, barafusta, pára a meio caminho e não quer andar mais, apezar de ter recebido *massa* para ir até o alto.

— Não ha remedio, *num ba más!* — resmunga o Bento entre alegre e zangado; alegre por escapar com vida, zangado por perder um vintem.

— Subamos a pé o resto da distancia — convidou um dos naturalistas para o outro — ao menos vamos orgulhosos por termos descoberto em Lisboa um especimen raro que só existe na Patagonia.

— Pois sim, — replica-lhe o collega — mas com uma lesão no coração arranjada com tantas commoções.

VII

Sereia perigosa

Nova prosélyta — Sereia de genero perigoso — A côr das ligas — Uma «licção» em perspectiva — Promessa — Com febre — O café e o somno — Idílio rapido — Pensamento mau — Thálamo bucolico — Mulher de pedra — Evocações do passado — Efeito de umas meias — Para que servem as obras sobre odontalgia — Os chibos calumniados — Maré perdida — Verbo irregularissimo — Confissão insuspeita — Bandeira arriada — Crise de nervos — Ambição desilludida — Mociidade estroina — Mentira ou verdade? — Desforço condigno.

Decorrera um mez por cima dos acontecimentos relatados nos anteriores capitulos. Constituiu-se definitivamente o partido *carneirista*. O Dr. Orielaznip attrahira ao gremio commum, depois d'alguns esforços, Freda Kociusko. Era um auxiliar poderosissimo. E não se filiara só-sinha. Levava comsigo uma amiga sua, uma russa, Ilda Marinoff, de quem se murmurava á bocca pequena estar compromettida no seu paiz, n'uma conspiração nihilista.

Ilda Marinoff não era uma mulher bella na accepção esthetica da palavra, mas o seu olhar

dispunha do que quer que fosse de magnetico. Brilhavam nas suas pupilas promessas de inexaurivel gozo sensual e uma expressão de satânica lubricidade a que o temperamento libidinoso dos meridionaes difficilmente se eximia. Nervosa, hysterica, de índole fria no aspecto, mas ardentissima no fundo, de maneiras pautadas e comedidas, occultando sob uma mascara de simulada impassibilidade impetos irrefreaveis das labaredas voluptuosas que caracterizam as mulheres do norte, dir-se-hia que possuia o diabolico condão da perfida Ran das sagas escandinavas, o formidavel poder de sucção que se nota nos pélagos e nos corpos dotados de maior quantidade de massa, que puxam irresistivelmente a si os de insignificante volume. Não que a sua pessoa, flexivel e lasciva, se exaggerasse em demasias de corpulencia. Pelo contrario as suas formas ostentavam o arredondado necessario para que o peccado sendo de carne não encailhasse em osso.

Onde nascera? Nem ella talvez o soubesse ao certo. De tal modo o seu espirito se enredara nos meandros da mentira. Era tambem casada como a sua amiga Freda. A Ilda se podia applicar, sem grave calumnia, o caso da anecdota.

Um dia uma senhora entrou com o marido n'um estabelecimento de meias.

— Umas ligas — pede a esposa.

— De que côr? — inquerere o caixeiro.

A dama pensa um instante.

— Encarnadas, como as anteriores? — auxilia o empregado.

— Encarnadas, não—redargue ingenuamente a fregueza, d'essa côr ninguem gosta.

O Dr. Orielaznip, na sua qualidade de galan impenitente, principiou por iniciar a *conquista* a brincar e depressa se viu envolvido nas proprias malhas da rêde que lançara. Começou a desdenhar as outras consulentes e a só attender a russa. Demorava-se com ella em largas conversas n'um gabinete particular. Ao cabo de quatro dias de conhecimento o dentista perguntou-lhe:

— V. Ex.^a não gostaria de dar um passeio pelos arrabaldes de Lisboa de carro?

— Gostava muito — retorquiou Ilda com o seu sotaque estrangeiro, — principalmente a Cintra, e gosar ali, na serra, uma noite de luar.

— E seu marido? Como arranja isso? Deixar-nos-ha sós? — informou-se sensualmente agitado o Dr. Orielaznip.

— Deixa. Demais, — accrescentou em inglez: — *Three no company* (Tres não fazem companhia).

— Então quer ir, na segunda-feira, dar um passeio commigo de carro? — propoz-lhe o dentista nervoso, com voz trémula.

— Na segunda-feira, não, na terça. Tenciono corrigi-lo...

— Como ?

— Com uma lição que não lhe ha de esquecer. É um portuguez que está falando commigo. Se fosse um homem de qualquer outro paiz não haveria perigo, mas...

— Mas ?...

— O que o impelle ao senhor é o vicio.

— Promette então que vae ?

— Prometto. Nunca prometti que não cumprisse.

E o galanteador durante este dialogo, como nos anteriores, observava-lhe minuciosamente o contorno das formas postas em evidencia pelo cingido da saia, e dansavam-lhe no cerebro, n'uma valsa delirante, uma alluvião de idéas lúbricas.

— Peço licença para lhe offerecer estas rosas ?
— solicitou o *conquistador* offerecendo um lindo ramo d'essas delicadas flores.

Ilda agradeceu, despediu-se e levou comsigo o ramo. Depois da russa descer a escada, o apaixonado encontrou em cima da sua secretária dois românces que acabavam de chegar pelo correio. Chamou-a da janella e desceu a levar-lhe ambos.

— Nada, o patrão não anda bom da *tóla* ! É preciso vigiá-lo ; quando não ferra com o partido em pantanas — philosophava o Bento.

Na verdade o Dr. Orielaznip ficou todo o dia n'um violento estado de excitação. Cerca da

uma da tarde, o empresario Pinto, do theatro do Gymnasio, seu amigo, mandou-lhe uma frisa de presente. Depois de algumas hesitações e considerações o dentista chamou o Bento, escreveu um bilhete e mandou a frisa a casa de Ilda.

— Então? — perguntou o D. Juan ao creado quando este regressou.

— Não estava lá — informou o gallego — é uma vadia, anda sempre a dar ao chinelo. O patrão desconfie de quem tão continuas ausencias faz do lar domestico.

Á noite acommetteu o Lovelace uma violenta febre, devido á commoção que sentia. Deitou-se e por mais esforços que envidou não conseguiu levantar-se. Tencionava ir ao Gymnasio e vêr se se lhe deparava ensejo para antecipar o passeio para segunda-feira. A sua cabeça assemelhava-se a um vulcão. O Dr. Epaminondas, prevenido pelo Bento, visitou-o, mas tarde bastante. Encontrou-o presa de uma terrivel insomnia. O enfermo, para não entrar em mais explicações, desculpou-se:

— Eu, meu amigo, quando tomo uma chávena de café, não posso dormir.

— É curioso! — redargue logo o medico — A mim succede-me o contrario. Quando durmo, não posso tomar uma chávena de café.

O dentista virou-se para o outro lado, ainda peor humorado, e não lhe dirigiu mais palavra.

Na terça-feira, á hora aprazada, ás nove da manhan, o Dr. Orielaznip aguardava Ilda dentro de uma carruagem fechada, no lado norte do jardim do Campo de Sant'Anna. Não esperou muito. Minutos depois desenhava-se o seu perfil esvelto descendo das bandas da Escola do Exercito. Aberta a portinhola, assentou-se. Recebida nos braços, corridas as cortinas e posto o vehiculo em andamento, os labios dos dois colaram-se n'um demorado e lascivo beijo.

— É este o nosso templo — saudou o galan, disposto a cantar victoria sem mais difficuldades, n'um estylo um tanto precioso — enlaçou-nos o nosso affecto reciproco e serve-nos de sacerdote a sciencia odontalgica.

Ilda não lhe respondeu. Inclinou-se outra vez para elle n'um novo e mais absorvente beijo.

— Ainda não ha uma semana que nos conhecemos e já nos encontramos aqui unidos como dois amantes de longa data — observou o D. Juan.

— Pensa que eu me esqueço da lição que lhe prometti dar? — argumentava Ilda quando o Lovelace enveredava pelo caminho das ousadias.

— Ilda, Ilda da minha alma! Entrega-te a mim! — sollicitava impaciente o galan.

— Tão depressa?

— Desde que nos encontramos no Coliseu, n'aquellas duas noites em que a companhia ly-

rica cantou a *Hebréa* e a *Gioconda*, que eu sonho, que eu anhele, porque me pertenças.

— *Piano si va lontano*. Ha um proverbio que diz: « O amor crê na mulher, uma mulher nova; a da vespera não existe no dia seguinte. » E eu não desejo nada que me succeda coisa semelhante.

— Não succede, acredita; sê minha, Ilda.

— Vou-lhe contar uma anedota: Uma mulher joven, bonita, ajoelha ante um confessorario. « Como assim? » exclama o padre, « Se não ha meia hora que a senhora se confessou? » A mulher com ar constricto responde: « E' verdade, mas vossa reverendissima recommendou-me que voltasse quando me acommettesse algum pensamento mau... » O confessor replica: « Então? » A mulher ainda mais constricta redargue: « Ao sahir da egreja aconteceu-me esbarrar com meu marido... »

— E acontece-lhe o mesmo quando vê seu marido? — inquiriu capciosamente o apaixonado.

Ilda volveu um olhar significativo. O trajecto realizou-se sem que a russa se mostrasse prodiga em concessões, defendendo-se, pelo contrario, com calculada tenacidade. O trem chegara a Caneças. Ahi o enlevado par sahiu da carruagem e dirigiu-se a pé para o pinhal. O sitio era muito conhecido do *conquistador*. Com difficuldade existe mais bello ninho para dois pombos árulharem. Denso o arvoredado, impre-

gnado do aroma peculiar áquella especie de coníferas, a sua ramagem estende-se como artistico e vaporoso docel; os troncos das arvores, intercalando-se uns com os outros, cerram um cortinado discreto e sombriamente verdejante; as folhas, a imitar agulhas, os amentilhos ou cachos, os estames, o penisco e o polen que prateia o chão, tudo isso constitue um acolchoado fôfo e bucolico do mais ideal dos thálamos nupciaes.

— Como é bello isto e como se está bem aqui! — exclamou Ilda fixando a pupila n'uma nesga azul do céu entrevista por meio de dois galhos e dilatando as narinas com voluptuosidade.

— Pois não é?! Que melhor altar para sacrificarmos ao deus do amor?! — ciciou o galan excitadissimo e dispondo-se para um ataque em forma.

— Não, não — recusa Ilda com accentuada decisão.

— Por Deus, sê minha — solicitava elle com a voz supplicante d'esses momentos terriveis em que tudo se promete, pondo em prática quanto a experiencia ou a intuição aconselha.

— Não não, quando quizer ser tua, ha de ser com todas as commodidades e hei de vêr-te como as estatuas gregas dos museus. Agora, . . . só violentando-me. . . — declarou ella com a teimosia de quem toma uma resolução inabalavel.

O Dr. Orielaznip mais se convenceu, por esta idéa, do desequilíbrio da sua mentalidade. Não accedeu ao convite da violencia. Urgia pensar no regresso. Na volta, Ilda apanhando a carteira do mal succedido D. Juan, passou-lhe minuciosa busca. Revistou quantos papeis ali se encontraram. Como o companheiro não cessava, por palavras e obras, de proseguir na seducção, a russa com voz sibilante, mas sempre refreando os sentidos, disse-lhe:

— Cuidas que sou uma mulher de pedra!

— Até quando? — interrogou o galan no momento em que ella se apeava n'um dos largos proximos da sua moradia.

— Até depois de ámanhan, ás nove horas, em minha casa — respondeu Ilda acompanhando a phrase com um relancear de olhos cheios de sensuaes promettimentos.

O apaixonado, porque o começava a estar, e a valer, toma na noite da entrevista café no Madrid, compra bombons no Ferrari e encaminha-se para casa do ídolo com o coração aos pulos como um collegial. Reprime os seus impulsos para não se apresentar antes das nove, e na sua memoria evoca recordações de pretéritas aventuras o tanger longinquo do relógio de um edificio publico. Bate. Encontra-a só. O marido ausentara-se para uma festa campesina nos arrabaldes da cidade. Acaso ou cálculo? O filho mais velho, leccionado por uma explicadora, não

tarda, quando esta se retira, a deitar-se. Eis os dois sós na casa do jantar. Na cosinha, a creada, a Paulina, cabeceia n'um somno irresistivel. Serve-se o chá e conversa-se.

— Não queres então ter dó de mim, Ilda? — pergunta-lhe o dentista.

— A que chamas tu ter dó de ti?! — redargue a russa em tom ironico.

— Não queres ser minha, ceder aos meus rogos!... — argumenta Odlaumor, nome proprio do dentista, como os leitores se devem lembrar.

— Não, por ora, não me sinto disposta a chorar.

— A chorar?! —

— Sim, és pouco observador — Sublinhou Ilda cada vez mais ironica. — Nunca reparaste que quando uma mulher cede aos rogos do seu pretendente, no momento psychologico ou physiologico, como queiras, chora sempre?

— É facto, lembro-me agora — concordou o galan.

— Ora em amor a primeira lagrima que se faz verter, parece um diamante; a segunda, uma perola; a terceira, apenas uma lagrima...

— E d'ahi por deante.

— Um liquido cuja composição chimica é facil de definir, mas difficil de tragar pela pessoa que a provoca.

O Lovelace, n'um impeto, beija-a e tenta

cingí-la. Ha lucta. No estrebuchar divisa-lhe as meias. Eram de algodão, ordinarias, pretas do pé até certa altura, amarellas até o joelho, meias de serviçal provinciana. Que desapontamento! Esta visão arrefece-lhe o enthusiasmo. Prosegue o dialogo. Ella adivinha a impressão produzida.

— Na ausencia has de desejar-me mais que na presença — affirma Ilda um tanto resentida.

— Porquê, meu amôr?

— Durante a ausencia, as pessoas e as coisas transformam-se; o tempo trabalha em sentido opposto á nossa memoria. Esta apaga as antigas saliencias; o tempo, ao contrario, adiciona novas rugas.

— Condescende com o meu pedido.

— Cautela, que a Paulina está na cosinha!

— Vamos para mais longe...

— Talvez para o pé dos meus filhos?! — replica ella em tom chasqueador, e logo accrescenta refinando na zombaria: — a virtude é formosa nas mais feias, e o vicio é feio nas mais formosas.

Soou a meia noite. Não havia pretexto plausivel para prolongar a visita. O Dr. Orielaznip despede-se. A russa acompanha-o até á porta. Ahi, no limiar repete-se nova acommetida, por parte do visitante, mais ousada.

— Oh! vida! — limitou-se a balbuciar Ilda, mas defendendo-se com extraordinaria energia.

A porta fechou-se com estrondo.

Prolongaram-se as visitas pela semana adiante. Ambos, ella e elle, a proposito de odontalgia, de consulta e de traducção d'algumas obras de sciencia dentaria russas, traducção que Ilda, n'outros tempos aspirante a parteira, fazia do original e que Odlaumor simulava que corrigia, escreviam quanto queriam a proposito dos seus amores e das combinações que lhes convinha fazer. O marido assistia, com a impassibilidade typica dos da sua especie, a esse jogo, que não peccava nem por muito cauteloso nem por demasiado inventivo. Não ha duvida que o seu estomago impava de pasteis, mas merecia-o. De ora em quando, aos domingos entretinha-se a limpar as bicycletas para não perturbar o idillio, e concluida a limpeza sahia. A creada, a Paulina, não lhe perdoava. Ao vê-lo dependurar o chapéo no cabide, resmungava, mas de modo que elle ouvisse:

— E falam dos chibos, quando dois rebanhos se encontram, que trocam entre si as cabras!...

N'um dia de manhan, na sala da residencia de Ilda, o dentista declara-lhe:

— Este meu viver é um inferno!

— Não sejas impaciente, outros andam mais devagar e não se lamentam. Não fales em inferno que cheira a esturro, a enxofre, a pez, a unha de bode queimada, a qualquer mau odor — sublinhou Ilda com o seu usual chasqueio.

— Porque é que não hei de falar em inferno?!
— exclamou o galan quasi zangado — Sobre o inferno teem-se escripto bibliothecas e vertido diluvios de tinta. Se não fösse o inferno, Dante não seria coroado pela fama como um dos mais geniaes poetas produzidos pela humanidade. Que trabalho tem dado aos theólogos, escriptores e vates, o inferno!...

— Pois sim, — interrompeu a russa, sempre zombeteira — o inferno e o céo são duas mansões que andam tão ligadas como o principio do bem e do mal. Mas que queres tu?

— Que termines com esta tortura, que sejas minha.

— Pois bem, serei tua, com uma condição...

— Qual?

— A de me apresentares na Empreza Litteraria Brasileira.

— Para quê?

— Sim ou não?!

— Basta, seja.

— Já podia ter sido tua...

— Quando?

— Na noite em que aqui te demoraste e que meu marido não estava. Quando te foste, apoderou-se de mim um desejo louco de correr atrás de ti, de te chamar, de te dizer: « aqui me tens, pertence-te! » mas estavas tão apressado...

— Como torço agora a orelha!...

— Mas não deita sangue...

No dia seguinte encontrou-se com ella no lugar indicado, uma ourivesaria da rua do Ouro. Ilda apresentou Odlamor a Mrs. Twyne, mulher de um engenheiro. Conduziu-a o apaixonado em seguida á Empreza Litteraria Brasileira. Visitou ali todas as officinas e dependencias. O gerente, Julio Gouveia, ao vêr a russa com uma *toilette* tão espaventosa, e como adivinhando a verdade, tratou-a um tanto friamente, o que magoou o dentista.

N'essa mesma tarde o Dr. Orielaznip encontrou-se com Abel de Mendonça, e, como jungia os dois o autocratico dominio de duas mulheres, ambas do mesmo valor moral, entraram em confidencias. Depois de muito conversar disse o jornalista :

— Razão tinha aquelle sabio academico e eminente escriptor dramatico quando affirmou que um dos verbos mais irregulares é o verbo amar.

— Em que se funda para decretar tal affirmativa? — inquires o dentista.

— Olhe, segundo esse douto grammatico o presente do indicativo do verbo amar deve conjugar-se assim :

Eu te amo.

Tu me amas.

Ella me ama.

Nós casamos.

Vós nos enganais.

Elles se separam.

— Vá lá, ainda é benévolo.

Os dois *conquistadores* separaram-se.

Ilda cumpriu a sua palavra. Condescendeu em ir novamente a Caneças. O galan munuiu-se de pasteis e vinho do Porto para a jornada. A meio do caminho, e por solicitações de Odlau-mor, a russa exhibiu-se como qualquer rara obra de estatuaria n'uma galeria de esculptura. Farta de cabello, patenteou-o com toda a sua pujança. Chegados os dois amantes ao pinturesco logar, occuparam um quarto no antigo hotel Pimenta.

— Que feliz eu sou! — murmurou nervoso o dentista.

No salão do hotel estendia-se uma felpuda e branca pelle de urso. Um excursionista saloio entra ao mesmo tempo que o amoroso par, e pergunta ao dono da casa:

— A que animal pertence esta pelle?

— A este seu creado — redargue com a vaidade satisfeita o ingenuo proprietario.

Dirigiram-se os dois pombinhos para um quarto da esquina, bem illuminado por duas janelas. Tudo se encontrava ali desarrumado, a cama por fazer, o colchão e enxergão a nú, sem lençoes. Que importava? A tensão nervosa experimentada por Odlau-mor era fortissima... e prejudicou-o. Ilda sorria-se zombeteiramente. O galan portou-se como as circumstancias lh'o

permittiam, para o que não pouco concorreu o certificar-se que a arte não prodigalizara as suas linhas mais puras ao modelo que se lhe exhibia ante a vista. O regresso effectuou-se com tal ou qual frieza. No entanto, a russa, para não perder tudo, apeou-se á porta de sua casa com o vestido em desalinho e levando para contentamento do consorte o vinho do Porto e os pasteis que sobraram.

— Ora esta! — exclamava furioso o dentista — É a primeira vez que sou obrigado a arriar bandeira no momento do combate! Nada, preciso tirar uma desforra retumbante.

A frequencia de Odlamor a casa de Ilda proseguiu. N'um domingo, para adquirir maior intimidade, propoz-se cozinhar elle proprio o jantar. Não passava d'um simples pretexto para estar mais á vontade. Choveram os beijos durante o dia. Porfim, a russa, excellente cozinheira, salvou a situação com a sua opportuna interferencia, acudindo a um linguado e a uma *mayonaise* que, sem a sua pericia, ninguem se atreveria a comer. O jantar acabou por se converter n'uma delicia. Á sobremeza, de quando em quando, Ilda, extremamente hysterica, cerrava os olhos e todo o seu corpo se agitava n'um espasmo nervoso. Depois quiz mostrar as suas habilidades ao bandolim. Acompanhou-a o marido. Não fadara Deus o ouvido da moscovita para a musica. Desatinava. O consorte descespe-

rado increpou-a com certa aspereza. Ella, n'um arranco de amor-proprio ferido, exclamou, fixando significativamente Odlamor.

— Olha, Fernando, se não estás satisfeito commigo, vende-me, vende-me... Sempre haverá quem me compre.

O marido, em cujo cerebro não desabrochara a cellula da combatividade, quedou-se atrapalhadissimo. Ilda convulsionou-se n'uma crise de nervos. O consorte correu a chamar um medico para conjurar o ataque. Apenas voltou costas, a moscovita serenou immediatamente, e convidou:

— Agora estamos sós, podemos conversar sem que nos escutem ouvidos indiscretos.

E principiou a tagarellar com o ar mais natural e tranquillo do mundo. Quando chegou o medico, apenas lhe receitou socego e chá de tilia.

— Se não gostavas de teu marido porque casaste com elle? — perguntou-lhe no dia immediato o dentista, quando encontrou Ilda, a sós, em sua casa.

— Apesar de Fernando ser portuguez conheci-o em Berlim, n'uma casa de hospedes, — explicou a moscovita. — Empregava-se n'essa occasião n'um banco inglez, onde ganhava doze libras esterlinas. Não falava senão nas propriedades de seu pae e suppú-lo rico.

— Enganaste-te.

— Enganei-me. Imagina que é tão egoista que quando após o nosso casamento viemos a

Lisboa para me apresentar á familia, me deixou sósinha no caes do Sodré, e tambem só foi almoçar, sem se importar commigo. N'esse dia o meu almoço limitou-se a uma tangerina, que por tal signal comi com casca, o que surpreendeu quem me via ingerir tão frugal refeição.

— Voltaram depois para Berlim.

— Voltamos. D'ali, como os negocios não nos corriam bem, embarcamos para a Venezuela. Em Caracas o Fernando alcançou-se n'uma quantia importante. Valeu-lhe um dos primos, o Patrocinio, a quem elle pagou bem trahindo-o com a amante.

— Pagas-lhe agora na mesma moeda.

— Não. Sempre gostei de me divertir. Mas mais nada do que isso. Em Berlim, com a liberdade que ali existe, tinha um namorado, um irlandez, o Dr. Martingratz, rapaz alegre e folião. Uma vez fomos jantar a um restaurante. Elle não possuia nem um pfennig. Quando acabamos, entregou, para pagar a despeza, o relógio ao creado, com tal desplante, que este, em vez de se zangar, riu-se ás gargalhadas.

— Gostavas, n'esse caso, de sensações fortes.

— Com meu cunhado Jacinto, irmão de meu marido, tambem foliei á larga. Nos primeiros tempos que vivi em Lisboa pareciamos mais dois amantes que outra coisa...

— Quer dizer, a sorte predestinou o Fernando a ser...

— Não sejas insolente...

E Ilda com um movimento entre indignado e malicioso tapou com a mão a bôcca de Odlaumor.

Breve houve uma tourada de fidalgos na praça do Campo Pequeno. O Dr. Orielaznip mandou a Ilda dois bilhetes, um para ella outro para o marido. No dia immediato, quando o apaixonado annuncia a visita, ás dez da manhan, ella não o recebe e manda-lhe pedir para vir mais tarde.

— Que aconteceu? — inquerere o *conquistador* um tanto sobresaltado.

— O Patrocínio, primo de meu marido, como principia a causar escândalo as tuas visitas aqui, veio propôr-me, em nome da familia, o ir eu para Paris estabelecer um *atelier* de costura...

— Quanto te dão para isso?

— Cem francos mensaes.

— E vaes?

— Comtigo... quando quizeres.

Combinaram então reunir-se n'um hotel em Lisboa. Foi pontual. Quando, porém, o D. Juan ali se apresenta, ella afflictissima ou fingindo-se, diz-lhe:

— Sou seguida por um homem, que mora perto de minha casa. Addiemos a nossa entrevista para outra occasião.

— Seja como quizeres — condescendeu o Lovelace muito contrariado, retirando-se para o seu consultorio.

Decorrida uma hora entra-lhe Ilda pela porta dentro.

— Por aqui?! — interroga o dentista.

— Fui buscar meu marido, dei umas voltas com elle pela Baixa, para desnortear quem me seguia, e estou agora ás tuas ordens.

Sahiram os dois. Breve se juntaram no quarto do hotel. O galan desforçou-se da passada derrota.

— Estás um pândego de *estalo* — commentou Ilda em calão e com a sua inflexão estrangeira.

— Sabes bem o que fizeste? — perguntou-lhe o *vencedor* entre candido e ironico.

— Sei muito bem; o que eu não quero é passar miseria.

Era a primeira vez que a moscovita falava em dinheiro. Não seria a ultima.

VIII

Um capítulo de giria

Na Mouraria — Dialogo interessante — Freguezes curiosos — Desconfiança immerecida — Receios infundados — Arte nobre — Respostas a tempo — Um janota — A previsão do futuro — Uma « lumia » — Uma piada — Allegação difficil — Reboliço — Intervenção inoportuna — O maluquinho de Arroyos — Na rua dos Fanqueiros — Afan na venda — Ardil de mercadores — « Desamosque » — Surpreza — Contando com a impunidade — Amputação compromettedora — Contrastes — Raciocinio irrespondivel — Prova concludente.

— Traga d'ahi uma dose de *estofó* ¹ uma *viuva* ² e *dois orfãos*, ³ tia Maria!

— Olá, Zé da Naifa! Ha muito tempo que não nos dás um ar da tua graça.

— *Estou no limbo*. ⁴ A Estrudes Zarolha que andava a *gandaiar* ⁵ foi apanhada a *ganfar* ⁶ e deu fundo no *verde limo*. ⁷

— Estás então *apeado*? ⁸

¹, Bacalhau desfiado; ², uma garrafa; ³, copos; ⁴, não ter amante; ⁵, vadiar; ⁶, vender o producto do roubo; ⁷, Limoeiro; ⁸, sem amante.

Travava-se este dialogo n'um *armazio* ¹ da Mouraria, dos que gosavam peor fama na policia, entre um rapaz de vinte para vinte e dois annos, de chapéo de aba larga e direita, jaqueta com alamares de retrós, lenço de seda da India, com ramagens, ao pescoço, calças á bôcca de sino, ar gingão, e uma mulher nova ainda, mas corcovada, rachitica, estrábica, de rosto bexigoso, onde se estampava uma repugnante expressão de vicio soez. Acompanhava este primeiro cliente outro da mesma idade e aspecto.

A tia Maria, no cumprimento do seu dever, dirigiu-se ao armario desconjuntado, de côm que nenhum droguista seria capaz de classificar, tirou d'ali uma garrafa e dois copos pequenos e requisitou para a megera que desempenhava as altas e immundas funcções de cosinheira o petisco indicado. Tudo foi collocado n'uma denegrada mesa de pinho, cujas pernas cambaleavam tanto como a maioria da clientela quando d'ali sahia.

— Oh! *marada* ² — disse o segundo dos freguezes para o primeiro apontando para os copos — isto são dois *martelinhos* ³ indignos de dois *filhos do golpe* ⁴ como nós. Manda lá vir dois *archotes* ⁵ que se *clisem* ⁶ *lonjantes* ⁷. A

¹, Taberna; ², companheiro; ³, copos pequenos; ⁴, gatunos que mettem as mãos nos bolsos, ou os cortam e partem as correntes de relógio; ⁵, copos grandes; ⁶, vejam; ⁷, a distancia.

dona do estabelecimento satisfez a reclamação. Os dois tranquillos amigos do alheio devoraram o pitéo feito com o peor bacalhau e temperado com azeite em que a purgueira entrava em muito maior proporção que a azeitona. A tia Maria puxou de um mocho, abancou junto dos dois, e lamentou :

— Com que então a Estrudes está á *sombra*.¹ É pena, ha poucas *gilfas*² como ella. Apanharam-na n'algum *cardanho*?³

— Não, não lhe puzeram os *elisios*⁴ a *soquir*.⁵ Foi um *cysne*,⁶ que a *assoprou*⁷ quando estava a *passar a ferro*.⁸ Ainda se quiz *lengar*,⁹ mas appareceu um *cegonha*¹⁰ que a *trincafiou*¹¹.

— Era *folga*?¹²

— Já ia para a *cova*¹³ para *calmar*¹⁴ o *pae*¹⁵ quando um *gambrozino*¹⁶ lhe deitou o *gadachim*¹⁷.

— Foi d'ali para a *cosinha*...¹⁸

— Onde a metteram no *gambaz*...¹⁹

A conversa interrompeu-se n'este ponto pela chegada de dois novos frequentadores. A sua apparencia não era mais para tranquillizar que a

¹, Presa; ², ladra; ³, roubo; ⁴, olhos; ⁵, palmar; ⁶, espião; ⁷, denunciou; ⁸, vender o furto; ⁹, fugir; ¹⁰, agente da policia; ¹¹, prendeu; ¹², furto rendoso; ¹³, casa do receptador; ¹⁴, passar o furto; ¹⁵, receptador; ¹⁶, policia secreta; ¹⁷, unha; ¹⁸, esquadra da policia; ¹⁹, calabouço.

dos primeiros. Fizeram um signal mysterioso ao Zé da Naifa e ao companheiro e assentaram-se perto do balcão, n'uma banca igual ás tres restantes da luxuosa *gerianta* ou tasca.

— Que vae para *gandir*? ¹ — inquiriu a tia Maria.

— Estou com uma *rafa* ² que não *lupo* ³ nada! — exclamou um dos recémvindos.

— Já vamos *latingar* ⁴ — respondeu-lhe o outro, e virando-se para a proprietaria encomendou-lhe: — Traga *minhocas*, ⁵ *gera* ⁶ cosida, *meia fronha* ⁷ para cada um, uma caneca de *verdoso d'alangues* ⁸ e dois *filhos de viuva*. ⁹

— Que tal andam vocês de *quintuques* ¹⁰ — inquiriu cautelosamente a tia Maria, — ou estão a *troço de baquines*? ¹¹

— Qual! Trazemos aqui nos *dentremes* ¹² uma porção de *filhós* ¹³ e, nas *galdinas*, ¹⁴ *valantinas* ¹⁵ á *ufa*. ¹⁶

— Graças ao *juiz do bairro alto* ¹⁷ não padecem de *falta de ar* ¹⁸ — comentou a tia Maria, e em seguida adduziu: — toparam por ahi com algum *busilhão* ¹⁹ ou foi obra de *mosco*? ²⁰

¹, Comer; ², fome; ³, vejo; ⁴, comer; ⁵, sopa de macarrão; ⁶, carne de vaca; ⁷, meio pão; ⁸, vinho verde; ⁹, copos; ¹⁰, dinheiro; ¹¹, sem vintem; ¹², bolsos interiores; ¹³, notas do banco; ¹⁴, calças; ¹⁵, moedas de cinco tostões; ¹⁶, á farta; ¹⁷, Deus; ¹⁸, andar miseravel; ¹⁹, tesouro; ²⁰, roubo com arrombamento.

— Contos largos, tia Maria, venha de lá primeiro a *rostideira* ¹ e depois entraremos no *remedio*. ²

A dona da baiuca decidiu-se então a servir os dois conhecidos, não sem ainda manifestar no semblante uma certa expressão de duvida, o que bem demonstrava que não gosavam de illimitado credito na ignobil pocilga.

— Não será mau deitar por ahi os *lupantes*, ³ não seja o *rabão* ⁴ que a *cabrada* ⁵ se lembre de *toscar*, ⁶ ou algum *pardal* ⁷ *alargar as puxadeiras* ⁸ — recomendou um dos comensaes olhando desconfiado para a entrada.

— Os *pardaes* nem os *bufos* não se mettem muito com os *unhantes*, ⁹ só *calcorriam* ¹⁰ *atroços* ¹¹ dos *menezes* ¹² da alta — objectou o amigo.

— Já botei a *corneta* ¹³ fóra da *drofu* ¹⁴ e não gira *peixe na costa* ¹⁵ nem se pisca sombra de *prussia*, ¹⁶ socegou a tia Maria.

— Agora era para arrelampar *ir no cambão*. ¹⁷ Se algum *filante* ¹⁸ se lembrasse de me *agadacanhir* ¹⁹ migava-o que nem salsa com a *muda* ²⁰ — volveu o Gregorio das Melenas, tal era o nome do mais receoso dos convivas.

¹, Comida; ², remedio; ³, olhos; ⁴, o diabo; ⁵, policia; ⁶, vêr; ⁷, espião politico; ⁸, ouvir; ⁹, gatunos; ¹⁰, correr; ¹¹, atrás; ¹², homem; ¹³, cara; ¹⁴, porta; ¹⁵, gente suspeita; ¹⁶, policia; ¹⁷, preso; ¹⁸, official de justiça; ¹⁹, agarrar; ²⁰, navalha.

— Se elle não avezasse algum *legante* ¹ que te *arrefecesse* primeiro — retorquiou o Manel Rapiça, ² graça do segundo comensal.

Esta simples idéa fez estremecer o Gregorio que ao mesmo tempo se tornou tão lívido como um doente a quem acabam de sangrar.

— *Tenéne* ³ ficaste com asca á *vagarosa* ⁴ e ao *moxinheiro* ⁵ — notou o Rapiça.

— E ainda vá lá -- acrescentou o Gregorio — que cá na *Terragosa* ⁶ não usam o *cesto de gavea*; ⁷ cá mandam um *fabiano* ⁸ para a *casa do cão*. ⁹

— Esta vida do *daduncho* ¹⁰ e a arte de *aliviar* ¹¹ os *lofos* ¹² era de encher o olho se não fossem os melros que *dão á adica* ¹³ e que ferram com a gente na *rama*! ¹⁴

— Depois que ha de a gente fazer! Deitar chapadas de cal como um *arguino*, ¹⁵ amassar pão como um *rei*, ¹⁶ ou andar negro como um *cravo*? ¹⁷ Nada! Se ainda fosse no tempo dos conventos mettia-me a *raso*, ¹⁸ mas deu o *caruncho* nas *gangarinas* ¹⁹ e as *gadachas* ²⁰ já não se deixam *franzer*. ²¹

— A gente *arma* ²² um *leilão*, dá mil voltas

¹, Pistola; ², patuscada; ³, tu; ⁴, cadeia; ⁵, juiz da prisão; ⁶, Lisboa; ⁷, cadafalso; ⁸, fulano; ⁹, penitenciaria; ¹⁰, fado; ¹¹, roubar; ¹², tolos; ¹³, denunciar; ¹⁴ prisão; ¹⁵, pedreiro; ¹⁶, padeiro; ¹⁷, carvoeiro; ¹⁸, frade; ¹⁹, egrejas; ²⁰, beatas; ²¹, intrujar; ²², planeia.

á *michosa* ¹ para que saia *zouca* ² de geito, tem n'isso todo o *filé*; ³ sim porque um homem não é de gesso. Não pode passar sem *ponis* ⁴ e uma *pécora* ⁵ custa *chelpã* ⁶ e o *folle das migas* não se enche de ar! Mas os *pas-mas* ⁷ põem-se á *coca*, ⁸ um socio da *ripiã* ⁹ pretende *escoar-se*, ¹⁰ atiram-lhe as *gadunhas*, ¹¹ apresentam-nos ao *quarto de olho*, ¹² d'ahi mandam-nos para o *prado*, ¹³ o *papa-gente* ¹⁴ esfolanos com as custas do processo, o *curioso* ¹⁵ tanto *trama* que a *moquideira* ¹⁶ *desabotôa-se* e vomita-se quando existe no *saco da borôa*. ¹⁷

Em seguida o Gregorio das Melenas entrou em confidencias da sua vida passada, confidencias que nós traduziremos em vulgar para não moer o leitor.

— Olha, uma vez estava preso por ter passado moeda falsa. O advogado conversa comigo. As provas eram graves e a accusação aproveitava tudo. O advogado muito surprehendido pergunta-me: «Mas como se decidiu vocemecê a fazer moeda falsa?»

— Que lhe respondeste tu? — pergunta-lhe o Manuel Rapiça.

¹, Cabeça; ², coisa; ³, esperança; ⁴, mulher; ⁵, amante; ⁶, dinheiro; ⁷, policias; ⁸, á espreita; ⁹, larapios; ¹⁰, fugir; ¹¹, mãos; ¹², commissario de policia; ¹³, prisão; ¹⁴, escrivão; ¹⁵, juiz; ¹⁶, bôcca; ¹⁷, barriga.

— Ora respondi: « Talvez o senhor doutor imagine que é facil fazê-la boa? »

— Com que *facha* ¹ se ficou o *palrante*? ²

— Com a mesma que tinha.

— Uma vez tambem — narrou o Manuel Rapiça — o juiz perguntou-me n'uma audiencia: « Então vocemecê depois de roubar a sua victima fugiu? »

— E tu que lhe voltaste?

— Voltei-lhe: « Parece-me, senhor juiz, que no meu caso fazia o mesmo. »

— *Aquemenéres* ³ assim é que é *fanfar-lhe*.

— D'outra *vezante* ⁴ — relatou o Gregorio das Melenas — respondia um *gajo taludo*. Diz-lhe o juiz: « Confessa n'esse caso que quebrou a sua bengala nas costas do queixoso? »

— Negou...

— Qual negou?! Retorquiou: « E' verdade, senhor juiz. »

— O homem da lei zangou-se...

— Não zangou; inquiriu: « E não tem pena d'isso? »

— O outro confirmou?

— Confirmou, redarguindo-lhe: « Se tenho! A bengala era nova em folha. »

N'este momento entrava o Bento acompanhado por um patricio seu. Embora não lhe

1. Cara; 2, advogado; 3, bem feito; 4, vez.

fosse estranha a casa nem baiuqueira, a honradez peculiar aos naturaes da sua provincia obrigava-o a experimentar uma sensação de mal-estar n'aquelle antro e em companhia de *girotos*¹ e de *malafaias*² de reputação consumada no crime. Todos mais ou menos o conheciam da época em que elle á esquina esperava que o empregassem em fretes e recados.

— *Tôscã* o Bento — exclamou o Manuel Rapiça — entrega-se á *choinice*³ e vem todo *triques* á *beirinha*⁴ e de *envergadura*⁵ liró. E' o bello do *escovadinho*⁶ novo, *limosa*⁷ de gomma, *esganadora*⁸ á moda, *ranhoca*⁹ de *medula*,¹⁰ *macovio*¹¹ do trinque, *trozes*¹² atiambradas, *encanhas*¹³ de côr e *marretas*¹⁴ de lustro. Dá-se á *toina*¹⁵ não lia que ver!

— Aquillo não são *bolonios*¹⁶ para *trinqueta*¹⁷ — obtemperou o Gregorio das Melenas — armam em *sovelões*¹⁸ e emquanto não chegam a *rupins*¹⁹ não descansam.

— Além da farpella flamante traz um *regulado*²⁰ preso a uma *amarra*²¹ de *lodo*²² e um *cachucho*²³ com *luzente*²⁴ n'um dos *gadachos*.²⁵

1, Vadios; 2, de profissão duvidosa; 3, ocio; 4, janota; 5, traje; 6, chapéo; 7, camisa; 8, gravata; 9, lenço de assoar; 10, seda; 11, casaco; 12, calças; 13, piugas; 14, sapatos; 15, vadiagem; 16, pobretes; 17, vadiice; 18, avarentos; 19, ricos; 20, relógio; 21, cadeia; 22, ouro; 23, anel; 24, pedra preciosa; 25, dedos.

— Talvez a *amarra* seja de *lodo macareno*.¹

— Qual! Até a *petruza*² é de *laia*.³ Aquillo é que é *luxança*!⁴

— Mas que demo vens tu aqui fazer a este covil, só frequentado por *gandaieiros*?⁵ O menos que nos acontece é palmarem-nos o *bago* todo — dizia para o Bento o seu companheiro.

— Venho em serviço do meu partido. Quando a gente toma a serio uma empreitada precisa levá-la a cabo. Ninguem me encommendou o sermão, mas como me affirmaram que não ha eleições sem *chapelada* e sem *cardar*⁶ a urna venho aqui para travar conhecimento com qualquer d'estes *maquinosos*⁷ para qualquer *surripio*⁸ eleitoral futuro — explicou o Bento.

— Então toca a *estender o trombil* que a *pe-neira* é alguma.

— Que *rufas*?

— Qualquer *trincosa*.⁹

— O' tia Maria — chamou o Bento, tão conhecedor do calão como os demais frequentadores da casa, — traga de lá essa *refeita*.¹⁰

— E o que é que *suquem*?¹¹

— *Palhada*¹² com *carcavões*,¹³ um *massudo*,¹⁴

¹, Plaquet; ², bolsa; ³, prata; ⁴, luxo; ⁵, vadios; ⁶, roubar; ⁷, ladrão de estrada; ⁸, roubo; ⁹, comida; ¹⁰, ceia; ¹¹, comem; ¹², caldo; ¹³, feijões; ¹⁴, pão de trigo.

depois *bifes sombrios*,¹ duas *larjas*² e uma *gargantosa*³ de *bálsamo*?⁴ — pediu o gallego.

— Mais nada? — inquiriu a taverneira.

— Para o fim dois *meios-curtos*.⁵

Entrou n'esse momento uma das creaturas, quasi sem sexo, em geral, mais infelizes que viciosas que convivem com os fadistas e gatunos nas alfurjas mais immundas da cidade, e logo a frequencia exclamou:

— Olha que *pécega*!

— E' uma *especia* de rachar!

— Uma *pechincha* é que ella é!

— Não passa de uma *lumia*!

— E eu agora que *estou no pinho*!⁶

— Fazes-te então com terra para ser o seu *gajo bom*?⁷

— Ora, é capaz de ter *periquitos na salsa*.⁸

— Ora, mais *ganau*,⁹ menos *ganau* não faz ao caso.

A mulherzinha assenta-se n'uma banca mais arredada e a clientella proseguiu na conversação iniciada. Narrava um:

— Uma occasião, quando eu estava na *mon-teira*,¹⁰ apparece-me de visita um advogado todo *alho*¹¹ e mais chupado que uma *aranhota*.¹² Far-

¹, Iscas; ², laranjas; ³, garrafa; ⁴, vinho; ⁵, café com aguardente; ⁶, sem amante; ⁷, amante preferido; ⁸, bichos no corpo; ⁹, bicho; ¹⁰, prisão; ¹¹, esperto; ¹², sardinha.

tou-se de dar á *galradeira*¹ commigo e por fim pergunta-me: «Confessou-me tudo, tudo?» Respondei-lhe affirmativamente.

— O que? Confessaste-lhe tudo?

— Tudo é um modo de falar. Confessei-lhe tudo, excepto o sitio onde escondi os *milhestros*.² Não que eu queria encontrá-los quando sahisse do *monte de pedras*.³

— Não ha que fiar em ninguem.

Outro contou o seguinte incidente:

Um advogado defende um preto, accusado injustamente, e perora:

— Tenho fé em vós, senhores jurados. Estou certo de que o meu cliente sahirá d'aqui *branco como a neve*.

— Então — commenta a ouvinte — não queria pôr o *escarunfa* tão branco como a *ardina*.⁴

— Ha cada um — observou da mesa proxima um *sobaqueiro*,⁵ — peor que um *ladrante*.⁶ Aqui ha tempos um juiz dirigiu-se ao accusado, a quem o advogado defendera pessimamente, e perguntou-lhe: «Tem mais alguma coisa a allegar em sua defesa?»

— «*Nadantes*,⁷ aposto que lhe respondeu o do *palmanço*...

¹, Lingua; ², dinheiro; ³, prisão; ⁴, aguardente; ⁵, o que furta fazenda das portas dos estabelecimentos; ⁶, cão; ⁷, nada.

— Qual! O réu virou-se para o juiz e retorquiu-lhe: « Apenas rogo a V. Ex.^a que tome em consideração o que o meu advogado deixou de dizer. »

— Boa piada!

— Às vezes ouve-se no tribunal cada uma que até dá ganas da gente não sair da *sacca*.¹ Um gajo *gisou*² uma parelha de *andantes*.³ Apanharam-no com a bocca na botija. Quiz dar ás *garulas*,⁴ mas não o conseguiu. A *philarmonica* do *rouxinol* fartou-se de tocar, appareceram *padrinhos*⁵ em barda e na Boa Hora dá-se a seguinte scena:

— Senhor juiz, como não está cá o meu defensor peço a V. Ex.^a para que addie o julgamento do meu processo.

— Mas se o réu foi apanhado em flagrante, que pode dizer o advogado em sua defesa?

— Isso mesmo penso eu, e tenho muita curiosidade de o ouvir.

Entraram mais frequentadores. Comeram, beberam e emborracharam-se.

— Para acolá commentou um cliente d'outra mesa, *tocam trombeta* sem descanso, é cada *bico* de tremer e d'aqui a bocado vae para ahi mais *arroz*⁶ que *pintasilgos ha na balseira*.⁷

¹, Cadeia; ², roubar; ³, cavallos; ⁴, pernas; ⁵, testemunhas; ⁶, pancada; ⁷, bichos.

Ainda bem estas palavras não terminavam quando se levanta um reboção medonho.

— Ena pae! — exclama um dos espectadores — que quantidade de *sardinhas*, ¹ *espinhas*, ² *tibas* e *palitos* ³ andam á fiveleta.

— Ora um homem decidido com um *faxo* ⁴ põe tudo aquillo no olho da rua.

— Deixa lá que ha ali alguns *janizaros* ⁵ que saltam como *pulantes* ⁶ e talvez para os segurar se precisasse de uma *cachorra*. ⁷

— Qual cabaça! Para aquillo bastam dez *gal-rachos*. ⁸ Em se lhe deitando a *ganchorra* ⁹ não soltam mais pio. Não se querem cá *fungantes*, ¹⁰ nem *arames*, ¹¹ nem *estardatos*. ¹²

— Pois sim, mas convence-te que para um *derrubador*, ¹³ não ha nada como *servir* ¹⁴ uma dose de coronha de *caganefa*. ¹⁵

Dentro em pouco a desordem tomava proporções assustadoras. Poucos eram os que não estavam envolvidos no conflicto.

— Os *trancos* ¹⁶ *chamborgas* ¹⁷ *calmam* ¹⁸ uns nos outros a valer. E' *macarrão* ¹⁹ por dá cá aquella palha. Que lambança! Chovem as *narcejas*, ²⁰ as *losbias*, ²¹ as *tanôas* ²² e os *moleques* ²³

¹, ², ³, Navalhas; ⁴, pau; ⁵, tunantes; ⁶, pulgas; ⁷, pistola; ⁸, dedos; ⁹, mão; ¹⁰, espingardas; ¹¹, espadas; ¹², estoques; ¹³ faca; ¹⁴, espancar; ¹⁵, espingarda; ¹⁶, homens; ¹⁷, fanfarrões; ¹⁸, bater; ¹⁹, pancada; ²⁰, ²¹, ²², ²³, bofetadas.

que é um nunca acabar! Um d'elles tem-se na conta de *bogalhão*... ¹

— Pois sim. Fiem-se na *Darona* ² e não corram e verão o moquenco que levam.

— Um *fez gravata* ³ ao outro...

— Tambem apanhou-o uma *estampa!* ⁴

— E a *rasteira* que aquelle lhe passou?

— Mas como principiou todo este *banzé?*

— Um atrevido metteu-se com a *patrajona* ⁵ de um d'elles, o amante quiz *tirar as parias* ⁶ e levou uma *trolha*. ⁷ Como é *carunfeiro* ⁸ largou-lhe um *moscardo* ⁹ e agora os verás! Foi distribuição de *trundo*, ¹⁰ *faite*, ¹¹ *banano*, ¹² *chegadinha*, ¹³ *mócada*... ¹⁴

— Bem o estou vendo, mas não tarda que surja por ahí a *ruiva*. ¹⁵

Não se enganava o meliante que fizera a prophécia. D'ali a pouco entraram pela porta dentro uns cinco ou seis policias de sabres desembainhados e principiam a distribuir *peixe espada* para a esquerda e para a direita, secundados por alguns *segurelhas* ¹⁶ que andavam na *rusga*. ¹⁷

— Olha que nos *abuçam*. ¹⁸

¹, Valentão; ², Virgem; ³, enfiar-lhe a guitarra; ⁴, bofetada; ⁵, amazia; ⁶, tomar a defesa; ⁷, bofetada; ⁸, desordeiro; ⁹, tabefe; ¹⁰, ¹¹, murro; ¹², pancada; ¹³, navalhada; ¹⁴, pancada; ¹⁵, policia; ¹⁶, cabos de policia; ¹⁷, prisão; ¹⁸, cercar.

— Ala, ¹ toca a *miscar*. ²

Os gatunos e fadistas que puderam, fugiram; os menos espertos ou menos ageis, calhram nas mãos dos agentes da auctoridade.

— Sempre me ias mettendo em boa — declarou o companheiro do Bento para o seu compatriota, depois de ambos terem provado aos guardas da segurança publica que eram homens honrados e pacíficos — vamo-nos embora!

— Estás *esfolado*, ³ não mereço o *varejo*, ⁴ mas vamo-nos embora — condescendeu o Bento.

— Doe-me tanto o *paiol* ⁵ que não tenho remédio senão ir *armar á raposa* — queixou-se o Ramon, o afflicto companheiro do Bento.

— Tambem não és homem para nada, não passas de um *zachael*. ⁶

O interlocutor cu por não ter entendido ou por lhe convir, não varreu o insulto, e propôz:

— Preciso ir a um *carapuceiro* ⁷ do largo do Corpo Santo ou da rua dos Fanqueiros.

— Para quê? Olha que são passaros bisnaus.

— Pensas que eu sou algum *rôla*? ⁸

— Pois sim. Ha ali menino que lhe luz mais o olho que a um *narro* ⁹ ás escuras.

Encaminharam-se os dois para a rua dos

1, Ir embora; 2, fugir; 3, zangado; 4, censura; 5, estomago; 6, burro; 7, algibebe; 8, pessoa inexperienced; 9, gato.

Fanqueiros. Esbarraram no trajecto com um ajuntamento.

— Que é? — inquiriu Ramon.

— É o maluquinho de Arroyos vestido de *magala* — informou o Bento depois de se inteirar da causa da agglomeração.

Realmente no meio de um grupo constituido quasi na totalidade por garotos divisava-se um rapaz franzino, com os ossos a furarem-lhe a pelle. Vestia um fardamento velho de musico de infantaria. A sua idiotia manifestava-se evidente no olhar entornado, vago e inquieto. Acompanhava-o a mãe e a irman, ambas pobrissimas, que percorriam varias casas da cidade, onde, por esmola, recebiam comida. O rapazão em redor judiava com o desventurado e tomava-o por alvo de toda a casta de dichotes.

— Pobre maluco, ainda o fazem mais maduro! *Totelicante*¹ se julga no direito de *petiscar*² para se *roçar*³ á vontade. Os *gandos*⁴ comem-no — raciocinou o Bento.

— É um desgraçado que *espicha* de *galga*,⁵ sem ter quem lhe dê um bocado de *morca*.⁶ Mais valia ficar para ahi debaixo de um *rolante*⁷ que o vindimasse — accrescentou Ramon tambem já em selecto calão.

¹, Toda a gente; ², zombar; ³, rir; ⁴, bichos;
⁵, fome; ⁶, brôa; ⁷, carro.

Pararam em frente de um estabelecimento de fanqueiro. Lá dentro, por trás do balcão, mantinham-se hirtos, como antigos soldados na forma, tres caixeiros e marçanos. O dono da loja, a um dos lados, apenas divisou aquelles provaveis freguezes, carregou o sobreceño como os antigos guerreiros desciam a viseira ao deparar-se-lhe a ponta de uma lança que lhes procurava o rosto. Os marçanos e caixeiros trocaram entre si um rapido e significativo olhar de zanga, quasi de furor.

— Que quererão estes maçadores? — resmo-neou por entre dentes o patrão.

— Que typos tão embirrentos! — murmurou o primeiro caixeiro.

— Tem mesmo cara de *Sebastião*¹ — addicionou o segundo.

— Estava a gente aqui tão descansado... Não podia escolher outro fanqueiro?... Estou hoje ainda mais *sona*² que de costume... — conceituou o marçano.

— Talvez seja alguma *torcida grossa*³ — lembrou o moço.

— Ora adeus! São capazes de ser guardadores de *roncantes*⁴ — retorquiou o primeiro caixeiro.

O Bento e o Ramon entraram. Nenhum dos

¹, Tolo; ², preguiçoso; ³, pechincha; ⁴, porcos.

cinco sujeitos se moveu do lugar em que estava.

— Estes gajos não tugem nem mugem; são como *lanchos*¹ e não se resolvem a *dar ao beque*² — monologou o Bento.

— Eu quero uma jaqueta de alamares das melhores que haja no estabelecimento — solicitou Ramon.

— Não seria melhor comprares uma *casca* ou japona? — inquiriu o Bento.

— Não; desejo apparecer lá na terra como um principe e prefiro a jaqueta — respondeu Ramon.

— E não acha melhor, nem de tão boa fazenda em parte nenhuma — resolveu-se porfim a dizer um dos caixeiros, despendurando com manifesto mau humor dois ou tres jalecos que se balouçavam á porta, com alamares de seda preta, cotovêlos e canhões da mesma materia.

— Vocemecês podem comprar n'esta casa com inteira confiança, porque aqui não se engana ninguem — declarou o proprietario do estabelecimento.

Durou uma boa meia hora o regatear do preço da jaqueta. Ao cabo d'esse tempo resolveram os mercantes cedê-la por um preço tão diminuto que o Bento resmungou de si para si:

¹, Penedos; ², falar.

— Aqui anda *marosca*. Estes maraus fazem-se de manto de seda para *marimbar* ¹ o Bento, mas pagam o patau, olá se pagam!...

— Não quer mais nada? Um lenço de seda para trazer na algibeira com a ponta de fora, como ali o seu amigo — suggeriu o segundo caixeiro atirando para cima do balcão com uns poucos de lenços.

O Ramon tentou-se com as côres garridas e logo deitou o olho para um dos que lhe ficavam á esquerda. O caixeiro colheu o olhar no trajecto e afastou immediatamente esse, principiando a insistir sobre a belleza e superior qualidade dos demais.

— Quanto custa este? — perguntou o Ramon apontando para aquelle de que gostara.

— Este é muito mais caro. A còr é *fixe*, é só seda, sem nenhum algodão. Mas por ser para vocemecê, para continuar nosso freguez, apenas lhe levo mais dois tostões — condescendeu o vendedor.

— Pateta! — preveniu-o a meia voz o Bento. Vaes no embrulho. Não dês nem mais uma *cheta*. Os lenços são todos do mesmo preço. Elle é que *pescou* que tu gostavas mais d'aquelle e afinfa-lhe no preço.

O caixeiro embrulhou cuidadosamente a ja-

¹ Enganar.

queta e o lenço n'um jornal e quando atava o pacote cahiu-lhe este no sobrado, para dentro do balcão. No momento da queda, que a Ramon se atigurou o mais natural possivel, o empregado virou-se a tres quartos para o moço da casa, e disse:

— *Desamosque!*

O moço lançou-se acto contínuo em direcção do embrulho cahido, afastou-se com elle e começou a ligá-lo demoradamente. Nem estas manobras nem a palavra proferida pelo mercador passaram despercebidas ao Bento. O gallego aproximou-se do seu conterraneo e baixinho ordenou-lhe:

— Chama um policia e vem com elle aqui.

O Ramon esboçou um momento de surpresa, mas obedeceu. O Bento virou-se para os empregados do estabelecimento e explicou:

— Este meu amigo vae ali conversar com um *irmão do Santissimo*¹ para deitar uma carta, mas não se demora. Eu cá pago por elle. Quanto é?

— São tres mil e setecentos reis — sublinhou o caixeiro lançando uma furtiva mirada de troça para o collega da esquerda.

— Faz-me um favor — solicitou o Bento, tirando da algibeira o seu pintalgado lenço de

¹ Marco postal.

seda. Formigam por ahí os gatunos. Tenho medo que m'ó roubem, junta-m'ó ahí á jaqueta.

O caixeiro empallideceu. O Bento agarrou no pacote, e, com os seus dedos nodosos de moço de fretes, quebra o cordel como se fôra um tenue fio de linha, ao mesmo tempo que a todo o transe o logista pretende arrancar-lhe o embrulho, offerecendo-se com voz supplicante :

— Eu arranjo isso, eu arranjo isso.

N'este momento surgia entre os humbraes de uma das portas o Ramon acompanhado de um policia.

— Senhor guarda — rogou o Bento com a ironia a vibrar-lhe no tom, — desejava muito que assistisse ao desembulhar d'este pacote, que deve conter uma jaqueta de alamares e um lenço.

E, ao proferir estas palavras desfez o pacote, que, com grande pasmo do Ramon, só encerrava um pedaço de serapilheira.

— Ai! que ladrões! — berrou o indignado natural de Betanzos, levantando o punho para desfechar um tremendo murro no caixeiro.

O dono do estabelecimento pediu misericordia aos gallegos e quiz entrar com elles em ajustes para que a auctoridade não se intromettesse no assumpto. Os dois cederam. Levaram a jaqueta e o lenço de graça. O policia recebeu uma *carinha* para se tornar cego e surdo. O patrão lançou estas verbas todas na conta corrente do imperito caixeiro. Este, por iniciativa sua, deu varios

sopapos na gaveta e tributou em mais uns tantos reis as compras feitas por freguezes patêgos.

— Como déste tu pela intrujice? — perguntou Ramon ao Bento.

— Quando lhe ouvi dizer para o creado da loja: *desamosque!* É um signal entre elles que eu conheço muito bem.

— Porfim o freguez sempre dá pelo lôgro e é um descredito para a loja.

— É claro que a gente honrada não pratica d'estas burlas. Isto representa mesmo uma excepção, mas ha quem o faça. Conta com a impunidade e com a tolice da freguezia...

— Devem ficar conhecendo o estabelecimento.

— É difficil. As lojas estão pegadas umas ás outras e parecem-se como um gato com uma gata. Um saloio, um provinciano, que só abre o embrulho em casa, como prova no dia seguinte, entre tantas casas e tantos caixeiros, quem o enganou? É aos caixeiros, que sabem assim ou d'outro modo zelar os interesses do estabelecimento, que em gíria do commercio se chama um *bom balcão*.

— Oh! que raça!

Os dois continuaram passeando. De subito o Ramon estaca deante de uma salchicharia.

— Que demonio ficaste para ahi pasmado em frente d'esse *grunho*, d'esse porco? — interrogou o Bento.

— Sabes que desde que me aconteceu aquella

partida nunca mais tornei a comer carne de *grulha* — Declarou o Ramon.

— Porquê? Que mal te fizeram os cevados? Que partida foi essa?

— Ah! não sabes?! Eu servia n'uma casa de pasto do Campo Grande. Matavam ali dois, tres suinos por anno. Um dia estava a encher chouriços e tinha deante de mim uma celha com a carne para o recheio. Um porco, dos vivos, solta-se, vem ter com a filha do patrão, de cinco annos, que brincava perto da celha. A creança faz-lhe não sei que judiarias, o animal morde-lhe e corta-lhe a cabeça de um dedo.

— Oh! com os diabos!

— O dedo cae dentro da celha, ha uma atrapalhação muito grande, a pequena é levada ao medico e quando a gente se lembra do dedo da petiza, já elle não se distinguia no sangue e na carne destinada aos chouriços.

— Essa é que foi uma do demo! Lá a pequena ficar sem a cabeça do dedo, pouca differença lhe fazia. Era mais um *drife* menos um *drife*. Agora perder uma celha de chouriços...! — commentou o Bento.

— Foi tal qual o que o patrão pensou — redarguiu o Ramon — Entre tanto chouriço fosse lá saber a quem tocava a cabeça do dedo da rapariga. ¹

¹ Absolutamente veridico.

— E encheram-se os chouriços? — inquiriu o Bento.

— Pois está de vêr, eu é que nunca mais comi chouriço, nem carne de porco — concluiu o Ramon.

— Ora quando a *sala* é muita... a fome é negra. Vá lá uma *rabeta*.

E o Bento offereceu um charuto de picar ao seu amigo. O Ramon, que de ora em quando philosophava, disse:

— O egoista é capaz de botar fogo á casa do visinho para frigir um ovo para si.

Um pouco mais adeante encontraram duas creadas, amigas da Joaquina, ambas suas conhecidas.

— Que fazem? — perguntou o Bento.

— Estamos desarrumadas — responderam as duas.

— Buscam commodo, é claro — interveio o Ramon.

— Eu procuro casa para todo o serviço — re-darguiu uma.

— Pois eu — explicou a outra piscando o olho ao Bento, n'uma expressão de maliciosa intelligencia, — procuro casa onde não faça nenhum.

Despediram-se e continuaram no seu trajecto. Os dois gallegos andaram mais algumas varas. Adeante passaram por defronte de um cego. Este pediu esmola ao Bento, que nem sequer lhe respondeu.

— Como podes tu — censurou-lhe Ramon — passar assim por um infeliz a quem Deus tirou a luz dos olhos, sem lhe dares nada, nem ao menos lhe responderes?

— Vou dizer-t'ó. Se é um cego fingido, como muitos que por ali mendigam, não sinto pena nenhuma; se é um cego verdadeiro, não me vê.

O raciocinio deixou um pouco embaraçado o Ramon. O Bento interrompeu a sua meditação e inquiriu:

— Ainda trataes d'aquelle velho, muito doente, com os pés para a cova, que offereceu contemplar-te no seu testamento?

— Está visto que sim. O *ginja*, com mais de oitenta annos, prometteu-me que me deixava umas poucas de inscripções se eu cuidasse d'elle com carinho.

O Bento quedou-se um instante a meditar, e em seguida perorou:

— Homem, isso tem seus inconvenientes. Quanto mais o cuides, mais tempo terás que esperar.

— *Baia!* Tens razão — concordou o Ramon atrapalhadissimo — Não me lembrava de semelhante coisa, mas que hei de fazer?

— Não esqueças nunca do que prégava o abbade lá da nossa terra.

— Que era?

— «Os homens perseguem a sabedoria por inveja e a virtude por zelo.»

— Agora por abbade lembro-me da partida que elle me pregou.

— Que foi ?

— Offereceu á missa conventual um sacco de batatas ao homem que provasse que era dono da sua casa a valer. Apresentaram-se muitos, mas ninguem o pôde provar. Por fim chego eu e demonstrei-lhe que minha mulher me obedecia em tudo e por tudo.

— Como se enganava ! — observou o Bento.

— « Ah! estão as batatas, declara-me o abbade, enche o sacco que trazes » — continuou o Ramon.

— Depois ? — interrogou o Bento.

— « A minha vontade era trazer outro maior, retorqui-lhe eu, mas minha mulher não quiz.

— E ficaste sem as batatas ? ! — concluiu o Bento.

— E fiquei sem as batatas — confirmou o Ramon cheio de magua.

IX

Psychologia do estomago

Resipiscencia — Gréve curiosa — Rivalidade... «mental» — Theorias de Schopenhauer — Attributo do homem — Descanso semanal — Adornos do clero — Finalização do celibato — Liberdade da lagrima — Argumentação cerrada — Mansão de Satan — Typos populares — Paradoxo — A desgraça do poeta — O genio dos maridos — De graça nem pancada — Macambuzios e foliões — Psychologia do ventre — Modos de ganhar a vida — O prato predilecto — Servir a contento.

— Resipiscencia? Que demonio de palavra tão exquisita! Que significará?

— Vae ao dictionario que já sabes o que é.

— Era o que me faltava.

— A que proposito te lembrou agora vocabulo tão estapafurdio?

— Leio-o aqui no teu *Vespertino*, a proposito da gréve dos coristas da Opera de Paris. Primeiro fizeram gréve as dansarinas, agora são ellas e elles. A elles, querem obrigá-los a barbear-se completamente para que representem, com a côr local conveniente, de senadores romanos.

— E elles não estão pelos ajustes?

— Não estão, querem conservar o attributo do homem.

— Ora ahí tens um assumpto que te interessa directamente.

Recochetava este dialogo entre o jornalista Candido Formosinho e o illustre Antonio Salve, marechal do partido *carneirista*, na redacção do orgão d'este, intitulado *A defesa da Justiça*. Entrava exactamente n'essa occasião o secretario do *Vespertino*, Abel de Mendonça, que de quando em quando apparecia por ali a dar dois dedos de conversa.

— Interessa ao talentoso mestre na sciencia capilar — observou o secretario com mal disfarçada ironia — como já interessou ao seu illustre collega na philosophia, o pessimista pensador allemão Schopenhauer.

— Ah! sim, sim, conheci muito bem, ia fazer a barba lá á loja. Foi meu freguez muito tempo, depois deixou de lá ir não sei porquê... Talvez fosse *gallo*, e eu não estou para aturar *gallos* — explicou o snr. Antonio Salve com a modestia e cultura habituaes.

— Não se barbeava no seu estabelecimento porque nunca veio a Portugal, senão ufanar-se-hia com essa honra, mas escanhoavam-n'a na sua terra, para fazer ferro ao seu figadal inimigo, ao philósopho official Hegel, que ostentava

uma barba florescente — esplanou Abel de Mendonça.

— Está claro que d'essa rivalidade barbaçuda nasceu um odio irreductivel — notou Candido Formosinho com a sua voz apiçada.

— Barbaçuda, não, mental, pois vem de mento. queixo, barba — emendou com manifesta zombaria Abel, e logo accrescentou : — Todos os barbeiros deviam mandar imprimir em vistosa parangona e encaixilhar n'uma moldura de oiro as maximas e observações de Schopenhauer a proposito da barba.

— Mas o que diz esse tal *chupa no ar?* — inquiriu com o douto ar de um academico o snr. Antonio Salve.

— Schopenhauer diz que a barba é proporcional á barbarie — elucidou Abel de Mendonça. — Eis a razão porque a barba florescia na Edade-Média, nesse período de rudez e de ignorancia, período que os nobres contemporaneos procuram imitar na actualidade no traje e na architectura.

— Isso é que é falar com cabeça !

— Nota ainda mais Schopenhauer que, embora se affirme que a barba é natural no homem, ella só lhe convém no estado primitivo. O homem civilizado deve barbear-se para mostrar que a força animal, de que a barba constitue o symbolo evidente, foi constringida a ceder ante a lei, a ordem e os costumes.

— Viva o meu collega allemão *Chupa no ar!*
— bradou contentissimo o snr. Antonio Salve.

O secretario do *Vespertino* continuou :

— « A barba augmenta a parte animal do rosto e põe-n'a em realce; imprime-lhe tambem um aspecto accentuadamente brutal. Olhem para um homem barbado quando come... A policia devia prohibir a barba, porque constitue quasi uma mascara sob a qual se torna difficil reconhecer um culpado.

— Está claro que sim — apoiou o snr. Antonio Salve — um homem que deixa crescer a barba, se não é já criminoso está para o ser...

— Schopenhauer revolta-se contra a barba por causa da dissimulação — narrou o jornalista. — As modificações do rosto que trahem os movimentos da alma manifestam-se sobretudo na visinhança da bocca. É uma coisa que pode, em certas circumstancias, tornar-se perigosa, e para a dissimular aos olhos observadores do adversario, que sabe que *homo homini lupus*, concedeu a barba ao homem. A mulher, pelo contrario, sempre senhora de si mesmo e com a sua inata dissimulação, passa muito bem sem ella...

— Ah! eu não posso consentir que se façam taes affirmativas a respeito das senhoras — protestou o jornalista Candido Formosinho.

— O philósopho allemão vae mais longe ainda — insistiu Abel de Mendonça, — opina que se pro-

hiba o uso da barba. Acha-a immoral e é por o ser que agrada ás mulheres.

—Que grande bruto! — exclamou Candido Formosinho.

— Não tolero que se chame bruto a um homem que recommenda que todos se barbeiem! — defendeu o snr. Antonio Salve.

— Por causa de proteger os barbeiros, não é verdade?! — recalcitrou Candido Formosinho. — Que peste de raça! Olhe lá o que elles teem feito com o descanso? Primeiro queriam o domingo todo para repousar. Pois agora pretendem um dia inteiro de passeio á semana, de quinze em quinze dias, e que os estabelecimentos fechem, ao domingo, á uma da tarde. E o peor é que não largam a porta da redacção.

— E por que é que o ministro não condescende? — Obtemperou o snr. Antonio Salve.

— Quer um conselho? — propoz Abel de Mendonça.

— Venha, — respondeu o eminente Figaro.

— O que querem os barbeiros consigna-se na velha phrase: «Quartel general em Abrantes tudo como d'antes». Escreva um artigo pedindo ao ministro respectivo que lhe faça a vontade — indicou o secretario do *Vespertino*.

— O ministro usa barba á *guise* — observou Candido Formosinho.

— Mais um motivo — obtemperou Abel — Desenvolva n'esse artigo que Sua Ex.^a como deixa

crescer a barba pode encerrar-se no seu gabinete e não receber a commissão dos honrados artistas capilares, não a receber nem a ouvir... , agora um desventurado plumitivo, que não tem remedio senão entregar-se-lhe nas mãos, que anda pelas ruas, que se assenta á banca de uma redacção, que não lhes pode vedar a entrada em casa, soffre um verdadeiro martyrio a ouvi-los, a aturá-los, e d'aqui a ser canonizado, mesmo com a separação da Igreja e do Estado, não vae senão um passo, e, palavra, palavra, que não ha memoria de um jornalista fazer parte da côrte celestial!

— Bella idéa! — exclamou Candido Formosinho.

— Accrescente — recommendou Abel, — que o ministro possui um coração aberto a todos os sentimentos nobres e altruistas, que Sua Ex.^a pertenceu e ainda pertence ao gremio da imprensa, que por consideração, por solidariedade, pela excellente idéa que teve de deixar crescer a barba, faça o que os barbeiros pedem. Argumente ainda, que vale mais aturar todos os pretendentes e descontentes do mundo que os dois mil officiaes de barbeiro agora em via de se mobilizarem contra a sua paciencia e a nossa.

— Ha uma coisa com que eu não concordo... — protestou o snr. Antonio Salve — é chamar excellente idéa á de deixar crescer a barba.

— E já que está com a mão na *massa* — pro-

seguiu dirigindo-se a Candido Formosinho — adduza que tem sido copioso o numero de cartas e bilhetes postaes que se tem recebido na *Defesa da Justiça* solicitando a interferencia do jornal a favor da liberdade da barba no clero.

— O melhor seria mantermo-nos neutraes n'esse complicado assumpto — lembrou o snr. Antonio Salve, e, virando-se para Abel de Mendonça, ajuntou: — O senhor sabe lá o que rezam os cânones a tal respeito? Quer indispor a respeitavel classe dos meus collegas contra nós?

— Ha um diluvio de razões a favor e contra o uso da barba — objectou o jornalista — talvez mais a favor do que contra.

— Contradiz-se; ainda ha pouco affirmou o contrario.

— Foi Schopenhauer, não fui eu. A minha perplexidade é grande. Os apóstolos usaram todos barba; não me recorda se Judas fez excepção a esta regra. O que sei é que os primeiros bispos usaram todos barba; os santos são representados com barba; os martyres mostramos as suas torturas com barbas e ao que ouço a maioria dos sacerdotes é favoravel ao crescimento d'esse appendice, que serve ás vezes para pôr de molho quando as do visinho ardem...

— E que são o ganha pão de muitos chefes de familia...

— Afigura-se-me ser facil a solução do problema.

— Qual ?

— Promulgar a maior liberdade em tal assumpto. Barba, bigode, mosca, suissa, emfim esses mil desenhos com que se tem ornamentado o rosto desde que o mundo existe, passam a ser um adorno que cada sacerdote delineará conforme melhor entenda...

— Ou o barbeiro.

— Agora, que parece tratar-se a serio da abolição do celibato canonico, é justo que annexo ao estudo e resolução d'esse vital problema, vital principalmente pelos resultados, se estude esse outro não menos importante das barbas, porque emfim se ha muitas damas que gostam da cara rapada, e outras da barba toda, é natural que haja algumas com fatacaz pelo bigode á kaiser, á chinesa, á americana, cortado etc. e não se deve desmanchar um casamento por tão pouco.

N'esta altura entra pela sala da redacção um amigo e frequentador da casa com a phisionomia entristecida.

— Que tens, Justino de Montalegre? — pergunta-lhe Abel de Mendonça — Vens ahi com cara de caso, quasi a chorar...

O recémvindo muito sorumbatico, responde:

— A lagrima é livre. Unica expansão talvez ainda não submettida ao dominio da policia de investigação, não collectada pelo fisco, não intimada pelos beleguins e não relaxada ás execu-

ções fiscaes. Ora emquanto assim succede, se succede, quero chorar, não na cama que é sitio demasiado quente para a estação, mas aqui na redacção da *Defesa da Justiça*, onde conto encontrar algum seio amigo, padecente das mesmas dôres, que receba sem egoismo os queixumes e que me aconselhe como remedio para seccar o pranto o uso das malvas.

— Pois se o remedio é das malvas... vae para as malvas — redarguiu-lhe Abel.

— Olha lá, a proposito, dá-me um charuto — solicitou o choroso, de Candido Formosinho.

— Sinto muito não poder satisfazer o teu pedido — retorquiou o melifluo jornalista — não tenho mais que este e mais cinco para depois.

— Fora com o sovina! — exclamou o peticionario.

— Não queres trabalhar e eu não posso nem devo sustentar vicios — replicou Formosinho para justificar a sua recusa, e adduziu: — Dedicá-te ao trabalho. E' a mais remuneradora das virtudes. Não desfaleças nunca. Sempre avante! Sempre para cima! Lida, labuta, procura constantemente chegares ao mais alto.

— Muito bem, concordo contigo — volveu o alvo da objurgatoria, — mas se eu me dedicar ás minas, a excavar poços, não tenho remedio senão ir cada vez mais para baixo.

— Vae para o inferno! — bradou Candido Formosinho zangado.

— Para qual inferno? Para o Tartaro, para onde iam os peccadores nos tempos mythologicos da Grecia? Lembra-te que era um sitio medonho. Ainda peor do que o local mysterioso escolhido pelo catholicismo para atirar com os maus onde vive Satanaz e onde se soffre eternamente as dôres de um forno sempre accêso. E tão ruins entranhas possue, que não contente com esta dôr physica, com esta punição material, ferra nos delinquentes com a pena moral, com a maldição, que arreda para sempre os réprobos do principio da bondade. Porque não me mandas para os campos Elysios, ao menos para os de Paris?...

— Não te admitto que malsines o catholicismo — observou Candido Formosinho enxofradissimo.

— Os protestantes não são tão implacaveis — proseguiu Justino de Montalegre sem se importar com a interrupção, — em primeiro logar não accêitam o purgatorio, no que dão prova de um raro bom senso, e, com o andar dos tempos, só passaram a acreditar no aniquilamento dos culpados, e alguns mais carrascos condescendem com a idéa do inferno, mas onde a alma penada não fica para sempre a padecer a sorte dos torresmos... a punição não é perpetua.

— Sabes que mais, vou-me embora, não estou para te aturar — declarou o redactor do *Carnet Mondain*, vermelho como um rabanete e

furioso como um agiota a quem o mutuário morre.

E sahio pela porta fora. Avistou a distancia o Bento, com quem necessitava falar. O gallego, porém, não mostrava nenhuma disposição de se approximar tão breve. Caminhava com toda a sua paxorra. Approxima-se d'elle um vendedor de cautelas da loteria, então muito popular em Lisboa. Era um anão. Orçava pelos seus quarenta annos. Não medía mais de setenta e cinco a oitenta centímetros de altura. Dirigiu-se ao entusiasmado filho de Porriños e mostrando-lhe as cautelas e os decimos offereceu-lhe :

— Quer... não quer?... E o 1169... Compre, compre!... Não quer?...¹

O Bento não quiz. Passou adeante. A dez metros topou com um homem de realejo. Estacou a ouvir o moinho lamuriento de operas conhecidas. Manipulava o instrumento um italiano. Ao lado deliciava a garotada outro anão excessivamente baixo, com uma cabeça enorme, sobre a qual se perdia um barrete de borla.

O Bento proseguiu na sua marcha pela rua adeante. Varios homens trabalhavam com afan para arrancar umas arvores collocadas á beira do passeio. O facto indignou-o, como bom cam-

¹ Morreu no hospital, desgraçado, este popular typo das ruas.

pesino que era, e perguntou aos trabalhadores :

— Porque arrancam estas arvores ?

— Porque estão mortas.

O gallego quedou-se um instante embaraçado com a resposta, mas logo monologou :

— E esta ! Com as arvores succede o contrario que succede com os homens. Quando morrem desenterram-n'as.

Quando principiava a estugar o andamento ouviu uma voz esganiçada trautear :

Sulipanta, la sulipanta

Mariquinhas hoje apanhou.

.....

Virou-se. Aos seus olhos surgiu-lhe o Gaspar da *Viola*. Tenor soffrivel na juventude, o vinho, as necessidades, a miseria, transformaram-n'ó n'um tuberculoso de inflexões roucas e gutturaes. Acompanhava-se á viola e quando a tosse insistia em lhe velar por completo a voz, substitua-o uma mulher em tão adeantado estado de tísica como elle. De ora em quando o Gaspar punha os olhos em alvo para receber a inspiração das musas e deleitava o auditorio com uma quadra n'um improvisado em que tão maltratada era a metrificacão como o estro.

— A maior desgraça do poeta — murmurou o gallego, recordando-se de um pensamento que

o seu patrão decorára de um livro estrangeiro para escrever no album de uma das suas admiradoras — é que, se brilha devoram-no os collegas, e se não triumphá, traga-o o vulgo. E' exactamente como os peixes voadores: se ascendem pela atmospherá, comem-n'os as aves; se descem ao mar, comem-n'os os tubarões.

D'ali a um instante acercou-se d'elle um sujeito de typo fino, baixo, entroncado, quasi sem pescoço, pelle branca, rosada e bigode grisalho. O seu fraque, apesar de velho, primava pelo asseio, o chapéo baixo amolgava-se-lhe por falta de solidez do tecido, da mão pendia-lhe um saquinho. Estendeu-o ao Bento, sem proferir uma palavra, mas com ar risonho e distincto.

— Infeliz *Pote* — murmurou o gallego, deitando cinco reis no saquinho, — descendente da familia Mendonça, até solar possuia perto de Santarem. A má direcção da casa arruinou-o completamente. Agora a sua má estrella tornou-o demente.

O *Pote*, que devia a alcunha á sua conformação phisica, agradeceu sorrindo a esmola e retirou-se.

Perto estava outro pobre. Ao inteirar-se da generosidade do Bento logo estendeu a mão e lamuriou:

— Irmão, uma esmola por amor de Deus!

— Porque bulas é vocemecê meu irmão?

— Pelo lado de Adão.

— Então pegue lá cinco reis — declarou o gallego — não quero que se diga lá na terra que deixo morrer os meus irmãos á fome, ainda que não dêsse por que esse tal Adão rondasse a casa de minha mãe. Emfim, se todos os seus irmãos lhe derem o mesmo, não tarda em ter mais dinheiro que o Monteiro... descome milhões.

O Bento continúa com o seu vagar, esbarra com duas sécias que conversam no passeio, interceptando o transitio.

— Não ha maior desafôro! — queixava-se uma — agora os ociosos deram em se collocar em frente das *montras* dos estabelecimentos, de maneira que a gente passa e não se pôde vêr de alto a baixo n'aquelles espelhos ali postos de proposito para uma pessoa se remirar.

A amiga respondeu-lhe qualquer coisa, que o gallego não pôde ouvir, e em seguida interpellou a sua interlocutora:

— Mudando de assumpto. Que tal é o genio do teu marido?

— Ah!... pois... muito equal. Sempre insupportavel.

— Quem lhes atirara com uma tranca para as costas! — esvurmou o gallego indignado — Estas seresmas até na rua dizem mal dos maridos.

O Bento avisinhara-se por fim de Candido Formosinho, que batia o pé impaciente.

— Até que emfim! pasmas em toda a parte, estás peor do que qualquer basbaque provinciano! — bradou o redactor do *Carnet Mondain*.

— Ha muitos mais basbaques do que os provincianos — ripostou o Bento, um quasi nada picado, e como não gostava do jornalista por ser sufficientemente avarento, ajuntou: — aquelles que andam sempre pelas bodas e baptisados, com uma *tosse* que nada os farta, convidados ou não, e que escrevem que tudo é bom, porque é de graça; esses ainda são mais basbaques.

— Tens um recado a fazer — disse Candido Formosinho não se dando por entendido.

— *Baia!* Agora *num* posso; tenho que me avistar com um patricio meu na casa de pasto *Estrella do Mar*, na rua do Principe — desculpou-se o Bento mal humorado.

— Então vae, mas não te demores. Encontra-me depois em casa do teu patrão ou no jornal — condescendeu o periodista.

O gallego, que farejara uma estopada, encaminhou-se na verdade, para o estabelecimento citado, resmoneando:

— Se pensas que te hei de aguentar de graça, enganas-te. De graça nem os cães querem apanhar o seu *tento*.

Entrou na casa de pasto. Como fôra do officio, examinou com o seu olhar perscrutador a freguezia distribuida pelas mesas encostadas á parede, e ainda por aquellas que, em duas filei-

ras parallelas, se prolongavam pela casa adiante. Ficaram-lhe sempre saudades da profissão de creado de mesa ou *camarero*.

— Olha o Bento! — exclamou um rapaz que com outro jantava n'uma das mesas pegadas ao balcão.

— Olá, snr. Justino de Montalegre, boa tarde — saudou o gallego com expressão de sympathia, ha muito tempo que não o vejo...

— Pois não decorreu meia hora desde que estive na redacção da *Defesa da Justiça*, da qual o teu patrão, o Dr. Orielaznip, é um dos principaes luminares — declarou com voz zombeteira o saudado, e logo accrescentou: — que te parece a freguezia de hoje?

— A mesma de sempre, senhor Montalegre — respondeu o gallego; — ha *fachadas* macambuzias e *focinheiras* alegres.

A frequencia da *Estrella do Mar* seleccionava-se, em geral pela qualidade e avultava pelo numero. Comia-se ali com asseio e saboreava-se os tempêros e condimentos de uma cozinha genuinamente portuguesa.

— Vamos lá a desenvolver essa philosophia — convidou Montalegre.

— A gente lê na cara dos freguezes como n'um livro aberto. Ora repare. Aquelle, além, da mesa da entrada, que come com avidez e trata com sobrançeria quem o serve: não passa de um comilão pelintra. Em casa contenta-se com

feijão e fressura, aqui tudo lhe fede e nada lhe cheira.

— Talvez seja assim.

— Este, de olhos em alvo, *fecharia* risonha, mastigando devagar, ou recebeu uma carta agradável da *pequena*, ou mezada da familia, ou apanhou dinheiro a juro a um agiota, ou acaba de ter uma entrevista com a mulher do seu amigo mais íntimo, ou ganhou ao jogo, ou obteve um adeantamento da Caixa Geral dos Depositos, ou tem um tio rico de quem herda, á morte.

— Póde muito bem ser assim.

— Esse que devora apressadamente o jantar, com o olhar vago e ancioso, ou vae para o comboio, ou espera a hora denunciada n'uma carta anonyma para apanhar a esposa em flagrante adulterio, ou receia ver entrar pela porta dentro o marido atraçoado, ou falsificou uma letra, ou desfalcou um banco, ou receia um crédor, ou...

— Ou não tem nada que fazer e não lhe acontece nenhuma d'essas coisas...

— Acolá, um embrulha n'um jornal o que já não pode *rustir*; outro limpa com o pão o môlho do prato até a ultima lambuzadella; outro, solta um arrôto que nem a explosão de um petardo; outro, cospe no chão cada escarro que ao cahir no ladrilho parece um estalo de cinco reis; outro, pende-lhe dos grandes bigodes a sopa ás sanefas; o do canto tantos *folhelhos* de nata metteu no bandulho e tanta *caldaça* entornou

que apanhou uma *gateira* e *canta a lupa* ou vomita como um gato com gosma.

— Tens uma lingua muito peor que a minha — murmurou Montalegre.

— Se o senhor imagina isso, venha comigo por ahí fóra, assim como quem não quer a coisa, paramos a fingir que conversamos em frente de cada mesa; applique bem os seus ouvidos... e ouvirá — propoz o Bento.

— Pois vamos lá.

E Justino Montalegre procedeu da forma que o gallego lhe aconselhava. Demoraram-se um instante perto de uma das mesas e ouviram o seguinte dialogo:

— Pedi-te vinho velho do bom, e trazes-me d'este que nem do anno passado é — recalcitrava um freguez conhecedor do assumpto.

— É exactamente por ser novo que lh'o trouxe — responde o moço.

— Não comprehendo, explica-te.

— É tão novo... que ainda o não baptizaram, comprehende agora?

— Este é amigo do freguez, fala-lhe com o coração nas mãos — commentou o Bento para Justino de Montalegre.

Em quatro mesas reunidas celebrava-se um grande jantar. Offereciam-n'o os empregados de uma repartição ao seu chefe. Um amanuense, com cara de fome, comia sofregamente e a cada piteu trazido pelos creados, exclama:

— Este é o meu prato predilecto.

Um collega do lado pergunta-lhe:

— Dize-me lá, que pratos não são da tua predilecção?

— Homem, os pratos vazios.

— Este não lhe sobra o tempo para escolher; tudo lhe sabe bem — observa o gallego.

N'outra mesa um rapaz pedira um copo de agua, um palito, penna, tinteiro e papel e começou a escrever. Não tardou que outro seu amigo se assentasse ao lado d'elle. Esperou que acabasse de escrever, e pergunta-lhe:

— Em que te empregas agora?

— Ganho a vida escrevendo...

— Escreves nos jornaes ou n'algun escritorio?

— Não; escrevo a meu pae e aos amigos a pedir-lhes dinheiro emprestado.

— Ora ahi está um emprego rendoso, e bastante em uso em Portugal — sublinhou o Bento.

Atravessaram os dois para a sala interior, a preferida pelas senhoras sérias, que frequentam o restaurante sósinhas.

Um creado, com um guizado, tropeça, escorrega e entorna parte do conteúdo do prato em cima de uma dama vestida ao *dernier cri* da moda.

— Desastrado! — ruge a afflictissima dama — Deitou-me no vestido todo o molho.

— Não se apoquente, minha senhora; ainda ha mais lá na cozinha.

— Vê, senhor Montalegre, — notou o Bento — isto é que se chama servir a contento. Entorna-se o molho em riba de uma fregueza e não se lhe leva mais por isso. O patrão, o estabelecimento e os moços são bons.

X

Congresso feminista

A formiga de Portugal — Fidalgo em sua casa... — O symbolo do monopolio — As musas e as saias — Soneto — Reunião magna — Damas entusiasmadas — «Sem homens, não!» — Para prevenir os incautos — O feminismo de Strindberg — A perfeita eguaidade — Desgraça no casamento — O melhor dos homens — O que é a verdade — «Luto de mel» — Protesto vehemente — Elogio mal apreciado — O tributo do vicio — Reflectir muito — O melhor isolador — Belleza de formas — Prova de velhice — Roubado! — Ataque de nervos — Commentarios do Bento.

— Ora gallegos, são gallegos, o nome lhes basta — clamava enfurecidissimo Candido Formosinho assentado n'uma das mesas exteriores do Suisso.

— Pois, meu amigo — replicava-lhe Abel de Mendonça com o seu peculiar tom ironico, — eu sinto uma grande admiração por essa diligente raça, que vem encontrar em Portugal o mesmo que os nossos conterraneos procuram no Brasil. Persistente, soffredora, economica, desenvolvendo notaveis qualidades de trabalho, partem da sua terra com a idéa fixa de ganhar

dinheiro e quasi sempre realizam as suas esperanças. A sua probidade e honradez constituem um legado tão sagrado entre as gerações que se succedem nas esquinas, que quando um prevarica é expulso da aggremação, desprezado e vê-se compelido a mudar de terra.

— Ora, meu visionario — retorquiu mal humorado o redactor do *Carnet Mondain*, — isso foi quando Deus andava pelo mundo, a tradicção caducou. E' ler os jornaes. . .

— Cala a bôcca! — interrompeu de lado Montalegre que fazia parte do grupo — Se hoje por uma d'essas eventualidades, que ninguem pôde prever, houvesse um exodo de todos os filhos de Tuy, Pontevedra, Vigo, etc., Lisboa resentirse-hia profundamente da falta dos seus serviços. O nosso povo, que se sujeita aos mais rudes labores nas terras de Santa Cruz, sente-se envergonhado, não sei por que falso pundonor, em exercê-los aqui, deixando o campo livre, a quem com mais sensatez se exime ás contingencias de um clima mortífero e ás incertezas na acquisição de bens, que, a miude, não passam de illusões e promessas inexequiveis.

— Ora, adeus! — atalhou sempre irado Formosinho — o gallego é o symbolo do monopolio.

— E' o symbolo do monopolio, não ha duvida — confirmou Abel de Mendonça, — mas do monopolio honrado, ganho á custa de uma successão de existencias dedicadas a lides abandona-

das pelos outros, formigas que não cessam de recolher, labutando tenazmente, sem queixumes nem fraquezas.

— Quanto dinheiro ganham quanto vae para a Galliza, para comprar terras, casas, gado, propriedades de toda a especie — obtemperou Formosinho.

— Ganham-n'ó, é d'elles — argumentou Montalegre — Por isso a Galliza é sempre uma das provincias do visinho reino mais sobrecarregada de contribuições.

— Talvez, mas quem realmente as paga somos nós, o cidadão lisboeta que não pode prescindir do seu auxilio — observou Formosinho.

— A Galliza é o celeiro de Hespanha, Portugal é a thesouraria da Galliza — sublinhou zombeteiramente Montalegre.

— A Galliza pertence mais a Portugal que á Hespanha; foi uma usurpação que nos fizeram no principio da monarchia — protestou Formosinho.

— Tens razão — concordou Montalegre, e adduziu com a maior seriedade: — porque não citas o governo hespanhol ante o tribunal arbitral de Haya? Porque não organizas um exercito para reconquistar o nosso roubado patrimonio?

— Oh! com a fortuna! — exclamou de subito Candido Formosinho — Ia-me esquecendo que se torna indispensavel a minha presença na *Liga Soberana das Mulheres Portuguezas*.

—Indispensabilíssima — concordou sarcástico Montalegre — Como se poderia realizar tão magna sessão sem a tua comparencia?

Candido Formosinho quasi não se despediu dos seus amigos. Deitou a correr com tal velocidade que, dir-se-hia, se lhe deparara o mais implacavel dos crédores.

— Queres ouvir um soneto que fiz hoje? — perguntou Abel de Mendonça.

— Entraste em convívio directo com as musas, olha que são inconstantes, basta usarem saias — observou Montalegre.

— As musas nunca usaram saias. Quando muito, e se o frio apertava, lançavam sobre os quadris o *chiton* ou o *diploidion*, nas outras circumstancias andavam á fresca — redarguiu Abel.

— Nuas ou vestidas o perigo é sempre imminente. Mas resignemo-nos a ouvir o soneto. Lê — condescendeu Montalegre.

O secretario do *Vespertino* içou da algibeira um papel e leu:

Saudade

Hirto cypreste em chão de cemiterio,
lápide do passado que fugiu;
coval de muita esp'rança que ruiu;
eterno epitaphio d'um mysterio.

Dôr insana, feroz, sem refrigerio,
imagem de mulher que se esvaiu,

sombra de ventura que nos trahiu
e nos rõe a alma como um cauterio.

Saudade! Que lúgubre e triste canto,
na tarde da vida, rápida, incerta,
d'onde o goso foge e só resta o pranto!

Saudade! Estrada pérfida, deserta,
solidão adusta a gelar de espanto.
Um algoz. Uma chaga sempre aberta.

— Não me obrigues a chorar! — solicitou
com ar comico Montalegre, e logo accrescentou:
— Aposto que t'ó inspirou a Freda. Uma idéa.
E se nós, para matarmos essa saudade, assistis-
semos á sessão magna da *Liga Soberana das*
Mulheres Portuguezas?

— Talvez Freda lá esteja.

— E a sua amiga Ilda.

Os dois seguiram no encalço de Candido For-
mosinho,

N'uma sala espaçosa e mobilada com sum-
ptuosos requintes de luxo reuniam-se para cima
de cem senhoras, de todas as edades, feitos e
estaturas. Havia-as altas, baixas, gordas, ma-
gras, de seios opulentos, postiços ou verdadei-
ros, rasas como uma planicie sem accidentes,
volumosas como um paiz montanhoso, bonitas,
petulantes, de rosto atrevido ou de expressão
timorata, feias como bater na auctora dos nossos
dias, nem feias nem bonitas, de genero neutro,

das que não são peixe nem carne, nem osso sequer, das que não servem para jejum, nem para a quaresma, nem para a Paschoa. Tudo n'essa sala gesticulava, discutia, murmurava, maldizia, censurava.

N'uma palavra, embora todas as damas falassem a mesma lingua, a primeira impressão recebida pela pessoa que ali entrava de chofre era de que, transportada aos velhos tempos biblicos, se encontrava na lendaria torre de Babel.

Realizava-se ali uma especie de Congresso feminino e feminista. Algumas dezenas de damas portuguezas, entusiasmadas com o movimento de soberania alcançado pelas mulheres estrangeiras, nomeadamente no norte da Europa, e com a acção directa e energica das suffragistas britannicas, resolveram, saturadas de desdem pelas suas collegas que permaneciam em casa entregues ao prosaico entretenimento do arranjo domestico e de coser a roupa da familia, convocar uma assembléa plenaria, onde se debatessem os assumptos vitaes das suas legitimas aspirações e reivindicações.

A principio a commissão organizadora do Congresso assentára em não admittir nenhum homem ás sessões, mas logo uma das *membras* argumentára :

— O quê? Sem homens! Não póde ser. Quem nos ha de fazer a côrte. Quem ha de publicar

nos jornaes a noticia do que aqui occorrer. De quem havemos nós de dizer mal?

— Ah! lá por isso... Dizemos mal umas das outras — atalhára immediatamente a vogal mais entusiasta do feminismo.

Emfim o Congresso acceitou sem demasiada difficuldade a presença dos jornalistas. Abel de Mendonça e Justino de Montalegre entraram, e, antes de iniciar os cumprimentos, pois conheciam a maioria das congressistas, o primeiro inquiriu do segundo, indicando-lhe uma respeitavel matrona:

— Que te parece aquella dama?

— Horrorosamente velha.

— Mas leva um brilhante magnifico no peito.

— Leva, são como as lanternas que se collocam nas ruinas para que ninguem se approxime e caia n'ellas.

— Má lingua...

Constituirá-se a mesa e procedera-se ás formalidades usuaes em circumstancias identicas.

— Senhora *presidenta* peço a palavra — solicitou uma congressista.

— Tem a palavra a senhora D. Eufrasia Mendes.

— Augusto Strindberg, dramaturgo norueguez, acaba de publicar um artigo em Christiania, que é altamente offensivo para a nossa dignidade. As nossas collegas d'aquella capital e de Stockolmo estão furiosas.

— Que escreveu? — perguntou unisonamente o auditorio.

A oradora fingiu affastar os dois hemispheros de um seio que não existia, tirou lá de dentro um jornal, e leu: « A mulher, quando assegura que todas as suas horas são dedicadas aos filhos e ao lar, engana-nos o menos ingenuamente possivel por isso que distribue os seus affazeres do seguinte modo: »

— Que infamia sahirá d'ali?! — exclamou uma mais exaltada.

A oradora continuou:

— « 1.º Quando se torna mãe trespassa parte dos encargos respectivos a quem a auxilia; 2.º Ao filho entrega-o nos braços da ama; 3.º Da educação d'este incumbe-se a institutriz; 4.º O cuidado da casa confia-o á creada, que limpa e moireja por ella; 5.º O vestir-se e arranjar-se cumpre á sua aia; 6.º A conta das compras fá-la a cosinheira. Em que se occupa no entretanto a mulher em sua casa? Descansa ou desperdiça o tempo em banalidades. »

— Protestamos! Protestamos! — berrou a assistencia.

— Soceguem, soceguem — aconselhava uma dama mais serena — Perguntem a esse diffamador a que sexo pertencem as auxiliares d'essa mandriona que tomou para exemplo? Não são mulheres?

— Ora quem pode, e não está para se ralar,

procede muito bem pagando ás outras para a alliviar de certos serviços que a desfeiam e a impedem de se confiar ás lucubrações do espirito — declarou uma ouvinte toda abespinhada.

— Convem registrar o que recommendou ha poucos dias Mr. Dunlop em Torquay, Inglaterra, n'uma bôda theosophica — propoz uma das damas.

— Que foi ?

— Realçou a perfeita egualdade do homem e da mulher e terminou a sua oração lembrando que o marido « não deve supprimir a evolução individual da esposa, nem transformá-la n'uma subserviente sua ».

— Em que consiste essa evolução ainda não se averiguou bem — commentou Abel de Mendonça na fileira dos jornalistas.

— Pois sim, sim — observa do lado um collega, — tres vezes estive para me casar e das tres me aconteceu desgraça com a noiva.

— Como succedeu isso ? — perguntou um reporter farejando um caso de sensação.

— A primeira vim a saber que era uma doudivanas, a segunda morreu poucos dias antes do casamento e a terceira é minha mulher.

— A quem deves maior gratidão é á segunda, á que morreu — accentuou Montalegre.

— Senhora *presidenta* — clamava neste momento uma congressista que obtivera auctorização para falar — ha pouco na Camara alta um

boçal prócer, quando se discutia o direito incontestavel que assiste ás mulheres de votar, negou-nos as «qualidades de character, de ponderação e até de força physica». Se esse legislador de pé quebrado defende o suffragio universal, como pode regatear-nos esse direito?

— Fora com tal egoista! Fora com esse reaccionario! — rugem as occupantes de varias cadeiras.

Uma dama de gesto irado, interrompe:

— «Porque motivo um filho educado sómente por mim, por quem me tenho sacrificado, trabalhando, afim de prover a todas as suas necessidades, a quem preparei o espirito e formei o character dia a dia, estudando todos os seus movimentos, escutando todas as pulsações do seu pequenino coração de creança, porque motivo ha de o meu filho ter direito ao voto e porque motivo m'ó hão de negar a mim?»

— Muito bem, bravo, bravo! — applaudiu o auditorio, reforçando o applauso com uma salva de palmas.

— Razão tem o proverbio que assegura que a lingua é o melhor e o peor que possuem os homens — sublinhou uma velhota soltando um fundo suspiro de saudade pela mocidade desaparecida.

— Novicov, o celebre pensador, affirma que: — continuou a mesma discursadora — suprimido o reinado da força, uma das mais sérias

objecções que se teem opposto á emancipação da mulher terá deixado de existir. Mas enquanto metade do genero humano estiver privada dos seus direitos, a abjecta força bruta dominará o mundo e o reinado da justiça não poderá ser estabelecido.

— Apoiado! Apoiado! — vozearam de muitas bandas.

— Nos direitos dos outros encontraremos os limites dos nossos — sentenceou em apárte outra velhota, que nem á mão de Deus Padre se queria despedir da vida.

— « Insultam-nos de todos os modos e feitios — continuou exaltadíssima a precedente oradora — apodam-nos de fracas e impulsivas. Nós somos cidadans, como os homens são cidadãos, e duplamente respeitaveis porque, além de termos um utero, temos tambem um cerebro e um coração, portanto assiste-nos o direito de intervir na vida politica do paiz... »¹

— A verdade é para o entendimento, como dizia Kaimes, o que a belleza é para os olhos ou a musica para os ouvidos — interrompeu a mesma velhota, forte em proverbios.

— E' n'esta orientação que a *Liga Soberana das Mulheres Portuguezas* deve levar ao Parlamento uma representação pedindo a concessão

¹ Rigorosamente historico.

do direito de suffragio para todas as mulheres portuguezas...

— Ou residentes em Portugal — ampliou uma ouvinte.

— Olha, é a Freda! — observou Montalegre — Lê-lhe agora o teu soneto.

Abel de Mendonça córou como uma mulher garrida que deseja simular de pudibunda. N'esta altura, e como se viesse de proposito para salvar o jornalista de qualquer chasqueio do seu implacavel amigo, entrou na sala uma dama nova e bonita.

— Porque anda ella de preto? — perguntou Montalegre apontando para a recémchegada.

— Morreu-lhe ha um mez o marido — informou Abel.

— Acho bem, deseja consolar-se o mais depressa possivel.

— Mas repara que descaramento, que viuva tão alegre!

— É natural, enviuvou ha pouco tempo, está em pleno *luto de mel*.

— Que lingua viperina! Nem te lembras que estás casado de fresco.

— Ora, o casamento muda muito o nosso modo de pensar.

— Crês isso?

— Não creio, tenho a certeza. Quando eu era solteiro gostava de todas as mulheres sem excepção.

— E presentemente?

— Presentemente?!... Gosto de todas as mulheres menos da minha.

— Esse tal prócer, que não sabe certamente onde tem a cara — argumentou a oradora, — levou mais longe ainda a sua impudencia declarando que se a nós « fosse concedido o direito de votar iriamos á urna como rebanhos de carneiros ».

— Ó patrão — disse o Bento, que fôra ali para acompanhar e receber ordens do Dr. Orienzaznip, para este — parece piada ao nosso partido *carneirista*.

— Cala-te, deixa ouvir — ordenou o da próthese dentaria.

— Devemos protestar, mas protestar de forma retumbante — insistiu a oradora despedindo um tremendo murro em cima da mesa, — é preciso redigir um protesto energico e levarmo-lo nós mesmas á presidencia da Camara.

Tinham-se formado grupos. Pouco a pouco a attenção desviou-se dos assumptos politicos e as damas principiaram a conversar em coisas particulares.

— A Emilia é uma mulher encantadora — opinou uma joven.

— E que elegante! — notou outra.

— E que discreta! — adduziu uma terceira.

— Lindissima! — accrescentou a quarta.

— A Emilia morreu? — perguntou uma quinta.

— Não, não morreu. Que disparate! — retorquiu azedada a primeira.

— Não te enxofres — replicou a da observação fúnebre. — Julguei que tivesse morrido!... Vocês estão para ahí elogiando-a tanto... que suppuz... sim... que tivesse entregado a alma ao creador e lhes não fizesse sombra...

Outra oradora pedira a palavra. O thema d'esta era a educação physica. Perorava:

— Na Allemanha, na America do Norte e ainda em França, apesar da sua origem latina, a educação physica da mulher merece hoje particular interesse aos pedagogistas. E nós, o que fazemos, n'este jardim á beira-mar plantado, cheio de flores, e onde cada mulher podia rivalizar em formosura com essas flores?

— Por exemplo, ella! — sublinha uma das collegas.

— Como diz Capmany — citou a matrona dos proverbios, — a hypocrisia é uma homenagem que o vicio tributa á virtude.

— Só as senhoras das camadas privilegiadas — proseguiu a entusiasta dos *sports* — se dão aos exercicios physicós e mais por moda que por educação e necessidade. A mulher pobre ou trabalha de mais no campo, como um homem e perde muitas das suas graças naturaes, embora a vida ao ar livre lhe conceda uma saude de ferro, ou definha em aposentos acanhados, sem condições hygienicas, acabrunhada por um la-

bor acima das suas forças, e é quem paga o maior tributo, por ella e pelos filhos, á insaciavel hydra da tuberculose.

— Ai! filha que bem que falas! — troçou uma gracejalora.

— A mulher da classe mediana, que poderia, e que realmente se está desenvolvendo de forma a ser mais bella que as suas antepassadas, merece que se olhe por ella, ensinando-lhe o que lhe convém fazer no interesse da sua saúde e da sua belleza.

— Não anda fóra da razão aquella Demosthenes — commentou Abel de Mendonça.

— Reflectir muito e falar pouco é o grande segredo para aprender — sublinhou a preciosa ancian dos annexins.

— Seria um grande arrojo propôr desde já a organização de clubs femininos onde se praticasse a esgrima, a gymnastica e outros exercicios que tanto enrijam a musculatura e concorrem para a correcção das formas. Não nos atrevemos a tanto. Mas no que insistimos, e que nos parece dever ser feito sem perda de tempo, é que a acção do Estado tanto como a auctoridade das familias, intervenham na educação physica da mulher, desde os primeiros annos da sua infancia até ser esposa, — avigorar-se-hia e aperfeiçoar-se-hia assim de um modo vantajoso para todos.

— E também para nós — notou, não sem brejeirice, Candido Formosinho, em voz baixa.

— Contanto que não seja mãe das nossas amantes ou das nossas mulheres — ampliou Abel de Mendonça.

— Aposto que vocês não sabem qual é o melhor isolador da electricidade? — perguntou Montalegre.

— É o vidro — explicou Formosinho.

— Qual! É minha sogra.

— Como assim?

— Pois vocês não veem que não ha raios que a partam?

— N'algumas praias já se tem esboçado regatas em que entram senhoras — proseguiu a defensora dos exercicios physicos. — É necessario ir mais longe. Precisa-se crear um *sport* nautico que entusiasme o bello sexo, incutir-lhe o amor por esse soberbo divertimento, que, se apresenta o inconveniente de levantar alguns pequeninos calos na pelle mimosa da palma das mãos, traz em compensação a conveniencia, muito digna de ser attendida, de imprimir tons rosados ás faces mais pallidas, fazer circular o sangue com mais intensidade, arquear o seio em curvas graciosas, arredondar as formas ás creaturas mais enfezadas...

— E ha por ahi cada uma! — observou Montalegre — Dir-se-hia que nasceu entalada entre duas tabuas e assim foi crescendo até ser mulher.

— E quando as minhas illustres collegas se arreceiem de empunhar os remos — continuou a oradora, — quando queiram conservar a cútis mais assetinada que a pétala de uma rosa, experimentem a navegação á vela, exercicio em que o unico percalço é ficarem com a derme um tudo nada mais moreno, percalço que desaparece com os primeiros frios, e sabe Deus como algumas ficam lindas, levemente trigueirinhas pela brisa ardente do Tejo ou de qualquer outro rio...

— Como envelhecemos tanto em tão pouco tempo! — exclamou uma das ouvintes para outra, para se furtar á necessidade de abrir a bocca n'um prolongado bocejo.

— Porque dizes isso? — inquiriu a interpelada surprehendida.

— Porque antigamente ambas tinhamos o cabello quasi branco e agora têm-lo completamente preto.

— Os passeios a pé, tão usados no estrangeiro — proseguiu a dama do discurso, — e que damas da sociedade inauguraram ha annos entre nós, são dos exercicios mais agradaveis e offerecendo resultados uteis e apreciaveis. Ir a pé a qualquer dos arrabaldes que são dos mais pittorescos que existem, não importa em que cidade do mundo, é um encanto e ao mesmo tempo um bello remedio. Lisboa tem poucos jardins, pouco arvoredos e não tantas flores quantas deveria ter.

Pois vamos buscar tudo isso ao campo, prescindindo uma vez por semana dos automoveis, das carruagens, dos electricos e tendo como unico meio de locomoção as pernas.

— E quando são boas nada as eguala — commentou com a maior seriedade Montalegre.

— Houve uma reacção sensata e todos ganhámos com isso — perorou a mesma oradora. — Hoje veem-se nas rua, nas salas e até nas officinas, mulheres bonitas e sadias, especimens que nos promettem bellos exemplares no futuro.

— E' por isso que eu estou roubado — lastimou-se em tom sumido e ironico Montalegre, — como já em tempos o declarou o Dr. Thomaz de Carvalho. A nova camada de mulheres que veem para os meus filhos e meus netos cada vez são mais bonitas, nós é que aturamos as outras.

— *N'insultez jamais la femme que vieillit* — retorquiui Candido Formosinho.

— Paz ao teu francez macarronico! — rogou com chasqueador tom supplicante Montalegre.

— Ai! ai! ai! — gemeu e berrou de subito uma das congressistas, esbracejando, contorcendo-se, convulsionando-se, fazendo oscillar como uma canna batida pelo vento quem accorrêra a segurá-la.

— Que é aquillo?! Que é aquillo?! — perguntou Formosinho muito enfiado, acercando-se do nosso conhecido dentista.

— Ora, é aquella *meneza*, toda *chinoca*, que está com dôr de... de cotovello por um galfarro além e deu-lhe a *roedura* lá por dentro — explicou o Bento que se approximára, como toda a gente, da protagonista, para o Dr. Orielaznip. — E olhe que vale a pena o tal méco!

— Nunca suppuz! Nunca suppuz! Que elle me trocasse por outra! Parece impossivel! E então por que fufia! — soluçava a dama do ataque, tornando a dar-lhe o accesso e querendo precipitar-se, nem mais nem menos, que sobre Ilda Marinoff.

— Oh! patrão! — recommendou Bento — acuda á sua conhecida quando não ha por ali mais *castanha e sondeque* que *esquilhas* (sardinhas) se empilham n'uma canastra.

— Oh! Ilda, Ilda, calumniam-te! Tens-me aqui ao teu lado, conta commigo! — exclamou o dentista, tomando a attitude da Força a proteger a Innocencia.

— Elle sempre ha cada tanso! — commentou o gallego — Então ella enfeita-o, atira-se ao outro como gato a bofes e o lamecha todo se derrete como manteiga ao sol! Quem lhes dêsse com o pau e o xinguico até ficarem tão papas como elle.

E o Bento encolheu os hombros n'um gesto de supremo desdem.

XI

Consequencias da ironia

Soccorro de amigas — Tyrannia e innocencia — Elegancia da amazona — Os cães e os cyclists — A belleza e a propagação da especie — O cumprimento do dever — Interrupção — Nova liga — Modo de usá-la — Club singular — O templo do silencio — Horrivel barafunda — Palavra solta — Os conselhos dos velhos — Indignação — Fim de um congresso — Causa de enlace — Com o coração nas mãos — Ideal justo — Extrema dos sexos — Feminista com juizo — Soneto modelar — Carta extraviada — O festim de Balthazar — Rifões expressivos — Lembrança intempestiva — Definição do charuto — Presente de mulas — Letra sem reforma.

O ataque de nervos serenou. Zumbiu por toda a sala um sussurante borbórinho. A maledicencia alargou-se em conceitos de satyrica ferocidade. As melhores amigas da explosiva ciumenta frécharam-n'a de epigrammas crueis. Quem mais lhe prodigalizava cuidados, menos se condoía do ciume que tão extemporaneamente lhe extravasara do peito, e á bocca pequena crucificavam-n'a no madeiro do ridiculo. No copo de agua, que mãos pressurosas lhe offereciam, ia mais do que a tradicional esponja embe-

bida no fel da inveja e da rivalidade, ia o desejo de a aniquilar de todo no conceito sempre desconfiado e sempre attreito á malevolencia da opinião publica.

A sessão interrompida durante um instante recommçou, apenas levaram a dama da crise nervosa para um gabinete contíguo á sala.

— Nunca é mais refinada a tyrannia que quando se veste com o arminho da innocencia — declamou a digna ancian dos rifões.

— Queres talvez convencer-me que a seresma do chilique seja uma innocente? — recalcitou uma amiga sua, assentada ao lado.

D'estas duas interlocutoras abeirou-se Candido Formosinho e, á queima-roupa, desfechou:

— Á senhora que ha pouco falou a proposito dos exercicios physicos esqueceu-lhe defender o da equitação em que as damas tão elegantes se mostram.

— Queria então que todas montassemos a cavallo? Onde estão os cavallos? Mais facil e dando mais nas vistas é a bicycleta — retorquiu quasi irritada a segunda dama.

— Mas a bicycleta ia atirando com essa nobilissima arte de todo para a margem — replicou o jornalista.

— O senhor Formosinho parece que foi subornado por qualquer professor de equitação ou que o move o odio contra os fabricantes d'essa

machina chamada velocípede — argumentou a dama.

— Uma desgraçada machina essa — insistiu o redactor do *Carnet mondain*.— Compare-se a figura elegante que faz uma esvelta amazona, direita, de cabeça levantada, de vista alta, dominadora, de peito saliente, de braço cingido ao tronco, deixando desenhar n'uma bem conjugada combinação as curvas mais airozas do corpo, manejando, destra, um corcel, talvez o mais adequado pedestal para pôr bem em relêvo o garbo de uma senhora, ao effeito que produz uma cyclista, parecendo ir escarranchada n'um sellim de mau gosto, com a espinha dorsal feita n'um arco, de frente curvada, com os olhos a procurar o chão, de seio mettido nas espaldas, com as mãos no guiador, de modo a obrigar que as mangas da blusa se assemelhem ás asas de uma gaivota, sem que se lhe adivinhe, na posição forçada que leva, nenhum dos traços caracteristicos da sua natural galhardia, e diga-me, minha senhora, para que lado pende a vantagem?

— Todos olham para ella... é o bastante.

— A gente do campo, as mulheres, especialmente, ao verem passar uma amazona, correm de sorrisos nos labios e lê-se-lhes nos olhos o prazer que sentem em admirar a guapa dama que tão bem cáe na sella. Mas repare, minha senhora, qual é a expressão que se lhes impri-

me no semblante ao divisarem uma cyclista, a quem nem os cães concedem treguas.

— Ora! Isso é porque é gente do campo!

— Todo o ser vivo gosta de ser saudavel e bello.

— E dois terços da realização d'esse ideal está nas nossas mãos — interveio Abel de Mendonça tomando parte na conversa. — Tornar as nossas esposas, irmans e filhas sadías e formosas é um dever civico e domestico. Facultar-lhes os meios e guiá-las com conselhos racionaes é uma obrigação que nos cumpre a todos, pelo presente e pelo futuro.

— São theorias velhas, essas! — contradictou a dama. — A mulher o que precisa agora é emancipar-se do tal chamado chefe de familia.

— A missão de um chefe de familia — continuou Abel de Mendonça não se dando por achado — não se limita apenas a prender a filha com dotes de espirito e de intellectualidade. É necessario entregá-la ao marido apta para lhe grangear o carinho que a belleza accende, e preparada para dar á sociedade creaturas vigorosas, physica e intellectualmente.

— É a unica coisa em que os homens pensam... propagar a especie... — sublinhou a ancian.

— E as mulheres tambem — adduziu Formosinho.

— As leis de Sólon eram barbaras, mas ou-

torgaram á Grecia a belleza lendaria dos seus filhos. Hoje, na impossibilidade de as pormos em prática, façamos a selecção, transmittindo á mulher toda a pureza de linhas que ella merece ter.

— Sempre a materialidade — observou a feminista.

— Materialidade, não — retorquiu Abel — o desejo natural e recíproco da approximação dos sexos.

— Ás vezes é muito penoso cumprir um dever, mas nunca o é tanto como não o haver cumprido — sublinhou a maníaca velhota dos proloquios um pouco sibyllinamente.

— Não leve tão longe as suas affirmativas — contestou a partidaria da emancipação; — lembre-se que nós possuímos em nós proprias o sufficiente para satisfazer todas as nossas necessidades.

— É ainda do antigo e sempre verdadeiro adagio — accrescentou a ancian, — que a amizade vive das suas rendas e o amôr devora sempre todo o capital.

— Como ella desejaria agora — murmurou Montalegre — que algum d'esses tão desdenhados homens lhe devorassem o capital do amôr por ella accumulado.

Abriu-se uma pausa na sessão. A thesoureira da *Liga da Soberania das Mulheres Portuguezas* mandou servir chá, gelados, licores e bolos. A tagarelice, que até ahi campeara n'um estylo

mais ou menos academico, transitou sem esforço, antes até com gaudio de muitas congressistas, sem dotes oratorios, para o tom familiar. Constituiram-se diversos agrupamentos conforme os gostos, as índoles e os temperamentos, que, ou mais se harmonizavam, ou contrastavam radicalmente.

— Acaba de se fundar em Paris uma Liga cujas bases essenciaes talvez nos conviesse transportar para Portugal — lembrou Freda.

— Como se chama? — inquiriu a entusiasta da emancipação.

— Denomina-se *Pour la courtoisie* e encontra-se á sua frente M.^{me} Andrée d'Albert — esplanou Freda — A nova Liga tenciona, sobretudo, luctar contra a falta de urbanidade existente.

— E os seus estatutos? — interrogou outra dama do grupo.

— Consta apenas de cinco artigos — explicou a hungara — Quota: a urbanidade pessoal. Reconhece-se, de ha um tempo para cá, que os homens vão perdendo a delicadeza indispensavel para tratar com damas. É urgente que a pratiquem de novo.

— Ora, cá no paiz não se torna isso necessario! — observou com a sua costumada ironia Montalegre — a polidez anda a rôdo, e quem nos ensina a ser assim, são as mesmas senhoras que ao presente se queixam.

— E quaes são as obrigações dos socios? — perguntou uma curiosa, a fim de desviar a conversa do rumo tomado.

— Effectuar por todos os modos possiveis e em todos os sitios uma activa catechese em prol da urbanidade, por meio de palavras brandas e maneiras delicadas — informou Freda.

— Não é muito difficil — interrompeu Montalegre: — insulta a gente o proximo e termina por lhe applicar uma sova. Creia que não ha catechese mais convincente e salutar.

— O lemma d'essa associação reza: «Não façam aos outros o que não desejas que te façam a ti».

— E ás outras? — perguntou Montalegre.

— Não tem insignias a Liga? — interrogou Candido Formosinho.

— Tem — confirmou a hungara — Uma pequena roseta com a inscripção: «Pour la courtoisie» que deve usar-se em ponto visivel.

— O mais visivel é o sitio proprio das ligas, pois não é?! — sublinhou com a maior seriedade Montalegre.

— Atrevido! — exclamou uma senhora diligenciando tornar-se mais córada que o carmin com que avermelhava a face.

— A nova associação deseja acima de tudo — continuou Freda, — influir na juventude, a fim de que nas gerações vindouras se propaguem as antigas tradições da galantaria, da

graça, da elegancia, da distincção, dos bons modos.

— Essa Liga conta já com uma antecessora na Italia. Intitula-se *Pro gentileza* — informou Candido Formosinho.

— O que satisfazia todas as minhas ambições — declarou Montalegre — era fundar em Lisboa um club semelhante áquelle que em Londres viu ha pouco os seus estatutos approvados pelo governo.

— Que club é?

— O *Club dos Silenciosos*.

As damas do grupo fizeram todas beicinho. Perceberam que da evocação resultaria mordaz referencia á sua proverbial loquacidade.

— N'esses estatutos — explicou Montalegre — prohibe-se bater com as portas, anda-se lá dentro nas pontas dos pés e a ninguem é permitido usar botas que ranjam. As fechaduras são azeitadas de modo que as chaves não façam barulho ao dar volta. Quem roncar paga quantiosa multa. Não existem ali nem timbres, nem campainhas, nem apitos. O telephone convida a acercar-se do apparelho de maneira especial. Chamam-se os creados e creadas por meio de luzes de diversas côres que se accendem comprimindo um botão electrico.

— O senhor está a mangar! — Observou Ilda Marinoff.

— Não estou, não, minha senhora — confir-

mou Montalegre. — N'esta casa de socego tudo se fará com tranquillidade, repousadamente e sem inuteis gritos. Como que se deslizará sobre veludo; a fleugma será uma verdade. Depois de se impôr silencio á bulha machinal das coisas, impedir-se-ha que as pessoas pronunciem palavras ociosas. O barbeiro do club esquecer-se-ha de que tem lingua. Nos banquetes mensaes terá o logar de honra e o melhor quinhão o conviva que com mais facilidade recolher a fala ao buxo. A carpa será o peixe preferido nas refeições, devido ao seu mutismo proverbial. Nas assembléas geraes só se pode usar da palavra para dizer «Schiu!» ou: «Mutis!» Na bibliotheca só se podem ler as obras completas de Tacito e a reticencia é a unica figura de rhetorica permittida aos oradores.

— O senhor offende-nos — declarou zangada Freda.

— Por fazer a descripção d'este club ideal?! — defendeu-se Montalegre imperturbavel — Talvez haja um certo excesso n'este methodo therapeutico, mas contrasta soberanamente com a bulha perpetua a que a vida quotidiana nos submete a toda a hora do dia e da noite. Pois não é verdade que vivemos litteralmente n'uma esmagadora barafunda, n'uma terrivel balburdia, n'um reboliço ensurdecador? Os nossos ouvidos são dilacerados pelas cacophonias, ruidos, estrondos. É um alvoroço universal.

— Que exagero!

— As ruas estrugem de clamores, o espanto estonteia-nos. São as campanas dos electricos, as buzinas e trilos dos automoveis ou das bicycletas, os guisos dos trens, os berros dos chauffeurs, as pragas dos cocheiros, o borborinho da turba e tudo isto fala, grita, troveja, clama, ruga, retumba, apregôa, chia, ladra, relincha, ameaça e se repercute por todos os eccos das immediações. Pois não é para ficar sem juizo? Pois não é para desejar um *Club dos Silenciosos*?

— Cale-se! Cale-se! O senhor é que ha de acabar por nos fazer perder a paciencia — intimou a defensora da emancipação feminina.

— Vae concordar, minha senhora, na vantagem do *Club dos Silenciosos*, até a bem da moral — argumentou Montalegre com o seu ar mais grave — Com o motim de hoje, por mais que os moralistas enrouqueçam a prégar as suas doutrinas, não ha maneira de serem entendidos. Esfalfam-se, extenuam-se, rouquejam para nos convencer da complicação cada vez mais crescente do mecanismo da vida moderna, que devemos poupar as nossas palavras, conservar em qualquer circumstancia o sangue frio necessario para todas as operações de dia para dia mais delicadas e difficeis...

— Quando acaba com essa céga-réga? — interrompeu furiosa a velha dos annexins, e em seguida accrescentou: — Sôlta uma palavra,

nem um cavallo é capaz de a alcançar. Cuidado pois com o que se diz.

— Concorde, minha senhora — redarguiu de prompto Montalegre, — e tambem não desconheço que os velhos são muito inclinados a dar bons conselhos, porque já não podem dar maus exemplos — e n'outro tom, adduziu: — Ora não ha nada mais certo que é os homens estarem uns tagarelas incorrigiveis e que as mulheres, com perdão das que me ouvem, não lhes ficarem atrás.

— Insolente! Insolente! — rugiram algumas vozes.

— Se se soffre, pois, de uma especie de incontinencia verbal até nos paizes do norte, o que fará nas nações latinas onde as formigas já teem catarro, as creanças declaram o seu amor á ama e até uma lhe propoz indemnizá-la do leite que d'ella mamara.

— Não podemos consentir que continue — declararam varias damas.

— Já falta pouco. Vou concluir — affirmou Montalegre com a mesma seriedade — Ha quem receie vêr a sociedade actual transformar-se n'um papagaio immenso, n'um interminavel phonographo. Toda a gente perora, declama, chalra, bacharela, palra, taramela, discorre. Toda a gente fala pelos cotovellos. Nas Camaras, nos congressos então é uma desgraça, uma plethora interminavel, uma indisciplina invete-

rada que determina os peores resultados. Todos os oradores querem discursar ao mesmo tempo. Ninguém quer ouvir. Olhar para o presidente de campainha em punho, a badalar, corta o coração mais empedernido. Quem sabe, minhas senhoras, se o fundador do *Club dos Silenciosos* não foi algum antigo presidente da Camara, ou alguma dama aphonica?

Estas ultimas phrasas podem comparar-se ao azeite que trasbordando da certan cae no lume. Ergueu-se uma labareda enorme de protestos, exclamações, objurgatorias e invectivas.

— Ultraja nos! — bradava uma.

— Nunca se viu semelhante audacia! — exclamava outra.

— Aquillo não é d'elle, é de um jornal francez — explicava uma terceira.

— Lynchêmo-lo — propunha uma exaltada.

— Mostremos-lhe o que vale o feminismo — lembrava uma joven nédia, desenxovalhada.

— Ah! mostrem, mostrem que eu sempre gostei muito de vêr — respondia Montalegre sem se impressionar absolutamente nada com a indignação que provocara.

O alvoroço attingiu taes proporções que Formosinho, Abel de Mendonça e o proprio Dr. Orielaznip se julgaram no dever de levantar uma trincheira com os seus corpos entre os seios das offegantes e coléricas congressistas e o peito do sereno e zombeteiro Montalegre.

— Muito se esganiçam essas *garulas* (perúas)! Quasi que dá vontade de lhe botar os *medunhos* (dedos) á *fuladeira* (lingua) a vêr se não largam mais pio — commentou o Bento, que andava a servir bolos, serviço para o qual o dentista o cedera.

O congresso terminou no meio de uma desordem indescriptivel. Os jornalistas viram-se obrigados, bem a seu pezar, a sahir, no que foram a breve trecho imitados pelas congressistas que não queriam discutir na ausencia dos homens.

— Ai! — suspirou Montalegre sempre ironico — quem não tem um bom amigo a quem contie as suas desditas e os seus males, em toda a parte é um estranho. Obrigado, rapazes, salvaram-me de bôa.

— Não tens nada que agradecer — respondeu o Dr. Orielaznip despedindo-se e dirigindo-se para casa de Ilda Marinoff.

— É verdade que se casa? — perguntou Montalegre a um amanuense do ministerio da justiça, seu conhecido, que se lhe cruzou no caminho.

— É verdade.

— Mas é uma loucura casar-se aos vinte annos. Naturalmente a noiva é muito rica.

— Não tem cinco reis.

— Então é porque o meu amigo anda apaixonadissimo.

— Nem por isso! Caso-me só para que na repartição me deem quinze dias de licença.

Candido Formosinho, que se retirara de peito feito para levar uma noticia de sensação ao seu jornal, encaminhou-se para o consultorio de uma medica, senhora respeitabilissima a todos os respeitos, de uma bondade inegualavel e de um merito e talento poucos vulgares.

— Minha senhora — principiou Formosinho depois dos costumados preliminares n'este genero de conferencias — V. Ex.^a que é medica e além d'isso formada em mais duas faculdades, quer ter a bondade de me dizer o que pensa ácerca do congresso feminista e da causa principal porque se reuniu, isto é do direito do voto concedido ás mulheres?

— Mas eu não penso em nada d'isso, meu caro senhor — respondeu a medica com a sua voz doce e cariciosa, — só penso nos meus doentes, nas minhas alumnas, e quando a saude m'ó permite, nos meus versos...

— Que os faz magnificos e sentidissimos — concluiu o jornalista com convicção — mas diga-me alguma coisa sobre o assumpto, peço-lh'ó encarecidamente.

— A politica não me interessa nada, logo a questão do voto concedida ás creaturas do meu sexo, ainda menos me interessa. ¹

¹ Textual, como todo o resto do dialogo.

— Mas ha de ter um ideal, o desejo de melhorar as condições da mulher. Não é feminista?

— Eu sou feminista apenas no sentido de aspirar para a mulher a instrucção e a educação necessarias para a tornar um ser consciente, bom, perfeito de intelligencia, adaptado ao seu fim, ao seu meio e á epoca em que tem de viver. O meu feminismo pretende a mulher illustrada sem vaidades, que a fariam ridicula, mas sem ignorancias que a deprimam ou envergonhem. Preparêmo-la sempre para valorizar o seu esforço e os seus conhecimentos, quando circumstancias da vida a isso a obriguem.

— Nega á mulher faculdades politicas? Não a julga em condições de concorrer para a regeneração e melhor orientação dos partidos?

— Não. Seria torcer-lhe o destino, desviá-la da sua missão, arrancá-la ao dominio do seu lar.

— Acha-a então incompativel com a politica?

— Acho. A mulher boa e intelligente pode por muitas formas espalhar o bem, ser util ao seu paiz, sem entrar no campo da politica, onde tão deslocadas estariam a sua delicada compleição e a sua fina sensibilidade.

— E se os seus adversarios a accusam de ente inferior?

— Em primeiro logar um homem nunca julga a mulher inferior. Depende d'ella que elle nunca pense de forma contraria. E na verdade a mulher não é superior nem inferior ao homem é...

differente, e n'essa differença é que consiste toda a sua vantagem.

— E acha que não se podem extremar naturalmente os sexos sem dar-lhes funcções differentes na organização geral das sociedades?

— Sem duvida. Como reclamar para dois seres que se completam, mas que não se confundem, eguaes direitos, se os seus destinos são tão diversos?

— De forma que não defende em principio o voto feminino?

— Use quem quizer da concessão do voto que eu nunca me utilizarei d'elle. Demais, a faculdade de votar, na mulher, será mais uma dependencia affectiva nas suas relações familiares e sociaes com o homem do que um livre direito exercido com pleno sentimento do seu valor e do seu effeito politico. Asseguro-lhe que na maioria dos casos quando uma mulher votar ha de ouvir menos o dictâme da sua consciencia politica do que o impulso de certas coacções ou a attracção irreflectida das suas sympathias.

— E mais nada?

— Mais nada.

O jornalista despediu-se e correu para a folha para escrever o resultado da sua *interview*. No tracto esbarrou com Montalegre. Contou-lhe a conversa que sustentara com a medica.

— Homem, se é certo quanto relatas, affigura-se-me que é uma das poucas feministas com

juizo que existem em Portugal — conceituou o terrivel zombeteiro, e em seguida adduziu: — como diria aquella velhota nossa conhecida: A belleza de uma mulher enfatuada é como uma argola de ouro no nariz de um botecudo.

O Dr. Orielaznip encontrou Ilda Marinoff no seu toucador, muito agitada e nervosa.

— Trago aqui um soneto para lhe ler — participou o dentista depois de lhe beijar a mão.

Ilda encolheu os hombros n'um sacudido gesto de mau humor e retorquiu com irada resignação:

— Pois leia.

O da prothese dentaria começou:

Que importa o preconceito? Acaso a fé é escrava?
 Alguem lhe põe grilhões? Ha furias que a domem?
 E ruge e brame atroz nas dôres que a consomem;
 Quando uma vez se solta irrompe como a lava.

Affronta a inclemencia, esmaga como a clava.
 Arranca-se á montanha os bens que lá se somem
 Ninguem tira o amor do coração do homem,
 Como não ha ninguem que desça á onda cava.

.....

— Não continue, meu amigo, que despedaça todo o meu interior, sinto que os meus nervos estalariam todos se continuasse a ouvir poesia tão bem medida e inspirada. Cale-se por Deus!...

O dentista, muito contrariado, inhumou outra vez o soneto nas cryptas da sua carteira e ex-

clamou com a submissão de um martyr n'um circo romano :

— Faça-se a sua vontade.

— O senhor arranjou-a bonita — interpellou a russa mudando de tom.

— Arranjei-a bonita em quê? — retorquiu o dentista entre surprehendido e receoso.

— Escreveu uma carta inflammada, que me mandou ao collegio de Sant'Iago. A directora apprehendeu-a, leu-a, mostrou-a a todas as professoras, de modo que tem sido uma risota contínua — relatou Ilda encolerizada.

— Oh! com a fortuna! Mas isso é um abuso, um crime! Vou já lá. Vou queixar-me á policia — esbravejou enfurecido o da prothese dentaria.

— Para quê?! Para que o escandalo ainda assuma maiores proporções! Esteja quieto, escreva o menos que possa ser e aprenda a ter juizo.

E em seguida, por uma mudança subita, muito caracteristica do seu temperamento, abriu os braços, lançou-os ao pescoço do Dr. Orielaznip, puxou-o para si, beijou-o e, á queima roupa, perguntou-lhe:

— Que significam as palavras *mane, thecel, pharés* do festim de Balthazar?

— Uma maldição — respondeu o dentista pensando em coisa muito differente.

— Não, senhor. Traduzidas á lettra significam: *Pesado, contado, dividido*. Como quem diz:

Pesamos a tua conducta, tens os teus dias contados e os teus estados vão ser divididos — explicou a russa.

— Sabes muito. Tambem estudaste hebreu — inquiriu o Dr. Orielaznip aconchegando-a ao peito.

— Estudei — respondeu Ilda, e, n'outro tom, exclamou: — E se eu fosse judia?

— Não me importava nada com isso — declarou peremptoriamente o dentista começando a pretender demonstrar-lhe com factos que, para o seu caso, a religião e as crenças não influíam nada.

— Deixa-me, não me tentes — protestou Ilda com energia.

O Dr. Orielaznip reclinou-se na cadeira meio amuado. D'ali a um instante a russa começou a alongar e a contrahir os membros n'um movimento muscular muito typico e a abrir a bocca amiudadas vezes. O dentista ao deparar-se-lhe semelhante abandono, em virtude d'essa suggestão que nos obriga a imitar os gestos das pessoas que estão na nossa frente, prolongou os pés pelo tapete adeante, e, a meia voz, commentou:

— Quando a mulher boceja e se contráe...

Ao que Ilda ripostou com a promptidão de um esgrimista bem treinado:

— Quando o homem se estira... tola é aquella que não se inspira...

— E tu inspiras-te ?

— Parece-me que sim.

O Dr. Orielaznip ajoelhou defronte do sofá em que a russa se recostava, pegou-lhe nas mãos, debruçou-se sobre ella e ia para lhe depôr nos labios um demorado beijo. Ilda, porém, fugiu-lhe ao contacto e, com o seio offegante, com a ponta da lingua entre os beiços semi-abertos e frementes, com o tornozêlo da roliça perna envôlta em assetinada meia negra a transparecer da fimbria da saia qual pistilo raro da corolla de uma flor, suspendeu-lhe o ímpeto, e perguntou :

— Já viste um annel de brilhantes que está no mostruario da ourivesaria Leitão ?

— Já vi, já — respondeu o dentista arquejante, com a respiração a sibilar, entrecortando as syllabas, — é teu... compro-t'ó... logo...

O Bento acompanhara o amo na visita e conversava na cozinha com a creada de Ilda. A convite da serva foram os dois espreitar o que se passava no toucador da russa e ouvir o que lá diziam. Ficaram edificados com o espectáculo que se lhes deparou.

— A menina sabe a definição do charuto ? — perguntou o Bento para a serviçal.

— Nunca fumei...

— Como sabe ha charutos de muitas fabricas e de varios tamanhos...

— Já sei...

— Olhe :

Comprido, peja ;
Grosso, perfuma ;
Curto, bafeja.
Não ha charuto
Que ruim seja.

— Tenho ouvido essa definição, mas é d'outra forma...

Bem se vê que o senhor Bento aprecia muito os charutos...

— Assim, assim. Gosto de fumar, gosto. Mas ha quem os aprecie mais do que nós.

— Quem ? !

— Vocemecês... Está claro, refiro-me ás mulheres que fumam.

No toucador de Ilda o dr. Orietaznip imprimia na face da russa o beijo da despedida.

— Não te esqueças do meu anel — recomendou ella.

— Não me esqueço, e a proposito d'isso está-me a lembrar um episodio succedido com D. João v.

— Que episodio é ? Conta — solicitou a russa.

— O estribeiro-mór do *Rei magnifico*, D. João de Almeida, se não erro o nome, já edoso, casara-se com uma rapariga nova, amiga da princeza Maria Barbara, mais tarde rainha de Hespanha, filha do monarca. Tempo depois da boda,

esta mandara de Madrid á sua companheira de infancia duas parelhas de mulas, como não havia nenhuma nas coudelarias reaes portuguezas. A D. João v iam-se-lhe os olhos nos animaes, e não poucas vezes deu a entender ao seu dignitario que lhe seria muito agradavel que elle lh'as offerecesse. O estribeiro-mór fazia sempre ouvidos de mercador, ou declarava que sendo uma dádiva de tão augusta e querida pessoa não podia acceder aos desejos do soberano.

— Pois se era um presente da princeza — observou Ilda.

— D. João v, pertinaz como todos os Braganças, conseguiu por portas travessas que a mulher de D. João de Almeida o presenteasse com as tão ambicionadas parelhas, com consentimento, é de vêr, do marido. Depois dos animaes estarem nas cavallariças do Paço, o monarca quiz rir-se um pouco á custa do cortezão, e exprobou-lhe: « Parece impossivel! Tu que andaste commigo ao collo, vendo que eu me empenhava em ter as mulas nunca m'as offereceste. Foi preciso que tua mulher t'as pedisse, para serem minhas. Cedes ao rôgo de tua mulher e não ao pedido do teu rei ».

— Havia de ficar embaraçado o palaciano? — inquiriu Ilda.

— Qual! Olhou para D. João v com expressão entre caustica e respeitosa, e respondeu-lhe: « Se Voçsa Majestade me pedisse as mulas na

mesma occasião em que minha mulher m'as pediu, 'dava-lh'as logo».

— Ah! já percebo! — declarou a russa também entre mordaz e cariciosa — Mas não te esqueças de me trazeres logo o anel.

— Que remedio! É uma letra que não tem reforma.

Mascara e penuria

Castiças buliçosos — Maneira de vêr ao longe — As actrizes e os homens — Como se engana o publico — «Calembourg» antigo — Um anjo — Vida comprida — Um ente feliz — Um tyranno — «Modus vivendi» — Fornecedor repellido — «Claque e claqueurs» — Ir buscar lan... — Historia dos bailes de mascaras — O primeiro baile de mascaras publico em Lisboa — Os antigos *jardins* de Lisboa — Epilogos dos bailes — Quando se pesa mais — No restaurante — Vinho para comer — Arrependimento tardio — O mysterio de um vintem.

O theatro D. Estephania era alegre, moderno, de uma architectura desprestenciosa. Não se fliava em escolas conhecidas. Afastava-se nas suas linhas geraes do convencionalismo d'este genero de construcções. Extremava-se, sem demasias de originalidade arrojada, pela sua elegancia e até pela escolhida concorrência, dos seus congéneres da capital.

N'uma determinada noite a sala regorgitava de espectadores. Nas paredes predominava a côr verde esmaecida. No tecto os amplos medalhões dourados tomavam por vezes tons severos de

...necessesse. O estribeiro-mór ouviu os ouvidos de mercador, ou declarava que sendo uma dádiva de tão augusta e querida pessoa não podia acceder aos desejos do soberano.

— Pois se era um presente da princeza — observou Ilda.

— D. João v, pertinaz como todos os Braganças, conseguiu por portas travessas que a mulher de D. João de Almeida o presentearse com as tão ambicionadas parelhas, com consentimento, é de vêr, do marido. Depois dos animaes estarem nas cavallariças do Paço, o monarca quiz rir-se um pouco á custa do cortezão, e exprobou-lhe: «Parece impossivel! Tu que andaste commigo ao collo, vendo que eu me empenhava em ter as mulas nunca m'as offereceste. Foi preciso que tua mulher t'as pedisse, para serem minhas. Cedes ao rôgo de tua mulher e não ao pedido do teu rei».

— Havia de ficar embaraçado o palaciano? — inquiriu Ilda.

— Qual! Olhou para D. João v com expressão entre caustica e respeitosa, e respondeu-lhe: «Se Voossa Majestade me pedisse as mulas na

XII

Mascara e penuria

Castiças buliçosas — Maneira de vêr ao longe — As actrizes e os homens — Como se engana o publico — «Calembourg» antigo — Um anjo — Vida comprida — Um ente feliz — Um tyranno — «Modus vivendi» — Fornecedor repellido — «Claque e claqueurs» — Ir buscar lan... — Historia dos bailes de mascaras — O primeiro baile de mascaras publico em Lisboa — Os antigos *jardins* de Lisboa — Epilogos dos bailes — Quando se pesa mais — No restaurante — Vinho para comer — Arrependimento tardio — O mysterio de um vintem.

O theatro D. Estephania era alegre, moderno, de uma architectura despretenciosa. Não se filiava em escolas conhecidas. Afastava-se nas suas linhas geraes do convencionalismo d'este genero de construcções. Extremava-se, sem demasias de originalidade arrojada, pela sua elegancia e até pela escolhida concorrência, dos seus congéneres da capital.

N'uma determinada noite a sala regorgitava de espectadores. Nas paredes predominava a côr verde esmaecida. No tecto os amplos medalhões dourados tomavam por vezes tons severos de

bronze. O velludo carmesi escuro, que forrava o interior dos camarotes e os parapeitos dos balcões, contrastava austeramente com as allegorias frescamente mythologicas do panno da bocca. A luz de então, Auer, punha scintillações estranhas n'aquelle conjunto irritante e suggestivo de estofos, dourados, pedrarias e mulheres.

— O *paraizo* — dizia um espectador para o outro — parece um grande throno de Santo Antonio. Alcatifa-se de gente, escalona-se de buliçosos castiçaes.

— Esses castiçaes d'aqui a pouco ou se erguem em salvas de estrepitosas palmas, ou se baixam no trovejar de uma phenomenal pateada — obtemperou o interlocutor.

Em redor da sala, nos camarotes, frisas e *baignoires* agitavam-se cabellos loiros e negros, cútis brancas e morenas, olhos de todos os cambiantes, labios de varias espessuras, collos de alabastro e *veloutine*, joias verdadeiras e falsas, vestidos espavorosos e modestos, mãos aristocraticas e plebéas, luvas como o arco iris, expressões de todos os sentimentos, reflexos de todas as paixões.

— Aquelle provinciano — commentou um janota para o amigo do lado — impingiram-lhe um binóculo, não se sabe servir d'elle e está olhando ao revés.

— Deixa-o lá — respondeu o companheiro, —

talvez não seja por isso. Quem sabe se lhe appareceu por ahí algum crédor, e o quer vêr o mais longe possível!

— Como tu tens a experiencia d'estas coisas!

No balcão de segunda ordem alinhavam-se os burocratas economicos; as Julietas ternas e pobres, sem dote, á procura de Romeus raros, a vinte mil reis por mez; a esperança do casamento honesto, o preludio de um annuncio no *Diario de Noticias*, o preliminar do gargarejo para o quinto andar, o primeiro passo para uma tentativa de suicidio com cabeças de phosphoros, o começo de um epílogo que termina na roda ou no vão de uma escada, entre os vagidos abafados de um recém-nascido e os bigodes curiosos de um policia.

— Sabes que fiz esta noite uma conquista — declarava n'um camarote uma dama a uma sua confidente.

— Sim?! E quem?!

— Aquelle sugeito que está na segunda fila de cadeiras não tira os olhos de mim.

— Conheço-o muito bem, é um *bricabraquista*, um colleccionador de antiguidades.

No balcão de primeira ordem celebrava-se um leilão com pregões, offertas e arrematação. Baralhavam-se ali casacas a ladrarem pelo alfaiate, *smokings* de expedições noctívagas, peitinhos de espelhada alvura, chapéos mirabolantes de diametros colossaes, adereços alugados a

tanto por noite, anedotas do *sport*, contactos lebidinosos, risotas suffocadas, conversas aphrodisíacas e vozes guturaes.

— Estreia-se hoje uma actriz formosissima — observou um péalvilho.

— Quem será o primeiro pato a quem ha de depennar? — perguntou outro.

— Já Le Sage o disse: As actrizes divertem os homens em publico e arruinam-n'os em particular — sublinhou outro já de idade.

Em baixo na platéa desenrola-se um tapete de cabeças, matizado aqui e ali pela mancha nédia de uma calva lustrosa; assestam-se n'uma e n'outra parte binoculos a querer devassar segredos; trocam-se olhares a revelar íntimos desejos; paira no ar como que um fluido irritante a morder na honestidade; adivinha-se nas donzelas uma vaga aspiração para o incognito, nas matronas uma saudade oppressiva do passado, a esperança ardente na repetição.

No corredor que dá ingresso para o palco um ingenuo, amigo de um dos actores, que só entra no segundo acto, conversa com este e muito entusiasmado interpela-o:

— Isso é que é vida, a de vocês...! Até comem bons petiscos e bebem Champagne em scena.

— Qual historia!... Diz a gente, por que está lá na péça, que é Champagne, mas não passa de gazosa... e graças a Deus!

—Gazosa em vez de Champagne?!— exclama o ingenuo indignado — Mas isso é enganar o publico!

No camarote da auctoridade, um general, alto, sêcco, nervoso, typo de meridional, encosta-se sobre a esquerda e apoia a face á mão enluvada, que quasi lhe encobre o rosto. Tanto pode significar uma posição favorita, como a intenção de occultar á sala as phases de angustia ou satisfação que se lhe reflectem na phisionomia. Ao lado, os ajudantes, orgulhosos nas suas fardas reluzentes de bordados e condecorações, percorrem a sala com a vista, distinguem os amigos com um sorriso protector, as damas com um rapido amavel e casquilho cumprimento e encaram a multidão com a expressão zombeteira da superioridade consciente.

— Esta vida de actor, — commentava n'um grupo um crítico — é uma vida attribulada, sempre no proscenio, de dia e de noite, n'um ambiente viciado, só com luz artificial.

— Pois sim — acudiu um collega, — apesar de respirarem constantemente como disse em tempo Duarte de Sá, ar scenico (*arsenico*) morrem todos velhos.

— Os que morrem velhos.

Sôa a campainha, assentam-se os espectadores, o maestro empunha a batuta, os musicos preparam os instrumentos, o publico aconche-ga-se nas poltronas, os braços do regente cortam

o ar, os arcos descem sobre os violinos, as faces dos que tocam instrumentos de metal tornam-se rubras, o tambor desdobra um rufo, começa a symphonia e, minutos depois o bombo põe ponto final n'aquelle trecho.

— A empresa do theatro D. Estephania não é do parecer de Napoleão I — conceitua um assignante antigo para o visinho.

— Porquê?

— Napoleão I escreveu algures que o *Theatre-Français* merecia ser sustentado porque fazia parte da gloria nacional, que essa casa de espectaculos devia reduzir ao domingo, a vinte soldos os logares da platéa, afim de que o povo ali pudesse ir instruir-se.

— Não percebo ainda...

— Era partidario dos logares baratos, e aqui...

— Ora adeus os preços são os mesmos dos outros theatros. Se os barateassem não vinha cá ninguém.

Sobe o panno. Desenvolve-se a farça. Começa o poderío da illusão. Principia a exhibição de loiras cabelleiras, de caracoos a cobrirem desgrenhadas guedelhas negras, intensas pinceladas de bistre a cavar olhos profundos, subtil carmim a colorir labios desmaiados, camadas sobrepostas de pós de arroz a polvilhar as rugas da decrepitude precoce e a cútis requemada pela implacavel idade, estofos flacidos a substituirem túmidos seios, espartilhos resistentes a compri-

mirem cinturas dilatadas cuja pelle se dobra em sanefas caprichosas, malhas a desenharem pernas tentadoras n'uma accumulção de almofadas artisticas.

— Não é verdade que a actriz F... é um anjo? — exclama uma dama para a companheira da esquerda, apontando para uma artista que entrara em scena muito pintada.

— Talvez, mas é um anjo pintado.

— E já viste algum anjo que não seja pintado?

Nem tudo é falso na ribalta. Ao canto, sôlto umas vezes em notas límpidas e vibrantes, outras em sons velados e omissos, seguem-se dansas lascivas n'um desordenado movimento de quadrís, passos sensuaes em que o olhar mergulha nas rendas transparentes da cintura, piruetas que produzem a estonteadora embriaguez de um desejo que não se apaga.

— É certo que os homens casados vivem mais que os solteiros? — pergunta uma dama ao marido, n'uma frisa, para o distrahir da muita attenção que prestava a uma bailarina.

— Não creias isso — responde o esposo sem despregar os olhos da dansarina, — o que succede é que a nós aos casados nos parece o tempo mais comprido.

Ha grande furor em ver a *divette*. Não é bella, mas... attrahe como uma caricia, tenta como um peccado. Estrondeiam na sala os applausos, retumbam bravos calorosos, o enthu-

siasmo está no auge, estrugem manifestações de uma ovação delirante, ella, porém, no seu amor pelo general não pertence ao publico. É d'elle, só d'elle.

— Que monumental escandalo ! — exclama alguem e a phrase corre de bocca em bocca.

O olhar da *divette*, escravo de uma gravitação que Laplace não estudou, dominada por um fluido que a sciencia desconhece, percorre a sala n'um exame abstracto, n'uma inspecção vaga. É só quando se fita n'elle que a phisionomia se transforma n'um extase de lúbricas aspirações, que os olhos avelludados e ardentes se apagam n'uma contemplação mystica, que a bocca se entreabre n'um sorriso tentador e voluptuoso, que o rosto se illumina com um reflexo sideral, em que ha protestos de caricias indiziveis, supplicas de beijos cheios de fogo e volupia, promessas vehementes de um desejo intenso, certezas de um gozo paradisiaco. O trinado que solta, a danza que executa, a graça que ostenta, a travessura que patenteia, tudo lhe entrega.

Quando desceu o panno, nos corredores, no *foyer*, no vestibulo, nos camarotes, em redor das mesas do café, só se ouvia o repetido estribilho :

— Como é feliz o maganão do general !

No intervallo, farto numero de peraltas dirigem-se para a porta da *caixa*. O chaveiro d'aquelle céo ou o cerebéro d'esse inferno, con-

forme o modo de ver dos que o frequentam, arvorara-se, como quasi todos os da sua especie, em tzar d'aquella Russia. Apresentava um typo de autentica originalidade. Nenhum romancista, nem os de fantasia mais arrojada, ousara crear tão exotica personagem.

— Não, aqui ninguem manda senão eu. Só entra cá quem eu quero.

Esta declaração, gaguejada, fazia-a o excêntrico porteiro ao nosso conhecido Bento, que lembrando-se da sua antiga profissão, e para matar saudades, fôra até ali dar dois dedos de conversa.

— E as ordens da empresa? — objectou o gallego.

— Ora cumprem-se conforme a gente entende. Quando uma pessoa entende que deve entalar a empresa cumpre-as com rigor, quando não, fecha os olhos e afrouxa a corda — explicou o da portaria.

— E isto vae rendendo? — inquiriu o Bento.

— Puxa-se-lhe pelas orelhas. Se quem deseja entrar é melro que nos unta os fechos, abre-se a porta com a mão esquerda, tira-se o bonnet com a direita e faz-lhe a gente uma mesura de respeito.

— E a tabella subiu?

— Não tanto quanto havia mister. Tambem só apanham contumelia n'essa conformidade. Se não se alargam do *camochó*, acena-se-lhe

com a cabeça até o queixo encontrar o peito e salva-se com um *senhoria*; se veem duas *rodas*, a barba desce á cintura e pespega-se-lhe com um *vossa inselencia*; se a conversa sobe a uma *careta* varre-se o chão com o carapuço e repica-se-lhe um *cavalheiro*; quando ha missiva toda a rescender áquelles cheiros que os barbeiros deitam na cabeça dos freguezes, ou um ramallete do tamanho de uma vassoura das ruas, para levar a um camarim e que nos mimoseiam com *chelpa* grossa, chama-se-lhes *conselheiros*, *camaristas*, *ministros*, nome sempre graúdo.

— E a respeito de *lucas* (cartas) ainda canta?
— interrogou o Bento.

— Pois então! Carta para o empregario, secretario ou artista que me cheire a pedir *borlas*, se não vem com *peso*, respondo logo que o destinatario não está, ou não vem cá n'esse dia, ou sumo a epístola ou só a entrego a meio do espectáculo.

N'outro grupo discutiam dois litteratos. Affirmava um d'elles:

— A calumnia é como o carvão; quando não queima, suja.

— Referes-te ao Apolinario Brito? Deixa-o lá. Que queres que elle faça? A amante d'elle fugiu para ti; as tuas peças são applaudidas, as d'elle pateadas; ganhas oitenta mil reis no jornal, a elle dão-lhe quinze, . . . repito, que queres que elle faça?

— Achas então justo que me calumnie? E' cómoda a tua moral.

Um jornalista circumdado por varios admiradores, tomando a importancia caracteristica dos viajados, contava:

— Quando estive em Londres, li n'um cartaz que annunciava uma magica, o seguinte aviso: « Na peça não ha fatos indecentes ».

— Não vás sem resposta — adduziu um dos ouvintes, tão mentiroso como o primeiro; — uma vez em Paris um garoto apresentou-se acompanhado por um cão da Terra Nova á porta de um amestrador... de pulgões.

— Não o deixaram passar? — interrompeu um impaciente.

— Ouve e cala-te — recommendou o orador — « Não se pode entrar aqui com cães, disse-lhe o porteiro, collocando-se em frente da porta.

— O gaiato retirou-se? — observou o mesmo incorregivel interruptor.

— Não sem responder á lettra. Retorquiui ao da prohibição: « O quê, pois não veem que é o fornecedor do estabelecimento? »

— Esta *claque* está insupportavel — commentava um inimigo d'essa imprescindivel instituição theatral.

— E' sempre a mesma coisa em toda a parte. Olha o que succedeu com Frederico Lemaître.

— Que succedeu? Narra.

Então o instado relatou a seguinte anecdota:

Frederico Lemaître detestava a *claque*. N'uma das noites em que no Ambigu, de Paris, se representava o *Pablo*, drama em que o celebre actor desempenhava um grande papel, antes de subir o panno foi ter com o director do theatro e pediu-lhe que retirasse da scena aquelles homens assalariados para applaudirem certas passagens da peça, e que deixasse ao publico o applauso livre e espontaneo.

Quando Frederico falava com o empresario, Maria Dorval, que n'essa peça disputava triumphos com o Talma do Boulevard, dirigiu-se ao director do theatro a fazer o mesmo pedido. O director deferiu o requerimento dos dois grandes artistas, e n'essa noite nem um só *claqueur* foi admittido na sala. O panno levantou-se e a peça correu toda sem o mínimo applauso da platéa. Chegadas as situações em que os applausos eram infalveis, Frederico Lemaître, vendo-os falhar, dizia comsigo :

— Não querem applaudir para que os não tomem por *claqueurs*!

A récita correu o mais friamente possivel. Na noite immediata Frederico Lemaître foi doidamente applaudido em todas as suas falas, mas exclusivamente elle; nenhum dos outros artistas obteve o mínimo applauso.

Na outra noite Maria Dorval foi tambem applaudida com phrenesí, e na noite seguinte todos os artistas que entraram na peça eram a

cada passo applaudidos com delirio. Lemaître desesperado avistou-se com o director do theatro :

— Então o senhor metteu *claque*, hein ?

— Não senhor, — respondeu o director.

— Não ? Então é capaz de negar que ha *claque* na sala ?

— Não nego ; ha *claque*.

— Ah ! confessa . . .

— Sim ! ha *claque*, ou antes ha *clagues*. Uma sua, outra da senhora Dorval e outra do resto da companhia !

Lemaître sahiu corrido. Effectivamente elle contractara uma *claque* sua. A Dorval e os outros artistas tinham feito outro tanto.

— Tem graça e não offende — declarou um.

— A *claque* é uma corporação prestantissima — confirmou um comediógrapho mediocre.

— Quantos auctores lhe devem as palmas da primeira noite — commentou um maledicente.

— E as pateadas quando o seu zelo é excessivo — concluiu um observador.

— Essa *isenção* de Lemaître recorda-me, por associação de idéas, a resposta dada por M.^{elle} Mars no tribunal, e que depois d'ella tem sido attribuida a tantas personalidades, sugeriu um cavaqueador.

— Que resposta foi ? — interrogou um curioso.

— É muito conhecida. Só adquire importancia por se lhe fixar a legitima maternidade.

E o cavaqueador narrou :

M.^{elle} Mars chamada um dia a um tribunal, como testemunha, teve de se submeter ao seguinte interrogatorio :

— Como se chama ? — pergunta-lhe o juiz.

— Anna Francisca Hippolita Mars — redargue-lhe a artista.

— A sua profissão ?

— Societaria da *Comedie-Française*.

— Quantos annos tem ?

Silencio religioso no tribunal, applicação em todos os ouvidos, curiosidade em todos os olhos.

—...um annos.

— Quantos ? — insiste o magistrado.

— Já disse, senhor juiz — retorquiu sorrindo a encantadora actriz.

Apesar de conhecido o *calembourg* todos se riram.

— É pena a lingua portugueza não se prestar muito aos *calembourgs* — em todo o caso Duarte de Sá lá tinha maneira de os arranjar — evocou um entusiasta.

— Ha os tres do comboio que são primorosos — rememorou um litterato antigo.

— Como são ? — rogou um poeta novato.

— Um *conquistador* viajava em carruagem de segunda classe. No mesmo compartimento ia uma provinciana bonita com uma sacca de ragem. Elle, para entabolar conversa pergunta, apalpando a sacca: «Damasco?» A rapariga adivinha-lhe as intenções, e replica: «Não a mexa

(*Não ameixa*)». Ao que o gracioso redargue immediatamente: «A menina parece que me diz fructa (*desfructa*)?!»

— É inventada, com certeza, mas revela engenho.

— E este outro?! Lançam-no á responsabilidade de um fallecido e muito conhecido titular portuense, naturalmente sem nenhuns visos de verdade. Uma vez n'uma sala offereciam a esse titular bolos, doces, e a dona da casa insistia para que comesse. Elle, querendo tomar uns ares de delicadeza aristocratica, que não se quadravam com o seu feitio plebeu, retorquiu: «Muito obrigado, minha senhora, eu, doces, só depenico!»

— Oh! que *calembourg* tão mal cheiroso!

— Houve no Porto uma actriz de certo merecimento — relatou outro sugeito do grupo — chamada Garraio. Na noite da sua festa artistica, um estudante ou um apaixonado pela formosa comediante, no final de um dos actos, dispondo-se a recitar uma poesia, o que alli é frequente, principiou a gritar: «A Garraio!» Um labrêgo da geral, percebendo que o brado significava: «agarrae-o!», e suppondo que se tratava de algum malfeitor, correu por ali fóra no encalço do pseudo facínora.

O spectaculo no theatro D. Estephania percorreu os seus trâmites e acabou cedissimo. Seguia-se a elle um baile de mascaras, como era

costume no Carnaval. Emquanto se apromptava a sala para a dança, reuniram-se em volta de uma mesa, no café, alguns caturras, que começaram a discretear sobre a historia dos bailes de mascarar em Portugal.

— Aposto — disse um — que vocês não sabem de quando datam os primeiros bailes de mascarar em Portugal, nos theatros.

— Não, não sabemos — declarou o mais falador da sociedade em nome dos restantes.

— Datam de 1823. N'este anno, nas noites de 8, 9, 10 e 11 de fevereiro, a companhia franceza de Mr. Jourdain, que trabalhava no theatro do Pateo do Patriarca, ou segundo theatro do Bairro Alto, existente no palacio da marquezia de Niza, no largo de S. Roque, no mesmo sitio onde hoje se ergue a Companhia de Carruagens Lisbonense, deu outros tantos bailes.

— Haviam de ser frescos os taes bailes! — commentou um ouvinte exigente.

— Do seu merito ou demerito não reza a Historia — informou o erudito. — Apenas se sabe que era um *grand bal masqué et paré*, que cada entrada custava 900 reis e um camarote para quatro pessoas, 45800 reis. Lá dentro alugavam-se fatos para quem se quizesse disfarçar.

— E de então para cá? — inquiriu um dos mais curiosos.

— De 1823 a 1836 não houve mais bailes publicos. Só n'este ultimo anno é que o empresario

de S. Carlos, Antonio Lodi, deu o primeiro baile de mascaras. Por tal signal que o inspector do theatro, Francisco de Senna Fernandes, tambem provedor de um dos bairros da cidade, permittia aos interessados que apontassem e clamassem «fóra!» contra qualquer individuo que se descomedisse por acções, porte, ou palavras, etc.

— E desde então?

— Continuaram sempre. E de que scenas a sala, os camarotes, os corredores, o palco, os camarins foram e são testemunhas! N'estes ultimos tempos, como se lembram, só tem havido baile em terça-feira gorda, após dois ou tres actos de opera cantados pelas damas em *travesti*, ou uma opereta. N'esses bailes a sociedade elegante commettia verdadeiras barbaridades.

— Ora, divertiam-se! Quem não quizesse sujeitar-se a ellas que não fosse lá...

— Foi o que acabou por succeder. Ninguem lá ia.

— Ah bons tempos — gemeu saudoso um vegete — do *Café Concerto*, mais tarde *Casino Lisbonense*, do largo da Abegoaria; do *Waux-hall* e do *Salão Meyerbeer*, da rua da Palma; do *Baile Nacional*, de S. Vicente, á Guia; do *Jardim Chinez*, da rua da Alegria; do *Jardim de Italia*, de S. Bento; do *Jardim Mythologico*, de Alcantara; da *Floresta Egypcia*, da Escola Polytechnica; do *Circo do Price* e do *Novo Circo do Price*, do Salitre!

— Falta-te citar os *Recreios Whittoyne*.

— Nunca attrahiu frequencia. Andava-se lá dentro como n'um ermo.

— O nosso povo nunca gostou demasiado de baile de mascaras. Só os apreciam, em geral, os desordeiros e as mulheres faceis.

— Muito obrigado pela parte que nos toca.

— Ora digam-me o que valiam e valem os bailes do *Salão e Theatro da Trindade*, do *Real Coliseu*, do *Coliseu dos Recreios*, do *Paraiso de Lisboa*, do antigo *Theatro do Rato*, da *Avenida*, da *Rua dos Condes*, do *Principe Real*, de *D. Maria* e do *D. Amelia*? Alguns d'esses theatros dão bailes para elevar o preço dos camarotes no espectáculo.

— Ai que saudades do tempo em que nos bailes appareciam mascaras com graça, mulheres que nos intrigavam, ceias que nunca esqueciam, aventuras que nos deliciavam.

— Convém não olvidar egualmente as mascaras que nos insultavam, damas feias como bodes que nos obrigavam a uma horrivel careta quando mostravam o rosto, as iguarias avariadas e os vinhos baptisados que nos serviam por preços exorbitantes, as sovas provenientes das aventuras com passagem pela esquadra de policia, travessia pelo cartorio do escrivão e fundo n'uma audiencia.

Abriram-se de par em par as portas da sala, convenientemente nivelada. A banda regimental

rompeu com uma valsa ruidosa e a multidão multicôr, pintalgada, effervescente, doidivas, precipitou-se por ali dentro como um rebanho de ovelhas para a pastagem quando se lhes abre a cancella do aprisco. Dansaram algumas dezenas de pares. As restantes pessoas acercaram-se de tão perto, que a dança se tornou coisa impossivel. Só havia pulos, encontrões, pisadelas.

Alguem que vinha fugido do turbilhão, impellido por uma formidavel força centrífuga, cae sobre as bases de um amigo, que placidamente assistia ás piruetas dos valsistas. Reprimiu uma violenta praga, agarrou no aggressor para que este não tombasse e a contusão fosse maior e não se conteve que não exclamasse:

— Irra!

O objectivo de tão philantropico acto agradeceu, e perguntou em seguida ao seu salvador:

— Quando é que uma pessoa pesa mais?

— Quando nos pisa um callo... até muito mais que um burro.

O amigo fez-se desattendido e tomou outro rumo.

Mais adeante levanta-se um conflicto. Um pundonoroso a quem repetidas libações outorgara basta provisão de coragem interpelava outro a quem segurava e sacudia pelos hombros:

— Vamos a saber, você disse a alguem que eu era um canalha?

— Não, senhor. Ouvi-o dizer muitas vezes, mas eu nunca o repeti.

— Está bem. O que lhe vale é essa confissão espontanea, senão!...

O Bento, como o patrão fôra passar essa noite do Carnaval em Cintra, com Ilda, aproveitou-a para ganhar uns tostões, servindo no restaurante do theatro. Acompanhara a sua Joaquina, que viera ao baile com outra *rôla* (creada). Deixara-a no balcão de segunda, e promettera-lhe:

— Logo, quando eu vir que tens *larica*, mando-te cá acima um *artife* (pão), um bocado de *gamarra* (galinha), uma *lanterna de liré* (garrafa de vinho), *rogantes* (nozes) e *cabeça de preto* (queijo). Toma tento agora com algum *bico!*

Cêrca da meia noite assentou-se n'uma das mesas pertencentes á jurisdicção do Bento um peralvilho, muito pretencioso. O gallego serviu o que o *petit crévé* lhe pedira.

— Porque não me preveniste que esta galantine era tão má? — interrogou o janota — Tinha mandado vir fiambre.

— Não o recommendo a V. Ex.^a, respondeu o Bento, desmentindo com o seu ar desdenhoso a urbanidade das palavras.

— Porquê?

— Porque o fiambre... ainda está peor.

— Ora essa!

O Bento voltou as costas acto contínuo murmurando de si para si:

— Ora o pelintra! Talvez em casa tenha melhor?!

N'outra mesa mais adiante um D. Juan convidara um pagem de formas arredondadas para ceiar. Banqueteavam-se os dois com meio bife e carrascão mais negro que o pau de Campêche que formava a sua essencia.

— Que te parece este vinho? — inquiriu elle.

— Assim, assim!...

— É bom para comer.

— Para comer, não digo que não; mas para beber é detestavel.

Uma formosa e pouco resistente mundana, n'um camarote, lamentava-se a uma collega da infidelidade dos homens. O amante mais extremecido desertara do seu arraial.

— Tudo acabou para mim! Tenho o coração feito pedaços!

— E nem sequer te fica o recurso de os reunir — responde-lhe pouco caridosamente a collega — ha muito tempo já que os tens ido dividindo por muitos.

O Bento, que ouvira a conversã monologou:

— Aquellas *sinhamas* (damas) *galtram* (falam) como se ali no sitio dos *cachorros* (seios) tivessem outra coisa que não fosse um *aquecim* (bolsa). Quem lhes cortasse a *grunhadeira*!

Encostados a uma columna, por lhe custarem

a manter-se equilibrados, dois propagandistas do sumo da uva, com a lingua pastosa e a palavra tarda, trocavam confidencias :

— Olha, quando me casei, gostava tanto de minha mulher, que era capaz de a comer.

— E agora ?

— Agora... ? Sinto muito não o ter feito.

O Bento, que nunca se emancipara da bossa da philosophia, commentou :

— Que tremenda *grossura* ! Metteram-se pelo *giribato* (vinho) e estão mais *pios* que o papa ! Com mais dois *lavados* (quartilhos) vão-se abaixo das *gambias*.

Cerca das duas horas o entusiasmo e o desvario do baile attingiram o seu ponto culminante. O vinho, o Cognac, os licores, a cerveja, uma infinidade de bebidas qual d'ellas mais nociva, o calor, a excitação da dança, o contacto voluptuoso das mulheres, tudo quanto pode morder a carne e irritar os sentidos, tudo ali exercia a sua acção capitosa e sensual.

— Um vintem, um vintem, por tudo quanto tenha de mais santo.

Este pedido, em meio de um baile de mascaras, surprehendeu a pessoa a quem era dirigido. Na voz supplicante do dominó havia a vibração imperiosa de uma necessidade que não admitte delongas, o receio trémulo, sumido e tímido de uma recusa em perspectiva.

— Aqui está o vintem se mostrares a cara.

Levantou a mascara. Por baixo do carmim divisavam-se rugas precoces. Os olhos negros, amortecidos, exprimiam doloroso anseio. O interpelado entrega-lhe a moeda.

Veloz, a mascara encaminha-se para o bufete e compra uma sandwich.

Fora, na rua, humida e fria, encostado á parede, viscosa e pardacenta, estava um garoto de seis para sete annos, descalço, faces arroxeadas, dormindo um somno sobresaltado.

— Toma... — e a mulher mascarada entregou-lhe o pãozinho.

A creança pegou-lhe com a mão crispada e mordeu-o com avidez. Devorou-o em meio minuto.

O dominó, de mascara erguida, voltando as costas aos que entravam, olhava para o pequeno com uma expressão indizível. Duas lagrimas, luminosas como brilhantes, cavavam-lhe um sulco profundo nas faces cobertas de *veloutine*.

O rapaz assentou-se e tornou a adormecer. O dominó penetrou correndo no theatro, a orchestra na sala executava com bravura uma polka alegre e saltitante ¹

Que drama de miseria e de lagrimas symbolizava esse vintem!

¹ Tudo quanto acima se narra é absolutamente verdadeiro.

XIII

A sorte grande

Tentação — Um homem parado — Um cego por equívoco — No corpo diplomático — Linguagem clássica — Os espartilhos — A velocidade do preguiçoso — Quem chora muito — A justiça da multidão — Tempestade n'um copo de água — O « gordo » — Manifestações de alegria — Generosidade inaudita — Angustias — De sobreaviso — Desconfiança perenne — Uma idéa — No comboio — Em Hespanha — Um verdadeiro milagre — Dois bilhetes com o mesmo numero — Um bom creado e mau amo.

— Compra, homem, arriscas-te a apanhar cem mil pesetas, ou sejam cerca de vinte contos.

— Arrisco-me mas é a ficar sem os meus queridos dez mil reis. Nada, não quero, eu não ganhei o *gimbo* de papo para o ar.

— Não te faças forreta, não queres gastar nem *dez bolas* (dez reis), mas depois vem o *pa-deiro* (diabo) e leva-t'o por outro lado.

— Não me *trincas*.

— Ora, mais tem o *patrão do alto* (Deus) para dar que o *tendeiro* (diabo) para levar.

— E o *apalpador* (guarda fiscal)? Se me deita a *bata* nunca mais sou ninguem.

— Só se estiveres a *arrolapir* (dormir) ou *guiço* (cego)! Para que serve a *lupa* (vista) á gente?! O *andante* (correio) trouxe-me uns poucos de decimos da loteria hespanhola. Já vendi todos, falta-me só este. Compra-o. Não sejas *marinheiro* (sovina).

— Ora, *afiançam-me* (prendem-me) e obrigam-me a dar tanta *carinha* que fico *chato*, sem *lima* (camisa), sem uma *rodela* (vintem).

Conversavam n'estes pittorescos termos, á esquina do Chiado, defronte da Ilha dos Gallegos, o nosso conhecido Bento e um patricio seu que negociava em jogo hespanhol. O Bento via-se entre a cruz e a caldeirinha. O conterraneo fascinára-o com o decimo. Abalára as suas duvidas uma especie de palpite, forte, intenso, carinhosamente tentador. E se lhe sahia branco e perdia os seus queridos dez duros? E se lhe sahia premiado, como receberia essa *massa*, que não era para ahi meia duzia de *macanjos* (patacos)?

— Homem -- diz-lhe o companheiro para o arrancar á incerteza, — lembra-te que um homem com preguiça, é um relógio sem corda.

O argumento colheu. Mas o Bento coçou ainda a cabeça com uma certa indecisão.

— Deixa lá a *torre dos piolhos* em socego; um homem é um homem e um *inglez* (percevejo) é um bicho.

E com certa cautella tirou o decimo hespa-

nhol da carteira e metteu-o entre o collete e a camisa do Bento. Este esboçou um movimento como para recusar, mas logo se acalmou.

— Olha, por te ter mettido a sorte grande em casa vou dar um *camorço* (tostão) áquelle *drope* (mendigo).

E na verdade o nativo de Porriños dirigiu-se a um cego que passava e entregou-lhe, não um tostão, mas meio. O pobre, muito agradecido, exclama:

— Deus lh'ó pague, irmão, por me ter dado este *cochicho*, ainda novinho em folha.

— Mas então vocemecê não é cego?

— Não, senhor.

— E então esse lettreiro que traz ao pescoço?

— Foi um equívoco de quem o escreveu; eu não sou cego, sou surdo-mudo.

— Vá-se embora, vá! — redargue-lhe o esmo-ler gallego — O que vocemecê precisava pela esperteza era uma *sulipa* cá n'um sitio que eu sei.

— Ah! seus malandros! Pois insultam um desgraçado sem vista nem fala. O' da guarda! O' da guarda!

Juntou-se logo povo e o Bento julgou de juizo aconselhar ao patricio:

— O que esse *melcatrefe* precisava era *umas todas* na botica (cara). *Palra* (grita) como um *escornante* (boi) quando o levam para o *gereiro* (açougue). E' capaz de apparecer por ahi al-

gum *patrazana* (soldado da Guarda Municipal)!
Toca a dar ás trancas!

Ambos se sumiram prudentemente. No que andaram com tino, pois a turba que se agglomerára, sem querer saber para que lado pendia a justiça, deu logo razão ao cego que via e ao surdo-mudo que falava. O Bento pagou os dez mil reis ao patricio e occultou sem demora o decimo no calcanhar da meia do pé direito, o que, se não era um sitio que rivalizasse com qualquer perfumaria, se recommendava, presumia elle, pela quasi absoluta segurança. Em seguida dirigiu-se a casa da nova patrôa da Joaquina, que se despedira da modista, para conversar um pouco com a companheira.

Trocadas as primeiras e effusivas saudações, a cozinheira perguntou ao seu consorte:

— Então porque sabiste de casa do dentista?

— Já não estava para o aturar, nem a elle nem ao partido *carneirista*, nem ao tal Dr. Bilontra ou Epaminondas, ou como demo se chama. De mais a mais já não me pagava ha tres mezes. As mulheres ferraram com elle em pantanas.

— E agora?

— Vou entrar como creado de mesa para uma embaixada estrangeira, para a embaixada da Toscana.

— E pagam bom ordenado?

— Um ordenadão. No fim do mez, apenas o

embaixador voltar da viagem que foi fazer a Paris, ahí tens o teu Bento mettido no corpo diplomatico.

— Toma, Thereza, que honra para a familia.

— E tu, que tal te encontras aqui?

— Bem. A patrôa parece boa pessoa, trata-me com amizade. O peor... é que...

— O peor... é que...?

— E' que ainda não vi entrar para cá homem nenhum senão o marido...

— E tu ralada...

— Pois alguma coisa me ralo... Como agora estou de todo o serviço... Quando ha visitas... sempre escorrega alguma... teca.

— Baia! Isso é que não presta. Lá sem o *João da Cruz* é que não vale!

— Mas emfim, a patrôa raras vezes põe os pésinhos na cozinha e uma pessoa sempre se governa nas compras...

— Precisas enfeitar-te com outro *gravanço*?

— Com outro *gravanço*?!

— Sim, com outro cordão de ouro. Já tens uma *gargalheira* (collar), necessitas agora ajuntares para uma *algema* (pulseira) e para um *palrante* (relogio).

— Que palavriado é esse? Tu antigamente não falavas assim.

— E' moda. A gente da *alta* não fala d'outra maneira. Presentemente os faias e os gatu-nos empregam a linguagem da *grandeza*, e a

fidalgua, talvez para se vingar, serve-se da gíria e do calão.

— Que voltas o mundo leva!

— Estou com uma *rata*... Não tens para ahí nada que se *galdrope*?

— Queres comer!

— Pouca coisa... qualquer *resminga* (restos). Um pouco de *cria* (carne de vacca), *guito* (pão), uma *rolinha* (caldo) e um *francisquinho* (copo), de *gesso* (vinho).

— Não entendo. Ou te fazes comprehender ou não te dou nada.

— Acredita. Já não sei exprimir-me d'outra forma. Isto de alguém se acotevelar com *bicos* bem falantes, aprende-lhes as baldas e já não dá carreiro direito.

— Some-te da minha vista.

— Quem é o patrão da patrôa?

— Um general, que passa o dia ao espelho.

— Ao espelho?!

— Sim, ao espelho — confirmou a tia Joaquina — Se ha senhoras que dispendem largas horas nos cuidados do toucador, ha *paizanos* e militares que não saem do seu quarto sem uma tintura completa em toda a sua pellagem, sem que lhe apertem fortemente o espartilho em tórno dos quadris derrancados, sem que a calça caia impeccavelmente sobre a bota, sem que o bigode se erga e se espigue como palitos n'um paliteiro.

— O que ahí vae.

— Este, o patrão, é dos taes que de tal modo se mette no fardamento que lhe é absolutamente impossivel abaixar-se.

— Pois o *dianho* é o homem ! Então a *fardilha* ha de assentar-lhe que nem uma luva. As *justas* (calças) não hão de fazer rugas quando tropeçam com os *cachames* (botas) e aposto que usa o *moncoso* (lenço) fora do bolso da *sobremoscovia* (sobrecasaca).

E feito este raciocinio o Bento comeu com appetite quanto lhe apresentavam, conversou mais um bocado com a sua Joaquina, despediu-se e sahio.

Andava a roda no dia immediato em Madrid. O Bento não dormiu bem. Volteou na cama até á madrugada. Quando o sol rompeu levantou-se pessimamente humorado.

— Deixa-me metter o decimo outra vez nas *encanhas* (meias), de modo que os *calços* (sapatos) não m'o estraguem.

Vestido, dirigiu-se ao Chiado, collocou-se á esquina, perto da porta da Casa Havaneza, e murmurou :

— Deixa-me segurar estas paredes como os janotas que aqui as escoram todo o dia e toda a noite. Sempre são muito vadios e mandriões — e após uma pausa, accrescentou na sua lingua nativa : — « Menos tiempo emplea un postillón en andar una legua que un perezoso en abrir los ojos ».

N'isto descia o Chiado uma mulher levando pela mão uma creança, que chorava desalmadamente. Parou defronte do Bento, n'um berreiro estridente. Não havia meio de a mãe a arrancar d'ali. O Bento, para se distrahir, quiz ser amavel, puxou o indez a si, e interpellou-o:

— Porque choras tanto?

— Porque quero — responde-lhe o petiz batendo com o pé no chão, raivoso e perro.

— Não sabes que os meninos que choram demasiado, quando são grandes se tornam muito feios? — adduziu o cidadão de Porriños.

O petiz embatocou. Calou-se durante um segundo, olhou para a cara do gallego e, n'um repente, exclamou:

— Então, você, em creança deve ter chorado muito.

— Então que tal está o brutinho?! Quem o teria ensinado a ser tão malcreado assim quasi de mama? — balbuciou o Bento ferido no seu amor proprio.

— Bruto será elle! Pois não querem ver o atrevido do gallego a metter-se com o pequeno, sem elle lhe fazer mal nenhum?! Vá lá a gente livrar-se de uma d'estas. O que lhe vale a você, seu descarado, é eu ser mulher. Se aqui estivesse o meu *home* não arrotava você tão grosso, seu achamboado, outro gallo lhe cantaria!

O garoto, ao ouvir a objurgatoria materna, desatou n'uma tal gritaria que abalava os pre-

dios nos seus alicerces. O pobre do Bento viu-se immediatamente cercado por vinte megeras, que gritavam todas ao mesmo tempo :

— Até aqui só eram os janotas que se metiam com quem passava, agora até os gallegos se põem á porta da Havaneza a largar dichotes ás mulheres honradas que vão tratar da sua vida.

— Elle bateu-te, menino, bateu? — inquiriu uma das furias para o gaiato, que ainda mais berrou.

— Se já houve maior desafôro! A bater assim n'uma creança!

Varios homens acercaram-se ameaçadores do Bento. A mais exaltada das mulheres enxergando um policia ao longe, chamou :

— Ó sô guarda, Ó sô guarda, faz favor! Este moço de esquina, este biltre, este patife, bateu desalmadamente n'esta creança. Olhe o innocentinho tem aqui a cara toda cheia de vergões e nódoas negras...

— Eu cá *num* bati em ninguem! — protestava o Bento afflictissimo para o guarda, que se acercara, e que, deitando-lhe a mão a um braço o sacudia com toda a alma.

— Pois não se atreve agora a negar! — clama outra mulher pespegando um tabefe no desventurado gallego.

— Ah! você resiste-me, pois eu o arranjarei — vocifera o policia empunhando o terçado, des-

embainhando-o e vibrando uma pranchada no Bento.

— Ah, lá isso, espancar o homem, não! Não é permitido! — recalcitrou a mesma colareja que esbofeteou o pacífico e martyrizado companheiro da tia Joaquina.

— Está tudo prêso — declarou o guarda esbracejando e querendo abarcar todo o ajuntamento no enfurecido amplexo.

— Larga o prêso! Morra a policia! — uivou o elemento feminino.

— A policia está ali a espadeirar mulheres — vozeou um grupo de saloios.

— Apitem! Socorro! Assassinos! Ladrões! Fogo! — bradam centenas de vozes.

Os apitos trilam os seus gorgeios mais estríduos. O alarido é enorme. Ninguem se percebe. O ajuntamento cresce como as abelhas se condensam em cacho. As campainhas dos telephones tangem com desespero. As diversas estações officiaes são prevenidas simultaneamente que, á esquina do Chiado, rebentara a revolução, um predio fôra pelos ares e se empenhara um conflicto tão renhido que as sargentas já não davam escoante ao sangue. Como por encanto appareceram bombas idas do largo do Quintella, um reforço enviado do Governo Civil e um esquadrão da Guarda Municipal mandado do Carmo. Como ninguem se entende, os bombeiros preparam as bombas, desenrolam as mangueiras e apontam

as agulhetas; a policia abre caminho a murro, prende meio mundo e quer metter todo o ajuntamento na Parreirinha; a cavallaria atropela quem não se afasta, puxa pelas espadas e olha para os revólveres pendurados do cinturão.

— Safa-te, Bento! — aconselha-lhe um patriocio ao ouvido quando a confusão attingia o auge.

O gallego não esperou por segundo aviso, escorregou como uma enguia e confundiu-se na turba. Quando viu que ninguem o perseguia, tomou fôlego, estugou o passo em direcção da tia Leonarda, da rua do Carvalho. Quando ahi chegou e se deixou cair n'um banco, se lhe puzessem a mão na bocca estourava como um petardo. Só pôde murmurar, muito a medo:

— Bem certo é o dictado: Debaixo dos pés se levantam os trabalhos. Metti-me com creanças, aqui teem o estado em que me encontro.

E o infeliz Bento esfregava a bochecha onde incidira o tabefe, apalpava as costas amolgadas no apertão, maçava o hombro contundido pelo sabre do vigia da segurança publica. Após um curto silencio, resmoneou:

— «Respetad á un ser por pequeno y debil que os parezca, porque hasta el más sutil cabello tiene sombra.»

Assentara-se com as costas voltadas para a porta e mandara vir uma malga de caldo e dois decilitros. Quando principiava a comer, sem appetite de qualidade nenhuma, suppoz que do

tecto se desprendera uma viga que, com uma força collossal, lhe batera no meio das espaldas, tão rude foi a palmada com que alguém lhe chamara a atenção. Ao mesmo tempo ouviu rugir uma voz cava que lhe participava :

— Tens o *gordo*.

Estas palavras penetraram no cerebro do Bento como um raio de sol fraco se cõa atravez de um espesso nevoeiro. A claridade que lá produziu não ia além da chamma de um phosphoro impellida por uma rija lufada de vento. No entanto animava-se da sufficiente força para obrigar a engulir involuntariamente metade do quentissimo caldo da tigella, o que lhe escaldou as guellas e o obrigou a soltar a mais violenta das pragas que conhecia, mas depois a voz estrangulou-se-lhe n'um sôpro de torturante anciedade, e murmurou :

— O *gordo*?

— O *gordo*, sim, cem mil pesetas!

Ainda bem a ultima syllaba da phrase não expirara quando o Bento levantando o pé, o deixa em seguida despenhar como um possante bate-estacas em cima do durissimo sapato, chapeado de ferro, do seu conterraneo, e uivou em surdina :

— Cala a bõcca, bruto! Queres que algum guarda fiscal te ouça?

O alviçareiro vendedor do decimo nunca soube bem ao certo se se calou em virtude da recom-

mendação do patricio, se com a dôr da tonellada de sola, pregos e cabedal que lhe tombára sobre o anguloso joanete. Todavia murmurou entre colérico e resentido :

— Não conheço maior alimária que tu !

— Sahiram logo ambos atrapalhadissimos, olhando desconfiados para a freguezia do estabelecimento. Na rua, metteram-se no vão de uma escada, e o Bento, a gaguejar, sem se poder aguentar nas pernas, oscillantes e trémulas como cannas sacudidas pela nortada, perguntou ao ouvido do conterraneo :

— Que... me... dizes... homem ?

— A verdade — respondeu o interlocutor com as mesmas precauções — o decimo foi premiado com cem mil pesetas.

O choque causado por tão inesperada noticia era demasiado áspero. O Bento enguliu em sêcco, cuspiu depois, e quando recuperou o uso da fala, voltou para quem lhe vendêra a sorte grande :

— Podes contar com uma peseta de alviçasas, que eu cá para amigos nunca fui agarrado.

E deitou a correr pela rua abaixo, como um jumento novo que se apanha á solta, esbarrando com todos, e deixando boquiaberto, entupido e zangadissimo o compatriota, que resmoneou :

— Ora vá lá a gente fazer um favor a animaes assim ! Uma peseta ! Pois que a coma com...

Não acabou a phrase, talvez por pensar que

uma peseta sempre é uma peseta, que menos dá uma pedra e que o contemplado com um aperto a geito ainda se explicaria com mais alguma coisa.

— Cem mil pesetas! — monologava o Bento tão baixinho que nem os dentes ouviam os sons arrancados pela lingua chocando-se de encontro a elles e de encontro ao palatino.

E corria, corria com tal velocidade que originaria reparos por parte dos transeuntes, se não presumissem que era um moço portador de um recado urgente. De subito estacou e bateu tão forte palmada na testa, que dir-se-hia a detonação de um kilo de picrato de potassio.

— E como hei de rebater o decimo?

E pára de repente. Estremeceu como se o abanasse um choque electrico. As camarinhas de suor inundaram-lhe as fontes latejantes e encandescidas. O corpo tremeu-lhe n'uma sezão de frio, e, n'um rictus de angustia, com as commissuras dos labios alvejantes de espuma, explodiu surdamente:

— E se me apprehendem o decimo?

Abriu a bôcca n'uma tal expressão de pavor, mas fechou-a tão depressa no movimento phrenetico de um cão hydrophobo que se dispõe a morder, que cortaria cerce a lingua se a colhe entre os incisivos, e completou audivelmente o pensamento que o assaltara:

— Ah! matava á dentada quem o ousasse...

Lembrou-se depois que trazia o decimo entalado no calcanhar da meia, e balbuciou:

— Oh! demo, e se se estraga?!

Aqui começa o bom do Bento a caminhar ao pé coxinho, com receio de assentar o pé no chão, receoso de offender aquelle mimo representativo dos vinte mil duros.

— E se foi brincadeira, se não tem tal a sorte grande?!

Aljofrou-se-lhe de novo todo o semblante n'uma transpiração copiosa e gélida. Bateu desesperado uma patada nas pedras ponteagudas da calçada, mas logo alceou a perna, como se encontrasse debaixo da planta do pé milhões de pontas aceradissimas.

— Esganava-o, se me tivesse enganado, matava-o! — resmungou fechando o punho n'um gesto de cego furor.

Cruzou por uma tabacaria e lá viu em letras enormes o telegramma expedido de Madrid. Não havia duvida. Era o mesmo numero. Passou a mão pelos olhos para se certificar de que os tinha bem abertos e que aquelles algarismos não nasciam de uma allucinação do seu espirito.

— Nada, vamos para casa — disse de si para si — lá veremos como hei de receber todos esses *conquibus*.

Pensou em se metter no electrico, mas a importancia da passagem correspondia a defraudar as cem mil pesetas, que elle queria conser-

va intactas. Continuou a andar coxeando pelos motivos já sabidos. Ao virar de uma esquina esbarra com um collega, o qual ao vê-lo claudicar lhe pergunta com a maior innocencia:

— Que é isso, homem? Que tens ahí no pé?!

O Bento levantou a perna e baixou a mão agarrando no sapato como o usurario crispa os dedos sobre o sacco de dinheiro que os salteadores lhe querem arrebatat.

— Quem t'ó disse?! — perguntou o Bento esgazeando os olhos n'um desvario de terror.

— Pois então não se vê? — responde-lhe com ingenuidade o interrogado.

— Ah! elle vê-se?! — e o atribulado gallego puxa a si o sapato, como se pretendesse escondê-lo dentro do casaco, suppondo que todas as pessoas lobrigavam o occulto decimo.

— Que te aconteceu, homem? Parece que estás assim fóra de ti. Vou acompanhar-te a casa.

— Não preciso. Vou sósinho, quero ir sósinho. Não consinto que ninguem me acompanhe.

— Bem, basta! Não te zangues por tão pouco.

— E' assim mesmo.

E o moço de fretes muito enxofrado com o companheiro, epilogou a meia voz:

— Caramba! Que soberbía! Parece que tem o rei na barriga ou que lhe sahiu a sorte grande.

— Que disseste? — recalcitrou o Bento com voz cavernosa e tornando-se lívido.

O compatriota, melindrado, não lhe volveu trôco e afastou-se resmungando :

— Trarei eu algum letreiro nas costas? Lembrar-se-hia o que me vendeu o decimo de me fazer essa pirraça? E se esse desalmado se lembra de me denunciar á alfandega, para apanhar o seu bôdo?!

Uma onda de cruciante angustia tornou a apertar-lhe a garganta como uma tenaz em brasa. Metteu pelos bêcos mais escuros, como se receara ser visto, até que chegou á casa de malta onde provisoriamente se acolhera depois de se despedir do serviço do dentista. Felizmente, no momento, não se encontrava ali ninguém. Atirou-se para cima da cama e meditou, reflectiu, sem que lhe acudisse uma idéa satisfactoria.

— Por mais que matute não topo com o modo de receber o meu querido *milhanço*.

A este pensamento a espinha dorsal arrepiava-se-lhe n'um calafrio de tumulo.

— Ai! espera, já sei — casquinou contentissimo, pulando na fragil barra de ferro — vou eu proprio recebê-lo a Madrid. É mais caro, mas não apresenta tanto perigo.

Levantou-se e dirigiu-se á arca, para tirar de um fundo falso o dinheiro que ali escondera, mas logo se deteve n'esse primeiro ímpeto, e monologou :

— E como levo eu o decimo? Se alguém lhe

dá na tineta de me revistar. Nada! Vou pedir á Joaquina que m'o cosa no collarinho da camisa. Tambem não, coso-o eu proprio. O seguro morreu de velho.

Enfiou acto contínuo uma agulha, muniu-se da tesoura e entregou-se apressadamente á tarefa antes de apparecer qualquer dos companheiros. Cedo terminou a atabalhoada obra.

— Vamos agora para o comboio... mas, não. Ali ha sempre gente da *secreta* e da guarda fiscal. Corro risco, se me denunciarem, de ser *afiançado*. O melhor é ir nos *cachimbos* até Villa Franca. Ahi verei que rumo me convem tomar.

O Bento metteu os *calcantes* á estrada. Era de tarde quando se lhe deparou a estação do caminho de ferro. Informou-se da hora a que passava o comboio para o Entroncamento. Comprou uma terceira classe. Subiu para ella, examinou os seus companheiros de viagem, e murmurou:

— Isto é peor que uma *ratoeira* (couto de ladrões). Tudo isto são gatunos, espadistas, vigaristas, que sei eu! D'aqui a pouco *rifam-me* (roubam-me) e eu nem sequer tenho direito a *reminicar* (queixar-me). Ainda posso ser *servido* (preso).

— Vocemecê vae incommodado do pescoço?
— pergunta-lhe uma mulher do lado.

— Eu não, senhora... sim, dóe-me muito o

gorgomil — respondeu o Bento levando a mão ao collarinho onde cosera o decimo, tirando apressadamente o casaco e o collete e enrolando tudo em volta do pescoço.

— Vocemecê ainda se constipa mais — observou a creatura com a melhor das intenções.

— Não faz mal — e *in mente* raciocinou — já *farou* que eu trago *bagulho* commigo. Cheira-lhe a *queijo* (negocio rendoso) e quer-se *cortar*. Pois a bilontra não me apanha o *camelote* (espolio)!

O Bento, sempre muito desconfiado apeou-se no Entroncamento e ahi aguardou o comboio de Hespanha. Cada pessoa que d'elle se acercava presumia logo que fossem ladrões, ou empregados aduaneiros ou da policia.

— Estava capaz de fazer o resto da viagem de *catropéo* (cavallo). Mas não. Custa muito *milho* e levava mais de uma *corrida* (mez).

Emfim, atravessou a fronteira sem nenhum percalço, a não ser o intenso medo que d'elle se apossou, quando assomaram á portinhola do vagon os bicorneos de oleado de uma *pareja* da *benemérta* a examinar a phisionomia dos passageiros,

— Estes *magalas* mettem o *nasio* em toda a parte. Não ha *estala* (estação ferro-viaria) onde não *encalhem* (entrem) e andam sempre a *esbrincar* (segredar) uns com os outros. Quem os

mandara tomar conhecimento com a *cordante* (forca)!

Durante o trajecto um dos passageiros, para entreter o tempo, contou a seguinte anedocta:

— Um sacristão de uma igreja reparou que uma velhota se demorava mais tempo a orar em frente de uma das imagens que as outras devotas. Curioso, perguntou-lhe um dia:

— Tem grande fé com esta Senhora?

— Tenho, peço-lhe encarecidamente que me dê a sorte grande, que faça em meu beneficio um milagre.

— E de quanto é a cautela?

— Não comprei nenhuma cautela.

— E' então um decimo?

— Nem decimo, nem cautela. Se me *habilitasse* não era favor nenhum. O milagre é sahir-me a sorte grande sem eu gastar cinco reis.

— Olha a espertalhona! — murmurou o Bento. Pois eu gastei os meus queridos dez duros e arruino-me com esta viagem.

— E outro caso que anda por ahi na bôcca de todos a proposito do pae do actual rei, de Affonso XII, e do *gordo* — lembrou um dos passageiros.

— Que foi? Não sei — retorquiu a assistencia.

— Havia no paço um fidalgo, a quem el-rei muito queria, mas que se encontrava em precarias circumstancias de dinheiro. Como elles arranjaram a trama, não se sabe, o certo é que

quando girou a roda se apresentaram na administração geral das loterias dois sujeitos, cada um com o seu bilhete, com o mesmo numero do premio grande. Houve mosquitos por cordas. Examinaram os dois bilhetes os mais habéis peritos de Hespanha e do estrangeiro, todos concordaram que eram absolutamente eguaes, devidamente legalizados, papel, estampagem, assignaturas, tudo perfeitamente semelhante. ¹ De maneira que ao cabo de alguns mezes o governo, não se podendo distinguir o falso do verdadeiro, mandou pagar aos dois.

O Bento teve um estremeção no recanto onde se acolhera, e reflectiu :

— E se agora acontece a mesma coisa? Se me obrigam a andar por ahi á corda uns poucos de mezes primeiro que me rebatam o vigésimo?

Chegou a Madrid noite fechada. O Bento, durante o trajecto, bem olhava para o sol a solicitar-lhe, qual novo Josué, que se detivesse na sua carreira, para elle receber ainda n'aquelle dia o seu *parneque*. O sol não attendeu os seus rogos, mas tambem, se os seus ouvidos eram apurados, ouviu com que fazer córar o mais boçal carrejão.

— Mortiça candeia de má morte! Deus queira

¹ Historico.

que aquelles que gostam de ti fiquem sempre tão illuminados como o pé de um candieiro!

Informou-se do edificio onde se pagava a *china* e vagueou por ali toda a noite, sem poder dormir, attribulado pelas apprehensões mais extravagantes e ridiculas. Com receio que a administração quebrasse, de que o pagador fugisse, de que rebentasse uma revolução, de que tudo ardesse, até de que o mundo acabasse.

De manhan, logo ao alvorecer, martyrizou os transeuntes, o policia e depois o porteiro do estabelecimento com perguntas. Foi a primeira pessoa que se apresentou na tesouraria, a tremer como um cão friorento. Quando recebeu o dinheiro assaltou-o outra afflicção:

— E se o dinheiro é falso? Se me roubam?

Principiava a soffrer de todos os males da gente rica. Lembrou-se do velho proverbio castelhano e resmoneou:

— El dinero es un buen criado y un nobilísimo señor.

XIV

Percalços da corôa

Ambição desmedida — Mordomo — Desejo de se illustrar — Memorias curiosas — Apanagio importuno — Misanthropia — Anceio de expansão — Manias régias — Extravagancias — Phobias curiosas — Caprichos — Peixes democraticos — Lição de pesca — Tolerancia recíproca — Aposta singular — A mais linda actriz ingleza — Aristocracia e arte — Fiel á ribalta — O mormonismo — Um propheta contemporaneo — Martyres modernos — Religião e negocio — Vantagem da doutrina de Brigham Young — A castidade e a belleza.

Mas se o dinheiro é um bom creado e um mau amo, o Bento ia enlouquecendo de alegria quando se viu proprietario de varias moradias e quintas na sua terra natal. Todos principiaram a tratá-lo, na apparencia, com a maior consideração e até respeito, e a malsiná-lo nas costas como a maior peste da localidade.

— Pois se elle é tão rico que até empresta dinheiro a juros, a dez por cento ao mez — mexericavam as senhoras visinhas á porta da rua passando em revista a existencia de quantas pessoas conheciam.

Era verdade. O Bento emprestava dinheiro a juros e tomou de hypotheca algumas fazendas, mas tanta *loira* quiz aferrolhar, com taes interesses cedia os *cavallinhos*, que dentro em pouco lhe ladrava em redor uma formidavel matilha de *cães*.

Segurou-se com o resto.

Voltou para Lisboa. O Dr. Epaminondas e o Dr. Orielaznip quizeram nomeá-lo thesoureiro do partido. Prometteram-lhe pingues ordenados, chorudos benesses, rútilas veneras, honrarias deslumbrantes, um futuro cheio de gloria.

Ao ouvir esta ultima palavra o Bento respondeu :

— Eu cá *num* conheço nem quero outra gloria senão a calçada.

— Já dizia Chateaubriand — citou o Dr. Epaminondas : — « A gloria é para o ancião o que os diamantes são para as mulheres velhas : adornam, mas não embellezem. »

— Muito obrigado, senhor *doitor*. Eu cá ainda não sou ancião, e coisas que me não embellezem não quero.

E retirou-se, magoado no seu amor-proprio, abandonando de vez o partido *carneirista* e os seus illustres chefes. Labutou e conseguiu entrar, não como creado de mesa, como pensara primeiro, mas como mordomo para a embaixada da Toscana em Lisboa. Realizava o seu sonho. Pertenceria ao corpo diplomatico, convi-

veria com principes de alteza e de excellencia, com a fina flor da nobreza autentica e inchava e impava como um perú quando dispara o leque. Ninguem o conheceria debaixo da sua libré vistosa pintalgada e agaloada. E com que soberancería e desdenhosa superioridade encarava o pessoal ás suas ordens.

Nunca deixava de escutar as conversas com que entre si se distrahiam os diplomatas. A sua situação permittia-lhe demorar-se junto d'elles sem ser acoimado de indiscreto, mas quando a persistencia se tornava escandalosa, não se esquecia que a sombra dos reposteiros, o vão das portas e os buracos das fechaduras se tinham inventado de proposito para satisfazer a curiosidade dos que gostam de conhecer os segredos e mysterios que aos outros convem occultar.

— Conhece as Memorias de M. Xavier Paoli?

— Não, não conheço. Apenas sei, por me ter encontrado com elle em Paris, que durante perto de trinta annos, foi o encarregado pelo ministerio dos negocios estrangeiros da Republica franceza de receber na fronteira, quando viajavam em França, e de os acompanhar, emquanto ali se demoravam, os soberanos dos diversos paizes de qualquer idade, sexo ou nacionalidade.

— Esse mesmo. M. Xavier Paoli, foi um funcionario cheio de tacto e de discreção. Aposentou-se ha pouco tempo. Viu esses soberanos de perto, viveu na sua intimidade, estimaram-n'ó,

ligou-se a elles, e agora com o peito esmaltado com quarenta e duas commendas, transmittiu a outro collega a sua delicada missão.

— E compraz-se então a evocar as suas reminiscencias...

— E relata-as com um excellente *humour*.

— A maior parte da gente não faz idéa de quanto é complicada a existencia de um rei, imperador, principe herdeiro ou qualquer coisa semelhante. Só sahir rodeado por um esquadrão; não passear quando deseja; exhibir-se ás multidões quando gostaria de ficar em casa; vêr-se adulado por todas as mulheres quando sabem com quem tratam e passar completamente desattendido d'ellas quando não desconfiam quem sejam...

— Ser acclamado, seguido, cinematographado a todos os cantos da rua, explorado pelos commerciantes, pelos donos de hotel, pelos fornecedores, espiado pelos anarchistas e troçado pelos jornaes humoristicos...

— Ah! é uma sorte digna de dó!

— Em todos os paizes de direito monarchico, estas miserias são o apanagio exclusivo de uma unica familia, que se transmite de pae a filho, como uma difficil e pesada escravatura...

— Ahi, ao menos, quem não pertence á profissão, pode viver descansado, mas nos paizes democraticos, é o demonio! Pode a gente de um instante para o outro tornar-se o *idolo da nação*

e obrigarem-nos a ser presidentes... ou da Republica ou do conselho... E' uma ameaça terrivel, um percalço diabolico, que não nos deixa socegar...

Esta conversação sustentavam-n'a o primeiro secretario da legação da Liberia em Lisboa e o chanceller da embaixada do principado da Albania. Não perdia o Bento uma só palavra. Em ouvindo falar em reis ficava logo desorientado. O gallego não discriminara ainda bem se devia conceder as suas sympathias á democracia se á aristocracia, mas em lhe soando aos ouvidos a palavra rei ou majestade logo a sua espinha se arqueava como a barba de baleia de um espartilho.

— O mais curioso, observa M. Xavier Paoli — proseguiu o diplomata da Liberia — é que, com raras excepções, os reis não são alegres. Parece que vivem, entre a turba, n'um isolamento moral quasi tragico. Nunca encontrar com quem falar de igual para igual, que supplicio lancinante!

-- Dir-se-hia que fogem uns dos outros, ou se não é assim, preferem não se encontrar — notou o chanceller albanez.

— Uma noite, M. Paoli, achando-se no camarote de Eduardo VII no theatro dos Capucines, em Paris, julga dever avisar Sua Majestade que o rei dos belgas está na sala. « Quanto folgo » responde o rei de Inglaterra. E evita olhar, em-

quanto dura o espectáculo, na direcção do seu augusto primo. A' sahida, a Paoli depara-se-lhe Leopoldo, e communica-lhe que o soberano da Gran-Bretanha assistia tambem á representação. « Não é possível » ! redargue o monarcha da Belgica. « Lamento não o ter visto ; gostaria de lhe apertar a mão ». Uma voz, a de Michel Mortier, director do theatro, segreda ao ouvido de Paoli : « Sabia-o... preveni-o eu. »

— D'este isolamento obrigado resulta uma existencia muito particular, cujos momentos de jubilo são por força raros e onde a menor expansão põe um raio de sol. Um almoço em vagon, em que se come o frango com a mão ; onde se desrolha desastradamente uma garrafa de vinho de Champagne, que se derrama sobre os vestidos das damas ; uma paragem não prevista em qualquer hospedaria ; um chuveiro ; uma demora inopinada ; um prato mal cozinhado ; tudo quanto quebra a horrenda monotonia do programma, tudo é para os soberanos, como para as creanças, um pretexto de folgado.

— Todos teem as suas manías, quasi supersticiosas, e bem differentes das dos vulgares mortaes. O primeiro cuidado da pobre imperatriz da Austria era, por toda a parte por onde passava, comprar uma vacca. Eduardo VII não consentia que lhe voltassem o colchão á sexta-feira e mandava ir uma cadeira sua para o theatro. O rei Jorge da Grecia não permite que lhe tirem os

moveis do seu logar. Paoli topou com elle, certa noite, em Aix, no hotel onde o rei se hospeda todos os annos, transportando com o auxilio do medico, uma commoda Luiz XV que mobilava o seu quarto de dormir. «Pois não quer saber!...» explica o soberano helleno a Paoli, «o anno passado estava junto da chaminé; venho encontrá-la agora entre o vão das janellas.»

— E as extravagancias do shah da Persia! — exclamou o secretario da Liberia — Ia atraz d'elle, acompanhando-o em todos os passeios, um dignitario de farda coberta de bordados, com uma mala, que não primava por diplomatica, e que encerrava muito simplesmente um vaso para certos usos. Como de noite tinha medo e não gostava de ficar só, os seus aulicos applicavam-lhe uma especie de maçagem, desde que se deitava até o alvorecer, nos braços e nas pernas, o que não o impedia de modo nenhum de dormir a somno sôlto.

— Que excentricidade!

— O rei Leopoldo padecia de duas phobias: a do papel amarrotado e a da constipação. Mandava passar a ferro, como qualquer lenço de assoar, os jornaes que devia ler; não tolerava que tivessem a minima dobra. A coryza era o seu terror. Quando escolhia um novo ajudante de campo, não o interrogava sobre os seus gostos nem acêrca das suas ambições, nem com respeito á situação da familia. Perguntava-lhe

apenas: «Constipa-se com facilidade?» Se o official respondia negativamente, recebia a nomeação, mas se hesitava, voltava para o regimento. As pessoas do sequito do soberano, mesmo do sequito feminino, serviam-se d'este meio para obter uma pequena licença ou subtrahir-se a qualquer incómodo: espirravam com insistencia. Ao terceiro espirro, o velho rei fitava, não sem inquietação, o «constipado» e declarava-lhe logo: «Hoje não preciso de si».

— Que embirração! — exclamou o chanceller albanez.

— No entanto sahia com todo o tempo, mettia-se nas carruagens menos confortaveis que encontrava, e, todas as manhans lhe atiravam, completamente nu, quatro baldes grandes de agua salgada. Em Nice e em Ostende nada mais facil, mas quando vivia longe de qualquer praia? Mandavam-n'a buscar, custasse o que custasse, o que não representava tarefa facil por causa das suas rapidas viagens.

— Pobre creadagem!

— Imagine o creado do quarto de Eduardo VII, á noite no hotel, ás voltas com as setenta malas do rei?! — continuou o diplomata liberiano — E não era nada em comparação com a bagagem da rainha Victoria. Cada vez que a soberana da Gran-Bretanha sahia do seu paiz levava comsigo toda a sua roupa, a baixella e a maior parte da sua mobilia de Osborne ou de

Balmoral, desde o bello espelho de Veneza que ornava o seu toucador, a pequena secretária de pau rosa coberta de photographias e de papeis, até o leito de mogno, leito estreito e alto á moda antiga, que a acompanhou para toda a parte durante quarenta annos. Calcule a faina do transporte para um hotel e a lide dos serviçaes diligentes, cuidadosos de que a soberana, logo que chegasse, se pudesse alojar, se julgasse n'um dos seus palacios e visse no logar proprio os seus objectos familiares.

— Ora — objectou o chanceller albanez, — os soberanos que já não são novos acceitam com certa resignação taes embaraços e taes complicações. Quantas vezes procurarão escapar por algumas horas á obsessão?!

— São libertações perigosas. Se as saboreiam com frequencia não sentem coragem para voltar a estender os braços ás cadeias. M. Paoli conta uma anecdota, que eu considero de uma melancolia enternecedora. Em Aix, o rei da Grecia, seduzido pelas bellas aguas do Bourget, resolveu um dia imprimir uma formidavel entorse na etiqueta e pescar á linha. Pescar á linha! O *sport* mais nobre e o mais difficil, mas tambem o mais amesquinhado, o unico a que não se pode entregar «uma cabeça coroada», sob pena de cahir n'um eterno ridiculo. O rei adquire os utensilios necessarios, dirige-se para a beira do lago e installa-se. Os peixes não são cortezãos; obsti-

nam-se em não picar na isca régia. Decorre uma hora, duas horas... Nada. E, o que mais arrelia Sua Majestade, é que a trinta passos de Jorge I, um homem, um simples mortal, puxa a cada instante a sua linha, na extremidade da qual se debate ora uma truta, ora um salmão magnifico.

— Que ferro!

— O soberano, convencido que é mais difficil iscar o peixe por habilidade propria que governar homens, delibera humilhar-se e aproxima-se do pescador, afim de surprehender o seu segredo. Este levanta-se, cumprimenta ceremoniosamente e exclama com voz de estentor: «Tenha Vossa Majestade muito boa tarde.»

— A descoberta contrariou o rei?...

— Não contrariou. Perguntou-lhe: «Como, conhece-me?!» O interlocutor elucidou-o: «Permitta Vossa Majestade que eu proprio me apresente... Sabadou, segundo baixo no theatro do Capitolio em Toulouse, actualmente primeiro corypheu do theatro municipal de Aix-les-Bains... Vi-o n'um camarote». O monarcha retribuiu o cumprimento, e inquiriu: «Mas explique-me como o senhor apanha tantos peixes, ao passo que eu...» O baixo sorriu e replicou: «Saiba Vossa Majestade que é o habito, o geito da mão, a fascinação pessoal. É preciso a gente educar-se. Eu eduquei-me em Pinsaguel, perto de Toulouse, no confluente do Ariège e do Garonne... Pin-

saguel ! Vossa Majestade nunca foi a Pinsaguel ! Vá lá. É o paraíso dos pescadores. » O monarca sorriu, e respondeu : « Espero ir lá um dia, mas hoje volto como vii, sem nada... O artista esboçou um gesto de protesto, e convidou : « Ah ! isso nunca ! Colloque-se Vossa Majestade no meu lugar. Cada vez que eu disser *hop!* puxe a linha e verá se o peixe pica ou não pica.

— O rei condescendeu ?

— O rei seguiu o conselho de Sabadou. Este, ao cabo de tres minutos dava com voz retumbante o signal convencionado : *hop!* Era uma truta. A pesca foi milagrosa, e n'esse dia o monarca ficou satisfeitissimo, sentiu um contentamento inédito.

— Com certeza se tem lembrado muitas occasiões d'essas horas deliciosas, sem comtudo se arriscar a fazê-las reviver. Se a sua grandeza leva os soberanos a muitas praias, rios e lagos, não é para os auctorizar a pescar á linha, occupação vulgar, asseguram os nescios e despida de prestigio.

— Naturalmente — assentiu o diplomata da Liberia, e depois continuou : — As memorias de M. Paoli abundam em factos engraçados e em revelações preciosas. Lê-se ali como a rainha de Italia esperava com anciedade, durante a sua residencia em Paris, o telegramma que todas as noites a socegava sobre a saude das suas pequenas ; como a rainha Guilhermina dos Paizes

Baixos, ainda creança e travessa, modificava a effigie do seu delicado perfil nos sellos das suas cartas para desesperar a sua institutriz alleman e desenhava cartas da Europa em que a Hollanda, desmedidamente ampliada, limitava com uma Allemanha reduzidissima ; como a imperatriz Frederico, impressionada com as recordações de 1870, atravessava a França sem ousar appear-se do comboio ; como o rei do Cambodge, Sisovah, cioso da sua popularidade, beijava as filhas do porteiro cada vez que se dirigia ao Ministerio das colonias e apertava a mão aos continuos do Ministerio dos estrangeiros.

— É uma collecção completa.

— Todos os reis que desde 1886 foram a Paris figuram na galeria de M. Paoli. Os soberanos que, com frequencia, visitavam a grande metropole franceza, encontravam-n'ó em cada uma das suas viagens, como um mentor seguro, um guarda vigilante, pode dizer-se até um amigo fiel. Por predilecção pessoal, por dever dynastico, pouco partidario dos abalos politicos, gostavam de encontrar, logo nos primeiros passos na terra franceza, esse funcionario inamovivel que lhes facultava a illusão da estabilidade.

— Sim, isso era verdade. Os presidentes da Republica succediam-se, os ministerios ruiam, os prefeitos e os generaes trocavam-se, só Paoli permanecia no seu posto.

— E esse funcionario de um governo repu-

blicano parece que não se entendia muito mal com os representantes do direito divino!

— Nem os representantes do direito divino com esse funcionario de um governo republicano!

Os dois diplomatas mudaram de sitio e o nosso amigo Bento deixou de poder ouvir a sua conversação. Em trôco acercou-se de um grupo constituido por varias embaixatrizes, esposas de ministros, de secretarios e applicou o ouvido.

— Já sabem da grande aposta que preoccupa a opinião publica em Londres? — perguntou a embaixatriz da Sérvia.

— Alguma excentricidade! — exclamaram varias vozes.

— Não é bem, bem, uma excentricidade, — objectou a embaixatriz — Alguns rapazes de um club de Londres apostaram cem libras em que Miss Gabriella Ray, a mais azougada *Viuva alegre* do Universo, a celebre actriz do New-Gaiety Theatre, se ha de casar dentro de um anno, e, pelo menos, com um lord.

— Ora! — duvidou uma diplomata.

— Não se admire, minha amiga — acudiu a embaixatriz da Sérvia. — Citam-se os mais bellos nomes do armorial inglez que se offerecem á artista, para o bom caminho, na impossibilidade em que se encontram de descobrir outro, melhor, mais facil. Não se discute se o seu talento é muito, mas todos os homens, e até as

mulheres, são unânimes em reconhecer que é a mais linda *divette* da capital ingleza.

— Que entusiasmo! — notaram duas ou tres senhoras mais exigentes.

— Merece-o — confirmou a embaixatriz — Vi-a, ha quinze dias. Realiza admiravelmente o typo da belleza britannica: alta, esvelta, cabellos de um louro dourado, olhos garços azues, flexivel, sorridente, de mãos finas, elegantes e de pés maravilhosos. Toda a sua pessoa é de uma harmonia perfeita; tem um porte de rainha. E' digna de um rei. As suas vinte primaveras usurparam o brilho e a frescura de uma esplendida manhan.

— Sempre é uma mulher de theatro — opinou uma despeitada.

— E' uma mulher alegre, mas séria — sublinhou a diplomata — Adora o gracejo, dentro dos limites permittidos, e nunca descamba na frivolidade. Nunca se pinta. E' uma estatua animada.

— Ha algum tempo que a aristocracia ingleza se interessa muito pela arte dramatica, a ajuizar pelo numero de actrizes que escolhe para suas legitimas esposas. Parece incrivel, com a tradicção que ali predomina!...

— O conde de Orkney foi um dos que deu o exemplo d'esta especie de emancipação dos costumes antigos. Casou ha alguns annos com uma corista, Connie Gilchrist. Lord Genclarty escolheu, n'um baile, uma dansarina, Bella Bilton,

para a conduzir ao altar. Quando ha pouco tempo se representou em Londres a opereta *The Little Cherub*, entravam na peça quatro lindas raparigas, que representavam as filhas de um lord. Eram Gabriella Ray, Zena Dare, Grace Pinder e Lillie Elsie. Todas quatro se tornaram celebres e, salvo Miss Gabriella, todas se casaram com fidalgos. Zena Dare concedeu a sua mão a Sir Maurice Brette, filho de Lord Esher, e Lillie Elsie uniu-se legalmente a Jan Bullough, irmão de Sir George Bullough.

— Gabriella Ray guarda-se para ser princeza ?

— Tem sido pedida em casamento mais vezes que nenhuma das outras suas collegas, e entre os seus pretendentes indica-se o nome de alguém, que o rumor publico apontou como noivo de uma filha do duque de Connaught e outro é o primogenito do conde Rosebery, Lord Dalmeny. Mas a artista, até hoje, mantem-se fiel á ribalta.

— Então os rapazes do club perdem a aposta ?

— Quem sabe ? Miss Gabriella Ray ostenta no proscenio magnificos brilhantes e esplendidas perolas. Alguém affirma que são as sumptuosas primicias de uma rútila e proxima união.

— E a campanha que actualmente se faz na America e na Inglaterra contra os mormons ? — lembra a ministra da Bulgaria para não deixar esfriar a conversa.

— Pois não a deviam fazer — redargue acto continuo a segunda *secretária* da Republica de San Marino; — esses mormons pertencem á categoria dos casamenteiros e cada vez se torna mais intrincado o problema do casamento.

— Pois sim — contraria a *chancellera* do Sião — não sentem nenhuma vocação para o celibato. Casam até de mais. São polygamos.

— Polygamos! — exclama com a maior ingenuidade a filha do encarregado de negocios da Romania.

— É á polygamia que devem até a sua celebridade. Taine, o grave observador Taine, consagrou-lhe um dos seus *Essais de critique*.

— Mas afinal o que são esses taes mormons? — perguntou a rumena.

— O mormonismo — narrou a siameza — surgiu no seculo XIX, época do septicismo e do livre pensamento. Um tal José Smith pretendeu descobrir, em 1838, n'uma collina da America, o Evangelho eterno, escripto em placas de ouro. Decifrou-o graças a uma luneta de diamante. Esse material sagrado fôra transportado para o outro lado do Atlantico por hebreus, depois do captiveiro de Babylonia ou da torre de Babel, não me lembro bem...

— Que disparate! — commentaram algumas donzellas, muito attentas á narrativa.

— O propheta José Smith — proseguiu a diplomata da côrte de Bangkok — distribuiu uma

copia do tal Evangelho onde alguns incrédulos se comprazeram em reconhecer caractéres mexicanos. Outros asseguram que a sua traducção é um apontado de ninharias e de anachronismos. Affirmam outros que é até um plagiato de uma obra composta em 1809 por um certo Salomão Spaulding. Admitte que houve tres revelações: a de Moysés, a de Jesus Christo e a de José Smith, que é a bôa.

— Parece impossivel no seculo XIX! — registou uma joven.

A *chancellera* do Sião, proseguiu:

— Deus pae que tem corpo e mulheres; Jesus Christo tambem; quanto ao Espirito Santo é um fluido. Em 1890, Jesus Christo devia descer á terra e conceder aos justos o imperio do mundo por mil annos.

— A prophecia não se realizou...

— Não. Pelo menos os jornaes da época não o noticiaram. Ao cabo dos fatídicos mil annos, todos os homens entram n'uma especie de paraiso de Mahomet, onde cada um obterá tanta mais consideração quantas mais mulheres e filhos apresentar. É para assegurar uma vida futura honrosa e magnifica que os mormons praticam a polygamia.

— Que immoralidade! — murmura uma diplomata aposentada, raivosa no íntimo por não existir um paraiso identico para as mulheres.

— São polygamos com boas intenções — de-

fendeu a narradora.—Arroстам aqui a opinião publica para que se lhe torne favoravel no céo. Soffreram terriveis perseguições. Em 1838 saquearam-lhes as casas e massacraram trezentos ou quatrocentos dos seus correligionarios; esquartejaram até os mais velhos. Pediram justiça. O presidente da União respondeu-lhes: «A vossa causa é justa, mas não posso fazer nada em vosso favor. Se tomasse o vosso partido, perdia os votos do Missouri.

—E procedeu muito bem. Essa gente não pode ter perdão de Deus nem dos homens—opinou a mesma diplomata no goso da aposentação.

—Em 1814 — continuou a *chancellera* siameza, assaltaram a prisão de José Smith, com a connivencia dos carcereiros, uns com homens armados, commandados pelo coronel Williams, que lhe conferiram, a tiros de revólver, a palma do martyrio. Depois, sob a direcção do novo papa Brigham Young, atravessaram quatrocentas leguas de terras ermas e foram fundar uma cidade nova á beira do Grande Lago Salgado.

— Não os exterminaram ali?

— Prosperaram espantosamente. Conciliam um fanatismo de illuminados com preciosas aptidões commerciaes. Dez annos após o exodo, Brigham Young ajuntara dois milhões com especulações que não tinham nada de metaphysicas. E, no lar d'este patriarca-financeiro viviam, sem se agatanhar, dezasete esposas legitimas.

— Que horror !

A diplomata do reino banhado pelo Mekong sorriu e apimentou :

— Ha quem censure aos mormons a habilitade da sua propaganda. Não lhes custa nada recrutar tantas mulheres quantas necessitam para um consumo tão intenso, não só na America, mas tambem na Europa. Teem uma agencia em Liverpool, e os maledicentes comparam o seu apostolado a uma especie de escravatura branca.

— Não é outra coisa — apostrophou indignada uma menina franceza, não diplomata.

— Argumentam — replicou a senhora da narrativa — que não obrigam ninguem. A difficuldade de encontrar um marido é de tal quilate, que nos paizes onde o numero das mulheres sobreleva o dos homens, muitas d'ellas se contentam apenas com uma fracção de marido.

— Que tristeza ! Apenas uma fracção !... — accentuou a mesma joven.

— Não se pode negar que esses mormons combatem maravilhosamente a despopulação que se nota tanto nos Estados Unidos, como em França, se a affluencia da immigração não remediasses victoriosamente o mal. Com os mormons conta-se sempre com um excedente de nascimentos. Possuem o espirito da familia e a fibra paternal.

— Os americanos, comtudo, não lhes agra-

decem essas bellas qualidades — observou, não sem malicia, a embaixatriz da Bulgaria.

— São intransigentes, são seus inimigos mortaes — retorquiu a siameza. — Todos os exploradores gabam a moralidade dos mormons, todos lhes tecem calorosos elogios. Nas suas cidades desconhecem-se o adulterio e a libertinagem.

— Pudera! — exclamou uma senhora do grupo — Dispõem de tanto com que se entreter em casa que não pensam em caçar na propriedade alheia. São os mais ordeiros dos burguezes.

— E os povos que os censuram de ter outorgado um estado civil á polygamia, não a organizam, no fundo, clandestinamente? Ao menos os mormons são francos, confessam-n'ó, praticam-n'ó ás escancaras e assumem a responsabilidade da sua prática.

O Bento ouvira, sem quasi respirar, toda essa comprida historia dos mormons. Quando as diplomatas mudaram de assumpto, afastou-se do ponto que escolhera para observatorio e atravessou um gabinete quasi ás escuras. De um divan, mergulhado na penumbra, uma voz feminina murmurava :

— Nas mulheres, o melhor adorno é a castidade; é a unica belleza que resiste ás injurias do tempo.

— Talvez — respondeu outra voz tambem de timbre feminino — mas olha que uma e outra custam muito a conservar.

O Bento meditou durante um segundo, e monologou :

— Ai ! que ellas quando conversam sósinhas umas com as outras são muito mais bréjeiras que nós !

XV

Conferencia da moda

Conferencia concorrida — Litteratura e commercio — O chuveiro dos commentarios — Etta Palm — Egoismo masculino — Opinião do visconde de Ségur — As amazonas de Creil — A mulher de Phocion — Indiscreção de um magistrado — A maldade dos homens — Expansões cívicas — Epitheto mal recebido — A mais nova feminista — O poder da mulher — Invasão de um animatógrapho.

A Associação de Floricultura portugueza, ao Chiado, cedera o seu amplo e luxuoso salão, a pedido da embaixada, da Liberia para ali se realizar uma conferencia. Era conferente Mademoiselle Rada Van Burzen, escriptora e oradora luxemburgueza de fama universal. Á sua palavra facil, insinuante, ao seu timbre sonoro, crystallino, alliava uma formosura, dizia-se, pouco vulgar. Defendia com rara vehemencia e energia o papel preeminente que na sociedade moderna deve caber á mulher actual. A conferencia adquirira foros de acontecimento de sensação. Moveram-se altos empenhos para obter bilhetes, embora pagos a 2\$500 reis cada um, porque

Mademoiselle Rada van Burzen, dama tão instruída como positiva, assegurando até que era filha de um gran-duque, conjugava com muito tino commercial, a litteratura, a philosophia, os direitos femininos e os interesses da algibeira.

Os contractadores torciam a orelha por não lhes acudir a idéa de açambarcar a casa. A affluencia acorria caudalosa de todos os pontos da cidade. Muito antes da hora annunciada para o inicio da conferencia, já as cadeiras, as coxias, os corredores trasbordavam de gente. Viam-se ali membros do corpo diplomatico, personalidades em evidencia na sociedade, representantes da burguezia, *snoobs* da alta e baixa finança, familias com aspirações a privar com a fidalguia, jornalistas, escriptores, artistas etc. A plebe apenas se fazia representar pelos porteiros, arrumadores e creados de um ou dois restaurantes em voga, que, talvez para desvanecer aos proprios olhos a humildade d'onde provinham, se evidenciavam pela sobranceria do porte e insolencia do trato.

Mademoiselle Rada van Burzen, como todo o artista que se preza, só deu rumor de si meia hora depois da annunciada. Quanto maior era a demora mais subia no conceito dos que a esperavam. Senhoras e homens, trocavam impressões :

— Que portento !

— Que belleza !

— Que sábia !

— Que elegancia !

— Ao cabo de trinta minutos de expectativa, quasi anciosa, appareceu no pequeno estrado a desejada luxemburgueza. Pela sala correu um murmurio de curiosidade satisfeita. Os olhos das damas pregaram-se no vestuario da conferente, as vistas dos que pertenciam ao outro sexo incidiram primeiro no rosto da estrangeira e em seguida contornaram-lhe o corpo, como se pretendessem adivinhar se o que estava por baixo das roupas apenas o devia á natureza ou pertencia aos dominios do artificio.

— Que camapheu !

— Os cabellos usurparam a côr do amarello da greda !

— As pupillas verdes entornam-se-lhe como o vidro mal polido.

— As faces são duas beterravas em plena maturação.

— E coxeia como se só um dos sapatos tivesse tacão.

— Junto da mesa parece um pára-raios em cima de um telhado.

— E que modos ? Que maneira de se apresentar ? A minha cosinheira traja melhor quando lhe dou algum dos meus vestidos usados.

Estes e outros commentarios succediam-se com a regularidade de dois ferreiros que malham sobre a bigorna.

Mademoiselle Rada van Burzen cumprimentou, puxou de uns papeis, estendeu-os na mesa deante de si, bebeu um golo de agua e, em francez, principiou :

— A mais antiga das feministas, é, creio eu, uma formosa dama chamada Etta Lubina Joanna Desista Alders. Aos dezenove annos casou-se com um estudante que dava pelos appellidos, não menos euphonicos, de Loderoyk Palm. Após alguns mezes de vida em commum, o marido fugiu para as Indias e occultou-se ali tão bem que ninguem mais ouviu falar d'elle.

— Nem deixou saudades — commentou um gracioso.

— Etta Palm — continuou a conferente — era hollandeza. Aos trinta e um annos, em 1774, partiu para Paris. Vivia, no principio da Revolução, n'uma sobreloja, na rua Favart. Queixava-se de ser perseguida por uma familia poderosa, mas havia invejosas, como as ha sempre — e a oradora percorreu com a vista o auditorio, principalmente a parte feminina, — que asseguravam que ella não passava de uma espia do governo prussiano. Falava com graça, era instruida e frequentava a casa dos deputados de idéas avançadas. Foi ella a primeira que, no circo do Palais-Royal, se levantou n'um grande discurso contra a injustiça das leis humanas relativamente ás mulheres. O seu thema era, que as leis devem ser, como a agua e o ar, com-

muns a todos os entes. Um das suas apóstrophes mais violentas, mas também das mais justas consistiu n'esta magnífica phrase: « Os homens guardam para si toda a facilidade do vicio e só deixam ás mulheres, em partilha, a difficuldade da virtude.

— Muito bem! Muito bem! — applaudiram algumas senhoras da burguezia.

— Do esplendido exito d'este discurso nasceu o *Club federativo das cidadans patriotas* ou *Sociedade das amigas da verdade*. Elegeram-n'a com toda a razão sua *presidenta*. O titulo dava-lhe importancia. Em 1 de abril de 1792, Etta apresentava-se na Assembléa Legislativa á frente de una deputação feminina. Reclamava dos augustos mandatarios da nação que as mulheres fossem, de ahí em diante, admittidas *a todos os empregos civis e militares*. O presidente, um tanto enleiado, sahiu-se da conjuntura com as tergiversações peculiares ao genero masculino, respondendo que: « a Assembléa evitaria cuidadosamente, na elaboração das leis futuras, fazer o que quer que fosse que pudesse provocar o desgosto ou as lagrimas das cidadans ». Em seguida mandou a pretensão para a commissão de legislação, que a archivou nas suas estantes, onde naturalmente ainda dorme.

— E se nós lhe seguissemos o exemplo? — perguntaram uma á outra a baroneza de T... e a viscondessa de L...

— Etta Palm teve a sua época de voga, mas foi curta. As cidadans de França sobre as quaes pesava o jugo imposto pelo sexo forte e sce-lerado acclamavam-n'a como uma libertadora. Essas mulheres não eram como as citadas tão irreverentemente pelo visconde J. A. de Ségur, que levou a sua ousadia a proclamar: «As mu-lheres acceitam com facilidade as idéas novas, porque são ignorantes; espalham-n'as immedia-tamente, porque são levianas; sustentam-n'as durante muito tempo, porque são teimosas.»

— Bem se vê que era visconde esse tal se-nhor Ségur — observa uma joven de convicções democraticas.

— Formara-se então em Creil, no Oise — pro-seguiu a conferente — uma legião de amazonas, armadas de dardos e vestindo um uniforme gar-rido: casaco e saia brancos, bonné unido na ca-beça, laço nacional sobre o coração e um gallo de cobre doirado n'um sitio que não está bem designado. Os officiaes ostentavam vivos verme-lhos, uma pluma branca, um chapéu azul e um boldrié com as tres côres. Entusiasmadas pela leitura das reivindicações de Etta Palm, as ama-zonas de Creil conferiram-lhe uma medalha, so-lemnemente levada a Paris pela *capitan* Daru, alferes Bejot e *soldadas* Martial, Dupont, Boquet, de Bauchy, Brelle, etc. A hollandeza, manifesta-mente muito commovida, agradeceu, assegua-rando que «aquella medalha seria a espada de

honra que cobriria o seu féretro!» Depois terminou pela proposta inesperada de levantar uma estatua á *mulher de Phocion*, — a qual no fundo do seu tumulto se devia sentir tão lisonjeada como surprehendida por esta imprevista aura de popularidade.

— Quem era esse tal Phocion? — perguntou um bonifrate, republicano quando amanuensava na repartição e monarchico á noite nos saraus da moda.

— Phocion era um general grego condemnado a beber a cicuta — elucidou um estudante reprovado da Faculdade de Historia — Conta-se que uma pobre mulher de Megara encontrou o corpo de Phocion sem sepultura. Queimou-o e recolheu as suas cinzas para as restituir á patria, quando esta mais tarde reconhecesse a sua injustiça.

— É o que acontece a todos os grandes patriotas — sublinhou um politico que pertencera a todos os partidos do paiz.

— A mulher de Phocion ficou sem estatua — continuou a oradora. — Etta Palm julgou prudente desaparecer nos primeiros dias de 1793. Perdeu-se-lhe a pista na Hollanda e ignora-se o que ali foi feito d'ella. Mas o magistrado encarregado de appôr os selios na discreta sobreloja que a austera hollandeza occupara na rua Favart, ficou muito espantado de encontrar na sala, por baixo do retrato de um official, um amplo divan, de seis metros de comprimento, e no

quarto de dormir quatro espelhos, collocado um d'elles aos pés da cama, o que imputava á virtuosa *presidenta* preocupações bem futeis.

— Para que quereria ella o espelho aos pés da cama? — perguntou com a maior seriedade uma matrona.

— Para estudar o gesto nos discursos a pronunciar — respondeu imperturbavel a vizinha.

— A semente germinou — disse a conferente — A França encheu-se de clubs femininos e de legiões de amazonas. Poucas cidades de uma certa importancia escaparam, durante a Revolução, ao contagio feminista, até villas e aldeias possuiram clubs de damas. Nenhuma d'estas sociedades influiu sobre os acontecimentos, mas todos se divertiram e agradeceram a essas inovadoras o ter suavizado com a sua nota alegre uma tão severa epopéa. Houve scenas dignas de registo e que demonstram a maldade dos homens. No club de Chauny, por exemplo, onde se admittiam cidadans, as brincadeiras mais apreciadas consistiam em apagar as velas e em atirar bombas para debaixo dos vestidos das circumstantes. Um dia expulsaram as cidadans Tintin e Morue que, devido a ciumes, tinham arrepelado os cabellos reciprocamente, sem ao menos se lembrar que a ultima era uma das oradoras mais escutadas.

— Que falta de consideração — murmurou um dorminhoco.

— D'outra vez, no momento em que se ia abrir a sessão, um membro leva a coscuvilhice a observar que uma cidadan presente quebra nozes com os dentes e as come. O presidente convida a cidadan a acabar com tal entretenimento, recordando-lhe que já na vespera lhe dirigira igual censura. A arguida, no uso pleno dos seus direitos, responde-lhe que se elle proprio as quizer quebrar, ella lhe agradecerá muito. O presidente replíca que a lei commina penas severas contra quem perturbe as sociedades populares.

-- Essa lei não se podia entender com senhoras — sublinha uma partidaria da emancipação feminina.

— A illustre consocia não perde a serenidade — prosegue a conferente — solta uma gargalhada, não dá ao presidente tempo de terminar a sua prédica e sae da sala. O presidente accusa-a de ir fazendo piruetas e cabriolas indecentes e propõe a expulsão, não só d'essa vogal, mas ainda a de quaesquer outras que se entregassem a excessos de tagarelice. Moção que os clubistas de Chauny desapprovaram por unanimidade.

— Não querias! Com taes scenas era um pratinho! — exclama irreverentemente um janota aulico, herdeiro do fato usado de um dos principes.

— Na Sociedade Popular de Contances — continua a oradora — as cidadans achavam-se rele-

gadas n'uma tribuna particular, mas desciam com frequencia á sala para abraçar e beijar o orador. Então os maridos, com o seu egoismo feroz, julgaram indispensavel prohibir esses amplexos cívicos, «com que a patria não ganhava nada e com que a moral perdia muito.»

— Porque não reagiram? — interpellou irada uma *emancipista*.

— Houve quem tomasse a sua defesa — informou a oradora. — Alguns cidadãos, desde essa noite, deliberaram ir assentar-se na tribuna das senhoras. Os maridos, sempre implacaveis, obrigaram o presidente a determinar que essa tribuna «estivesse illuminada». Uma mulher forte, a quem os descontentes chamavam virago, armada com um grande sabre, tomava assento permanentemente á direita do presidente, e era uso que cada nova *membra* a abraçasse e beijasse á sua entrada na sala. O patriotismo n'esse tempo de tal modo se acrisolara, que ella costumava assoar-se aos dedos e limpava-os depois á manga do vestido, antes de receber o beijo fraternal.

— Que falta de asseio — commentou uma matrona nojenta.

— Ora, quando o nosso credo politico o exige não ha sacrificios que não se façam — retorquiu uma defensora do suffragio feminino.

— Não imaginem, minhas senhoras e meus senhores, que exaggéro — declarou a conferente.

— Todos estes elementos os colhi no livro do barão Marc de Villiers, que trata da historia dos clubs de mulheres e das legiões de amazonas em França, em 1793, 1848 e 1871. Em Saint-Jean-Poutge, no Gers, presidia á sociedade popular a cidadan Garros; servia-lhe de secretária sua irman, e era o pae d'estas duas patriotas quem redigia as moções.

— Passava-se tudo em familia.

— Dijon possuia um club de *Jeunes Amies de la Republique* de dezoito annos de idade! Em dezembro de 1793, essas interessantes raparigas resolveram discursar a suas mães. Henriqueta Ecureux, em seu nome, deplorou não poder ainda servir utilmente a patria, mas assegurou « que ia implorar ao céo que concedesse os seus favores aos bons patriotas e começar a entretecer corôas de louro para o seu regresso triumphal. »

— Que serigaitas!

— Não lhe admitto taes expressões.

E dois ouvintes assentaram nas respectivas bochechas duas retumbantes bofetadas.

Serenado o conflicto proseguiu a conferente:

— Tours orgulha-se de recrutar para o iemismo a sua mais joven adepta. Um ex-ecclesiastico, recentemente casado, levou um dia a uma sociedade popular toda a sua familia, e declarou: « Minha filha Cornelia, *de oito mezes de idade*, vae ser-vos apresentada por sua mãe e

collocada na tribuna pela sua ama. Saboreará antecipadamente no meio de vós as doçuras e a alegria das verdadeiras republicanas!» As *trico-teuses*¹ e a mulher do carrasco Samsão, assíduas ás sessões, choravam de enternecimento...

— Isso é que é um padre no duplo sentido da palavra — notou em tom clamoroso uma feminista exaltada.

— Só a villasita de Isle, no Vaucluse — adduziu a conferente — teve um corpo de amazonas que recebeu o baptismo de fogo, e convem dizê-lo, foi para defender as muralhas da cidade contra o exercito da Convenção. Quando os habitantes do povoado se declararam pela causa girondina, M.^{mes} Aniel, Aymon e Roulet reuniram umas quarenta mulheres e formaram «a companhia das damas de Santa Barbara». A sua *commandanta*, M.^{me} Aniel, assistiu ao conselho de guerra para deliberar, e ahí se decidiu que as *Santa-Barbaras* transportariam as munições, cuidariam dos feridos e vigiaríam o procedimento dos revolucionarios que tinham ficado na terra. As amazonas lançaram mãos á obra corajosamente; construíram uma barricada e collocaram fogo de artificio nos parapeitos. O primeiro ataque matou uma d'ellas.

¹ Megeras que no tempo da Revolução assistiam todas as manhans á execução dos condemnados politicos.

— Bravo! Bravo! Como se vê, essas valentes cívicas não eram anti-militaristas! — applaudiu um ouvinte, não se conhecia bem se com sinceridade se com ironia.

— Foi talvez devido a isto — concluiu a conferente — que Napoleão, testemunha d'estes factos que os nossos inimigos chamam excentricidades ridiculas e que eu classifico de rasgos heroicos, dizia: «Só em França acontece esta coisa rara, é a mulher fazer tudo quanto lhe vem á cabeça.»

— Ah! esse nunca foi feminista!

Este ultimo commentario, proferido não se sabe por quem, desencadeou uma tempestade na sala. Tudo se alvorotou. A desordem e a confusão tomaram taes proporções que alguem correu a chamar a policia. A maioria das senhoras desceram as escadas de roldão e quando se encontraram na rua quasi não o queriam acreditar.

Serenado o pânico, algumas meninas mais animosas, perguntaram:

— São pouco mais de dez horas. Onde vamos passar o resto da noite?

— Ao *Chiado Terrasse*, é noite da moda e vae ali uma fita, um *film* interessantissimo — lembrou o namorado de uma das jovens, que lhe convinha muito que ella não se recolhesse tão cedo.

— Que vae? — inquiriu uma das mamans.

— A vida íntima do imperador de Austria, Francisco José II, baseada na obra de Weindel — informou o mesmo apaixonado *dandy*.

— Pois sim, vamos lá — condescenderam as damas edosas.

As raparigas caminharam na frente, as mães e tias formavam a cauda do cortejo. Os rapazes dirigiram-se á bilheteira, junto da qual permanecia um dos proprietarios d'esse animatógrapho, o Sabino Correia, com o seu sorriso mais attrahente, e depois de rija discussão sobre quem havia de pagar, pois todos na apparencia queriam mostrar a sua generosidade, mas lá dentro não se importavam muito que o amigo fosse o sacrificado, muniram-se de bilhetes e tudo entrou no vasto e elegante salão, o melhor no seu genero em Lisboa.

O bando loquaz, irrequieto, saltitante subiu ao balcão, mettu-se, furou, brocou, entranhou-se até occupar as primeiras filas, não se importando em erguer, com as abas colossaes e as plumas gigantescas dos seus chapéos formidaveis, uma barreira muito mais densa e impene-travel do que as barbacans e os cubêlos mais espessos de um castello feudal.

XVI

Idyllio imperial

Um cão terrível — Um duque cynophilo — Cupido tece-as — Um cão casamenteiro — Rapida intimidação — Despertar de dois corações — Conspiração — Cólera paterna — Pedido de casamento — Em Ischl — Uma missa histórica — Declaração sensacional — Agradecimento compreensível — Prophecias realizadas — Odisseia de luto — Fim trágico.

Essa fita dispendiosíssima, e que ali se apresentara pela primeira vez n'uma *matinée blanche*, gentilmente offerecida pela empresa com bolos, chá, vinhos e licores, o que fizera disputar os convites quasi a bico de prego de chapéu, repetia-se todas as noites, a pedido do publico, e era calorosamente applaudida pela assistencia, que ameaçava derrubar as paredes, de tal modo os espectadores se comprimiam lá dentro.

Synthetizamos o cinema de tanta sensação.

— Cautela, meu primo; se Black lhe rosna com tanta ferocidade, causará má impressão aqui em casa.

Um homem novo esbarrara com um cão ros-

nador e com focinho de poucos amigos. Era um rapaz desempenado, de phisionomia simultaneamente risonha e altiva. O labio superior, ensombrado por um pequeno bigode, ergueu-se ironicamente, e n'um tom exageradamente cortez, redarguiu:

— Não receie nada por mim, minha formosa prima. Se fosse preciso, daria uma boa lição a esse terrível Black. No entanto, muito obrigado pela recommendação.

Inclinou-se profundamente ante a sua interlocutora, desceu a escadaria do palacio e iniciou o seu passeio pelo pinhal do parque. Occorria isto em maio de 1853. A menina que assim o interpellava, de vinte e um annos, chamava-se Sophia. Era a filha mais velha do duque Maximiliano e da princeza Luiza da Baviera. O rapaz, de vinte e tres annos, era o imperador de Austria, rei apostolico da Hungria, rei da Bohemia, da Dalmacia, da Croacia, da Esclavonia, etc., etc.

O imperador chegara n'essa mesma manhan a Possenhoffen, residencia habitual do duque, tio do monarca. As suas relações não primavam por estreitas. O soberano não perdia muito tempo em visitas familiares. Preferia entreter o tempo, que lhe deixava uma situação politica embrulhadissima, em aventuras mais positivas. O duque apreciava immensamente os cavallo e os cães. Nunca sahia sem uma escolta canina, e, no seu gabinete de trabalho, os melhores logares, cana-

pés, poltronas, achavam-se sempre occupados por esses seus companheiros de quatro patas. Proclamava até com a maior gravidade, que os cães possuíam uma alma e que conheciam os homens muito melhor que os proprios homens. Assim, quando os cães recebiam mal qualquer visita, a confiança do duque retrahia-se logo. Eis o motivo da leal prevenção da princeza Sophia.

Francisco José pisava n'esse dia o solo de Possenhoffen, induzido por sua mãe, n'um fim matrimonial — o de se casar com a princeza Sophia. Dirigira-se ali para pedir a mão de sua prima. Vira-a. Não lhe agradara nem desagradara. Cumpria uma formalidade. Feitas bem as contas, a futura soberana era-lhe soberanamente indifferente. Reflectia n'estas coisas quando outro cão se lhe roçou pelas pernas, pulando e lambendo-lhe as mãos com a maior familiaridade.

— Aqui, vem cá... Não ouves, vem cá!...

Francisco José estacou maravilhado pela frescura da voz. Mais admirado ficou quando descobriu que a voz pertencia a uma menina de quinze annos, delgada, flexivel, espigada, impelida como de um jacto puro e sobranceiro, flor viva e mimosa colhida do solo da floresta. Vendo o visitante, parara tambem, muito direjta no seu vestido branco. Possuia uns lindos olhos intelligentes e límpidos, e os seus compridos cabellos louros, sôltos pelas costas, accrescentavam mais

luz á luz do dia. Foi ella a primeira a quebrar o silencio.

— Peço-lhe desculpa por Dick...

Francisco José interrompeu-a. Tirou o chapéo molle, de feltro, enfeitado com uma penna de ave silvestre, e acercando-se, disse:

— Dick não precisa desculpar-se, minha senhora. Conheço os costumes da casa. Sei que uma visita bem acolhida pelos cães é sempre bem acolhida pelos donos. Devo, pois, a esse excellente animal calorosos agradecimentos.

— Desejo o mais possivel que a sua esperança seja satisfeita.

— São tambem esses os meus mais ardentes votos.

— Persuado-me que meu pae, seguindo o exemplo do cão, lhe reservará o melhor acolhimento...

A joven inclinou-se, n'uma reverencia comica, e com um sorriso primaveril, completou:

— Nem podia deixar de ser...

Francisco José, um tanto surprehendido, decorrido um instante, interrogou:

— Mas então é?...

— Isabel Amelia Eugenia, duqueza da Baviera, para servir Vossa Majestade.

Mergulhou de novo a cabeça no seu vestido branco e desatou a rir com o maior desassombro.

Francisco José, que julgava falar com qualquer dama da casa de seu tio e tencionava já

dar largas á sua galantaria, ficou enleiado deante da pequena. Prolongar a pausa era tornar-se ridiculo. Appelou para um logar commum :

— Minha prima,

— Meu primo !

— Quer estender-me a sua mão ?

Muito nova, muito serena, um pouco altiva, como o foi sempre, a princeza Isabel approximou-se, estendeu sem reticencia uma linda e alva mão, e declarou :

— Da melhor vontade.

Durante um momento Francisco José conservou a mão de sua prima na sua, e fitando, presa de uma singular commoção, as duas pupillas claras da joven, os olhos puros e autoritarios, que não se baixaram. Depois, afrouxando os dedos, perguntou com voz mudada :

— Porque é que ainda não a tinha visto ?

— Porque nunca procurou occasião, sem censura.

— Pelo contrario, mereço-a. Descuidar-me assim de conhecer uma pessoa da familia. Mas não era isso que eu queria dizer. Perguntava-lhe porque não a encontrei esta manhan, ao almoço ?

Os olhos de Isabel cobriram-se de uma sombra de melancolia.

— Pela mesma razão que impedirá Vossa Majestade de me encontrar esta noite ao jantar.

— Seria indiscreto se lhe perguntasse que razão é essa ?

Risonha de novo, a juvenil princeza proclamou com fingida humildade:

— Falarei se o imperador ordenar.

— O imperador não pode ordenar, mas o primo supplica-lh'o.

Francisco José pegou-lhe na mão, conduziu-a para um banco de pedra, e, quando Isabel se assentou, tomou logar a seu lado.

— Fale agora, escuto-a.

— Parece que para figurar nos banquetes de cerimonia sou ainda muito pequena.

— Muito pequena?... Mas, se a memoria me não falha, deve ter...

— Não se canse... dezaseis annos.

Isabel, cheia de contiança ao lado d'esse imperador de vinte e tres annos, vestido com um traje tyrolez e desprovido de toda a majestade imperial, começou a falar, a contar tudo. Através da conversação da joven, simultaneamente espontanea e commedida, não tardou a destrinçar a verdade. O duque Maximiliano e a duquesa Maria tratavam de casar a mais velha das quatro filhas: a princeza Sophia. E como era essa princeza de vinte e um annos que se lhe destinava, julgaram conveniente não matizar a paisagem em perspectiva dos esponsaes com os cabellos da côr do oiro e os olhos grandes como amendoeiras em flor da princeza Primavera. E as flores dos lindos olhos claros inebriavam cada vez mais, á medida que se abriam, o coração

em festa do moço soberano, as madeixas de scintillações aureas emmolduravam o fino rosto da princeza de uma tão doce auréola, que nada lhe parecia mais desejavel que admirar indefinidamente o seu fúlgido reflexo.

Isabel falava sempre. Francisco José não distinguia mais que a musica da voz, sem comprehender o sentido exacto das palavras. Despertou como de um sonho quando a princeza declarou, á guisa de peroração :

— Eis o motivo porque Vossa Majestade não me verá esta noite, á mesa da familia, como não me viu esta manhan.

Isabel levantara-se e, pela terceira vez, muito folgazan, immergia a bella fronte, no vestido branco, prestes a despedir-se.

Francisco José deteve-a. Dissimulando maravilhosamente a perturbação que o dominava, applicava agora a uma discussão sentimental os processos habituaes aos debates diplomaticos. Comprehendera, desde o principio, o temperamento auctoritario e mal disciplinado da joven, e, não sem prudencia, porque a descobrira, do mesmo passo, superiormente intelligente e culta, tratava de a convencer a rebellar-se contra a ordem paterna que a relegava para os seus aposentos, quando sua irman mais velha figurava nas recepções do palacio. Elle explicava-lhe que que ella não era uma creança, como diligenciavam persuadí-la e sem a incitar abertamente á

revolta, propunha-se, como intermediario, para obter que cessasse esse regimen... cellular. E como a alegria brilhava no fundo da corolla luminosa dos seus olhos, Francisco José levantou-se, bateu na testa n'um gesto naturalissimo, e declarou:

— Tenho uma idéa.

— Uma idéa?

Offereceu o braço a sua prima e, dirigindo-se devagar para o palacio, explicou-lhe o seu plano. Isabel subiria ao quarto, vestiria um traje apropriado, e, á hora de se ir para a mesa, desceria até o eirado onde se reunia a familia antes das refeições.

— É esse todo o seu plano?

— Não se preocupe com o resto. Assumo a responsabilidade do que succeder.

— Mas ralham commigo...

— Não ralham. Cuida a prima que desejo vê-la padecer?

— Não, mas...

Isabel só desejava que a convencessem. Assim, a uma ultima insistencia do primo, declarou:

— Procederei como Vossa Majestade ordena.

Francisco José largou o braço da joven, pôz um dedo nos labios e murmurou:

— Até logo?

— Até logo.

E o alvo perfil fugiu, agil, por baixo dos pinheiros sombrios, na direcção do palacio.

Francisco José, que até ahí só soffrera as leves mordeduras do capricho, experimentava uma impressão completamente nova e sentia-se deliciosamente attingido no coração. Igual aos outros homens, o imperador, semelhante no carinho ao zagal que guarda os rebanhos na montanha, empolgara-o uma necessidade de expansão cheia de angustia e ao mesmo tempo deleitosa. E, só, no grande parque, surprehendeu-se a si mesmo com os olhos humidos e a cantar como uma creança.

Emquanto o moço soberano contava o seu amor, novinho em folha, aos pinheiros do parque, a princeza Isabel subia aos seus aposentos e paramentava-se com os seus mais bellos adornos. A sua dama de honor surprehendeu-a no decorrer d'esta operação e espantou-se. Com a maior franqueza, porque ignorava a arte de mentir, a joven confessou a verdade: vestia-se para assistir ao jantar offerecido em honra de seu primo o imperador Francisco José. A dama de honor, attonita, levanta as mãos ao céo. Que succederá? O duque é extremamente cioso da sua auctoridade. Permittiria, por acaso, á princeza Isabel que comparecesse ao jantar? Ainda d'esta vez Isabel narra a verdade. Seu pae não a auctorizou a tomar parte nos agapes. A pobre dama de honor supplica, conjura, exhorta. Nada consegue. Isabel assentou n'uma deliberação e por consequencia — a dama de honor sabe-o bem

— não a derogará. Ao passo que a discussão se prosegue, a hora do jantar chega. Isabel sae do seu quarto, perseguida pela dama de honor, que não cala os seus receosos lamentos. Por accidente, o imperador cruza-se no caminho com as duas mulheres. Com galantaria, offerece o braço á prima e condú-la ao eirado, onde a familia e os convidados se reúnem.

Houve, como é facil de imaginar, um lance de theatro. O duque ergue-se, com a testa enrugada por uma nuvem de cólera. Francisco José desvia os effeitos immediatos da tempestade assumindo a responsabilidade do que succedera. A chronica palaciana não relata se o jantar decorreu alegre. Ao terminar o banquete, o imperador manobrou de forma a encontrar-se a sós com seu tio, no gabinete-canil d'este. Tendo apenas como testemunhas os cães, travou-se o seguinte dialogo:

— Meu tio — desfechou o imperador á queimadura, — tenho a honra de lhe pedir a mão, não de minha prima Sophia, mas de minha prima Isabel.

— Meu sobrinho — respondeu o duque, — é absolutamente impossivel.

— Recusa?

— Categoricamente.

— Porquê?

— Porque minha filha Isabel é muito nova.

— Esperarei.

— E depois... porque seria fazer uma afronta a minha filha Sophia.

— Não pode haver affronta n'isso, porque não formulei nenhum pedido a esse respeito.

— Não importa, recuso.

— É a sua ultima palavra?

— É a minha ultima palavra.

— Muito bem, então não casarei nem com uma, nem com outra.

No dia seguinte o imperador de Austria retirava-se do palacio de Possenhoffen, menos noivo que na vespera quando ali entrara.

Tres mezes depois, a 18 de Agosto, dia dos annos do imperador Francisco José, Ischl, onde o soberano residia n'essa época, achava-se em festa. A *villa* imperial regorgitava de convidados, todos poderosos da terra, e, nomeadamente o gran-duque Maximiliano, a gran-duqueza Luiza, os seus tres filhos e as suas quatro filhas. Como de costume todos os annos, a familia imperial foi ouvir a missa da manhan. Quando o cortejo entrou a igreja de Ischl trasbordava de fieis. De fieis? Seria mais exacto dizer que extravasava de curiosos. A historia de Possenhoffen corraera mundo desde Maio e a presença em Ischl do tio do imperador e sobretudo das suas duas filhas, Sophia e Isabel, excitavam no mais alto grau a curiosidade da aristocratica assistencia.

— Com qual das duas? — perguntava-se á bôcca pequena.

Os murmúrios que, antes da entrada do cortejo imperial, esbarravam nos pilares da nave, sem consideração pela santidade do logar, cessaram bruscamente logo que o imperador transpuz o limiar da egreja. Todos os olhos se fixaram na princeza Isabel e na sua irman mais velha. Com grande pasmo do auditorio, a mãe de Francisco José afastou-se para deixar passar adeante de si Isabel, a loura Isabel, cujas madeixas douradas despediam scintilações na sombra, tépida de incenso, da egreja de Ischl, como as despedira tres mezes antes, na sombra fria dos pinhaes de Possenhoffen.

— Porque seria essa preferencia? — inquiriram entre si varias damas.

O officio divino decorreu segundo o costume do rito. Mas no momento da benção, viu-se — o que o ritual não previa — o imperador levantar-se do seu genuflexorio, pegar na mão de sua prima Isabel e acercar-se com a formosa menina do altar. Em seguida, como se ouviria, n'esse momento, o bater no ar das asas de uma mosca, resoaram distinctamente as palavras seguintes, pronunciadas com voz forte, pelo imperador, dirigidas ao sacerdote officiante:

— Padre, é esta a minha noiva, abençõe-nos.

Ao sahir do templo, o imperador voltou-se para o seu ajudante de campo, coronel O'Donnel, que, mezes antes, o salvara de morrer aos golpes de um assassino. Fez-lhe signal para que se

aproximasse, e, apertando com ternura contra o peito o braço da sua loura promettida de olhos como flores, disse, de fôrma a só ser comprehendido pelo coronel e a joven :

— Coronel, salvou-me a vida, ha alguns mezes. Deixe-me agradecer-lhe de novo. Nunca apreciei tanto como hoje o serviço que me prestou.

Assim se concluíram, a 18 de Agosto de 1854, os poeticos esponsaes do imperador Francisco José e da linda princeza Isabel.

Isabel justificava assim uma parte da prophesia de uma cigana que lhe declarara, em Possenhoffen, muito tempo antes, que cingiria uma dupla corôa: a corôa de imperatriz e a do martyrio.

Francisco José justificava a resposta que dera a sua prima Sophia, no eirado do palacio ducal. Vencera a hostilidade do cão rosnador.

A fita terminara ali.

— Pobre imperatriz Isabel ! — commentou uma das meninas que propuzera terminar o se-rão no animatógrapho.

— E eu que a conheci muito bem quando estive como addido na côrte de Vienna de Austria — lembrou um dos diplomatas que assistira á conferencia sobre o feminismo.

— Que morte a d'ella !

— E que de desgostos em vida !

— Era na verdade uma excentrica ?

— Um pouco, talvez — respondeu o diplomata,

e adduziu:—Antes de casar acompanhava o pae, um ente singular, nas suas caçadas e montava com tanta perfeição a cavallo como o marido. Na sua terra dava passeios enormes visitando os camponeses nas suas choupanas e gosando com as suas diversões rusticas.

— Uma princeza!

— O casamento realizou-se em Vienna a 24 de Abril de 1854 — historiou o diplomata — A principio reagiu contra alguns dos preconceitos dos viennenses. As suas tentativas para modificar a secular etiqueta da côrte, a sua paixão pela picaria e as suas frequentes visitas á escola imperial de equitação escandalizaram a sociedade austríaca, ao passo que as suas predilecções pela Hungria e por tudo quando era hungaro offenderam o sentimento germanico.

— Para que se metteu em politica?

— Pouco tempo lhe duraram esses pruridos — explicou o antigo addido. — Não ha duvida que a sua influencia auxiliou o estabelecimento do *Ausgleich* com a Hungria, mas afora os negocios d'esse paiz não se intromettia na politica.

— Ao menos os hungaros foram-lhe gratos?

— Foram. A sua popularidade entre elles durou emquanto ella durou. Quando a coroaram rainha da Hungria, em 1857, presentearam-n'a com o castello de Godolo, que se tornou uma das suas residencias favoritas.

— Soffreu muito...

— Muito. Os seus soffrimentos acabaram por lhe valer as sympathias de todos. Em caridade não encontrava quem a excedesse e tratou com maternas desvelos os feridos da guerra de 1866. Além dos seus actos publicos de beneficencia, havia os pessoaes e de character privado que nunca terminavam.

— E os filhos?

— Teve quatro. O mais velho morreu-lhe creança; a archiduqueza Gisela casou com o principe Leopoldo da Baviera, e a mais nova, Maria Valeria, esposou o archiduque Francisco Salvador. A morte dramatica do principe herdeiro, Rodolpho, produziu-lhe tal abalo que nunca mais gozou saude. Tambem a affectou muito o suicidio de seu primo Luiz II, rei da Baviera, e ainda a triste sorte de sua irman Sophia, a mesma a quem de certo modo usurpara o marido e a corôa, duqueza de Alençon, que morreu queimada em Paris, em 1897, no Bazar de caridade.

— Tragico destino.

— Até o fim, minha senhora. Como em 1861 padecesse bastante dos pulmões, passou alguns mezes na Madeira. Nunca, porém, deixou de montar a cavallo e tomava parte com frequencia nas caçadas realizadas em Inglaterra e na Irlanda.

— É bem certo que nem a grandeza nem a riqueza proporcionam por si só a felicidade.

— Nos ultimos annos buscava a solidão. Via-

java sempre que podia ou confinava-se no Achilleion, palacio que mandara construir em Corfu, propriedade hoje do imperador Guilherme II da Allemanha. Na Suissa, no momento em que se preparava para embarcar em Genova, n'um vapor, a 10 de Setembro de 1898, o anarchista Luigi Luccheni apunhalou-a e morreu d'ahi a poucas horas. O crime, absolutamente inutil e inexplicavel, forneceu mais um contingente para os infortunios da casa de Austria e indignou toda a gente civilizada.

Os frequentadores do animatógrapho retiraram-se, o proprietario deu balanço á caixa, que n'essa noite accusou uma bella receita, e o Bento que na sua qualidade de mordomo da embaixada da Toscana assistira á sessão, poz ponto nas suas observações e memorias.

NOTE BEM

Quasi a terminar a revisão dos apontamentos do Bento, recebemos d'elle o seguinte bilhete que pomos em linguagem correntia :

Declare, faça favor, que não vão ahi *piadas* directas a ninguem. Os differentes *bicos* que ahi figuram são symbolos. Alguns até carregam sósinhos com culpas que estão distribuidas por muita gente. Se alguém enfiar a carapuça em si, é porque a consciencia lhe morde e lhe badala lá dentro do coração a voz do remorso. Lavo d'ahi as minhas mãos. Nunca tive feitiço para juiz e muito menos para carrasco. Nunca pretendi offender ninguem de caso pensado... nem sequer as feministas... apesar de não gostarem da gente. Venda bem o livro, prégue contra os emprestimos, divirta-se, gose e durma bem.

Seu creado,
que, agora, pode ser seu amo,

Bento.

Eis cumprida a nossa tarefa, o melhor que nos foi possível, na interpretação dos caractéres cuneiformes do illustre cidadão de Porriños.

INDICE

Pag.

PROMESSA CUMPRIDA	v
I No dentista — Consultorio modelo — Valor de um janota — Quem é o teu inimigo? — Por causa de um anagramma — Furor descabido — Chocalho domestico — Elogio mal comprehendido — Dialogo feminino — Má lingua do Bento — Apparição olympica — Escolha sultanesca — Desagrado das repudiadas — No santuario — Tagarelice interesseira — O sentido de apalpar — Pedido inoportuno — Bofetada sonora — Troco ironico — Subito amor — O castigo da Providencia — Modelos vivos de um annuncio popular — Uma cilada — Explicação provocadora.	21
II Chefe de partido — Luminar da sciencia — Génese de um politico — Frequentadores do « Martinho » — Um orador de café — Discurso ôco — Uma mesa celebre — Conflictos sem consequencias — Dois bravos — Uma aposta perdida — Argumento que colhe — Amizade eterna — Em busca de partidarios — Despertador da memoria — O vinho e o luto — Um homem superior — Meditação profunda — Opinião sobre a diplomacia — Raciocinio exacto — Offerta desinteressada — Casamento urgente — Barba eterna — Trabalho de cabeça.	43

- III **Assembléa capilar** — Propaganda effi-
 caz — Reunião magna — Trecho commovente
 — Ornamentação singela — « Proto-barbeirato »
 — Intervenção divina — A barba na Historia
 — Um imperador gallo — De como a Gallia é
 a terra dos gallos — A Egreja e as barbas —
 Modas capilares — Nomes illustres — Um do-
 cumento celebre — Medida salvadora — Arte
 e sciencia — Nova direcção geral. 67
- IV **Na modista** — Em busca de damas — Ve-
 lho conhecimento — O amor é cego — Pelo
 buraco da fechadura — Modista condescen-
 dente — Ciume — Conversa íntima — O perigo
 de um duetto de amor — Solução engenhosa
 — Um retrato fiel — Pergunta indiscreta — Es-
 quecimento orgulhoso — Castigo de um pateta. 89
- V **Uma mulher... prática** — Debaixo dos
 pés se levantam os trabalhos — Mutilação in-
 comprehensivel — Os sedimentos de um rosto
 — A tineta das « conquistas » — Armadilha —
 Proverbio do Talmud — Os russos e a lua —
 Lição de honestidade — A memoria das mu-
 lheres — Divisão dos livros — A celebridade
 — Interrogatorio interesseiro — A primeira ou-
 sadia — Aproximando-se — Uma mulher topa-
 a-tudo — Conselhos opportunos — Batalha de
 vaidades — Sciencia e pedantismo — Paga-
 mento da vida — Estatistica curiosa — O dis-
 pendio da existencia 107
- VI **Monstro inclassificavel** — Um anno
 totalmente perdido — Desavença — Agua na
 fervura — Na terra dos tortos — Paternidade
 incontestavel — Duas bernardices — Meio de
 evitar desastres — Divisibilidade difficil — O
 prólogo de um drama — Commentarios al-

Pag.

truistas — Resolução acertada — Lucro sem
 canseira — O Francisquinho — Uma quarta
 parte — Taboleta curiosa — Um maxibombo
 — « Preguiça gigante » — Um monstro desco-
 nhecido — Orgulho nacional — Fabrica de sui-
 cidios baratos — Novos Jonas — Ascensão ani-
 quiladora — Encontro tragico — Contracto não
 cumprido 129

VII **Sereia perigosa** — Nova prosélyta — Se-
 reia de genero perigoso — A côr das ligas —
 Uma « licção » em perspectiva — Promessa —
 Com febre — O café e o somno — Idyllio rapi-
 do — Pensamento mau — Thálamo bucolico
 — Mulher de pedra — Evocações do passado
 — Effeito de umas meias — Para que servem
 as obras sobre odontalgia — Os chibos calu-
 mniados — Maré perdida — Verbo irregularis-
 simo — Confissão insuspeita — Bandeira arria-
 da — Crise de nervos — Ambição desilludida
 — Mocidade estroina — Mentira ou verdade?
 — Desforço condigno 149

VIII **Um capitulo de giria** — Na Mouraria
 — Dialogo interessante — Freguezes curiosos
 — Desconfiança immerecida — Receios infun-
 dados — Arte nobre — Respostas a tempo —
 Um janota — A previsão do futuro — Uma « lu-
 mia » — Uma piada — Allegação difficil — Re-
 holiço — Intervenção inopportuna — O malu-
 quinho de Arroyos — Na rua dos Fanqueiros
 — Afan na venda — Ardil de mercadores —
 « Desamosque » — Surpreza — Contando com
 a impunidade — Amputação compromettedora
 — Contrastes — Raciocinio irrespondivel — Pro-
 va concludente. 169

IX **Psychologia do estomago** — Resipsis-

cencia — Gréve curiosa — Rivalidade... « mental » — Theorias de Schopenhauer — Attributo do homem — Descanso semanal — Adornos do clero — Fiscalização do celibato — Liberdade da lagrima — Argumentação cerrada — Mansão de Satan — Typos populares — Paradoxo — A desgraça do poeta — O genio dos maridos — De graça nem pancada — Macambuzios e foliões — Psychologia do ventre — Modos de ganhar a vida — O prato predilecto — Servir a contento

197

X **Congresso feminista** — A formiga de Portugal — Fidalgo em sua casa... — O symbolo do monopolio — As musas e as saias — Soneto — Reunião magna — Damas enthusiasmas — « Sem homens, não! » — Para prevenir os incautos — O feminismo de Strindberg — A perfeita egualdade — Desgraça no casamento — O melhor dos homens — O que é a verdade — « Luto de mel » — Protesto vehemente — Elogio mal apreciado — O tributo do vicio — Reflectir muito — O melhor isolador — Belleza de formas — Prova de velhice — Roubado! — Ataque de nervos — Commentarios do Bento

217

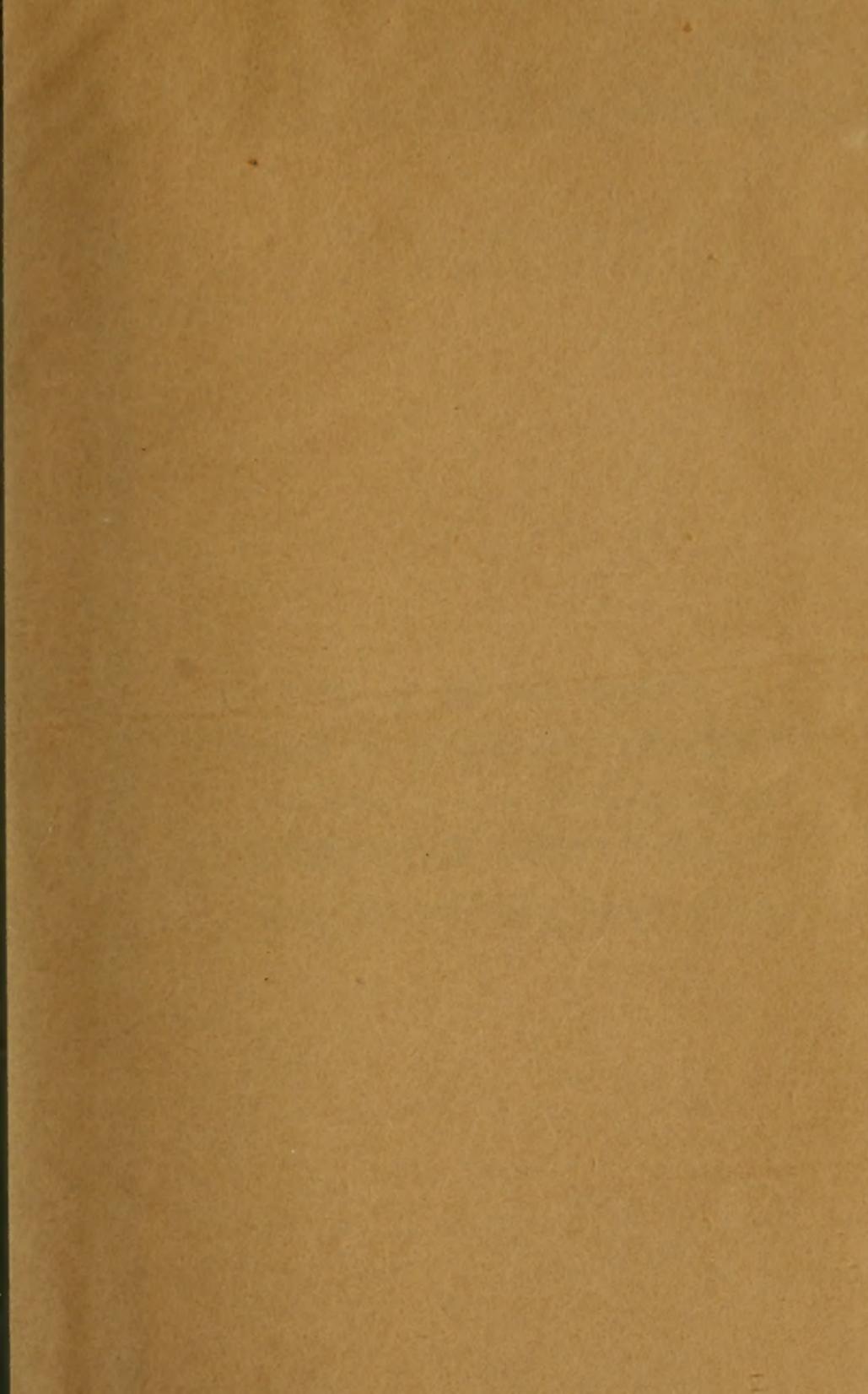
XI **Consequencias da ironia** — Soccorro de amigas — Tyrannia e innocencia — Elegancia da amazona — Os cães e os cyclistas — A belleza e a propagação da especie — O cumprimento do dever. — Interrupção — Nova liga — Modo de usá-la — Club singular — O templo do silencio — Horrivel barafunda — Palavra sôlta — Os conselhos dos velhos — Indignação — Fim de um congresso — Causa de enlace — Com o coração nas mãos — Ideal justo —

	Pag.
Extrema dos sexos — Feminista com juizo — Soneto modelar — Carta extraviada — O festim de Balthazar — Rifões expressivos — Lembran- ça intempestiva — Definição do charuto — Presente de mulas — Lettra sem reforma.	237
XII Mascara e penuria — Castiças buliço- sos — Maneira de vêr ao longe — As actrizes e os homens — Como se engana o publico — « Calembourg » antigo — Um anjo — Vida com- prida — Um ente feliz — Um tyranno — « Mo- dus vivendi » — Fornecedor repellido — « Cla- que e claqueurs » — Ir buscar lan... — Historia dos bailes de mascaras — O primeiro baile de mascaras publico em Lisboa — Os antigos <i>jardins</i> de Lisboa — Epilogos dos bailes — Quando se pesa mais — No restaurante — Vi- nho para comer — Arrependimento tardio — O mysterio de um vintem.	261
XIII A sorte grande — Tentação — Um ho- mem parado — Um cego por equívoco — No corpo diplomatico — Linguagem classica — Os espartilhos — A velocidade do preguiçoso — Quem chora muito — A justiça da multidão — Tempestade n'um copo de agua — O « gor- do » — Manifestações de alegria — Generosi- dade inaudita — Angustias — De sobreaviso — Desconfiança perenne — Uma idéa — No com- boio — Em Hespanha — Um verdadeiro mila- gre — Dois bilhetes com o mesmo numero — Um bom creado e mau amo	285
XIV Percalços da corôa — Ambição des- medida — Mordomo — Desejo de se illustrar — Memorias curiosas — Apanagio importuno — Misanthropy — Anceio de expansão — Ma- nias régias — Extravagancias — Phobias curio-	

	Pag.
<p> sas — Caprichos — Peixes democraticos — Li- ção de pesca — Tolerancia recíproca — Aposta singular — A mais linda actriz ingleza — Aristocracia e arte — Fiel á ribalta — O mormonismo — Um propheta contemporaneo — Martyres modernos — Religião e negocio — Vantagem da doutrina de Brigham Young — A castidade e a belleza </p>	307
<p> XV Conferencia da moda — Conferencia concorrida — Litteratura e commercio — O chuveiro dos commentarios — Etta Palm — Egoismo masculino — Opinião do visconde de Ségur — As amazonas de Creil — A mulher de Phocion — Indiscreção de um magistrado — A maldade dos homens — Expansões civicas — Epitheto mal recebido — A mais nova feminista — O poder da mulher — Invasão de um animatógrapho </p>	329
<p> XVI Idyllio imperial — Um cão terrivel — Um duque cynophilo — Cupido tece-as — Um cão casamenteiro — Rapida intimidade — Despertar de dois corações — Conspiração — Cólera paterna — Pedido de casamento — Em Ischl — Uma missa historica — Declaração sensacional — Agradecimento comprehensivel — Prophecias realizadas — Odyssea de luto — Fim tragico </p>	343







PQ
9261
N7E8

Noronha, Eduardo de
A esquina do Chiado

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 15 005 2